

Henri Durville

A CIÊNCIA SECRETA

*As grandes correntes iniciáticas
através da História*

Pensamento

3º Volume



A CIÊNCIA SECRETA

Henri Durville

A busca do passado desconhecido e misterioso tem sido sempre uma constante na vida do pesquisador ávido de conhecimentos, nos campos da arqueologia, da astronomia, da astrologia, da alquimia, da piramidologia, da maçonaria, da magia e do ocultismo em geral. Muito já tem sido descoberto e descrito e muito mais ainda resta por descobrir e apresentar nos séculos futuros.

Essa obra empolgante e gigantesca não consiste, porém, apenas em pesquisar, esquadriinhar e revelar, mas sobretudo em interpretar, e bem, as descobertas feitas e expostas à inteligência dos estudiosos. É mais fácil descobrir os fatos do que interpretá-los corretamente à luz da ciência e da razão para, se possível, aplicá-los adequadamente ou pô-los a serviço da cultura. Este tratado elementar da Ciência Secreta preenche satisfatoriamente essa dupla finalidade.

Em suas pesquisas, o autor conduz o leitor à China de Fo-Hi, de Lao-Tseu e de Confúcio; à Índia dos Vedas, dos Brâmanes, das Leis de Manu, de Shri Krishna e de Buda; ao Egito de Hermes Trismegisto, de Ísis e de Hórus, das Pirâmides e do milenar Livro dos Mortos; à Grécia de Orfeu, de Homero, de Pitágoras e dos Mistérios de Elêusis. Depois, coloca-os diante de Moisés, de Jesus, dos Gnósticos e da Franco-maçonaria e, finalmente, o introduz na difícil mas gloriosa Senda da Iniciação que o levará por último aos verdadeiros Mistérios:

Tudo isso está aqui descrito em linguagem corrente e de fácil compreensão.

* * *

Esta edição revista de A Ciência Secreta consta de quatro volumes autônomos, que podem ser adquiridos separadamente: Volume I

A Ciência Secreta na China, na Índia e no Egito. Volume II

A Ciência Secreta na Grécia. — Os ensinamentos de Moisés, de Jesus, dos Gnósticos e de Hermes Trismegisto. Volume III

A Senda do Iniciado. — A Fé. — Os Ciclos da Natureza. - O Amor. - A Força Vital. Volume IV

O Pensamento. — O Sentimento. - A Intuição. — A Evolução. - Deus. — Conclusão.

EDITORA PENSAMENTO

HENRI DURVILLE

A CIÊNCIA SECRETA

Tradução
E.P.

VOLUME III



EDITORA PENSAMENTO
São Paulo

Plano desta Edição

Esta edição revista de A Ciência Secreta consta de quatro volumes autônomos, que podem ser adquiridos separadamente:

Volume I

A Ciência Secreta na China, na Índia e no Egito.

Volume II

A Ciência Secreta na Grécia. — Os ensinamentos de Moisés, de Jesus, dos Gnósticos e de Hermes Trismegisto.

Volume III

A Senda do Iniciado. - A Fé. - Os Ciclos da Natureza. - O Amor. — A Força Vital.

Volume IV

O Pensamento. - O Sentimento. - A Intuição. - A Evolução. - Deus. — Conclusão.

Ano

91-92-93-94-95-96-97

Direitos Reservados

EDITORA PENSAMENTO LTDA.

Rua Dr. Mário Vicente, 347-04270 – São Paulo, SP – Fone: 272-1399

Impresso em nossas oficinas gráficas

ÍNDICE

A SENDA DO INICIADO	7
A FÉ	53
OS CICLOS.....	89
Os Ciclos no Ser Humano	98
Os Ciclos nas Coletividades.....	128
Superfície Solar Manchada	156
O AMOR.....	164
A FORÇA VITAL	214
1ª Observação.....	230
2ª Observação.....	249
O Poder Magnético	269

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: As quatro estações. – I. Primavera, II. Verão, III. Outono e IV. Inverno	90
Figura 2: As quatro idades da vida humana. I. A infância. II. A mocidade. III. A idade madura. IV. A velhice.....	91
Figura 3: Diagrama das quatro estações	92
Figura 4: Diagrama das quatro idades da vida humana. Infância. Mocidade. Maturidade. Velhice.....	93
Figura 5: Diagrama dos quatro temperamentos. Linfático. Sangüíneo. Bilioso. Atrabiliário.	94
Figura 6: Diagrama das quatro raças. Raça negra. — Raça vermelha. — Raça branca. — Raça amarela.....	96
Figura 7: A curva dos quatro temperamentos.	100
Figura 8: Esquema de uma doença aguda evoluindo para a cura	118
Figura 9: O ciclo de uma doença. I) Período preparatório. — II) A doença se declara. — III) Fase de paroxismo. — IV) Volta à saúde.....	121
Figura 10: Doença crônica evoluindo para a cura. Cada crise é um esforço que o organismo faz para se desembaraçar do que perturba as suas funções.	123
Figura 11: Doença crônica evoluindo para a morte. Apesar dos esforços do organismo, que vão, aliás, se enfraquecendo, de saltos em saltos menores, o doente caminha para a morte.	124
Figura 12: As flutuações rítmicas da atividade solar, segundo Flamarion...157	

SEGUNDA PARTE

*

A EDUCAÇÃO DE SI MESMO – ADAPTAÇÃO DOS ENSINOS INICIÁTICOS ÀS NECESSIDADES ATUAIS

A SENDA DO INICIADO

Porque na primeira parte do presente trabalho traçamos este quadro das religiões e filosofias iniciáticas do passado. — Cada dia, em torno de nós, nos nossos atos, reencontramos os pensamentos dos Sábios. — A necessidade de um ideal elevado. — Os dois caminhos que conduzem à verdade. — Dificuldades impostas ao Adepto nas principais iniciações. — É inútil, àquele que quer ser iniciado, procurar muito longe o que está muito perto dele. — Abri os olhos: as grandes verdades estão aí, em torno de vós que as solicitais. — A iniciação não é recusada àquele que tem refletido e chorado longamente. — Inutilidade das experiências para aquele que sabe analisar-se. — A reflexão do silêncio. — A comunhão com a Natureza. — Sois digno da iniciação. — A pesquisa do Grande Segredo. — Os ensinamentos dos mestres e a parte do esforço pessoal do neófito. — A hora para vós é decisiva. — A suprema alegria. — As forças em presença. — O bem ou o mal. — Mago ou Feiticeiro? — Necessidade de discernir propriamente as forças boas ou más. — As flores do mal. — O canto enervante do Abismo e a voz austera do Templo. — Abre-se a porta do Templo iniciático. — Estais entre os iniciados.

Limitaremos aqui o nosso estudo documental, ao menos no presente trabalho. Não temos, no momento, desejado outra coisa além de traçar as grandes linhas e mostrar os fins gerais que, em todos os tempos, têm sido o fim dos esforços espiritualistas da humanidade. Para chegar a esta mira de conjunto, limitamo-nos às civilizações mais conhecidas, pensando que isso será momentaneamente suficiente para mostrar que o grande pensamento de todos os iniciadores foi o de preparar o homem para uma evolução melhor e mais rápida.

Por isso, todos têm feito o homem tomar, o mais que tem sido possível, uma consciência mais exata de si mesmo, de seus deveres, de suas esperanças, do que a vida neste mundo e no além pode reservar-lhe em possibilidade de felicidade que se obtém só depois de tê-la merecido. Todos os seus trabalhos não foram guiados senão pelo pensamento: revelar ao ser ainda insuficientemente evolucionado o fim verdadeiro da vida; mostrar-lhe que esta vida, eminentemente transitória, não é a única em que devemos viver e que devemos progredir para outra melhor.

É com este pensamento que fizemos o estudo documentar que se leu precedentemente. As idéias, de maneira geral, passam muito rapidamente no nosso espírito e não o penetram suficientemente.

No instante em que elas vibram, achamo-las sedutoras e cheias de interesse, porém, isso não se fixa; para usar de uma lição popular, elas entram por um ouvido e saem pelo outro. Temos lido tal ensinamento que nos parece emocionante e útil, tendo no instante o desejo de nos conformarmos com ele; porém, antes que surja o dia imediato, mil preocupações têm apagado a impressão da véspera. O que tínhamos tomado por um grande desejo de perfeição, não era mais do que uma curiosidade, uma atração fugitiva para o bem real, porém da qual não percebemos ainda toda a poderosa beleza.

É preciso mais para nos determinar a uma mudança de vida que nos será aproveitável também; é preciso a Fé e é isto que nos falta. Tal não se contenta em desejar a verdadeira vida; ensaia começar a vivê-la, quem, em um tempo muito restrito, não tem a coragem de modificar os seus hábitos, remover o primeiro obstáculo, a incompreensão de uns, a censura de outros, sacrificando assim sua própria utilidade à louca opinião de pessoas que não estimam o caso.

Como se vê, o ser humano tem uma tendência muito infeliz de se prender às idéias que lhe agradam mais e deixar desaparecer, ou ao menos esmorecer, idéias que fariam a sua felicidade, se compreendesse a necessidade de prender-se a elas.

O fim da iniciação é fazer de cada pessoa um novo ser, modificar-se inteiramente o coração e o espírito, dar-se ao corpo novos hábitos. Tudo isto exige perseverança. É preciso, pois, que aquele que toma uma tal resolução e pensa freqüente e longamente, tenha diante dos seus olhos, sem cessar, um resultado a atingir; que não se desvie do seu Ideal quem deseja realizar a sua identificação. É esta a alegria íntima da Evolução, apoiada sobre a alegria de vir em auxílio de outrem, que ele não deve perder de vista, porque essa será a sua recompensa depois das experiências vencidas.

É para forçar aqueles que têm de subir até o Templo iniciático que traçamos, em largos traços, este quadro de religiões e filosofias iniciáticas do passado. Este estudo documentar tem por fim demonstrar quanto é vasto o campo onde nos têm precedido aqueles que foram os focos de luz da raça humana. Esses são grandes iniciados que nos traçaram as trilhas que devemos seguir e seu pensamento será o farol que nos poderá guiar na carreira a percorrer, Um nome, uma imagem, uma lenda, um mito, o pensamento mais concreto de tal ou tal fundador de religião é para nós um exemplo, um ensinamento, um encorajamento nas dificuldades que nunca faltam em se apresentar quando se adota uma vida nova. O pensamento das mágoas que os mestres sofreram para nos transmitir a Luz ou das fadigas que experimentaram para nos evitar pesquisas, sustenta-nos na nossa rotina, por vezes dificilmente, principalmente no seu início.

Sentimo-nos em comunhão com aqueles que nos dirigiram assim através dos séculos e este pensamento nos auxilia a fazer os esforços necessários para percorrer o caminho que eles traçaram diante de nós, a fim de que brilhasse para todos a eterna claridade. Seus trabalhos e os símbolos que adotaram para os representar, reencontraremos muitas vezes nos estudos que vamos seguir, porque o fim que procuramos por meios que nos são pessoais é o mesmo que eles atingiram. Quando tiverdes penetrado melhor na semelhança dos vossos trabalhos com os seus, vereis muitas vezes, com olhos novos, tal forma, tal figura que vos era indiferente outrora. Aquilo que, talvez ainda ontem, vos pareceu singular, se esclarecerá para vós por uma luz desconhecida. Vosso coração e vosso espírito abrir-se-ão às idéias novas e vós percebê-las-eis com acuidade. É com uma alegria nova que reencontrareis este pensamento comum atrás de todos os símbolos e ritos. Outrora vós não vistes talvez senão tradições respeitáveis, porém bizarras, ou afetações sem objeto; agora, com uma emoção simpática, reconheceréis a linguagem que de todo o tempo falou para os iniciados e Sábios, e, escolhendo aqueles dos mestres que melhor vos convém, sereis, não obstante, cheios de respeito pelos outros, porque eles traduzem, em uma língua que não é talvez a vossa, os pensamentos que nos são caros.

Encontrareis estes magníficos ensinamentos em todas as coisas. Na natureza, a admiração da Beleza animar-vos-á a pensamentos novos e sensações profundas, divinas; mostrar-vos-ão no mundo exterior mil imagens inesperadas que explicarão o Infinito.

Melhor ainda, encontrareis o pensamento dos grandes iniciados em cada um dos atos da vossa vida.

Quando concentrardes o vosso pensamento sobre o trabalho cotidiano; quando meditardes em silêncio para resolver um tal problema que, depois de muitos séculos, fez sonhar os cérebros; quando procurardes para considerar esses enigmas, a calma e a ponderação, é o pensamento de Pitágoras que será o vosso guia, a vossa luz. Esta alma magnânima vos guiará quando contemplardes o infinito dos mundos que revela uma bela noite, porque julgareis que todos esses universos são submetidos às matemáticas, aos números que foram a sua lei. Invocareis Orfeu quando, transportado pelas deliciosas harmonias da Natureza, vos deleitardes com o canto dos pássaros, com o fresco e suave murmúrio das fontes, com a doce canção das folhas, agitadas quando se balança a copa das árvores.

Então, compreendendo o sentido destes murmúrios que vos parecem confusos enquanto não penetráveis ainda no seu sentido inefável, escutareis no fundo do vosso coração o despertar de sentimentos maravilhosos. E agora, que as compreendestes, estas harmonias da Natureza vos tocarão mais e Vos penetrarão melhor.

Tereis adquirido por elas um mundo de emoções das quais éreis privado quando as desprezáveis, quando as entendíeis vagamente e quando a intimidade de vosso ser lhes era ainda fechada.

E esta alegria nova será um encorajamento no labor de vossa evolução.

Tomando o hábito de penderdes para aqueles que sofrem e estender a mão àqueles que foram vencidos, abrindo o vosso coração a toda ação de criatura sofredora, vos unireis à bela obra de Jesus. Todos pregam o altruísmo, porém é Jesus que dá a esse sentimento a sua profunda doçura e realidade. Os altruístas alegram os outros de preferência a si mesmos e julgam felizes aqueles que choram, aqueles que sofrem, porque a divina consolação lhes é particularmente prometida e

eles querem ser os menores de todos, os aparentemente desterrados para assim pregarem o exemplo e mostrarem que o caminho triunfal pode ser de dor para a evolução mais completa, isso quando a dor é aceita com a gratidão do amor que vê nela o meio mais seguro de se aproximar do seu fim.

É em Jesus que pensareis quando, semelhante a uma árvore que muda os seus frutos, vos inclinardes ante todos aqueles que passam, porém, com uma notável predileção pelo deserdado, pelo homem desgraçado, pela mulher abandonada, por todos aqueles que pedem, lacrimosos ou não, um apoio, uma consolação, uma proteção. São as mesmas para todas as formas iniciáticas, porque todas vos oferecem o caminho que se dirige ao mesmo ponto. Cada um encara a mesma doutrina sob um ponto de vista diferente, tomando em conta o meio onde se acham os seres a guiar, segundo também o temperamento dos iniciadores, como dos iniciados.

Segundo a vossa própria natureza, adaptar-vos-eis mais comodamente a uma ou outra forma; podeis adquirir a estrita perfeição daquele que quer viver no mundo ou, se a vossa natureza é mística, podereis mais ainda, mergulhando-vos na solidão e, escutando as vozes da Natureza e do vosso coração aberto ao Infinito, chamar a iluminação direta que se não recusa ao iniciado.

Por toda parte, em torno de vós, cada um de vossos atos, todos os espetáculos que se oferecem aos vossos olhos, tudo vos será um chamamento de ensinamentos iniciáticos. Tudo vos recordará, sem cessar, o fim a que vos fixais. Este pensamento será, para vós, toda uma vida nova e a íntima união do vosso pensamento com o mundo exterior impedirá de vos sentirdes isolado, dando-vos uma doce e harmoniosa embriaguez que apaziguará o vosso coração.

Caminhareis, assim, sobre o traço dos grandes iniciados e o caminho ser-vos-á doce, porque tereis sabido adorná-lo com todas as verdadeiras belezas que ele guarda para aqueles que sabem desbastá-lo. Outrora a vossa visão era limitada. Não víeis mais do que a vossa mágoa e a ocasião de vossa mágoa. A vossa própria alegria era tão pessoal que não vos dava as asas que toda a verdadeira alegria pode dar. Agora toda a Terra é um como vosso lar e nela toda a visão vos anima em vossas experiências e vos encanta em vossa alegria, porque as suas expressões vêm a ser acessíveis ao vosso espírito. A medida que vos elevais, o panorama que se desenrola diante de vossos olhos é imenso; é verdadeiramente "*todos os reinos do mundo e sua glória*" e então podereis escolher a fórmula que dirigirá a vossa vida.

*

*

*

O primeiro ponto a este respeito é ter diante dos olhos um ideal elevado. Este ideal, entretanto, não deve ter nada de egoístico; pelo contrário, se ele vos permite elevar-vos acima dos outros, que isso seja para os assistirdes e lhes oferecerdes o apoio da força que tendes adquirido e que a eles ainda lhes falta. Nada vos será mais fácil do que entreter este ideal, porque vereis os seus efeitos ao longe à medida que dele vos utilizardes em meio de todos os mais e isso vos cumulará de uma alegria perfeita.

Este ideal vós o estaberecereis antes de tudo, segundo ensinam os que neste ponto nos dirigem; é preciso discerni-lo desde logo para não pedirdes a vós mesmos os esforços que causem fadiga inútil; e com estabelecê-lo ou discerni-los vereis o vosso lugar exato no universo e este lugar não é nem tão baixo como suporia o vosso desânimo, nem tão alto como desejaria a vossa vaidade. Ele vos

dará esse bem de conhecerdes e experimentardes forças ativas que vivem em torno e dentro de vós, fazendo-vos compreender que relações estreitas existem entre o homem e o universo; e mais compreende-reis que é necessário ao iniciado um desenvolvimento de conformidade com as leis naturais, de maneira a entrar ele em harmonia perfeita com as forças superiores, que são, para aquele que a elas recorrem, de maior e mais benéfica utilidade.

Quando o homem entra em contacto com estas forças superiores sente quanto a vida é justa nas suas aparentes desigualdades. Somos todos colocados no caminho da nossa evolução e este caminho precisamos percorrê-lo em todas as suas etapas, sem que coisa alguma nos possa evitar de fazê-lo.

Todos seguem, queiram ou não, os ciclos que precisam percorrer antes de chegar à necessária perfeição. O malvado, pois, é menos culpado do que nos parece; é somente um ser que não chegou ao ponto necessário para sentir quanto as suas faltas são pessoalmente prejudiciais e, neste ponto, é aos que mais sabem que pertence o dever de elevar o iniciado, e mostrar-lhe o verdadeiro caminho, pois a lei do auxílio prestado pelos que já têm compreendido a vida é uma consequência da lei pela qual progrediram para essa compreensão.

É, portanto, para o iniciado, além do mais, uma necessidade, que deve acompanhá-lo em toda a sua vida, o adquirir no seu caminho o equilíbrio e a orientação que lhe falem. Isso será para ele um bem, maior ainda se este advier entre as paixões ou tempestades da vida, porque então compreenderá os fatos na sua causa, achando-os sempre justos e aproveitáveis, aceitando-os com calma e resignação.

Tal deve ser o ideal do iniciado. Este deve ter em seu caminho um farol, desses que lhe derramam no coração uma luz sempre igual, doce e salutar, a mostrar-lhe uma existência mais lógica, mais harmoniosa, melhor que outras.

Vemos daí que a evolução se faz por dois caminhos: um que nos leva a compreender e outro que nos leva a sentir. Todos os dois são necessários e será desarmônico fazer-se a educação em um, em detrimento do que deve ser feita em outro. O equilíbrio entre os dois é que nos leva à verdade.

É pela sentimentalidade que a inteligência se aclara; é pela inteligência que a sensibilidade se entenece de modo a podermos ampliar o nosso campo de ação e a vermos aí que o universo não se limita às nossas paixões e ao nosso interesse. É por esses caminhos que nos desprendemos da má corrente dos pensamentos egoísticos e então o nosso espírito corresponde-se nas esferas elevadas com os pensamentos mais generosos, mais nobres, como os pensamentos do místico em sua iluminação, do poeta na sua inspiração, do psíquico na sua comunhão com as correntes superiores.

O vosso espírito, por esses caminhos, atingirá as alturas e fará descer ao vosso coração as vibrações harmoniosas e doces que vos impregnarão de uma alegria pura, de uma exaltação sublime. À medida que vos elevardes sentireis e compreendereis o grande mistério, que se alargará sem cessar diante de vós, porque o domínio do Iniciado é sem limites. Acha ele incessantemente novos elementos à sua atividade e cheio de emoções, de alegrias, como que se banha nas forças invisíveis.

Tais são as alegrias que vos são permitidas, sendo, porém, necessárias a própria iniciativa para atingi-las. Não espereis que elas venham a vós sem que as tenhais procurado. Tomai corajosamente a resolução relativa e necessária; e, mais,

sede seguro, pois se as dificuldades se apresentaram aos que vos têm precedido, é claro que se não de apresentar no vosso caminho.

Deixai a vossa estreita existência; despojai-vos de vossas velhas roupagens para tomardes uma nova; deixai a velha casa sem ar, sem horizonte, sem luz, em troca do Templo ereto sobre a colina banhada pelos raios do sol. O reino do céu está entre vós. Cuidai desta máxima e vereis que o futuro prometido é daqueles que souberam compreender e pôr em prática o sonho que ela formou.

Estais preparados para esta desejável iniciação?... É esta a questão que vos apresentamos ao invés de submeter-vos às experiências.

Outrora, na maioria do número das iniciações, o futuro adepto era submetido a estranhas fadigas. A vós nada disso é solicitado.

Nas Índias, ainda em nossos dias, as experiências duram sete anos e são as mais temíveis. No Egito, elas duram a vida inteira, pois os iniciados foram uma casta que evoluciona sem cessar para um mais alto grau de perfeição. Vistes que Pitágoras pedia uma longa iniciação àqueles que ele admitia em sua escola, e, nesta, a menor das experiências era um silêncio absoluto a guardar durante dois anos e às vezes mais. E isso ainda é pouco em face das iniciações hindus. No seu estudo sobre o mundo oculto, Sinnett apresenta-nos as dificuldades que se impõem ao Adepto que deseja fazer parte de uma Fraternidade ou associação secreta, cuja sede se encontra num misterioso Tibete, tão inacessível aos europeus.

"A porta — disse um adepto — é aberta ao homem que nela bate; porém, o caminho é tal para ali chegar que só o viajante mais resolutos, já em estado de pureza, pode chegar até ela. Não posso, é claro, descrever os perigos do caminho,

senão em termos gerais. Pode-se, porém, sem conhecer todos os segredos do ocultismo, compreender o caráter do encadeamento ao qual um neófito deve submeter-se antes de vir a ter a dignidade de versado em ocultismo, porque não nascemos, mas tornamo-nos adeptos, segundo me tem sido constantemente afirmado. O vir a ser depende, pois, do homem.”

*“Desde o dia em que um candidato à iniciação é aceito, creio eu que se torna preciso nunca menos de sete anos de postulado, antes de ser autorizado a passar as provas preliminares que conduzem aos baixos graus da iniciação. Nada garante contra a extensão **ad libitum** desta tão longa provação. E esta assustadora incerteza quanto ao progresso e perfeição do Iniciado, faz recuar a maioria dos europeus, embora saiba-se que não há aí um simples capricho de uma sociedade despótica, formada pelos mais adiantados e gozando, por assim dizer, da opressão imposta a seus fiéis. As experiências pelas quais o neófito deve passar não são nem fantásticas diversões, nem ações burlescas. Depois do que tenho podido aprender, sei que os senhores do ocultismo não empregam meios artificiais para alterar os nervos de seus discípulos à maneira de um artista.”*

“É inerente à natureza da ciência o fato das suas revelações abalarem a razão, fazendo a mais audaciosa coragem ceder de algum modo. É, pois, do interesse imediato

do candidato que o seu caráter, a fixidez de sua resolução e talvez a solidez de suas aptidões físicas e mentais sejam observadas e vigiadas com um cuidado infinito, antes que ele se mergulhe nessas ondas misteriosas de revelações, sobre as quais deve sustentar-se pela única força de seu braço, antes de perecer.”

"Eu não tenho, evidentemente, um conhecimento profundo da natureza das experiências, atravessadas pelo candidato, durante o período de seu desenvolvimento. Conjeturas baseadas sobre fragmentos de revelações não merecem ser relatadas; todavia, é claro também que certas condições vantajosas para o postulante não sejam caladas. E de acordo com estes princípios, é visto que ao aspirante, para atingir o maior desenvolvimento de adepto, é exigida uma vida de absoluta pureza física, e, afinal, na sua aprendizagem, deve ele dar provas de sua resolução de observar esta regra. Nos anos de privações que se seguirem deve ser perfeitamente casto, perfeitamente abstinente e indiferente a todo o gênero de luxúria. Este regime não importa disciplina exagerada, nem exagerado ascetismo, nem o retirar-se do mundo. Nada impede a um gentil-homem, vivendo em meio da sociedade de Londres, de estar em pleno encadeamento para preparar a sua candidatura ao ocultismo, sem que ninguém à volta dele o perceba. O verdadeiro ocultismo, o sublime apego do adepto devotado, não se revela apenas no mero ascetismo às vezes

repugnante do faquir indiano vulgar, nem do iogue dos bosques desertos, cuja imundícia é proporcional à sua santidade, nem do fanático que fere os membros do corpo com estilete de ferro ou põe o braço estendido até atrofiá-lo" (O Mundo Oculto).

Não são necessárias as práticas exteriormente mais difíceis, mais árduas de realizar-se. Para todo o ser humano digno deste nome é menos penoso sofrer uma operação material do que renunciar a um hábito que tenha, porque se suportar mais calmamente uma dor física momentânea do que o esforço contra um costume que nos prende por mil fios, incessantemente relacionados com a nossa atenção mental.

No seu estudo sobre budismo esotérico, Sinnett trata das experiências dos iniciados tibetanos e então assim se exprime:

"O nível de evolução que constitui isso que o mundo exterior chama Mahatma ou irmão, não é atingido senão depois de uma aprendizagem longa e difícil, depois de se ter sofrido as experiências mais severas, as experiências tão terríveis quão reais."

"Encontram-se pessoas que passaram 20 ou 30 anos de uma vida sem mácula, trabalhando constantemente com o mesmo ardor para chegarem ao fim a que se propõem, mas, no entanto, não estarão senão nos primeiros degraus do Discipulato e sempre têm elas os olhos fechados com relação às culminâncias do adeptado, que se acha alto, muito alto

acima delas. E qualquer que seja a idade na qual os homens se entrem à carreira do ocultismo é preciso recordar-se que a sua dedicação é aí por toda a vida, sem reserva alguma. A marcha que empreende é para se desenvolver em si mesmo uma quantidade de faculdades e atributos que estão todos em estado latente na espécie humana ordinária, cuja existência deles é somente suspeitada, não sendo nem suspeitada a superioridade final de seu desenvolvimento. E tais faculdades e atributos devem ser desenvolvidos pelo Cheia ou discípulo de si mesmo, talvez sem auxílio, sem o menor socorro, fora a direção vinda da parte do Mestre. O Adepto — diz um aforismo oculto — faz-se e não é feito.”

É certo que o caminho que conduz à perfeição é árduo, cheio de empecilhos, e quem o empreende não pode prometer um pronto e fácil sucesso. E' certo também que a obtenção dos grandes poderes e das altas faculdades nunca pode fazer-se de um só golpe, nem pela simples leitura de um livro; porém, para aquele que quer viver no mundo, cuidadoso apenas da sua evolução, sem pedir para ser um mago ou um iniciador, a maior parte das faculdades e dos poderes não é de uma utilidade essencial. Aconselhamos mesmo à maioria daqueles que nos cercam a observarem e encararem estes casos que lhes não oferecem utilidade prática para o maior desenvolvimento. Ao que no caminho que conduz aos altos cumes vai ficando atrás, sem o menor ânimo necessário, ainda a ascensão é mais difícil e absorve mais tempo. Mas, o futuro iniciado hindu deve, desde o primeiro momento, consagrar a sua vida para não desanimar.

Os poderes tão raros e pagos tão caramente não são absolutamente necessários à evolução, e muitos indivíduos são impedidos no seu caminho, isto é, encontram cruéis decepções, porque querem agir e vencer com rapidez, alcançando logo estes poderes e, afinal, não se erguem senão para atingir uma miragem que se lhes desfaz entre as mãos. Não é esta senda de passos rápidos e maiores facilidades ou maiores dificuldades a que aconselhamos aos que seguirem os nossos avisos, embora ela pareça ser a mais bela. É preciso compreender que os resultados hindus não são facilmente adaptáveis às necessidades européias e é uma tendência deplorável imaginar-se que o que dá maravilhosos resultados em certo ambiente, dá-los-á iguais em outro lugar. Nem a vida, nem o temperamento, nem as condições climatéricas dispõem o europeu a viver como o hindu e as necessidades de nossa existência são, nos países ocidentais, inteiramente outras que não as dos países descritos por Sinnett. Muitas pessoas são perigosamente prejudicadas, ensinando entre nós práticas iogues que, enfim, seriam desenvolvidas de um modo mais útil se os respectivos métodos empregados se adaptassem de acordo com o nosso ambiente, com as necessidades de nosso clima. Muitas vezes procura-se por longe o que está em volta de nós. Os fatos que nos seduzem quando os apreciamos de longe, não são sempre para nós os mais próprios, segundo pode imaginar-se, porquanto muita fantasia e basófia se introduzem, com a força das atrações do mistério em narrações dos iniciados dos centros longínquos. É preciso receber tais narrações com extrema reserva e não se pondo em prática com zelo excessivo o seu objeto, porque também devemos temer interpretações errôneas que, muitas vezes, impelem o espírito entusiasta a tentar o impossível, com risco de grandes perigos.

*

*

*

Não há necessidade de expatriar-se, dedicar-se a ocupações estranhas ou abandonar a família para fazer-se o ato de iniciado. Sinnett diz-nos que a maioria dos atos impostos a si mesmo pelo futuro adepto é compatível com a vida européia. Temos em redor de nós tudo quanto nos é necessário para cumprirmos a nossa evolução. Por que a perfeição seria destinada antes a um país do que a outro? As poderosas harmonias da vida universal nos banham aqui e ali, como um grande rio, cujas águas benéficas nos fazem reviver e nos dão uma força até então desconhecida. Está em nós mergulharmos e captarmos essas energias harmônicas que tão fundamente nos modificam, que desenvolvem em nós as possibilidades, que nos fazem adeptos, sem nos submetermos a rudes experiências. As forças amigas rodeiam-nos e oferecem-se àquele que lhes faz apelo para cumprir uma boa ação.

Mesmo só, inteiramente isolado, entregue a vossos próprios recursos, é-vos possível captar forças, se tiverdes um sincero desejo e vos afastardes de um pensamento de baixo interesse. Isto vos é permitido se vos entregardes a um custoso trabalho de observar, ver e sentir.

Abri os olhos à vontade. Não sede cego em um ponto tão essencial. A luz rodeia-vos, penetra-vos, dando-vos a sensação de seu calor. Basta-vos o recolhimento, a vossa concentração para que a sintais em todo o vosso ser. Desde que a tiverdes sentido, todas as forças convergirão para vós, pois que ela é a força que vos desperta a saúde e a alegria, permitindo-vos a aquisição das faculdades e poderes dos quais tereis a nobre ambição. Vale mesmo mais desenvolverdes as forças que vos são próprias, porque se vos aperceberdes que estas forças assim benéficas estão em todo o mundo, não tereis vaidade alguma de terdes descoberto

a fonte onde vos desalterais e vos banhais, antes sabereis que a felicidade encontrada está em tudo ou em todos.

Não acrediteis que os poderes que sonhais, essas forças das quais desejais fazer bom uso são longínquas e inacessíveis e não se poderão encontrar em uma humilde choupana perdida no meio dos bosques. A força está em vós mesmo, pois, sendo universal, acha-se tanto em vossa casa como em qualquer sítio do universo. É preciso somente terdes fé, nunca duvidardes. Ide para ela e ela virá para vós. Em vosso coração saltará a centelha ardente que o abrasará.

E essa luz que outrora iluminou os sábios que a nossa admiração acompanha, ela mesma dar-vos-á os pensamentos sublimes que a eles tem encaminhado e dirigido. A luz que incendiar o vosso coração fará desaparecer do vosso espírito toda incerteza, toda lentidão. E a harmonia perfeita há de enlaçar-vos por todos os lados, chamando-vos com tanta benevolência quanta seja a fé que conduzis pelo caminho. Lançai-vos em suas frescas ondas como o faríeis nos braços amigos.

Chamai as forças benditas e subireis até a sua fonte divina. Nada vos é interdito. Todos os poderes luminosos estão prontos para auxiliar-vos. Lançai-vos com entusiasmo em sua procura. Não vos deixeis definhar nas brumas da dúvida e da incerteza. Correi para o bem que vos é prometido. Não é necessário esperar.

As experiências das iniciações passadas tinham por fim saber se aquele que se apresentava aos Mistérios era realmente sério, resoluto, perseverante, bastante discreto para receber a confiança de altos segredos. Era preciso, pois, conhecer a segurança dos postulantes que se apresentavam e, assim, posto que a maioria desejasse em verdade realizar as ações de taumaturgia, experimentar as suas forças psíquicas ao mesmo tempo que as morais.

E para vós estas experiências terrificantes são também necessárias? Talvez não. É antes ao vosso espírito e ao vosso coração que eu quero dirigir a questão que substituirá tais experiências.

*

* *

Dois caminhos conduzem ao limiar do Templo: — *a Reflexão e a Dor*.

Certamente refletistes antes de encetardes os nossos estudos. E certamente haveis chorado durante muitas circunstâncias de vossa vida. É o suficiente.

Efetivamente, quem tem refletido está perto de alcançar, a ponte iniciática. Procurou compreender o que é ser homem no mundo. Sentiu a necessidade de subtrair a vida aos fins mesquinhos e egoísticos que não mereciam o custo de viver. Procurou uma ver-verdade ainda desconhecida, mas também ainda lhe escapa a forma melhor de obtê-la — uma fórmula que percebe sem saber definir.

Ela, a verdade, torna-se o fim real de seus esforços e daí ele, o que refletiu e chorou, procura a iniciação que lhe não será recusada. Os enigmas que sente ao redor de si, e cuja solução o inquieta, não têm chave. Sente obscuridade velando o caminho que procura. É neste momento que sempre surge um guia nesse caminho. Procurando-se, encontra-se tal guia. E isto não são palavras vãs. Quem procura com fé e interesse, termina sempre por achar quanto busca. Com esse achado, está-se na véspera da iniciação, está-se prestes a recebê-la. Não se tem, não há mais aí as fantasias, os abalos, os desesperos da mocidade. O estudo da vida faz conceber-se um otimismo racional, igualmente distante dos extremos. Considerando a vida cotidiana, vê-se que as grandes dores são tão fugazes como as grandes alegrias e o mal não é senhor do mundo, de modo que é preciso e se

pode afastar do espírito toda doutrina funesta que prega a tristeza e a inação, capazes de encravar-se na Evolução. A Dor é também uma das sendas reais que conduzem às realidades da Evolução. Ela dá aos nossos sentidos, ao nosso espírito, uma acuidade sem exemplo. Dá-nos percepções particulares e graças a estas, graças à afinidade de nossos pensamentos e de nossos sentidos é que adquirimos a possibilidade de sentir o que escapa a sentidos mais grosseiros. Por ela, pela dor, tornamo-nos aptos a entrar em harmonia com as potências invisíveis. O fato doloroso, sobretudo quando o aceitamos sem revolta e o consideramos como meio de aperfeiçoamento, coloca-nos sobre uma trilha que, se aos primeiros passos parece obscura, contudo vai se tornando suave e luminosa, porque nos aproxima do fim luminoso de nossos esforços.

Feliz aquele que sofre. Mundos desconhecidos, inclusive os profanos, ser-lhe-ão revelados. A eterna verdade ser-lhe-á revelada por menos que ele, o que sofre, o desejo. E o verdadeiro sentimento, dentro da Dor, não é estender as mãos e o coração para o Além? Aquele que tem sofrido e compreendido a utilidade do sofrimento está na senda sagrada da Iniciação.

Todo espírito que reflete e percebe a inani- dade ou apouca-mento da vida quando a ela um alto ideal não lhe serve de fim ou de mira; todo coração que tem chorado e bebido na dor, na decepção, na experiência, a força de renunciar às miragens criadas pela ambição e pelo egoísmo; todo ser que procura caminhar com sentimentos cordiais, sinceros e elevados, está em véspera de ser iniciado e para ele são inúteis as experiências.

*

*

*

É inútil que um juiz apresente a questão de saber qualquer de vossas opiniões. Sois vós mesmo esse juiz severo. Está em cada homem reconhecer a qualidade de sua resolução e o valor de seu esforço. Estudai-vos. Examinai que predicados possuem o vosso espírito e o vosso coração. Fazei este exame com sinceridade, num grande silêncio, longe dos olhares humanos.

O primeiro conselho iniciático que se vos tem transmitido não é: *Conhece-te a ti mesmo?*

Quando chegardes, com essa sinceridade, a vos julgardes sem prevenção, sentireis com a necessária perseverança que também estais no bom caminho e com a certeza de que chegareis ao fim ao termo. E repito-vos que esse exame, porém, deve ser feito religiosamente, num recolhimento profundo, na inteira vontade de justiça, pois que dele depende o vosso futuro e por ele é que julgareis com acerto de vossa capacidade. E insisto em que, para descerdes ao vosso próprio coração, levantando o véu misterioso que oculta o vosso próprio valor, é preciso o maior silêncio. Pois que amais a Natureza, procurai nela um sítio de floresta, retirado, agradável, onde não se ouça mais que o frêmito da folhagem, ou um alto cume isolado onde nada possa limitar a vista, ou ide ao pé de uma fonte cristalina que apenas murmura a suavidade de seu canto e aí escutai as vozes que vos cercam, elevando o espírito, enquanto o coração se impregna das harmonias reinantes, deliciosas. O vento que acaricia o cimo das árvores, os raios de sol que se filtram na folhagem, o canto amoroso dos pássaros, tudo isso é doce na sua pureza e chama-nos para a paz e a bondade que irradiam por toda parte onde o homem não se vai destruindo em fina utilitários. Do alto do penhasco que o mar vem bater a rugir, tendes aos olhos a imensidade azul e ela aconselha-vos os grandes pensamentos, enquanto as vagas a morrer na praia vos ensinam o esforço que se

enfraquece, que desaparece, quando não está em harmonia com a vontade que guia todas as forças.

Na paz viva, o vosso espírito abrir-se-á e subirá às altas esferas, livre de todo obstáculo, indo os vossos olhares mergulhar-se e penetrar no Infinito. O grande ritmo da Natureza levar-vos-á, como se fosseis uma vaga, até as fontes da Luz, até onde as forças ocultas palpitam ao primeiro frêmito da vida.

Mergulhar-vos-eis no Infinito como num sonho delicioso e abandonareis a alma a uma vida nova e doce, longe dos homens mentirosos, dos seus trabalhos cúpidos, suas estreitas concepções. A sociedade não existirá para vós nesse momento. Se não puderdes de todo comungar com a Natureza, procurai no vosso dormitório o lugar que preferirdes e aí ficai, calmamente, perdido para as ocupações ordinárias. Que seja aí um dia de tréguas nessas ocupações; e enquanto tudo como que dormita aí, repassai no espírito todos os vossos pensamentos, todas as vossas impressões, julgai-vos, enfim.

Este isolamento no seio da Natureza, vede como ele já vos encanta, como vos abre um apetite de harmonias, de fusão nos planos superiores, a dispô-los para a Iniciação. Correi para ela. E se longe do egoísmo, dos baixos cálculos, dos atos mercantis, vos aprouver o recolhimento e a solidão, ao meditardes, for cheia de encantos para vós, então é que já estais perto de ouvir as vozes que falam no silêncio do coração. Vinde à Iniciação .

De que vos serviriam aquelas experiências? Elas não seriam de utilidade alguma se, no silêncio amigo dos bosques que cantam ao vento, no clamor do mar que geme nas vagas, nas cintilações das estrelas que se harmonizam a brilhar, não encontrásseis o pensamento dos sábios antigos e o espírito deles não respondesse familiarmente às vossas dúvidas.

São ainda inúteis tais experiências também nos duros momentos da vida, quando tudo é sinistro em vossa alma, quando parece que nem uma só claridade se levantará nunca em vosso horizonte devastado. Também nessas horas de triste atividade orareis com simplicidade e fervor, num surto completo de fé. Por isso, se em horas de duras experiências tendes feito apelo às Forças Superiores, sentindo por meio de clarões que elas vos respondem, então é que já estais em comunhão com essas mesmas Forças.

São ainda inúteis essas experiências se tendes renunciado às miragens da vida, a essas alegrias que hão de ser moribundas e que nunca deixam em nossas mãos a cinza aveludada de uma asa de borboleta.

*

* *

De que serviriam essas experiências se já rompestes as cadeias materiais e se já vos sentis poderosamente atraído para o mundo dos espíritos, se o mal já vos é odioso e não vos sentis seduzido senão para o que é bom e belo? Sim, a luz que chamastes veio para vós e banha toda a vossa alma. Sois digno da Iniciação porque, devotado sem esperança de recompensa, estais sempre a vos dedicar ainda mais, a pender para todos os desgostos que vos cercarem, a abrir o vosso coração a todas as dores que vos rodearem. Fazeis já parte da grande família dos Sábios — vós, que tendes colocado bem alto o vosso ideal, que compreendeis serdes parte de um grande todo, que estais neste imenso Cosmos como uma estrela submetida à atração por cuja força o Universo é um imenso acorde.

Tendes as qualidades que vos são necessárias à vida superior, pois que a virtude vos entusiasma, o heroísmo vos transporta. Sonhais uma era de Justiça e Fraternidade, na qual os males desaparecerão, porque os homens se tornarão

melhores pelo desejo constante, igual ao vosso, de virem a ser mais perfeitos, sem o desejo de aparecer e brilhar senão na elevação constante para a Verdade e para o Bem. Sim, podeis caminhar com segurança na senda que vos está traçada, pois que o vosso espírito já agora é reto e nobre, vosso coração puro e ardente, sentindo-vos capaz de resistir aos desfalecimentos. Estais próximo da Iniciação, tendo feito o mais difícil no sentido dela. Vencestes as experiências no segredo de vosso peito. O que esperais agora é doçura e felicidade.

Que tereis a esperar? Toda espera em outro sentido será tão nociva a vós quanto espiritualmente à sociedade humana que tem necessidade de vossas forças. Vinde, pois, que a vossa senda está traçada e aberta. De mais a mais compreendeis o papel que tendes gostosamente a desempenhar para aproveitamento de outras mais forças que podeis adquirir. Isso ser-vos-á um grande trabalho, ocupando toda a vossa vida. Que alegria, entretanto, será a vossa! Nunca, um único instante, o odioso tédio daqueles que estão desocupados há de roçar em vós as suas asas.

Estáveis à altura da missão que vos é confiada. Senti-lo-eis para avançar e no avançar. Senti-lo-eis, pois que o apelo de quantos sofrem agora chega ao vosso ouvido e a alegria que ides receber, como a que ides espalhar em vosso redor, enche o vosso coração de um dulçor esquisito. Escutai. Em torno de vós elevam-se cânticos sublimes. Vozes sobem e desferem palavras inefáveis. Cai o grande véu e a Natureza está aberta aos vossos olhos como um livro imenso se vos oferecendo. Mas não vos apresseis. Todo o vosso dia não basta para lerdes e compreenderdes esta obra maravilhosa.

Procurai somente penetrar os pensamentos íntimos, ler nas entrelinhas e ligar-vos plenamente a estas belezas sempre novas e, portanto, eternas. Neste estudo, tereis uma doçura de que todos os prazeres do mundo não vos dão idéia.

Depois das agitações que tendes sofrido, encontrareis a calma absoluta, tão suave como a música. Depois das dúvidas que vos torturaram o cérebro, tendes, enfim, conquistado a certeza.

Outrora éreis só na vossa derrota, tal qual um barco sem remadores; agora estais em corrente muito diferente; toda a mágoa se apagou; as horas têm asas; chegou o vosso labor a ser harmonioso e cheio de contentamento. Adquiristes um julgamento mais seguro. Compreendestes qual deve ser a vossa linha de conduta. E porque nada aceitastes a esmo, é necessário que conformeis a vossa ação com o que decidistes.

Tendes armazenado forças da Natureza e estas hão de acumular-vos de rejuvenescimento, de juventude; porém, como o sol que e a imagem divina, o iniciado deve espalhar em torno de si as forças que adquirir; e a sua presença, sobretudo entre os que sofrem e gemem, deve ser como uma primavera a produzir um ar puro e alguns raios de esperança.

Por isso, algum dos homens vos terá feito sofrer, mas lhe deveis benevolência, pois o mal que alguém vos causou foi a primeira causa de vossa feliz mudança, foi um benefício a provocar o vosso primeiro ato de bondade. Se esse alguém vos fez mal por ser mau, é que a sua iniciação está por se fazer, é que o seu grau de evolução está bem afastado do vosso. Enviai-lhe, então, bons pensamentos, desejai-lhe as melhores coisas. Como o sol, cada iniciado é dócil e meigo tanto para o bom como para o mau. E quem somos nós para julgarmos as faltas de outrem? Aquele de quem tendes sofrido o mal é uma pobre plantinha raquítica que os vossos raios benéficos devem fazer florescer para o céu.

Estas forças que adquiris e espalhais aprendereis ainda a medi-las segundo as necessidades; a dosá-las mais largamente para um, mais parcamente

para outro, a fim de dar a todos uma cura na proporção da dor. Quanto é bela e generosa esta obra que vos atrai!

*

*

*

Já além do pensamento do bem que vos é prometido fazer em vosso redor, nada há senão a vossa alma toda enlevada de fé e prazer. Uma alegria poderosa enche o vosso coração. Não podeis mais duvidar de ter atingido o ponto que quisestes, visto que vos vedes sobre os traços do plano dos grandes iniciados: Está agora em vós o assemelhar-lhes as virtudes nos poderes que mais incitam a vossa admiração. Eles acharam o grande segredo que vós também um dia possuireis, porque é acessível a todos quantos se vão aperfeiçoando a buscá-lo. Não serão muitas as dificuldades para se penetrar neste arcano, porém, não se pode fazê-lo senão à custa e à força do próprio esforço. Efetivamente não se saberá, não se poderia penetrá-lo por meio de gesto, nem por meio de livros ou palavras. O gesto, o livro ou a palavra nunca pode levar-vos senão ao caminho do adepto.

Vós não achareis na Franco-Maçonaria quem, depois de ter dito ao iniciado as palavras *Niac Benac*, lhe dê explicações que os próprios franco-maçons já não compreendem mais. Estas palavras, a sua significação, todos os gestos e rituais relativos são todos letra morta; pois aí todo o sentido perdeu-se. O iniciador neste ponto não sabe mais do que o iniciado.

Este não recita uma fórmula que por si só produza os poderes que o futuro adepto adquirirá no futuro. Tais poderes não se acharão nem nos Grimórios, nem em algum *Pequeno Alberto*, e menos nas obras de *Estanislau de Guaita* ou de *Elifas Levi*. Ao menos jamais se encontrarão produzidos por uma lição que apenas

se recita. É preciso ler nas entrelinhas, penetrar o sentido oculto daquilo que mal se revela. É preciso compreender e sentir. E tudo isto não se obtém lendo páginas ou volumes inteiros, lendo como se leria um romance para dar-se apenas a sensação pungente do perigo literariamente costeadado.

Da mesma forma, não basta uma grande palheta, uma bela caixa de tintas com todo o jogo de pincéis para fazer-se um pintor. Um menino pode tomar uma palheta, usar de pincéis e cores para esboçar uma tela ao grau de sua fantasia e produzir uma cacofonia cruel aos olhos do espectador. Não é tão rapidamente que se aprende a fazer um desses primores de arte que atraem, que retêm o olhar e cuja contemplação nos encanta num abismo de sonhos, porque o primor de arte, digno deste nome, nos exalta para o ideal. O menino gozará com a sua pintura, mas não é um pintor, pois não procurou nem achou os segredos da vida, a relação das cores e das formas, a harmonia deliciosa que é o encanto dos olhos.

É assim para a ciência secreta. Ela tem livros, os mais freqüentemente carregados de alegorias no que se refere ao essencial. De certo, sobretudo ao princípio, é necessário assimilar-se uma técnica operatória; porém, aquele que tiver durante anos assimilado as lições de pintura não será, só por isso, um pintor, se não tiver recebido o gênio que o diferencia intimamente do bom aluno que, afinal, pode não ser nunca um artista. A emoção que anima, fecunda e transporta o gênio e que o medíocre não experimenta, é justamente a que deve experimentar o psiquista que deseja vir a ser um iniciado. Contudo, se conseguir realmente ser senhor de si mesmo, poderá impor à sua vontade este entusiasmo e criá-lo em si mesmo. Ele pode, pela educação de seus sentidos, chegar a este êxtase com que se penetram os mundos interditos ao profano, que eleva até a fonte das forças vivas e benéficas, onde se sente a invasão de vibrações desconhecidas e de uma luz que os sentidos

ainda os mais delicados não podem mesmo imaginar. É na contemplação íntima que o Grande Segredo lhe é revelado. Neste momento, as fórmulas, as insígnias, as palavras de passe parecem-lhe ter bem pouco valor, ainda que lhe tenham servido para atingir este supremo bem. Elas têm lhe servido como ponto de apoio na educação de seu coração, de sua vontade, do desenvolvimento de sua inteligência ou de sua sensibilidade, porém, quando se lhe abrem as portas, vê que só a educação era o seu fim e todo o resto não era senão meios e processos para chegar a tal fim. O que precisava era isolar-se, arrancar o sentido e o coração ao império da matéria e unir-se completamente às correntes superiores. Tal é o segredo primordial. Praticai-o.

*

* *

A vossa hora está decidida. E é esta hora que fará de vós um novo ser. Já tendes fremido num grande desejo de subir além de tudo aquilo que nos aparece, deixar este mundo inferior, e volver para um plano mais elevado quanto à luz e à alegria. Vosso ser agora se lança para as regiões cintilantes de um fogo místico, onde se esquece tudo da terra, inclusive seus combates egoísticos pelos bens ilusórios, sua brutalidade da qual felizmente sois o seu assassino. Procurais outra coisa que desejais, que achais no vosso surto magnífico, que vem para vós como o cavalo vem ao seu dono, desejoso de saltar ao pé dele. Deixastes-vos entusiasmar pelas harmonias rodeantes e elas, então, vos penetram. É que conduzis convosco, oculto, talvez desconhecido, o que é necessário para fazer-se um iniciado.

Potências misteriosas vos atraem e comovem.

Tendes em vós mesmo as possibilidades de chegar ao fim que procurais. Estais já na senda e quando tiverdes atingido essa atmosfera toda igual, não

alcançada pelas correntes brutais da terra, vereis desabrochar em vós a flor mística que coroa a fronte de Ísis. Já sentis o seu perfume na senda, nesta senda primeiramente penosa, mas depois suave e clara. Encontrareis a alegria. Ela será a um tempo vosso apoio e recompensa. Ela será necessária para vencerdes o único adversário que se pode apresentar diante de vós, o desânimo.

Desde o começo de vossa iniciação, depois de compreenderdes que nada se produz por acaso ou negligência, achareis em vós o otimismo feliz, resultante de um belo surto de vossa necessidade; porém, este otimismo, esclarecido pela experiência passada, não terá, contudo, os temores do passado. Será ele como esta coragem indomável do atleta que conhece os obstáculos a transpor, mas também se reconhece bastante forte para suportá-los e vencê-los. Então, na serenidade de voss'alma, no equilíbrio de vossas forças, revivereis os sonhos de outrora, revivê-los-eis, com certeza, porque eles foram as pedras de obstáculo em vosso caminho, as quais, sabendo onde elas estavam, soubestes saltar ou desviar para chegardes sem estorvo ao vosso fim. A dor passada será o vosso guia para a felicidade futura. É chegada a hora de desfrutar a luz, de alegrar-se o vosso espírito, de abrir-se à alegria o vosso coração inteiro.

A dor é útil para colocar-vos no caminho da Evolução, porém, a Evolução faz-se na alegria. Se a dor passou, é que se fez o vosso equilíbrio. O completo desvanecimento de vossa personalidade material dá-vos uma felicidade crescente. Que poderia afligir-vos? Que desgosto podereis ter? O vosso contentamento é contínuo e perfeito. Uma vontade perfeita, mais esclarecida do que a vossa, maternalmente vos dirige os passos. E nesta certeza, que podereis receiar? Penetrado o Adepto nessa certeza, ele vê a vida em cores belas e ridentes. Mesmo as pedras inevitáveis da senda pela qual sobe, sabe ele que são mais experiências

a lhe servirem para atingir o Templo. Ele sabe que cada passo mais o aproxima da Luz e que agora nenhum de seus esforços é inútil. Avança seguro e já os guias, os irmãos que lhe velam sobre esses esforços, não podem fazer senão afastar-lhe do caminho da dúvida e a decepção.

*

*

*

Atingistes os planos superiores, onde reina a máxima calma. Outrora éreis acabrunhado pela lassidão, vítima das decepções. Todas as dores vos mortificavam e nada pensava as vossas feridas. Afigurava-se-vos que todos os egoísmos se coligavam para fazer-vos sofrer. Onde estão agora as vossas dores? Deixastes a atmosfera passada e atingistes as puras regiões. O ar saudável dos cumes banha os vossos pulmões. A serenidade dos grandes espaços livres cumula os olhos de vosso desejo. Saboreais a alegria intensa de serdes compreendido, de viverdes em comunhão de pensamento com aqueles que fazem parte do vosso grupo. Encontrastes a vossa trilha. Viveis no vosso elemento.

Os elementos desta alegria estavam em vós. Agora expandem-se. Não era mais que uma fagulha semimorta que a custo sentíeis viver sob a cinza, mas transformaram-se em chamas livres e elevadas que vos aclaram e confortam, produzindo um doce perfume sobre a lembrança de vossos passados desgostos. Que alegria inunda já as primeiras horas! Parece-vos que descobristes um novo paraíso e que as claridades mais puras se elevam e florescem num céu desconhecido. E tendes a certeza de que esta alegria não poderá senão crescer, como a flor banhada de um sol eterno. Pareceis estar perdido e sem guia sobre um oceano do mundo e, no entanto, acima de vossa barca pontilha uma estrela a cuja

luz sabeis onde estais, sabeis que não estais afastado do porto e então vos sentis em segurança.

Estais entre os iniciados. Fazeis parte dos grupos maternos, mais numerosos do que pensáveis. Conhecem-nos e o seu pensamento fraternal já vos rodeia e ser-vos-á um auxílio constante em todas as dificuldades.

Vedes, na floresta, as árvores cujos troncos se elevam direito para o azul. Nenhum procura oprimir o outro. Todos se unem em surto paralelo, como se o vigor gêmeo lhes fosse encorajamento ou estímulo para subir sempre e mais alto. Tais são em torno de vós os mais iniciados. Como os ramos que se unem, seus braços estão estendidos para vós e podeis tomá-los por apoio. Devem estar convosco a fraternidade e o altruísmo que são livre auxílio e nunca uma tortura para aqueles que deles se socorrem. Quando ruge a tempestade, as árvores se sustentam em mútuo apoio, abraçando-se umas às outras, embora haja copas mais fortes e mais altas. Afinal, a tempestade apazigua-se antes que a floresta, poderosa na sua união, se veja devastada, o que seria devastar-se o asilo dos animais selvagens e talvez a igreja onde o sonhador vem procurar no ritmo da selva, no canto dos pássaros, a paz espiritual, a comunhão com as forças naturais.

Tal deve ser a vossa vida. Tal deve ser a imagem de vossos feitos. Sereis sempre sustentado, não somente por aqueles que vos rodeiam, porém, ainda e sobretudo, pelas forças superiores que acabastes de alcançar e darão sem cessar o conforto de que tendes necessidade.

*

*

*

Cumpri o vosso dever, subindo à sublime região donde sentis que se vos chama. É lá que vivereis na paz do Direito e da Justiça. Não tereis de fazer esforço

para a prática da bondade, da fraternidade para com os que sofrem. À medida que tomais consciência de vós mesmo, a vossa sensibilidade afirmar-se-á, toda a sombra ser-vos-á passada e não passareis senão o que for absolutamente puro e harmonioso, porque vós mesmos resplandecereis de pureza e harmonia.

Sentireis em cima a expansão de vossa piedade descer sobre todos os seres. Toda dor encontrar-vos-á amigável e fraternal, como a vossa dor encontrará em outros toda a amizade e devotamento que desejardes, de que tiverdes necessidade.

Não tereis mais nenhum desejo por essas horas que o profano avidamente procura. Assemelhar-vos-eis ao sábio que se isola do mundo para gozar a paz e dar-se a um trabalho que não mostra o seu saber senão quando convém mostrá-lo a quantos devem praticá-lo. Estanislau de Guaita escreve assim:

"O sábio isola-se na sua ciência e na sua pureza, envolto no burel da virtude serena e repele todos os contactos; porém, cheio de solicitude para com o mundo imperfeito do qual se exilou, ele oculta três quartos do fato de verdade, ocultando-se sob seu manto de monge, o qual prudentemente não deixa filtrar mais do que raios enfraquecidos, fracos como relance de olhos que uma luz ofuscante cegaria. Seu bastão de sete nós — emblema do critério infalível que confere ao iniciado a compreensão do Grande Arcano — seu bastão representa a vara de Moisés, a varinha dos milagres, o báculo do perfeito prelado e é o cetro da unidade, da síntese".

Assim fala Guaita no seu Templo de Satanás e aí demonstra que o isolamento é virtude do sábio, porém que ele deve adotar de antemão a senda que deve seguir, bem diferentemente conforme abraça o Bem ou o Mal. É o arcano 9 do Taro, o Ermitão, que será o Feiticeiro ou o Mago, segundo a orientação adotada desde os primeiros passos.

Se escolheu o Mal, terá por guia o feiticeiro, o louco, cuja solidão se povoa de visões trágicas e malignas e nas regiões que este tem violado, procurará como fim de seus esforços o orgulho, a vingança, o lucro material. Mas, votando-se ao Bem, o guia pode ser o Mago, aquele que é vontade, nas correntes harmônicas das Forças Superiores e submetendo a ambição à sabedoria, vem a ser, em verdade, o Iniciado.

Aquele que compreendeu o seu verdadeiro lugar no mundo, não foi dominado por vis paixões, nem cedeu ao prazer de destacar-se, de provar a sua superioridade sobre os mais; enquanto aquele que tem cedido ao Mal se coloca no plano em que vela ou veda a luz que lhe teria esclarecido a vida, a luz que o Sábio recebe com reconhecimento e diante da qual se humilha para recorrer-lhe os benefícios. Mas o Feiticeiro quis ser negativo e desgraçado porque o poder do homem, quando ele não se apóia sobre as verdades eternas, é destinado a ser vencido pelas forças desencarnadas; e submete-se ao Mal, à Matéria, porque não soube compreender o Espírito dominante, ficando condenado a arranjar-se na terra, enquanto o seu destino luminoso o atrai para o Céu. O defeito da ambição faz-lhe ver tudo mal em volta de si, enchendo-o de ódio e pessimismo, ao passo que o Iniciado, o verdadeiro psiquista que aceita a vida com um otimismo racional, sabendo que podem produzir-se sempre acontecimentos imprevistos da parte de

outros que lhe são superiores, esse regulariza-se para o melhor de sua vida e de sua felicidade.

O Iniciado procura construir a cidade ideal onde a felicidade florescerá sob o governo da ordem, enquanto o Mágico, o Feiticeiro, não procura senão destruir um mundo que o não satisfaz porque o seu desmedido orgulho aí não acha o seu lugar, que ele desejaria fosse o primeiro entre os outros. Apela para a força bruta que nunca age senão aos golpes, espasmodicamente, ao tempo que o Iniciado, afastado disso, faz apelo às forças puras, benéficas nas suas contínuas, seguras e poderosas correntes.

Pobre louco — o desgraçado Feiticeiro. Perdeu a noção da verdade. Escuta palavras vãs que ecos enviam, deformando-as. É a presa das moribundas miragens do deserto. Tanto tem contado com as próprias forças, mas as contingências se apoderam de si, dominando-o afinal.

O sábio, na paz segura de suas próprias forças, está modestamente retirado no seu laboratório. Aí, na prece e no trabalho, eleva-se ele até os grandes elementos e recebe a bela iluminação que o inunda de verdades. Vozes límpidas e doces dizem-lhe palavras que não enganam por não serem o reflexo da loucura, porém, a emanção de leis superiores.

É preciso adquirir discernimento antes de fazer-se apelo às Forças, pois o mal tem as suas lisonjas, como o bem tem os seus atrativos. No seu livro Templo de Satanás, diz Estanislau de Guaita aos curiosos da Magia Negra, que o mal tem a sua poesia e descreve-a poeticamente:

*"Do mistério da própria abominação — diz ele —
desprende-se um ideal fantástico, atraente, porém funesto ao*

mesmo tempo, pelo qual muitos deixam seduzir-se. Que os curiosos tomem cuidado, porque está nele o grande perigo das excursões excêntricas no mundo aberto aos caprichos profanos. Quem se aventura sem guia em busca de emoções inéditas, povoa já a senda de sua perdição. Tudo em torno dele conspira contra si e pressagia a sua mina".

Existem seres que inconscientemente se acham de posse destas forças más. Estas forças são movidas por outros seres que não compreendem toda a crueldade das mulheres sedutoras, porém danadas e fatais, que semeiam entre o encantamento e o suicídio. Citamos exemplos em nossa obra *Voici la Lumière*. Mulheres e homens que conduzem o cetro da fatalidade atraem e fascinam, porém suscitam na inteligência, no coração, nos sentidos, uma perturbação que não é necessária ao amor, sendo pura vertigem. De seu ambiente pesado sobe o apelo brutal da animalidade, a perturbação vertiginosa da inteligência, o desejo desenfreado que põe o espírito em desordem e tira à consciência o seu império sobre os atos de afeição.

É assim que se produzem essas nefastas perturbações do amor, que tanto alteram os fatos da vida e das quais alguns têm querido escapar por meio da morte. Mas aquele ou aquela que tem causado tanta desordem não é, por isso, feliz. Por um justo retorno, as forças relaxadas nas paixões amorosas encarregam-se elas próprias de vingar-se a si mesmas. O que seduz e o que é seduzido são seres freqüentemente indignos, sem poder de dominar-se no amor mútuo que se dedicam. Quantos suicídios resultantes desta espécie de choque de retorno. Contudo, felizes destes pobres estafermos humanos quando, antes de terem cumprido qualquer ato

irreparável, encontram no seu caminho o psiquista que os faz tornar a si, remetendo-os para melhor senda, restabelecendo o equilíbrio rompido pelas faltas que o vitimariam, levando-lhe a um tempo o perdão e a consolação. (A obra citada, denominada Voici la Lumière, contém exemplos típicos).

*

* *

Evolucionamos em um mundo de forças, porém, elas são boas ou más, de modo que temos de escolher. Se chamamos sem cessar as boas, elas descerão sobre nós e então acharemos a estabilidade, sentiremos um auxílio poderoso assistindo às nossas necessidades. Ultrapassaremos sem custo a corrente nefasta que ameaça tragar-nos. Ficaremos isolados de toda má ação e conformar-nos-emos plenamente com as leis eternas. É para o discriminação destas forças boas ou más, para permitir-nos a luta contra as que são desordenadas ou desarmônicas, é ou era para isso que as antigas iniciações impunham ao adepto um longuíssimo estágio de aprendizagem. Antes de fazer compreender ao iniciado qual poderia ser o seu poderio, desejava-se estar seguro de que ele não faria mau uso desse poder; desejava-se que o egoísmo, a cupidez, a luxúria não se enredassem com este poder que se deve confiar a um ser ansioso de purificar-se e dele só se servir para o bem.

Estes poderes existem. Que os cépticos o neguem porque os ignoram, que importa? Khunrath personificou a incredulidade por um mocho sempre de óculos e rodeado de fachos com estas palavras eternamente verdadeiras: ***Nem archotes nem óculos tornam lúcido aquele que não quer ver.*** E o profano é assim.

A idéia de que as forças existem sem lhe render proveito choca a vaidade dele, do céptico, que, aliás, desejaria ser o centro do mundo. E, na sua condição de cepticismo, não vê nem quer ver. E por que desejaria ver, afinal? Ele tem vício, é

sensual, escravo dos baixos interesses e, então, desde os primeiros passos de sua iniciação precisaria renunciar aos seus maus hábitos, que, aliás, lhe são caros. Ele não tem senão satisfações materiais e isso lhe basta.

Ora, se ele fosse pelo caminho iniciático seria posto em novas idéias, novos meios de ação, de sentido, de percepção, cuja noção própria ainda lhe escapa. Esta mudança seria muito custosa para ele. Antes de submeter-se, preferiria ficar limitado, odiento, incapaz de compreender as forças que correspondem à vontade do adepto. Não tentaria ao menos procurar o bem coletivo; sua única idéia seria uma ressurreição material ou talvez na zona muito restrita que ainda lhe está aberta no domínio do espírito; procuraria elevar-se para abaixar aqueles que lhe fazem sombra, para dobrar aqueles que o cercam, para impor a sua vontade mais absurda, para utilizá-la em meio de suas ambições, assegurando-se, enfim, do poder e do dinheiro, até chegar a todas as alegrias vulgares, até às vanglorias, até ao servilismo dos demais, em seu proveito.

Assim, o caminho é duplo. Abre-se a encruzilhada desde o momento em que o conhecimento das Forças é revelado ao futuro Iniciado.

É preciso, antes de mais revelação, adquirir a segurança de que a determinação do profano será aquela que deve ser e que ele se determinará a fugir do caminho do Mal, dirigindo-se exclusivamente e para sempre pelo caminho do Bem.

*

*

*

Esta encruzilhada, esta livre escolha que se deve efetuar antes de tudo, certos ocultistas têm sentido bem a importância dela, tendo-se bem expressado os perigos e as inquietações relativas. É preciso, pois, que repitamos, a fim de premunir

o futuro adepto contra as tentações, que, se o mal não tivesse encantos, ninguém o buscaria ou cometeria. Ele sobe em redemoinhos vertiginosos de fumo, derramando fortes e suaves perfumes. Não é o lírio cujo odor inebria; é a mancenilha cuja expiração é funesta e cuja existência é símbolo de atração indiscutível e que é preciso prever como evitar nos limites das forças psíquicas.

Os mestres falaram. Eles descreveram com precisão estas forças cativantes do abismo. Durante os seus trabalhos, não foram impedidos de ouvir o apelo melodioso e fatal das sereias do golfo que atraem para o mar desencadeado aqueles que não sabem lutar contra as ondas de volúpia. Ninguém melhor que Estanislau de Guaita tem descrito os encantos desses escolhos floridos. Ele não quis que o seu discípulo imaginasse serem todos exteriores os obstáculos postos à sua iniciação. Ele sabia que freqüentemente é por nossa própria fraqueza que renunciamos à perfeita alegria da Luz.

Assim, descrevendo as Flores do Abismo em toda a sua venenosa beleza, em toda a potência de seu perfume estonteante, ele tem, melhor do que ninguém, colocado o adepto sob sua guarda, quando este se arrisca a sucumbir. Mostrando com franqueza a atração dos encantos sedutores do abismo, diz no Templo de Satanás:

"Eternamente se exerce o encanto sedutor do abismo e muitos se deixam atrair por ele. Não vos inclineis. Um aroma enervante, emanando do fundo, lentamente ondula e desenrola as suas espessas volutas. É uma exalação lasciva e lânguida, flutuando no ar, penetrando pouco a pouco. E aí parece que o contágio tem subido e contaminado até as flores

da beira do abismo, cujos cálices vacilam e pendem atacados pelas más paixões e cujas corolas, de um perfume que dá vertigem ao evolir-se, como que, doentes e extenuadas desse perfume contagioso, solicitam ser colhidas por uma delicada mão."

"É a voz do abismo! Esta sobe do mais profundo do caos; melodiosa como a das sereias, mas pérfida, fatora de negação, instigadora de voluptuosa desesperança. Seu canto desorienta o entendimento e também dá vertigem. Parece exalar a essência mesma das coisas, porém fala à alma perturbada uma linguagem dissolvente e agri-doce que ela entende e, ai! entende sem a ter aprendido. Dir-se-á o murmúrio confidencial do ambiente, como se toda inteira a Natureza viva se revelasse nessa voz, tão profundamente identificada com o vosso íntimo, como se falasse dentro e fora de vós. "Mas eis que, nesse vosso íntimo, uma cortina cai. Todas as idéias obscuras um dia subitamente se aclaram e todos os sentimentos inconfessáveis passam a confessar-se no tribunal de vossa Consciência, afirmando-se independentes, acusando-se de anárquicos. Revela-se à vossa individualidade moral, e dentro dela mesma, a presença espiritual de uma outra pessoa que nunca suspeitáveis. Um mistério cheio de incerteza e insaciabilidade levanta-se na força do livre-arbítrio e vos aterra: é o vosso Eu, sentindo-se, talvez com irritação, violado e penetrado pelo Não-Eu."

"Cedo, os dois antagonistas entram em confusão. Duvidais de tudo, até de vós mesmo. Nada, em verdade, vos parece seguro, possível ou impossível. E esta dúvida universal, quem a formula? É o vosso Eu quem fala ou será o Eu coletivo das entidades exteriores?"

"Ignorais. E, então, que formidável espasmo vos aperta, enerva e acabrunha! Que poluição psíquica, infligida à natureza universal, vos faz receber com prazer a degradação dos seres e das coisas? Esta como que embriaguez dupla e latente vem da atmosfera que vos banha e que saboreais pela taça do falso misticismo, na qual bebemos misturados tantos êxtases e tantos dissabores."

"Falsa iniciação... Iniciação maldita e mentirosa na qual o iniciado, nela caindo, fica esquecido. A sua palavra incoerente, ambígua e, apesar de tudo, prodigiosamente sugestiva, parece alternadamente a palavra de um Deus e de um demônio. Há aí um ensinamento que põe de mistura todos os elementos contrários entre si, a fim de que apareça apenas o equívoco. A Verdade aí não se formula senão para ser prostituída pelo Erro".

"Tal é a lição muito estranha vinda do Abismo. As afirmações e negações cruzam-se, enlaçam-se, casam-se. A voz é irônica ou não? Afirma ou nega? É isso que o neófito pode discernir e, daí, cresce a sua perturbação".

“Ouvimos esta voz, que é a de Satã. O que ela ensina, o que sugere não o saberá, sem dúvida, quem não tiver compreendido o seu murmúrio confidencial, indefinido... Empreender concatenar em frases esta sutil essência seria em vão, pois que ela vibra sonora e fluente, mas impenetrável. Empenhar-nos-emos tão somente em fazer suspeitar-se o seu acento capcioso, o seu timbre enigmático. Talvez a outrem seja dado ouvi-la, mas a nós, que Deus nos guarde de escutá-la um dia.”

Certamente esta sedutora voz do abismo, os aromas vaporosos que sobem das insondáveis profundezas dele, tudo isso não será mais do que imagem ou sonho; porém, a miragem arrebatou o viajor para países áridos — esse viajor que segue e crê que atingirá os fugitivos palácios construídos nas nuvens do acaso. Presos ao aroma, mais de um homem, por havê-lo respirado, perdem todo o domínio sobre os seus sentimentos e atraídos pelo olhar faiscante da sereia do golfo, desceram ao abismo donde esse aroma subia e de lá não mais subiram os que se deixaram atrair. Embaixo não encontraram senão a loucura e o crime; e quando quiseram subir, não ouviram nas trevas mais do que a voz melodiosa do mau anjo e não tiveram força para escalar as paredes anfractuadas. Cativos do mal que os seduziu, escolheram ao longo do tempo, talvez para sempre, a sombra funesta que dificilmente largará a sua presa. Desprezaram o dom divino e, agarrados à matéria, estão como o naufrago que, preso a uma tábua, veria passar barcas, sem poder, ao menos, fazer sinal de socorro.

Entretanto, no alto da colina, ao pé da qual o abismo deixa perceber as suas profundezas, o Templo ergue-se em luz, para onde conduz o caminho do Bem, enquanto pelas escarpas sem caminho desabrocham as flores de aroma encantado e infernal. O adepto, enfim, pode colhê-las, porém que não seja isto senão para seu bem, para cura de seus males. Se eles as colhe para simples enfeite, para ofuscar aquele que, talvez menos longe do que ele calcula, o precede na senda da iniciação; se ele o faz na presunção de envolver e humilhar aqueles que acredita serem seus inferiores, então desgraçada será essa presunção. O peso de sua falta precipita-o para o golfo de onde as vozes misteriosas sobem como um apelo, uma tentação para o orgulho, para a concupiscência, para a ambição de domínio — vozes de adversário, vozes do mal que chamam para a volúpia, chama para longe da felicidade.

*

*

*

Duas vozes fazem-se ouvir àquele que se acerca do declive perigoso: o canto enervante do abismo e a voz docemente austera do Templo. A primeira diz: *"Desce, que gozarás realizações imediatas, pois as delícias da carne e do orgulho misturar-se-ão para preparar-te a mais deleitosa das bebidas. Por que lutar contra o que te agrada e é teu? O que fala em mim és tu mesmo. O orgulho, o ódio, a vingança, os prazeres que te ofereço até saciares os teus desejos mais secretos fizeram a alegria de teus antepassados e são as vibrações carnavais e febris de que pode ser saturado todo o teu ser interior. Por que fugir-lhes e renegá-los? Que irás achar em outra senda? Pende-te sobre a minha voragem. Um atrativo, como olhar magnético, levar-te-á nos braços desconhecidos nos quais encontrarás alegrias tão sutis, tão estranhas na sua doçura que todo o teu ser se fundirá nas lágrimas da*

volúpia. Sou eu quem possui o Segredo e quem te dará a alegria com o esquecimento das tristezas".

Assim canta a voz maldita, mas o Sábio volta-lhe as costas porque sabe que o bem há de vir pelos trabalhos e nunca pelos cânticos da sedução. As realizações facilmente adquiridas devem ser bem pouco duráveis. O tempo não poupa nada do que foi realizado sem ele.

A segunda, a voz do Templo, em hino largo e majestoso convida o futuro adepto ao trabalho, ao esforço. Diz ela: *"Sobe, que subirás para a Luz. As vibrações, os prazeres que o Tentador te oferece e dos quais com razão diz que és escravo, são um como véu a ocultar-te essa Luz. Abandona-os como o nadador que deixa a vestimenta na praia e mergulha-se todo no seio das ondas. Sobe, eleito de Deus. À medida que, nadando, te afastares do golfo fascinante, o caminho áspero, rigoroso, cheio de abrolhos, suavizar-se-á sob teus pés e as flores, embora aí sejam raras, abrir-se-ão perfumando até acima da ladeira do abismo. Aqui há as visões dos Pensadores, as lições dos Sábios, os sacrifícios dos Mártires, o amor dos Santos, que se têm produzido ao sol do Espírito. Sobe com eles e para eles, ó alma eleita. Sentirás mais e mais a sua presença amiga, à proporção que deixares atrás de ti os fermentados atrativos do mundo. Tens lido os seus escritos, agora ouves as suas palavras e cedo comungarás com os irmãos que já subiram. Estas palavras sem estridência são sinceras. Elas não te prometem alegrias ilusórias, mas a felicidade certa na tua evolução, na aproximação constante do teu ritmo pessoal com a harmonia eterna. O prazer não é a felicidade. O prazer é a alegria esfuziante que te cansa e envergonha, enquanto a felicidade é a condição serena e estável de quem caminha na claridade pura. Sobe, adepto, para os teus irmãos. Seus braços abrem-se para receber-te. Não voltes as costas ao seu caloroso apelo".*

*

*

*

Alma pura, eis vos chegada aos umbrais do Templo iniciático. Está em vós bater sem medo à porta do Mistério. Sem medo, mas não sem emoção. Sabeis, sentis profundamente que uma revelação vos será feita e um esplendor vai descer sobre vós. No entanto, ainda duvais e não penetrais no recinto. Cedeis por instante a vossa emoção deliciosa que vos retarda o passo, mas não cedais por longo tempo.

Alma que procurais a luz, ide e levantai o véu que a oculta aos olhos profanos, o véu da grande Ísis, que vos faz tremer de respeito sagrado. Pensais na antiga inscrição: Sou a grande Ísis e ninguém ainda levantou o meu véu. Por isso hesitais durante um instante. Este véu, entretanto, já a vossa mão o roçou, e, ao levantá-lo, compreendereis que a antiga inscrição era para afastar aqueles que procuram a ciência tão somente para satisfazer os seus baixos apetites. A defesa do Templo era feita para desanimar os espíritos fracos e superficiais que se vão à Ciência Secreta como iriam a um espetáculo, apenas para saborear sensações inéditas e ver coisas que o vulgo não pode ver. Insensatos. Estes ignoram quanto é misericordiosa a palavra que os afasta do lugar santo. A claridade fulgurante do santuário fulminá-los-ia na fraqueza deles. Mas, a vós, a verdade vos chama, porque a desejais respeitosa e honestamente. Ela aí está muito perto de vós e a adivinhareis em vossa deliciosa emoção. Ela já vos aparece, embora não possais ainda defini-la. Não há um desvendar ex-abrupto. O véu ir-se-á tornando fino como ligeira onda de bruma transparente. O que perceberéis agora não é mais do que a imagem da verdade, que com solicitude vos prepara o conhecimento sobre o Absoluto. Formas aqui se agitam, nuances aparecem e se desfazem; música celeste vibra em torno de nós, mais doces que brisas. Sabeis que as brumas e

nuances se dissipam, porém, as formas tornar-se-ão mais precisas à proporção que os vossos trabalhos vos forem impondo à confiança do Iniciador. Sim, é preciso trabalhar e procurar ainda, mas tudo é fácil quando o sucesso se antolha certo. Agora trabalhareis na alegria. De constatação em constatação, chegareis à certeza, mau grado a inquietação do momento em que se vai acentuando no espírito a solução do grande problema. É então, que, na ventura não contida em nenhuma satisfação terrestre, a luz vos penetrará e nada vos será oculto.

Batei às portas do Mistério. O guarda do umbral faz-se amável àqueles que estão seguros de si mesmos. Batei sem orgulho e sem medo, que a grande porta se abrirá. Já o guarda se desfaz na doçura de seus inúmeros olhares. Chamam-vos os vossos irmãos mais antigos e o grande Templo ilumina-se todo. Todos acolhem-vos.

Eis vos eleita, alma feliz. Partilhais, agora, os trabalhos com aqueles que, como vós, buscam a verdade e já têm trabalhado para facilitar o caminho dos que ainda virão. Sois já um outro espírito. Todos os vossos pensamentos são diferentes dos que tivestes outrora. Adquiristes a certeza de vossa felicidade. Possuis o que quase todos os homens não compreendem, mas o invejam.

Analisai-vos e, entretido no serviço da Ciência, conhecereis os vossos poderes. A porta que abristes era feita das convenções que desprezastes, das dúvidas que vencestes, dos temores que abolistes. Empurrastes a porta com mão segura e ela não mais existe. As Forças que pedistes vêm agora e vos inundam, vos penetram como perfume, vos emocionam como vozes cadentes. São as Forças do Bem. Chamai-as sempre e elas nunca vos faltarão.

Um magnetismo luminoso irradia em torno de vós. Um afluxo de pensamentos desconhecidos vem enlevar-vos e transportar-vos. É o auxílio dos

irmãos mais velhos que vos eleva para o azul onde a luz brilha como o olhar de Deus. Sois, como o sentis, uma partícula da essência divina do grande Todo. A mesma vida que circula na grandeza da Natureza, faz bater a vossa artéria e pulsar o vosso coração. O ritmo dos mundos é o mesmo que age em vós.

Penetrai no Templo, leitor amigo. Ele está aberto para vós nesta hora bendita e tudo aí estimula a vossa disposição para a grande obra para a qual fostes talhado. Os vossos primeiros passos serão guiados. Tereis um apoio ao começo, tal qual o filhinho que vai sair do ninho, firmando-se nas asas maternas do pássaro; porém, logo saturado do éter espiritual, lançar-vos-eis pelo espaço, livremente.

*

* *

O apoio vem, sim, leitor amigo. Os que te precederam prepararam-te o caminho. E vêm eles perto, ao teu encontro. O que ora percebes é o seu pensamento. O palpar de seu coração casa-se com o do teu. Vem tu para eles. Sê digno de sua amizade e de sua confiança.

Eis a primavera sagrada. És tu o botão que desabrocha Entreabre as tuas pétalas, abre os teus braços e o teu coração Eleva-se o sol no céu. Os pássaros desferem os seus primeiros cantos de alegria e de prece. Escuta e aprende o canto que te desperta. Tu vais como as flores, abrir o cálice do botão para resplandecer na claridade. Então, como os seres fortes, irradiarás a luz em volta de ti. As tuas forças benéficas, das quais aprenderás o uso útil serão para os que te cercam como o perfume da flor; e beneficiando-te por pouco que queiras, farás o bem tão facilmente como o respirar. Que alegria mais pura e mais doce! Tornar-te-ás força e paz. Consolarás os que sofrem, os tristes. E tu mesmo serás mais forte, mais feliz,

enriquecido numa felicidade tão grande que, além de tua, poderás dar aos demais.

Aí aproximar-te-ás do Absoluto e serás como um Deus que se revela a si mesmo.

A FÉ

Na Natureza tudo é ciclo e número. — As quatro estações e suas correspondências com as quatro idades da vida. — Os quatro estádios da nossa atividade cerebral. — O ciclo sentimental segue um ritmo idêntico. — Os ciclos além da morte. — A evolução do ser humano, em cada um dos três domínios: físico, intelectual e sentimental, prossegue de maneira mais ou menos rápida. — Papel da reflexão e da dor na nossa evolução. — Depois do inverno vem a primavera; depois de vossas experiências, vossas dores, virá a alegria; assim se realizam os Leis eternas. — Uma nova vida se abre para vós na serena claridade. — As grandes lições que nos dá a Natureza. — A Fé regeneradora sobe ao vosso coração como a seiva aos ramos. — A Lei que nos dirige é a do .Aperfeiçoamento. — As palpitações da Vida Universal. — A multidão inconsciente da grande Cidade. — Os apetites, os egoísmos que nos rodeiam. — O que o nosso coração pede é a ascensão para os altos cumes. — Todos os adeptos têm o mesmo fim, todos sobem para a mesma Luz. — O auxilio fraternal dos vossos irmãos mais velhos não vos será recusado. — Amais a Natureza por ela mesma e não para a satisfação egoística. — A alegria suprema prometida ao Iniciado.

O primeiro ensinamento que a Natureza nos dá, quando nos elevamos pelo espírito acima das contingências, é que tudo é ciclo. Tudo nos aparece, então, sob a forma majestosa do ciclo com a exatidão de suas voltas que coisa alguma poderia impedir nem transviar.

Um ritmo maravilhoso governa estas forças e o largo horizonte que se abre diante de nossos olhos forma um âmbito tanto maior quanto maior é a nossa capacidade para nos elevarmos mais alto. Tudo gira em uma dança sublime e aquele que tem vencido as distâncias e subido a escarpa das montanhas, vê desenrolar-se diante de si as harmonias sublimes do Universo e elas têm sob os seus olhos a precisa claridade dos Números. Sim, tudo é ciclo e número. O astro prossegue o seu curso na órbita que lhe traçaram potências superiores. O ser humano, que é a imagem deste universo, é movido por leis idênticas, porém os ritmos, aos quais estamos submetidos, nos escapam freqüentemente, porque não damos atenção aos fatos mais maravilhosos quando nos são familiares; não sabemos admirar a beleza quando a contemplamos todos os dias. O pensador, porém, que estuda atentamente a Natureza, que procura nas suas belezas as manifestações de potências invisíveis, adquire a noção deste ritmo e nele descobre a perfeição harmoniosa de uma lei.

*

*

*

O exemplo mais típico que podíamos ter deste ciclo, sempre renovado, é a ronda sempre igual e sempre mutável das estações. Este ciclo se reflete nas quatro idades do homem. A primavera, panda de promessas, nos oferece a graça das primeiras folhas; o estio nos mostra a colheita madura e o desabrochar das flores soberbas; o outono se intumesce de frutos e nos conduz à vindima, e o inverno meditativo esconde os germes sob a terra para preparar, no silêncio, os futuros rebentos. Tal é o nosso ciclo vital.

A infância cheia de graça é simbolizada pela primavera, intumescida de seivas, que ri e chora ao sol. É uma alegria, para aquele que a observa, vê-la

expandir-se lentamente como um renovo que se entreabre, deixando adivinhar, pouco a pouco, as folhas que serão amanhã o verde traje do estio. Como a primavera, a criança é pouco segura de seu caminhar e de seu gesto; porém, o desenvolvimento de seu espírito, a eclosão de suas forças pueris se completam lentamente e então o primeiro estio chega com a juventude.

Como o estio é queimado pelo ardor do sol, assim desmaia a mocidade sob o ardor das paixões. Todas as energias são excessivamente ásperas e poderosas; é a estação das tempestades e das transformações, porém é também a estação das flores abertas e das belas colheitas maduras. Feliz aquele que soube defender, contra os furacões das paixões, as forças que lhe foram confiadas para a evolução de sua alma! Aquele que souber guardar, para a sua grande e nobre alegria, as flores desabrochadas que o sol faz nascer, saberá conservar as colheitas que disputou às intempéries e o labor de seus anos, frutificará para o futuro.

Então chega o outono com os braços carregados de frutos. A expansão do corpo, na plenitude da idade madura, faz desabrochar suas próprias experiências. A vida está estabilizada em nós. Possuímo-nos positivamente.

Vem o inverno da velhice. Aquele que soube preparar o fim de sua vida sabe que esta velhice termina na morte, porém a morte não é um espantalho para ele; é a função natural que nos abre a porta de um Além submetido a ciclos análogos e, se for necessário, percorreremos novos ciclos neste mundo, até o aperfeiçoamento completo que nos conduzirá mais alto. Tal é a norma do nosso curso. Tal é a lei de nossa saúde, tanto do corpo como da alma.

É a lei inelutável, porém ela é doce para quem sabe compreendê-la em suas compensações.

* *

O nosso trabalho cerebral percorre estações semelhantes.

A Primavera é o período dos estudos, da aprendizagem. Esse tempo não é desprovido de chuvas, nem de desânimos. Não sentimos ainda a utilidade infinita deste desenvolvimento que nos pede tantos esforços, e o estudo, por vezes, aparece-nos sem encantos. Devemos aprender a conhecer, a sentir, a julgar. As novas descobertas, porém, que o nosso espírito faz cada dia, são um constante encorajamento e o entusiasmo que nos produzem são uma força quase invencível no trabalho que é preciso realizar.

O Estio é o surto final do espírito daquele que, seguro de si mesmo, renuncia muitas vezes ao estudo dos livros para correr ao das experiências pessoais. Então, os entusiasmos queimam como o sol de Junho e, se eles não são contidos pela razão e um sábio domínio de si próprio, arriscam-se a destruir pelas chamas bruscas todo o labor do ano. É o momento em que nos agarramos tanto aos erros como às verdades. É preciso, então, aprender a refletir, a fim de que o próximo outono nos coroe com as suas alegrias.

O Outono é a idade madura, a expansão das faculdades. Não é mais o esplendor cruel de Julho, porém uma claridade mais doce. Que belas horas dá àquele que sabe compreendê-lo! É a estação em que as flores e os trabalhos do ano que temos vivido frutificam para uma vindima iniciática.

O Inverno, depois de cumprida a tarefa, goza da vitória obtida e espera a hora do desaparecimento.

É ainda uma felicidade, porquanto aquele que chegou a esta concepção da vida não perdeu a faculdade de se interessar pelos estudos e trabalhos daqueles

que o rodeiam. Sua vista se apura e vai além dos limites ordinários; ele vive já no Absoluto.

*

* *

O Ciclo sentimental segue um ritmo idêntico àquele que temos visto reger todas as nossas outras faculdades.

A Primavera da primeira mocidade é a estação das ilusões. É a estação das longas esperanças e dos vastos pensamentos; ela nos dirige mais do que nós a dirigimos; ela nos faz ver todas as coisas através de um prisma de mil cores, e somos muitas vezes o brinquedo de suas generosas loucuras. Mas, com as chuvas de Abril, as lágrimas da mocidade secam ao primeiro raio de sol. O tempo, inimigo das outras estações, é o precioso auxiliar da Primavera. A louca ilusão torna-se prudente e aprende a seguir o ritmo.

O Estio nos traz a alegria, a completa expansão dos sentimentos. Este coração que tem lutado, que aprendeu a sentir, abre-se voluntariamente e dá, de bom grado, o melhor de si mesmo àquele que soube fazê-lo palpitar. O sol das paixões é ardente no coração e as tempestades o acompanham. O iniciado, porém, sabe que as próprias borrascas têm a sua utilidade e que as chuvas que elas trazem, essas grossas lágrimas que penetram nosso coração, são necessárias à vida suprema, à qual queremos atingir. É preciso saber servir-se das borrascas, reger-lhes o curso e a força: o Iniciado o sabe.

O pacífico Outono nos dá a doçura de sermos compreendidos, de não haver mais necessidade de palavras para comunicarmo-nos na mesma emoção e um pensamento semelhante; somos um na alegria e diante da Natureza.

O Inverno vem achando os seres unidos e fundidos, ficando sempre presentes um ao outro, apesar das inevitáveis separações. Há também alegrias bem doces no Inverno do coração. Aquele que soube moderar a embriaguez e os transportes da idade juvenil, sabe guardar, durante toda a sua vida, a felicidade que soube criar e conquistar.

*

*

*

Para além do Ciclo atual, temos deveres ainda e possibilidades de ação bem preciosos.

Vimos, em todas as iniciações cuja história esboçamos, que algumas delas adotaram o grão de trigo como símbolo dos renascimentos que reconduzem o ser humano sobre a terra, para aí prosseguir o ciclo das purificações que nos conduzem à evolução definitiva. Tinham toda a razão, porque a vida, que deixamos, abre-se para outra vida mais sutil, porém não menos ativa. A planta, no fim do seu ciclo, dá o grão que a perpetuará, e este grão parece apodrecer sob a terra antes de germinar e de dar as colheitas de que ela traz a esperança.

A nossa atividade é mais vasta. O ser físico desaparece como o invólucro do grão quando ele está prestes a germinar. Mas, não é uma só vez que operamos no além; o espírito, elemento superior que nos serve, se enriquece com as ações que fizemos em todo o curso da existência. Nossas boas ações, os pensamentos habituais, os bons hábitos do espírito rodeiam-nos como uma vestimenta. São as flores que ela já conduz que determinarão os dons que lhe serão conferidos em uma existência futura. Tal é a lei. Tal é a cadeia de nossas existências no mundo, em todos os mundos, no caminho da perfeição. Achamos penosos o inverno e a velhice, porque a sua utilidade e a sua beleza nos escapam. Não acontece o mesmo ao

iniciado que tocou o segredo destas evoluções constantes. A velhice tranqüila lhe dá o meio de se recolher um momento antes da sua etapa suprema. Vê o passado, e o estuda; procura os meios de reparar suas faltas, de chegar à morte o mais rico possível da maior quantidade de luz de que pôde conseguir iluminar-se. Então, a morte não é mais, para ele, uma sombria entidade que aterroriza; é um anjo aureolado de luz que descerra diante de nossos passos o limiar sagrado da Evolução, o caminho da divina Claridade.

*

* *

Apresentamos na sua evolução os três domínios: físico, intelectual e sentimental; resta apenas dizer que essa evolução não é simultânea e que cada um segue o seu caminho como pode, segundo as contingências que são oferecidas como meio à sua atividade.

Eis um velho e gasto corpo que é jovem de coração e de espírito, e as dores e as experiências não o amarguraram nem o desencorajaram, e permanece sensível à beleza e à dor, acessível à piedade, pronto a vibrar, a se comover.

Outros são jovens ainda, conservando as suas atividades físicas. São jovens e espertos; seus corpos são talhados para a ação, mas o seu coração está dissecado pelo interesse e o egoísmo. Tiveram experiências como todos as têm em cada idade, e essas experiências não os fortaleceram para a vida; ao contrário, são endurecidos no mal para com os outros; os reveses de sua ambição lhes deram idéias negras, mergulharam-nos na neurastenia, e são velhos, tanto no espírito como no coração que nada escuta além da voz da desilusão. Raramente o ciclo de nossa vida orgânica é aquele que seguem as nossas forças intelectuais e morais. Podemos ser velhos de corpo e não termos querido nunca sofrer nem refletir. Tem-

se, neste caso, todos os inconvenientes da infância, sem se ter belas esperanças. Outros souberam, desde os seus primeiros anos, compreender ou ao menos sentir que o trabalho e a dor não são seus inimigos. Sentiram, mesmo, que alguém lhes não tivesse dado a chave desse mistério, que a sua mágoa era necessária, pois que lhe era infligida. Eles a aceitaram, pois, como vinda de uma vontade mais clarividente que a sua, e fizeram esforço para beneficiar a outrem, para pensar-lhes feridas, para evitar o sofrimento. Qualquer que seja o número de seus anos, mesmo na sua primeira juventude, atingiram à maturidade.

Se cada um aplicasse à evolução, que lhe é prometida, todas as forças do espírito e do coração, este mundo tenderia a tornar-se um paraíso. Estes podem evolucionar também, se o seu coração é bom, se o seu espírito é sagaz, se, em consequência de sua boa natureza — fruto de suas evoluções passadas — sentem que o bem que fazem em torno de si, com desinteresse, é a maior felicidade que podem experimentar. Estes estão no caminho da sua evolução, porém, quantos vivem longos anos e morrem sem se terem nunca preocupado com outra coisa além do próprio bem-estar, da hora e do cuidado de sua refeição, de suas amizades que não foram senão a troca de interesses materiais e a coligação de manobras ambiciosas? Viveram diante de sua casa de trabalho sem outro horizonte além de seu livro de contas, não cuidando senão no ganho do dia, no lucro de amanhã, não gozando senão prazeres que não têm, muitas vezes, nem ao menos a vantagem de ser bons e sãos. Os pequenos fatos cotidianos, as alegrias ou penas, serão toda a sua vida. Nenhuma janela se abrirá diante de seu espírito. Jamais terão visto a Natureza com os olhos reconhecidos daquele que a sabe compreender. Morrerão sem ter verdadeiramente vivido.

* *

Deixemos de parte — pois que só a evolução nos ocupa neste momento — o lado anormal do ciclo da vida; não nos interessamos aqui com a moléstia, que nos faria sair de nosso plano. Estudamos somente os ciclos cerebral e sentimental.

A evolução do nosso ser para os planos superiores não pode ser facilitada senão por duas forças das quais uma opera sobre o pensamento e a outra se dirige ao coração.

A primeira é a reflexão; a dor é a segunda. São dois fatores importantes que tendemos a afastar quando estamos ainda próximos da matéria, considerando uma como importuna e fatigante, e a outra como penosa.

Não nos apercebemos delas porque não compreendemos o seu papel poderoso e benéfico. Muitos dizem: "*Eu nada faço sem reflexão*", e não obstante jamais refletiram verdadeiramente, nem sabem mesmo o que isto quer dizer. Pensam que a reflexão é uma ginástica da inteligência dirigindo-se não importa para que assunto.

Muitos crêem ter refletido bastante porque estudaram os seus interesses materiais e nunca foram além disso. Conhecem empiricamente o mecanismo da reflexão, porém não cuidaram nunca, de maneira aproveitável, da sua evolução.

Quanto caminho ainda a percorrer!

A verdadeira reflexão é voluntária. O espírito se exerce com método e as nossas faculdades superiores adquirem, assim, toda a acuidade e o desenvolvimento de que são capazes. Aquele que reflete deste modo, habitua-se à observação. Desenvolve o seu julgamento. Não acusa, nem censura ninguém antes de estar seguro do que afirma e suas palavras tomam assim uma autoridade que

influi sobre os outros. Enfim, chega às associações de idéias que abrem novos horizontes ao seu pensamento.

Tudo isso, porém, é um trabalho de longo fôlego. O trabalho da Dor é mais brutal e mais rápido. O resultado é, muitas vezes, imediato. Ela apura os nossos sentidos, obriga-nos a entrar em contato não somente com as realidades do mundo exterior, mas também com as de nossa pessoa íntima. A dor conduz-nos a sair dos limites estreitos da vida corrente, a ver, fora de nós, sofrimentos semelhantes aos nossos e todas as alegrias que nos é permitido esperar. É pela dor que o coração chega a ver em si mesmo e que se liberta dos preconceitos e erros em que muitas vezes e rapidamente está prestes a se resvalar. É-lhe permitido, graças a este auxílio clarividente, discernir os sentimentos das pessoas que nos rodeiam e não julgar cada um pelos erros e através dos outros. Aquele que, em troca de todo o seu coração que deu, não recebe senão desprezo e ingratidão, sofre cruelmente, porém, chega então a discernir as ternuras mais verdadeiras e mais sinceras entre os seres que, por falta de expansão, não souberam fazer compreender qual era a sua verdadeira sensibilidade.

A dor, principalmente quando aquele que a suporta, é capaz de compreender que apoio ela será na sua evolução, faz-nos dar um passo imenso no caminho luminoso que conduz ao Templo.

Não é preciso, entretanto, que aquele que sofre imagine que padece sozinho, que só ele tenha sofrido mágoas, que se torne misantropo aquele que padeça por uma perspicácia especial.

É preciso não odiar a existência, nem crer que somos particularmente votados à desgraça. É necessário não admitir que o sentimento que magoou o nosso sentimento, ainda que nos pareça muito puro e muito nobre o nosso, seja um

sentimento mau, gerador do mal. Isto seria negar toda a ternura, vir a ser mais egoísta que os outros. É preciso que o fato de haver sofrido não nos dê as credenciais de uma superioridade muitas vezes ilusória.

Aquele que sofre pode tomar então dois caminhos, um tão áspero como o outro. Ou está em estado de depressão e se deixa ir até o desânimo, à depressão nervosa, e renuncia à ação e, nos casos extremos, pende para o suicídio, ou também está cheio de força e esta força não lhe serve mais senão para se revoltar contra a sorte. Insurge-se então contra a vida; renuncia a toda ternura, a toda bondade. Torna-se egoísta por cálculo, mau por estudo. Nessa colisão, sofre por ter de lutar contra a sua própria natureza; sofre porque não é feito nem para a dureza nem para a moleza; sofre por não saber amar, ele que nasceu para amar. A nossa verdadeira natureza tem necessidade de ternura e de expansão. Ela sofre se se recusar a qualquer das duas. Os dois extremos são funestos.

O desanimado não faz mal senão a si mesmo, porém, priva a coletividade do benefício de seu esforço. Aquele que fica inativo disseca o seu coração, fá-lo calar, destrói em si mesmo as suas mais belas e mais nobres tendências.

De toda maneira, um ciclo sentimental e intelectual sofre muito rápida e desordenadamente, anima a dor e o desperdício de forças pessoais e sociais. Vai-se ao acaso, em plena embriaguez da primavera, para tudo aquilo que brilha e seduz; damos as nossas flores sem calcular, sem julgar, pelo único prazer de nos expandirmos, sem mesmo pensarmos nos dias subseqüentes.

Era a Primavera, a esperança da mocidade. O entusiasmo não permitia ver se as flores ocultavam qualquer armadilha, se o sol podia dar lugar às rápidas e assassinas geadas.

Um período de euforia manifestou o Estio radioso. Achou-se satisfação, saborearam-se alegrias, viveu-se com intensidade e as próprias borrascas pareciam cheias de sol.

Mas o Outono se aproxima. Como as folhas secas com as quais brinca um vento triste e gelado, as ilusões turbilhonam ao redor de nossa saudade; elas não nos mostram mais que cinza em lugar das folhas e dos frutos esperados. Vem a resignação.

E o Inverno chega logo. O corpo é jovem talvez, porém que importa? O coração e o espírito estão gelados. A esperança parece ter partido para sempre; o trabalho e o prazer nos são igualmente indiferentes. O rancor e o ciúme são os únicos sentimentos que persistem, como os espinhos sobrevivem às flores.

Idéias de suicídio correm no espírito do neurastênico; a dúvida e o desânimo o obcecaram; é o inverno; o ser iludido não é mais que um naufrago. E, para muitos, esse inverno de desespero e de desgosto é longo, longo, tanto quanto a vida. Caminha-se sem coragem, sem desejo, sem bondade... Mas esse inverno do espírito, que se pode encontrar em todas as idades da vida, é um estágio que deve cessar, porque não está conforme com o útil evolucionar do coração humano.

Quantos têm estado como prisioneiros dessas horas negras, em que, segundo a expressão do poeta: "*é a meia-noite da alma*"!

Vós que aqui ledes estais talvez em um desses momentos em que sentis tudo desmoronar em torno. O vosso coração ulcerado não acredita talvez em mais nada que mereça estima. Julgais que a vida é má e mau tudo aquilo que ela vos traz. Temeis, sem razão ou com ela, que a terra não vos apresente nunca mais senão assuntos de dor e de queixa, e vosso espírito desamparado sofre as torturas

do náufrago que, suspenso a um fragmento, lutando contra o furor das ondas, sente os seus dedos dormentes largarem o refúgio e já percebe que vai tragar.

Então, nenhuma esperança ilumina o ser que crê morrer em desespero atroz.

E depois, vem a luz! O inverno termina por passar, depois da primeira primavera, entrecortada de raios e de chuvas. A experiência se afasta lentamente, como acontece com o inverno do ano, depois das voltas ofensivas dos aguaceiros. Novo ciclo está aberto e a jovem primavera vem, com as mãos cheias de botões que não pedem senão o desabrochar. A Natureza rejuvenescida vê o primeiro sol embalsamar os lilases, todos enlanguescidos ainda de u'a melancolia que se afasta!

Assim vai o tempo! Assim vai a vida!

O ser humano prossegue o seu ciclo entre os males e as experiências. As dores e as decepções amontaram no seu pensamento uma neve que parecia jamais fundir-se. Os nevoeiros do desgosto haviam obscurecido todo o nosso céu. Parecia-nos que nunca veríamos de novo a claridade loura do sol. E, entretanto, eis que se cumprem as leis eternas. Abre-se um novo ciclo e tudo está re florido, e a esperança nascida novamente nos oferece a felicidade.

O inverno passou; ainda sofreis. Antes que a hora da plena libertação tenha soado para vós, olhai com a vista lúcida a vida que vos vai retomar. Tudo dormita ainda em torno de vós; o frio e a neve ainda se não dissiparam e não tendes força para encarar este esforço que vos libertaria. Acreditais não desejardes nada porque a lassidão, consecutiva à crise, vos humilha ainda, porém o vosso ser regurgita de forças desconhecidas. Estudai essas forças; procurai as causas que vo-las têm desapossado e vereis que, talvez, não estais sem terdes colaborado com as

causas de vosso desgosto. E esse trabalho aproveitável esclarecer-vos-á sobre o futuro que não será isento de borrascas.

Tendes sofrido já; tendes receio de novos tormentos. Jovem ainda, vos achastes em luta com a vida, sem ter podido medir os seus obstáculos e as vossas forças. Imaginastes, pela fé de vossos entusiasmos juvenis ou de vossas ambições pueris, que evitaríeis as pedras em que os vossos irmãos mais velhos tropeçaram! Tropeçastes como eles e também sofrestes. Fizeram como vós, amaldiçoaram a sorte... e retomaram a luta com armas mais seguras. Aqueles que não compreendem a vida disseram que tudo em torno de vós não é senão mentira e armadilha. Não acrediteis neles. Não mediram o perigo no qual caíram e eles vos desviaram de uma senda na qual, guiados pelas luzes que lhes estavam ocultas, podeis evitar as pedras do caminho. O que vos ensinaram, a intuição que desenvolveis em vós mesmos descobrir-vos-á essas pedras servi-vos de vossas faculdades para estudardes o caminho no qual deveis avançar, para dispordes de vossas energias em proporção do trabalho a fornecer.

A experiência dos outros pode servir-nos também no discernimento desses obstáculos; nada, porém, vos poderá servir se recusais à vida a vossa parte do trabalho de colaboração.

Se tendes sofrido por vossa própria culpa, com que direito declinareis vossa parte de responsabilidade nas dores que vos oprimem? Estais certo de que jamais procedestes leviana ou superficialmente? Tendes estudado seriamente as pessoas entre as mãos das quais confiais o vosso coração e o vosso futuro? Nunca exigistes da areia a eternidade da pedra? Aqueles que julgais vos ter enganado, talvez vos tenham dado aquilo que tinham em seu poder. É sua a culpa se lhes pedistes o que eles não possuíam. Forte dentro do vosso sonho em que tínheis

confiança, partistes como se não houvesse neste mundo senão trilhas cheias de sol. Ignorais que a chuva desmorona os barrancos sobre os caminhos e que os furacões devastam os mais belos dias de verão. Então, quando as horas más desfolham o vosso belo sonho, esqueceis tudo aquilo que, ao lado desses dias perturbados, tinha sido encanto e doçura.

Permanecestes muito sensível para conhecerdes a medida necessária, e o choque, que chega tão freqüentemente, surgiu então como um fato isolado, um injusto destino, no qual só vós fostes o alvo. O vosso espírito é reto, o vosso coração é sensível; não quisestes cuidar das intenções menos puras, menos duráveis que as vossas; não existem, porém, neste mundo dois seres iguais. A experiência foi rude; é bem útil, entretanto. Não desanimeis, pois! A lição recebida é um ensinamento. O ciclo eterno vos traz uma nova estação. A Reflexão e a Dor vos deram qualidades novas. A vossa clarividência está apurada. A vossa vontade cresce. Adquirireis sobre vós mesmo domínio mais seguro.

*

*

*

Vistes as árvores auxiliarem-se na floresta. A árvore, porém, está presa ao solo, não escolhe o seu terreno. Vós, ao contrário, cujo conhecimento da vida se ilumina de claridades mais vivas, sentis penosa a escolha daquele a quem vos confiais. Um sentido mais penetrante de adaptação vos torna, ao mesmo tempo, indulgente e mais preciso. Sabeis que uma nova vida vos dará possibilidades diferentes, mas não estais só.

U'a mão amiga está estendida para vós. Quaisquer que sejam os vossos inimigos, sabeis que as forças vos pertencem e não se recusarão. Encontrastes apoio que não vos faltará. Forte pela vossa própria energia e pelo apoio visível e

invisível que vos rodeiam, podeis caminhar para os vossos desejos com uma nobre confiança.

Estais em condições de não querer senão aquilo que vos for realmente útil e isso não vos será recusado. Não duvideis! A vida tem reações com as quais aquele que pagou a sua dívida tem o direito de contar. Não acrediteis que a vossa mágoa possa ficar indelével.

Que seria um mundo lamentável onde o inverno fosse eterno? O pensamento mais pessimista não chega a esta imagem. As mais desoladas, as mais desertas regiões têm uma primavera cheia de doçura e o *edelweiss* desdobra a sua estrela de veludo branco à margem das neves eternas. Se assim é, se a mais humilde flor pode dar um doce sorriso no deserto de gelo, por que recusaríeis a vida que vos conduz para o sol, para as regiões radiosas onde floresce a rainha das Rosas? Isto se torna mais fácil para vós que conheceis a causa do vosso mal, para vós que podeis prever e evitar as armadilhas mais sinistras. Subi com calma para os cimos cheios de luz, vós para quem o Verbo embalsama as flores.

Visitou-vos uma esperança indefectível. Acolhei-a como uma amiga. A sua voz melodiosa canta para vos guiar sobre o vosso caminho, para vos dirigir para os bens que não podíeis imaginar, diante dos quais tudo o que vos agradou paracer-vos-á cinza e poeira. A primavera de uma felicidade sem mácula é levada ao vosso coração. Procurai-a, cheio de confiança. O direito à felicidade brilha para todos os seres; não vos será recusado.

*

*

*

O Inverno passou; eis a Primavera!

Depois dos negros pensamentos, dos sombrios marasmos, das longas hesitações, a Fé vos ilumina, tal como, entre os ramos negros, onde os brotos apontam a custo, o sol inquieto de Março desfere as ondas de claridade que fazem expandir as folhas. O doce raio, maternalmente avaliado pela Natureza, segundo as forças dos jovens rebentos, penetra docemente no tronco.

As próprias nuvens conduzem a onda purificadora que lava as frondes novas das tristezas do velho inverno.

As árvores se fazem, mutuamente, um abrigo e um apoio contra os ventos mais impiedosos.

Também vós, se estivésseis só, poderíeis temer, diante das experiências passadas, que o vosso ciclo fosse definitivamente fechado em um inverno que não acabasse mais. Ficaríeis cativo nos vossos tristes pensamentos e a amargura de vossos julgamentos aparecer-vos-ia como Sabedoria. O vosso coração ferido recusaria toda esperança.

Essa Esperança, a iniciação vos traz com a Alegria e a Luz. Conduzirá o vosso espírito para os cumes onde reinam os raios benéficos e a sombra não vencerá jamais.

Lá no alto, tudo é Harmonia, Calma e Doçura.

Lá no alto, longe do ruído dos homens, respirareis um ar puro que não recebeu nunca os miasmas de uma ambição maldita, de uma paixão malsã.

Lá no alto, reina a Liberdade que deve favorecer a vossa completa expansão. É exclusivamente nessa liberdade feliz que podeis viver. Lá, estão as regiões puras onde só o Espírito sobe; o Espírito para lá vos transporta; a Fé vos sustem ali; a Felicidade aí floresce sem sombra. A mais terna fibra do vosso coração expandir-se-á nessa claridade. A liberdade que vos espera é feita da regra que

escolheste; nada é mais doce de conduzir; porque ela vos é cara e haveis de gozá-la em todas as suas nuances.

Imaginastes que essa felicidade estava perdida e que seria inatingível. Que erro o vosso! Não vos conhecendo a vós mesmos, como podereis conhecer o bem ao qual aspirais? Mas, ele vem para vós, porque o chamastes. Mesmo agora, semelhante às brisas da primavera, o santo entusiasmo acorda as seivas que dormem no vosso coração; isso não será o despertar de um momento como aquele que faz desabrochar as lânguidas flores da neve.

Permanecereis desperto e consciente, e, como tereis escolhido, com todo o conhecimento de causa, o objeto de vosso coração, a desilusão não se arrisca mais a fazer pesar sobre essa imagem a sombra escura da sua asa.

Tende confiança agora! A vida é doce para quem a compreende e a vossa iniciação vos tornou senhor de a dirigir. Senhor dos seus pensamentos, aquele que atingiu o Templo é senhor do seu futuro. Para permanecer nesse caminho é preciso um apoio, um confidente discreto de vossos prazeres e de vossas mágoas. Esse apoio já o encontrastes, vós o sentis em torno de vós, na invisível e segura presença daqueles que vos precederam na Senda iniciática.

Certamente, tereis o cuidado de vos acostumar a essa luz, a essa euforia. Estareis na situação de uma planta que se transporta das regiões geladas para os países quentes. O equilíbrio, porém, que criastes em vosso espírito ajudar-vos-á na árdua tarefa do mesmo modo como auxilia a tudo na Natureza. Não há mais vertigens sobre os cumes; tudo é Alegria, Verdade, Justiça.

A floresta está toda enfeitada de folhas novas. A sombra cantante dos ramos nos embala com a sua calma e o seu conforto.

Uma poesia profunda e sensível emana dessas avenidas onde brinca a sombra com o vento; onde, entre as profundezas verdes, o sol desliza raios que dirigirão o vosso caminho.

Nessa calma, como sobre as alturas, todo temor é abolido. Um repouso de eternidade adormece, entre as folhagens, a doce música dispersa pelos ramos. Uma agradável sensação invade toda a vossa pessoa. Vossa alma comunga com a paz da Natureza.

Participais desse caminho primordial que sobe nos bosques e te agita nas matas. Não experimentais mais rancores nem as tristezas da vida humana. É a alma eterna da Terra que palpita em vosso coração!

Esquecei o egoísmo feroz dos homens! Estais finalmente desprendido de tudo que vos escraviza à matéria. Estais em contacto com as grandes correntes do pensamento.

É sob os bosques, como diante do mar e sobre os cimos que o artista acha as suas mais altas inspirações. A Natureza está cheia de vozes que dizem, a quem as sabe entender, doces palavras secretas. Não é sem causa que os povos antigos personificaram as forças naturais sob os traços encantadores das ninfas, das fadas, das ondinas, dos lindos semblantes furtivos, que levam ao fundo do coração os poemas da Atividade Universal.

*

*

*

À saída do inverno, essa floresta, que vos é cara, sente-se de repente penetrada de uma vida profunda e dispersa. A seiva conduz o seu verde impulso de sombrias raízes aos ramos estendidos que se balançam no ar azul. É sob este impulso, vindo do seio da terra, que a vegetação brota. Os rebentos escamosos

saem da crosta dura; depois as folhas se abrem como mãos verdes; enfim, as flores ousam aparecer. Os perfumes se espalham; a música das fontes e das brisas despertam-se por sob os bosques. Como uma Bela adormecida que só pode despertar à carícia do ser eleito, toda a Natureza estremece ao beijo do Sol, há tanto tempo esperado.

Também vós vos despertais! Experimentastes longos e pesados torpores. Gozastes dessa doce lassidão como uma preguiça que não é destituída de encanto. A Fé regeneradora, porém, sobe ao vosso coração como a seiva aos ramos. Todas as vossas células já se impregnam dessa exaltação interior e vossa alma, vibrante por um novo vigor, vai gozar, cheia de êxtase, as flamas do verdadeiro sol. Como as neves e as sombras desaparecem diante da luz quente, do mesmo modo vereis fugir as idéias deprimentes, as dores, os desgostos. Eles se elevam como uma bruma e a claridade, que desvendam, liberta-se deles, pura e docemente. Deixai fugir de vós esses hóspedes funestos da tristeza e do tédio! A claridade é sempre mais forte do que as sombras.

A vossa atividade recobrada firmar-se-á, como esses frescos brotos e essas primeiras flores que enfeitam a floresta ressuscitada.

Acabou-se o Inverno! Cessaram as chuvas; eis aí, de novo, os belos dias! Tal é a Fé. Submetei-vos à sua força plena de doçura. Sentireis os benefícios.

O Sol surgiu na noite de vossa alma; é esta a Fé vitoriosa que a domina e a eleva. A renovação de vossas forças é, em tudo, semelhante à renovação do ano. A Fé que reanima o vosso coração e faz reviver o vosso espírito, vos aquece e vos penetra de uma claridade viva e vos estreita em um abraço amigo. Antes de gozar o seu calor, pensáveis que a árvore estivesse morta, porque as folhas jaziam em terra assim como cadáveres, porque o tronco estava rijo e a caule negro.

Dizíeis: "*Não poderá mais haver alegria para mim! Para que viver?*" Eis que a árvore que negava a seiva e o coração que não acreditava mais na vida sentem-se, subitamente, estremecer no mesmo frêmito. A folha delicada salta da árvore seca e em toda parte oculta o tronco ressequido. A árvore não tinha razão acreditando na eternidade do Inverno; o coração em pensar estar perdido para sempre; a Primavera fundiu os gelos, quebrou os obstáculos; toda a vida floresceu pela Fé.

Pensáveis que a vossa alma não poderia gozar nunca a paz feliz, porque as experiências a endureceram, fizeram-na refratária à esperança. Não duvideis do futuro.

Já as delicadas florescências de Abril juncaram a terra com as belas pétalas, quando o carvalho desdobra com dificuldade as suas primeiras folhagens.

Mas, o carvalho é quase eterno, enquanto as flores da macieira estão já quase esquecidas.

Assim a vossa alma, pela pressão da dor, adquiriu uma força nova; ela se fez resistente enquanto pensastes que estava seca. Quisestes resistir à Ilusão e era à Lei que resistíeis, porém, a sua ronda irresistível vos arrasta na imutável e irradiante embriaguez da Vida. O ritmo vos prende e vos ordena; como um feixe de palha, conduzido pelos ventos, cedeis às correntes das Forças eternas. Que sois diante dessas Forças para pensardes em resistir? A esperança reflorescida vos encadeia nos seus perfumes. Cedei à sua opressão e, se temerdes as armadilhas onde já caístes, a mão dos vossos irmãos iniciados lá está para vos sustentar, de acordo com as necessidades a vos serem reveladas.

*

*

*

Essa Lei que vos dirige é a do Aperfeiçoamento; é a Ascensão constante de vossa Evolução. Feliz de quem a compreende, mais feliz ainda aquele que partilha, com os seus irmãos, as alegrias fortes e purificadoras.

Agora que o sol da Fé e da Paz vos ilumina, não acrediteis Inúteis os males que sofrestes. Era o inverno que destruía os animais impuros em torno das sementes preciosas. O vosso futuro se expandirá mais radioso e mais claro.

Sentireis melhor essa doçura porque fostes privado dela.

O inverno é necessário como as outras estações; o sono é o complemento indispensável à vossa atividade diurna.

Olhai ainda as árvores da floresta. Elas lançam ao vento os teus ramos e se abraçam uma contra a outra. Sentem a necessidade de se elevar para a Luz e a Liberdade. É o mesmo para vós. Pensastes ficar sufocado na atmosfera impura dos interesses e dos desejos; todo o vosso ser, porém, aspirava a uma vida mais alta. Todo ser vivo procura elevar-se; emprega todo seu esforço para alcançar a luz dos cimos. O ser humano sabe que a sua esperança está na claridade celeste que lhe dará esta força e este calor pelos quais a Natureza inteira clama. O vosso espírito isolado, o vosso espírito desprendido de tudo o que é material, atingirá, no divino dia, estes mundos sublimes que o coração adivinha e que se desvendam aos nossos olhos. O que é preciso para chegar a este fim tão desejável é romper com a matéria, desprender-vos da empresa dos outros, virdes a ser senhor da vossa individualidade pelo conhecimento e o esforço.

Todas as leis naturais são justas e mais ainda aquela que dispõe da seleção; por ela obtereis, depois de algum tempo de preparação indispensável, aquilo que quisestes com confiança e persistência. É preciso, pois, querer a

elevação e todos os meios vos serão fornecidos quando vos forem úteis. O vosso lugar é entre os Sábios; eles vos chamam.

Vivei com o pensamento de que o aperfeiçoamento é o verdadeiro fim da vossa vida; que o reto pensamento da vossa vontade vos sustenha no momento de lassidão. Não podeis deixar de vos expandir ao sol da Verdade que irradia para todos.

*

* *

O desejo da evolução que sentis foi a primeira revelação das forças das quais nem sequer suspeitáveis. Foram elas que vibraram em vós e não desejastes a elevação senão porque forças latentes em vossa natureza vos chamavam para a Luz.

Como poderíeis duvidar dos companheiros que vos esperam no caminho que conduz ao Templo?

O seu apelo repercutiu nesse mundo novo onde o sol primaveril faz borbulhar as seivas. As flores e as folhas abrem-se à sua aproximação. A sede de viver e a necessidade de amar que reanimam o mundo ecoaram em vós, profundamente. Palpitais em uníssono com a vida intensa que espalha, em toda parte, o influxo da força divina. O Ritmo arrebatou o mundo em um turbilhão. A vida transborda de seivas e parece fundir as flores que se enlaçam em ramalhetes por toda parte. É a hora sagrada entre todas as horas: a do nascimento de um mundo novo.

Tudo aquilo que foi sombra e dor desapareceu. O gelo fundiu-se em regatos de prata. A sombra pesada do solo sente o frêmito de um véu de gramíneas

odorantes. A tristeza esparsa pela bruma funde-se em claridades de alvaradas. Sob o quente olhar do sol, os mais humildes caminhos são radiosos.

Tudo é beleza, graça e força em torno de vós. Inclinaí-vos para o solo; os insetos que o vosso pé esmaga distraidamente se entranham na poeira para reedificar suas moradas que as chuvas do inverno desfizeram.

Com alguns filetes de palha, um floco de lã deixado pela ovelha nos espinhos dos cardos, os pássaros constroem os seus ninhos onde tanta vida cantante está prestes a surgir sob o ardor do coração materno. O sol tudo reanimou e as próprias noites serão doces quando o rouxinol cantar o seu amor em longos trinos modulados que sobem quentes como flamas.

Podeis ficar mudo diante desse hino da Primavera, inerte diante dessa exuberante felicidade? O vosso sol é a Fé, a Fé que vos dará todas as forças necessárias, a Fé que vos sustentará no vosso labor, por árido que pareça. Que importa o trabalho e a fadiga, quando se trabalha na certeza e na alegria? Podeis, no arrebatamento de vossa Fé, purificar a vossa alma, elevar o vosso espírito. O que quereis está conforme com a Lei do mundo; não poderia, pois, vos ser recusado. Não é possível nem uma desilusão para aquele que se sente envolvido no destino harmonioso dos seres. É o que acabais de aprender e estais próximo do caminho, uma vez que o procurastes.

*

*

*

Se a floresta vos instruiu, que será para vós o espetáculo da atividade e das aflições humanas? Um repouso mais longo não é permitido àquele que busca a iniciação. Adquiristes forças que vos conduzirão a um novo combate; atirai-vos na agitação. Abandonai a floresta onde gozastes as alegrias do meditar e da solidão e

voltai para junto dos homens; verificai quanto estão eles longe dessa Verdade, dessa Luz que lançam em vosso coração doces e vivificantes claridades. Sofrereis, então, vendo quanto são ignorantes das Leis que regem o mundo; quanto é fictícia a má existência; quanto vos parecerão inferiores as suas ambições; quão delusórios os seus prazeres inferiores!

Do ponto aonde vos elevam as vossas novas concepções, esses seres vos parecem inconscientes.

Olhai uma das grandes avenidas da Cidade. A multidão fervilha e se acotovela; nem uma conversa se estabelece entre os que passam; cada um cuida em caminhar, embora magoando o seu vizinho, abusando da sua força, molestando os fracos, velhos, mulheres e crianças. Não é o curso harmonioso do grande rio sereno, seguro de sua força, que desce com majestade. É uma torrente devastadora engrossada pelas chuvas desordenadas. Destroços bóiam à superfície da água e ele os toma como se fossem riquezas; ela os conduz com raiva como se faz com uma aquisição desejada.

A cupidez e os baixos instintos desencadeiam esses homens em torrente fragorosa que se acredita uma força quando é uma catástrofe. Os redemoinhos dessa água imunda não podem causar senão ruínas. Olhai esses homens! São egoístas. Lutam uns contra os outros com um encarniçamento de monomaníacos, enquanto, se eles se auxiliassem, o seu labor seria mais fácil. O harmonioso impulso das árvores sobe puro e altivo para o azul. Aqui, é a luta brutal, a força selvagem, que se limita ao horizonte fechado dos apetites vulgares.

E quando chegam ao fim tão restrito dos seus desejos, que lhes resta nas mãos? Viveram materialmente, muito destruíram e pouco criaram. Tal é a origem de

suas infinitas decepções. São semelhantes a essas crianças que apanham uma borboleta, disputam-na e a destroem na luta.

Não lhes fica nos dedos mais do que um pouco de poeira colorida e a lembrança da flor viva que não mais voltará.

O pior ainda é que os homens ignoram que tudo se paga! Um momento, o seu sucesso desliza; crêem que chegaram ao cúmulo de seus desejos, porém, como o seu triunfo é passageiro!

Maior é o sucesso, mais profunda é a queda. Olhai em torno de vós, quão poucos "*arrivistas*" mantiveram-se no pináculo que acreditaram atingir um dia. Partiram com entusiasmo, subiram vendo tudo rodopiar em torno deles, suplantando os fortes e maltratando os fracos; tudo lhes serviu de caminho, até a violência e a astúcia.

Num instante, ocuparam o pensamento do mundo; chegaram a se fazer ricos e célebres momentaneamente.

Mas o tempo não respeita aquilo que foi feito sem o seu concurso. A queda mais cruel segue-se ao seu brusco triunfo. A sua vida material é a imagem de sua vida moral. Quiseram gozar os seus prazeres; fizeram um deus do seu ventre; entregaram-se aos gozos de boas iguarias que lhes dão uma tez corada e uma aparência robusta, e uma rápida apoplexia lhes ensinou que há leis que eles não podem enfrentar, se têm desejo de viver.

No domínio sentimental operaram da mesma maneira. Desejaram humilhar; procuraram o seu prazer, zombando das lágrimas que faziam derramar. Depois, o seu dia chegou; encontraram o seu senhor. Humilhados por sua vez, perderam até a sua dignidade. É a justa Lei que nos arrasta. Recebe-se sempre aquilo que se deu.

*

*

*

Tais são os homens que rolam na onda lamacenta da cidade e que enchem as suas largas avenidas. Cada um quer mais lugar do que lhe é devido; está ávido de satisfações, de prazeres, de alegrias materiais. Cada qual quer suplantar os outros, eclipsar todos aqueles que o rodeiam. Todos querem chegar! Chegar a quê? Não o sabem. Crêem que se elevam e o que consideram como uma elevação é já uma queda, pois se afastam da Natureza. Desenvolvem os seus baixos instintos, a sua sede de prazer e de lucro. Tudo lhes é bom para chegar à riqueza, às vãs alegrias. E essas riquezas se escoam entre as suas mãos como a água; e essas alegrias não fazem senão passar, deixando-os logo desesperados, mais vazios do que antes. Correm para um objetivo frívolo, como loucos, como possessos.

Para quem os olha do alto, é uma onda que turbilhona, quebra-se e se escoia. Todos são arrastados pela ignorância. Todos rolam, solidários uns com os outros, sem o ver e sem o saber. Acreditam-se estranhos e são todos semelhantes. Todos são marcados com as mesmas taras e as mesmas deformidades. São irmãos na moléstia e no infortúnio, eles que deveriam comungar na mesma beleza.

Miserável humanidade que se precipita para a ruína! Todas as hipertrofias a animalizam e a degeneram. Seu corpo é o espelho de sua alma, e esta imagem é lamentável.

Como são feios! Os seus excessos os conduziram à sua decadência física. Possuídos pelos sentidos, carregam todos os sinetes. A sua gula e a sua intemperança os embrutece. Não são mais do que ventres rotundos, carnes pesadas. Estão esgotados pelos outros prazeres, pelos vícios e os venenos. Uns se

tornam neurastênicos e são incapazes do menor trabalho. Outros se tornam exagerados, coléricos e tomam o seu capricho sem regra por uma vontade consciente e forte, como se houvesse uma força sem regra!

Os seus olhos brilham de desejos culpados e perdem toda a clarividência na conduta da vida que eles sacrificam ao prazer. Seus lábios, intumescidos de volúpia, não sabem mais as palavras de bondade e do justo preceito.

Os traços alterados de uns e as formas embrutecidas de outros contam os múltiplos tormentos e as moléstias às quais estão presos, os remorsos que criam pelo cevar do desejo. Sua agitação física traduz a agitação de seu coração e o tumulto de seus pensamentos. Vivem na incerteza porque perderam todo o domínio sobre a sua pessoa física para satisfazer aos mais materiais, aos mais degradantes apetites.

No ponto de vista intelectual, a sua existência é miserável. Eles se tornaram materialistas pela adoração de seu corpo.

De que lhes serviria a Fé, pois que estão dispostos sem cessar a subordiná-la ao contentamento da carne? Desconhecem as Leis primordiais e, se as conhecerem antes de caírem na bestialidade dos prazeres vulgares, as negam agora e se acreditam sábios depois que se animalizaram.

Voluntariamente ou não, voltam as costas à Luz. Os faróis colocados na sua estrada para os dirigir na Senda, eles os apagam se podem, ou não os olham senão através de seus olhos embaciados de embriaguez. Não vêem mais do que luzes vagas e desaparecidas, em breve, na noite.

Sob o ponto de vista sentimental, a sua miséria não é menor. Cuidosos dos prazeres materiais, secaram o coração e perderam a faculdade de se embriagar com as grandes alegrias divinas, com as belas Harmonias da Natureza e da Arte.

Trocam-se as mais absurdas vaidades pelos mais raros tesouros do homem: a ternura e a beleza.

*

*

*

O que o vosso coração pede não é essa torrente absurda; é a floresta harmoniosa. Reencontrá-la-eis na companhia dos iniciados.

Na floresta, as árvores estão lado a lado; não incomodam umas às outras. Do mesmo modo, os iniciados se elevam acima dos homens, assim como esses fustes paralelos, essas grandes árvores verdejantes. Eles não serão um obstáculo para vós. Sabeis, contudo, que eles existem; seu apoio não vos faltará e a sua simpatia fraternal povoará a solidão que vos é imposta e que vos será breve, agora que as sabeis muito próximas do vosso coração. A solidão vos era mais funesta que um desgosto porque era a solidão do sentimento e do pensamento. Agora, o vosso coração e a vossa alma despertam, ao longe, ecos afetuosos.

Semelhantes às árvores da floresta, os iniciados se elevam. Vós vos elevareis também para esse ideal encantador que atrai o vosso pensamento. A vossa atividade renovada descobrirá outros caminhos propícios a todas as suas aspirações. Elas não vos serão impostas. Vós vos desenvolvereis no vosso próprio sentido e, se a forma de vosso espírito vos dirige de preferência para tal obra de beleza, de humanidade ou de justiça, achareis, por toda parte, a mesma sede de perfeição. As árvores elevam os seus ramos; eles se expandem em todos os sentidos e vós abris o vosso coração para perceber mais largamente a felicidade de todos, a harmonia universal que pede o vosso labor. Os vossos pensamentos se expandem na claridade do Bem e do Belo.

Acima da floresta de tons castanhos, variados pela cor de múltiplas essências, se estende a unidade do céu azul. Do mesmo modo será para vós. Um grande mundo de pesquisas se estende diante de vós; escolhereis ao acaso. O alimento intelectual que é indispensável à vossa natureza, encontrá-lo-eis a todo instante, tal como é necessário às vossas necessidades.

Coisa alguma obrigará a bétula a se transformar em carvalho ou o salgueiro a tornar-se olmo. Todas essas árvores têm o seu destino, a sua maravilhosa utilidade. Da mesma forma, sob o véu esplêndido e radiante do Absoluto, sereis vós mesmos; vós vos sublimareis seguindo o caminho da vossa perfeição, de vosso porvir.

As árvores estão encadeadas ao solo; do mesmo modo, tendes elos que vos retêm à vida, deveres aos quais não podereis faltar. A vossa família, os vossos filhos, a vossa raça vos solicitam, apelam para a vossa colaboração.

Não é fugindo deles que vos elevais; ao contrário, o cumprimento do dever cotidiano faz parte de vossa ascensão. A copa da árvore protege os ninhos e a sua folhagem canta para embalar o seu sono.

Vós bem o sentis: no princípio, a vossa força não será talvez suficiente para lutar contra as tormentas da vida. A floresta sustenta as árvores que se protegem e crescem sem prejudicar o seu desenvolvimento. Elas não brotaram ao acaso, em qualquer lugar. Os germes cresceram mais facilmente em um terreno fértil onde serpenteiam fontes. É este terreno escolhido antecipadamente, enriquecido dos despojos das estações anteriores, depósito de vossos precursores, que será propício ao vosso crescimento. As árvores crescem lado a lado. A fraternidade de vossos pares e de vossos guias é aproveitável ao vosso esforço

individual. Os seus surtos se unem aos vossos; seu poder junto ao vosso desafia a tempestade e o furacão.

As chuvas que despedaçam o frágil arbusto agitam docemente a floresta que o envolve; ela se torna um bloco sob o furacão.

Tal é o nosso elemento. Tais são as trilhas que vos estão abertas. A Natureza é o vosso livro e o apoio dos Iniciados. A palavra daqueles que vos precederam vos dirige na vossa senda.

*

*

*

Os adeptos têm, todos, o mesmo fim. Todos sobem para a mesma Luz, para o mesmo Céu esplêndido e azul. Fazei como eles.

Abri o vosso coração. Expandi-vos sem cessar para a plenitude das brisas e dos raios.

Vede quantos Iniciados, vossos irmãos, se assemelham, pouco a pouco, a esses homens cuja feiúra física e moral vos espanta constantemente. Os seus olhares são francos; nada têm a ocultar. As suas ambições são legítimas e os seus meios, simples e honestos. Uma doce alegria, doce e calma, irradia-se sobre o seu rosto que não crispa nem um desejo vão. A sua mão está completamente aberta para todos aqueles que apelam para o seu auxílio, como o seu coração fraternal se abre a todas as misérias, a todas as fraquezas. Desprendidos das torpezas da vida, compreendem-nas, e a sua benevolência desculpa o que tem necessidade de indulgência.

Dominaram a cólera e a inveja; é por isso que o seu ser espalha uma atmosfera de doçura e de robustez. Tais eram para vós as árvores da floresta. Tais são esses homens que, semelhantes às árvores, ajuntarão a sua força à vossa.

Vinde a eles! Podeis contar com o seu apoio fraternal. Esse nunca vos faltará.

Ides entrar no Círculo iniciático. Lá somente sentir-vos-eis bem' e podereis trilhar a única estrada para a qual sereis atraído.

Lá está a Senda que conduz à Perfeição e, desde o instante em que a perfeição vos parece ser o objetivo da vida, todo o vosso ser se sente atraído para o meio mais propício à sua expansão.

Vossos irmãos esperam a vossa vinda. Alguns são mais adiantados do que vós e estareis junto deles como um irmão mais novo. Aproveitareis da sua força, da sua doçura, de sua sombra.

Sofrestes em um solo árido, entre a multidão malvada, e essa frescura ser-vos-á doce. Permutarão convosco a confiança de seus trabalhos e as palavras de sua amizade serão para vós o canto dos pássaros na floresta cheia de sombra.

Olhai em torno de vós, com olhos fraternais e, como na floresta vistes o lento e paciente trabalho de tudo o que vive, das formigas que unem as suas forças para o arrastar de um grão aos seus celeiros subterrâneos, sentireis que tudo trabalha e que esse trabalho é abençoado, porque está conforme com a Lei universal, que faz de cada ação isolada uma parcela do Trabalho total.

Aqueles que vos precederam, guiar-vos-ão no caminho que percorreram e que deveis seguir. Assim como a canção dos ramos, cadenciada, guia os vossos passos na floresta, caminhareis envolto no seu Pensamento amigo.

Sentireis cada dia crescer a vossa energia. Sem desafiar as experiências, haveis de aceitá-las com serenidade, pois que elas são indispensáveis e, nas vossas horas de pena, sonhareis com os doces momentos em que, reunidos aos vossos

irmãos, tomareis parte na sua felicidade, em que saboreareis com eles, na bela Natureza, os encantos da poesia.

O vosso pensamento lhes será familiar e amigo. Nada é constrangimento entre os irmãos, se não o doce tormento que resulta do desejo de se aperfeiçoar nos conhecimentos do espírito, nos estudos e obras que menos conhecemos.

Depois dessas horas de agradável repouso, sentir-vos-eis animado de excelente emulação. Não conhecereis a inveja por aqueles que vos ultrapassaram, porém, somente o desejo de vos reunirdes a eles nas regiões mais altas e mais serenas.

*

*

*

A exemplo de vossos irmãos mais velhos, amareis, de ora em diante, a Natureza, por ela e não pela vossa egoística satisfação.

Quantos amam-na somente por si mesmos! Metem os pássaros na gaiola para gozar do seu canto e das suas cores. Cortam as flores para enfeitar as suas festas e dar às suas tristes casas uma ilusão da vida. Colocam o seu triunfo no prazer de dominar os outros. Não têm prazer nas suas afeições senão o de humilhar e reinar sobre os corações, mais por medo do que por ternura.

Não imiteis esses egoístas. Amai os pássaros no seu elemento, Amai a flor no seu caule que lhe dá sua graça enternecedora.

Não penseis somente em vós. Certamente, o pássaro enfeita a gaiola, mas como os seus movimentos são mais graciosos no ar livre e na liberdade! O perfume da flor é doce em um quarto, mas é mais agradável no seio da Natureza, no ramo que balouça a rosa como um incensório vermelho.

Não edifiqueis nunca as vossas alegrias sobre a dor de outrem! O único sofrimento que pode e deve ser aproveitado é o vosso, quando o aceitais voluntariamente.

O pássaro, porém, inocente, tem necessidade de voar no espaço; a flor tem necessidade da haste que faz elevar ao seu frágil coração todas as seivas da terra. Se fazeis do pássaro um escravo e da flor um cadáver, tereis mais prazer?

A flor tem necessidade de vir a ser fruto para espalhar a vida e tudo aquilo que sofre violência não pode conhecer senão a morte.

E, se não tendes o direito de dispor da flor nem do pássaro, com que direito dispondes dos seres humanos? Tendes outra coisa além dos deveres para com os objetos de vossa ternura? A flor e o pássaro têm de cumprir o ciclo de sua evolução. Os seres que vos estão submetidos esperam de vós a direção e o apoio que pedis aos vossos irmãos. Auxiliai toda criatura a atingir a perfeição, não segundo o vosso desejo, mas segundo a sua própria natureza. Se cada a criatura tem necessidade de vós, cada um vos dá um exemplo.

*

*

*

O pássaro que paira longe do solo ensina-se a abrir as asas do espírito, a vos desprender da matéria, a fugir de toda cupidez, para não procurar senão o Absoluto, único fim dos desejos de um Iniciado.

A árvore da floresta dar-vos-á o exemplo dessa alta Fraternidade. Ela não olha quem se deita sob a sua sombra antes de esparzir os seus úmidos perfumes. Abriga mesmo o lenhador que a abaterá. Vede como a árvore se faz doce para o fraco ninho que embala. Sede doce para com o fraco; socorrei todo infortúnio. Fazei-o materialmente, se vos é possível. Se não, tende sempre uma palavra consoladora

que possa soerguer os ânimos, palavras que levem a Doçura e a Paz aos corações mais cansados e mais perturbados.

Que a vossa Iniciação renove a vossa vida. Começai um novo ciclo, porém em condições bem diferentes de toda a vossa vida passada. Não estais mais só e haveis sofrido vitoriosamente experiências que vos deram o sentimento consciente de vossa força. Estais agora semelhante ao metal que passou pela forja; semelhante ao grão selecionado que não pode dar senão plantas escolhidas. A vossa Iniciação não vos despertou para uma satisfação pessoal, mas para que vos torneis uma força benéfica em toda ordem interior ou social. Sois a árvore que vai dar folhas e frutos para todos!

O céu de primavera é, por vezes, ainda obscurecido pelas nuvens imprevistas. Esperai ainda, esperai e trabalhai. Em breve, os raios se farão mais quentes e o sol mais imperioso. Vereis o céu sem nuvens. Todas as flores expandir-se-ão na Natureza em festa. Então o vosso Espírito, em plena posse de todos os seus poderes, conhecerá o esplêndido Verão.

A grande comunhão do Sol, da Natureza e da Vida achará na vossa alma a sua expansão completa. Como as névoas da primavera, as vossas últimas dúvidas fugirão ao esplendor da Luz.

Marchai na vossa Vida, novo Iniciado, meu irmão! Escolhestes este caminho. Estais afastado das estradas batidas. Não sois mais esse escravo que os redemoinhos da torrente arrastava, quando se quebravam em espuma inútil. Canalizastes a vossa força. Vencestes às paixões e os interesses mesquinhos. Escolhestes a Luz e, sem cessar, vós elevais para ela.

Imitai a árvore que escolhestes para modelo. Não renunciéis a nenhum desses laços que vos enraízam fortemente aos vossos deveres. Mas, com todo o

arrebatamento de vossas forças, estendei os braços para as altas Esferas onde brilha a verdade eterna Lá na Harmonia Universal, banhareis a vossa alma na fonte mística é real que esparge até nós a Força, a Alegria e a Saúde.

OS CICLOS

Introdução de um detalhado estudo dos principais Ciclos da Natureza. — A Lei dos Ciclos nos temperamentos, nas moléstias, nas raças. — Ritmos superiores. — Generalidades.

Vimos, nos capítulos precedentes, que as etapas percorridas pelo ser humano no curso da sua peregrinação terrestre podem ser comparadas às quatro estações do ano solar:

A **Infância** tem os arremessos e as incertezas da Primavera;

A **Juventude** tem os ardores, os arrebatamentos e os furacões do Estio;

A **Idade Madura** goza dos frutos e das vindimas do Outono;

A **Velhice** tem sua semelhança com a fria paz do Inverno.

Encontramos esses quatro estágios nas três manifestações da atividade humana, no ciclo vital, no ciclo cerebral, no ciclo sentimental e vimos que cada ciclo tem sua primavera, o seu estio, o seu outono e o seu inverno. Verificamos, porém, ainda, que os três ciclos evoluem raramente com simultaneidade.

Um é jovem de corpo e já esgotou a sombria velhice da dúvida e tem o espírito de um velho. Outro envelheceu pelo trabalho, sofre os primeiros incômodos da velhice, sente-se sentimentalmente jovem e sofre com a desproporção entre o seu aspecto físico e as aspirações de um coração.

A proposição inversa é também verdadeira e vemos moços com o coração embotado e velhos em corpos juvenis.

Não mostramos aqueles que, jovens na vida material e social, são vistos envelhecer prematuramente no ciclo cerebral, e se sentem deprimidos e abatidos; aqueles cuja vida sentimental inutilizou o estágio físico e que se vêem estragados,

desiludidos e mortificados desde a sua mocidade; que necessidade existe para eles de perfazer um novo ciclo! Nada lhes será mais fácil.

Então, a Fé ardente é para eles o mesmo que o Sol cheio de vigor é para a Natureza. Quando o Sol, finalmente vitorioso da neve e da chuva, irradia sobre o mundo encantado, tudo revive, tudo renasce! As plantas que estavam adormecidas sob a frieza pesada da terra retomam o impulso; os pássaros, de volta novamente de seu longínquo exílio ou despertos de seu torpor hibernai, restabelecem com cuidado o seu ninho e recomeçam galhardamente as suas canções.



I



III



II



IV

Figura 1: As quatro estações. – I. Primavera, II. Verão, III. Outono e IV. Inverno

Do mesmo modo, entregando-nos ao conforto que nos vem de uma compreensão inteiramente diversa da Natureza e da Vida, começamos um novo ciclo; a Primavera de uma nova vida floresce no Coração e no Espírito que se julgavam sem esperança. O coração goza de novo os lances raciocinados de seu ardor sentimental; o espírito toma novamente interesse por todos os conhecimentos que presidem à sua evolução; o ser inteiro se sente renovado.

Se soubéssemos olhar, veríamos que esses ritmos não são os únicos que impressionam o nosso espírito. A observação nos força a reconhecer que, por toda parte, o ser e a Natureza sofrem esse movimento de ritmos e de ciclos que preside a todas as manifestações da Vida.



I



III



II



IV

Figura 2: As quatro idades da vida humana. I. A infância. II. A mocidade. III. A idade madura. IV. A velhice

Ao ser tomado isoladamente, encontramos um ritmo em dois; a vigília e o sono, o trabalho e o repouso, que são, na vida do homem, equivalentes ao Ser e Não-Ser dos filósofos. Estes dois tempos de sua vida lhe são também necessários. O trabalho é o estágio de produção, porém o sono é o de gestação, durante o qual o ser recupera forças para recomeçar um novo trabalho.

*
* *

O ciclo quaternário nos reaparece no estudo dos temperamentos, que tem tanta importância para conhecer a saúde, o caráter, a direção daqueles que nos interessam mais de perto. Estes estágios não se apresentam como mudanças, evoluções no curso de u'a mesma vida; são estados fixos, imobilizados.

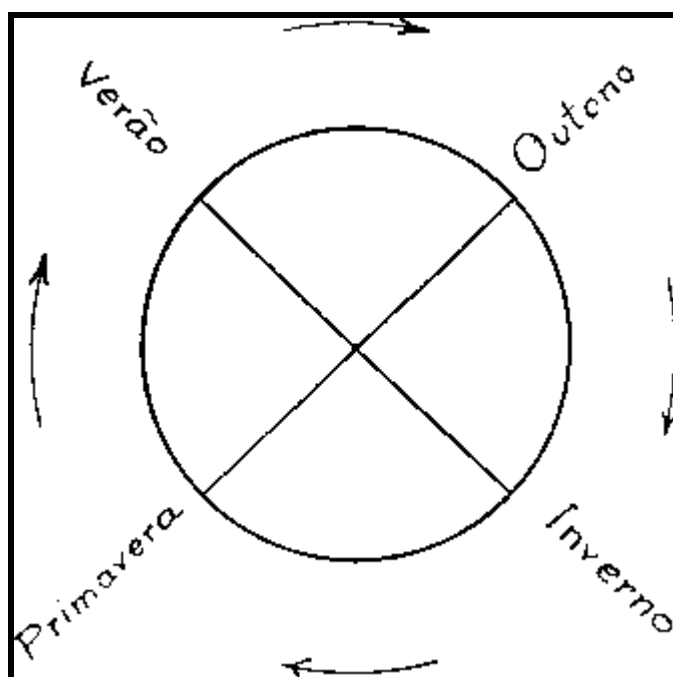


Figura 3: Diagrama das quatro estações

Sob o ponto de vista orgânico podemos considerar quatro temperamentos bem nítidos, que correspondem às quatro idades da vida, às quatro estações. E são:

- 1.º — O *linfático*, que corresponde à infância, à primavera;
- 2.º — O *sangüíneo*, que tem os ardores por vezes inconsiderados da mocidade e do verão;
- 3.º — O *bilioso*, que tem o lado laborioso e meditativo do outono;
- 4.º — Enfim, o *atrabiliário*, frio e desprovido de vitalidade, como a velhice e o inverno.

A evolução de u'a moléstia se apresenta segundo um ritmo quaternário. Qualquer que seja essa moléstia, quer seja aguda ou crônica, segue sempre quatro fases:

1.º — A primeira fase é a preparatória. As faltas cometidas, muitas vezes de longa data e dentro da nossa ignorância, criam a intoxicação, preparam o terreno, enfraquecem o organismo, o tornam permeável às perturbações que vai sofrer. Essa predisposição dos germes da moléstia, esta espécie de sementeira, corresponde, evidentemente, à primavera.

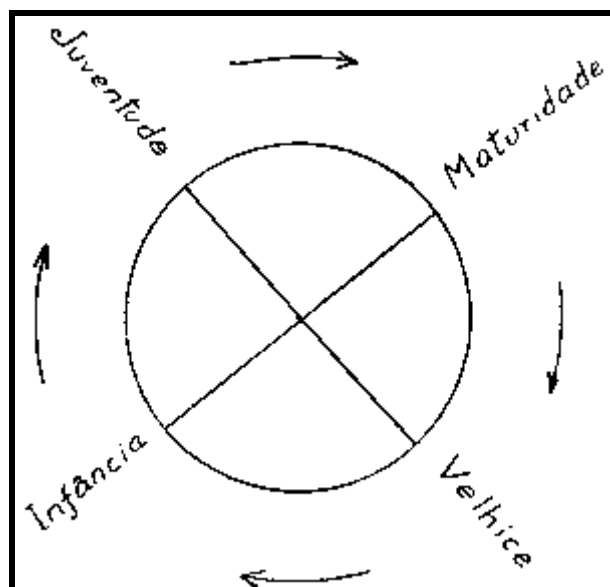


Figura 4: Diagrama das quatro idades da vida humana. Infância. Mocidade. Maturidade. Velhice.

2.º — A moléstia se declara, as perturbações têm a violência da estação quente. Todas as potências luminosas do estio lutam contra o mal sombrio e traiçoeiro sob sua virulência aparente. O sol da vida interior procura eliminar os princípios maus com o auxílio da Natureza, desejosa de um ritmo calmo.

3.º — Depois é o estado nitidamente caracterizado da moléstia. A luta continua violenta, porém com quedas e soerguimentos. Os esforços sucessivos da Natureza para eliminar as toxinas que entravam o seu bom funcionamento têm alternativas de vitória e derrota. Muitas vezes a luta é terrível; a febre cresce de maneira inquietante; atinge o máximo; crises de eliminação por todas as vias possíveis se produzem também e animam a inquietação, ainda que essas irrupções sejam da maior utilidade para as melhoras. Esse estado corresponde ao outono.

4.º — Enfim, de uma parte ou outra, torna-se vitoriosa a luta. Se é o princípio do mal que triunfa, a morte é o resultado. Nos dois casos, o inverno; mesmo no caso de cura, a febre caiu e uma lassidão de convalescença lhe sucede. É o inverno que prepara o novo ciclo de belas estações.

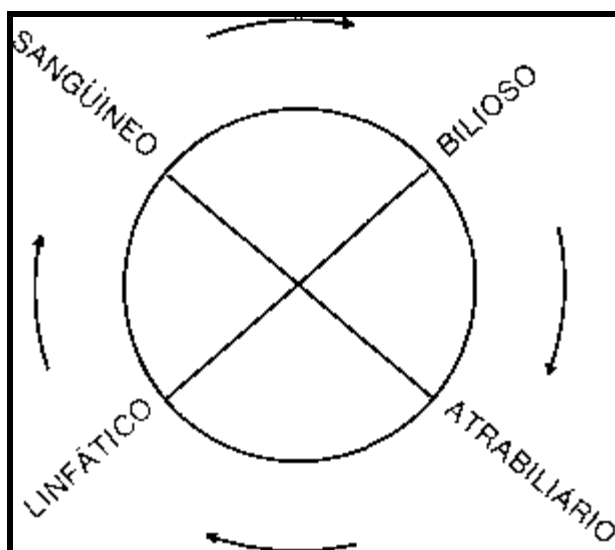


Figura 5: Diagrama dos quatro temperamentos. Linfático. Sanguíneo. Bilioso. Atrabiliário.

O doente está livre, e a primavera vai reflorir. Se a morte, porém, é triunfante, o novo ciclo recomeçará mais tarde. A morte abre as portas do desconhecido e da morte nascerá a vida para o princípio de um novo ciclo.

Encontramos o ritmo quaternário nas quatro raças que povoam o mundo, porque a lei do ritmo e dos ciclos aos quais preside é a mesma tanto para as coletividades como para o indivíduo.

As quatro raças correspondem aos quatro estágios de evolução que já estudamos.

A raça negra está ainda na infância e no desabrochar de sua força turbulenta e desregrada e é, para nós, uma primavera que não pede senão reflorir, que espera a sua hora para tornar a encontrar as belas horas de suas longínquas civilizações extintas em um passado que nos parece fabuloso de tão remoto.

A raça vermelha é o estio, a mocidade, um ardor tumultuoso que passou e que se extinguiu rapidamente, se não receber seiva nova.

A nossa raça branca é o outono, a maturidade, a pesquisa, ao mesmo tempo, da verdade filosófica e do conforto material, como sucede àqueles que sentem a velhice próxima.

A raça amarela é a velhice, o inverno. Fez uso de todas as suas forças e, em uma velhice ainda verde, ela se sente decrescer e terminará por desaparecer, deixando-nos, entretanto, no Tibete, o germe da mais alta evolução.

Tomado isoladamente, cada povo, cada raça, segue igualmente o seu ritmo de evolução e esse ciclo tem quatro períodos.

Primeiramente, cada raça nasce e inspira-se na instrução que Um é dada pelos povos mais civilizados, como a criança aprende a ler e conhece dificilmente as suas letras.

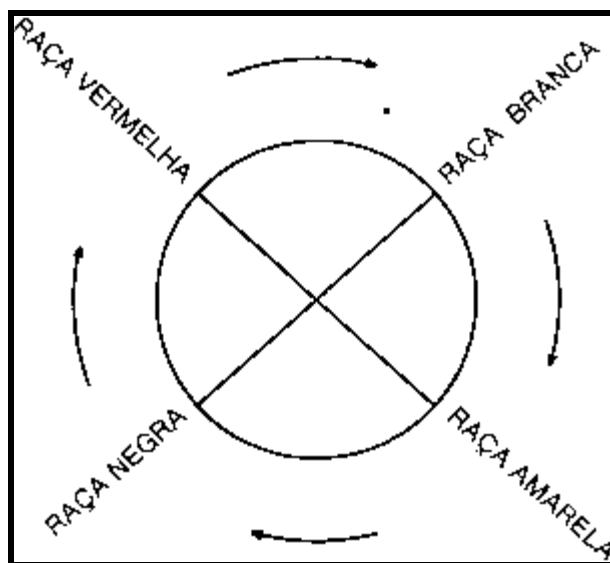


Figura 6: Diagrama das quatro raças. Raça negra. — Raça vermelha. — Raça branca. — Raça amarela.

Cedo, porém, a raça se forma. Adapta às suas necessidades pessoais aquilo que lhe foi ensinado por seus irmãos mais velhos. É a juventude.

Depois, a cultura se aperfeiçoa. A atividade se ritma e se expande. A raça floresce e espalha as obras-primas que é capaz de produzir.

Enfim, lentamente descoroadada de todas as suas energias, ela se enfraquece e morre.

Falta assinalar ainda um ritmo de ordem superior e esse ritmo curioso toma a forma binária; é o da atividade solar.

Aos períodos ativos do sol, as manchas que aparecem à superfície desse astro são mais abundantes. Durante esses períodos, uma repercussão singular se opera sobre a terra. É o momento das guerras, das lutas, das revoluções. Depois de certo número de anos, as manchas do sol se enfraquecem, desmaiam e, por uma repercussão inversa, o mundo passa por um período de paz e desenvolvimento econômico e intelectual.

Qualquer desses bosquejos de que damos exemplo deixam entrever que tudo na Natureza está submetido a forças inteligentes. É esse um ponto muito importante e que o adepto não pode ignorar. Por isso, acreditamos útil considerarmos mais minuciosamente os principais ciclos e ritmos cujo conhecimento nos abre novas perspectivas a respeito da Vida.

Os Ciclos no Ser Humano

O ritmo binário entre os seres humanos e na Natureza. — Estudo detalhado dos quatro temperamentos. — Os temperamentos são etapas fixadas de uma evolução. — O linfático; seus característicos. Representa a infância, a primavera. — O sangüíneo corresponde à mocidade, ao estio. — O bilioso tem os característicos do outono e da idade madura. — O atrabiliário apresenta sinais da velhice: é a perfeita imagem do inverno. — Devemos considerar o temperamento como um estado de desequilíbrio que nos predispõe à doença — Como se pode modificar o temperamento, — Não há senão uma doença: o desequilíbrio de nossas forças. — O que se toma por moléstia, não é mais do que o esforço empregado pela Natureza para se desembaraçar do mal. — Os dois modos de defesa do organismo. — Luta violenta ou esforço permanente de neutralização. — O Ciclo que percorre uma doença aguda. — Os quatro tempos. — Os quatro períodos percorridos pelas moléstias crônicas. — O ritmo binário na luta entre a Vida e a Morte. — Evolução da moléstia para a cura ou para a morte. — Os erros da medicina clássica. — Como é preciso compreender a luta contra a doença.

Retomemos o ritmo binário.

Entre os seres humanos, é o da vigília e do sono, do trabalho e do repouso.

No trabalho orgânico, vemos o coração contrair-se e distender-se; daí os movimentos de diástole e de sístole.

Nossos pulmões aspiram e expiram, tomando da atmosfera os elementos sãos e expelindo o gás impuro dos despojos da nossa combustão. Nosso estômago

e todas as glândulas do aparelho digestivo, excitadas pela ingestão dos alimentos, segregam os sucos necessários à função que presidem; depois de cumprida a sua função, eles repousam.

Na Natureza, o ritmo binário preside também a todas as polarizações. Os dois sexos, macho e fêmea, são a aparência mais evidente dessas duas polaridades, positiva e negativa, que nos dão os lados direito e esquerdo, o dia e a noite, a luz e a sombra, e essa dualidade se encontra por toda parte em que podemos imaginar uma força ativa e uma força passiva, um bem e um mal necessariamente relativos, porém, não experimentamos menos, por isso, uma sensação de alegria ou de tristeza, de otimismo e de pessimismo, que repercutem no domínio sentimental sua leveza ou seu peso sob a forma de alegria ou de desânimo, de expansão ou de reserva.

Freqüente como é o ritmo binário na Natureza, não pode deixar de se encontrar no ser humano. É ele que dá à pequena célula humana o seu movimento característico que o Dr. Gastão Durville descreveu de maneira tão admirável na sua Cura Naturista: *"O que caracteriza a célula viva é o movimento ritmado que se produz no seu protoplasma; esse movimento ritmado é criado e entretido pela atividade vital desse pequeno corpo intracelular que é o núcleo. É por ter um núcleo que a célula tem nutrição, isto é, que ela aspira do exterior para o seu interior os produtos que quer assimilar, e que rejeita para o exterior os produtos dos despojos de que não tem necessidade. A aspiração de uma parte e a repulsa de outra parte criam, no interior do protoplasma da célula, correntes regulares e rítmicas. Se a saúde do núcleo se perturba, o ritmo das correntes sofre alteração; a aspiração e a eliminação não se fazem mais ou se perturbam; o equilíbrio vital se rompe e a morte sobrevém".* (Pág. 39).

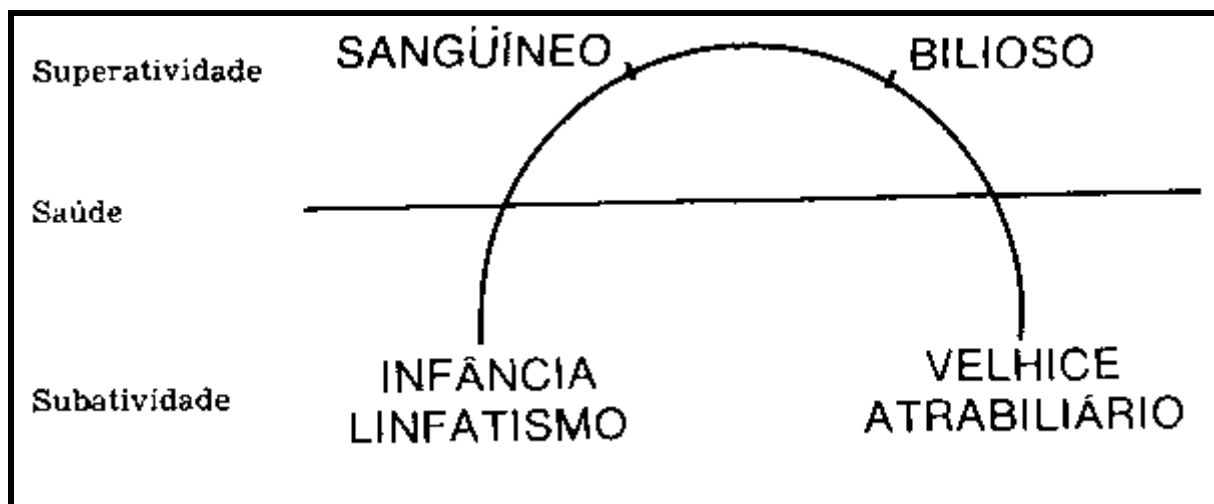


Figura 7: A curva dos quatro temperamentos.

Esquemmatizando-se a saúde por uma linha horizontal e um ciclo de vida por uma curva, cortada por uma reta horizontal, podemos representar os quatro temperamentos por quatro pontos situados sobre a curva; dois em cima, na zona da superatividade (o sangüíneo e o bilioso); dois abaixo, na zona da subatividade (o linfático e o atrabiliário).

As modificações desse ritmo são as causas, mais ou menos diretas, da saúde e da moléstia, porém as únicas reais. O Dr. Gastão Durville exprime este fato na Cura Naturista, nos seguintes termos:

"Se, em lugar de considerar uma célula, considerarmos um ser vivo, humano, por exemplo, encontraremos a mesma cadência intracelular, e a vida em conjunto do ser será constituída pela Harmonia entre todas as cadências das células de que se compõem. É porque existe uma estreita harmonia entre as correntes que entram e saem em cada célula, estreita harmonia entre o funcionamento de milhões de células que nos compõem, que a saúde se conserva em bom estado. Se o ritmo interno se perturba, a

doença aparece; se as correntes "que saem" se desregram e "saem mal", a colônia celular se incrusta de produtos excrementícios, se auto-intoxica nos seus venenos e corre para a desagregação e a morte."

"Se as correntes "que entram" se retardam, a colônia celular, insuficientemente nutrida, enlanguesce e morre. Que é preciso ao ser vivo para que ele viva? A perfeição nas suas "trocas", isto é, no seu ritmo interno. Desde que o movimento interno se perturba, desde que os humores celulares tendem à imobilidade, a vida do ser está ameaçada. O equilíbrio intracelular é o repouso estéril, é a morte". (Cura Naturista, página 39).

O Dr. Paulo Carton exprime também, claramente, o mesmo pensamento: *"O estudo dos ritmos observados em todas as manifestações da natureza conduz a deduções de prática clínica e terapêutica da mais alta importância".*

*

* *

Na série das relações quaternárias, retomamos com utilidade o ensino dos quatro temperamentos que, conhecidos pelos antigos hermetistas, reapareceram em nossos dias à luz da ciência.

Colocando-nos sob o único ponto de vista fisiológico, achamos, como já temos dito: o linfático, o sangüíneo, o bilioso e o atrabiliário. Dizemos sob o único ponto de vista fisiológico, porque a lista dos temperamentos, sendo completa, seria necessário acrescentar o nervoso. Todavia, o estado do "*nervoso*", sendo,

principalmente, o resultado de um desregramento das forças psíquicas, depressão e superexcitação, não poderia ser comparado aos outros temperamentos que estão estabelecidos sobre bases orgânicas.

Pode-se, como fez o Dr. Gastão Durville, na sua *Cura Naturista*, representar os quatro temperamentos como inscritos sobre uma curva. Se essa curva representa o movimento ascendente e declinante, vemo-la partir do linfático, subir ao sangüíneo, descer para o bilioso, terminando a sua queda no atrabiliário.

Essa forma de representação é ainda mais explícita se a curva é horizontalmente cortada por uma linha mediana que esquematizará a saúde perfeita.

No esquema representado pela figura 7, vêm-se, pois, dois temperamentos acima da linha ideal que representa a saúde perfeita; são o linfático e o atrabiliário. Dois temperamentos aparecem acima desta mesma linha: o sangüíneo e o bilioso. Resulta desta indicação que o linfático e o atrabiliário sofrem de uma subatividade de suas funções, que lhes é prejudicial; enquanto que os dois outros temperamentos, achando-se em estado de superatividade, sofrem por exagero do ritmo, por excesso no mecanismo de suas funções.

Mas, podemos colocar mais longe as conseqüências deste esquema:

O ponto da curva que parte do linfático corresponde à infância, à subatividade por superabundância de humores, pela permeabilidade para todas as influências exteriores. Essa parte da curva corresponde à primavera, que sofre, às vezes, a superabundância de seivas e de chuvas.

Acima da linha da saúde encontramos o sangüíneo. É o moço, é o verão em plena efervescência de suas paixões, de seus sentimentos, de suas ambições e que imagina que o mundo é muito pequeno para ele.

Aquele peca pela superatividade e tende a queimar a vela pelas duas extremidades e não procura regular suas forças para despendê-las na idade das realizações.

Quanto ao bilioso, que vemos igualmente acima da linha da saúde perfeita, governando demais as suas forças físicas, gasta, entretanto, ativamente, a sua personalidade psíquica. Está também em superatividade, mas em superatividade racionada, afetando menos o domínio físico do que o domínio das idéias; é a idade madura, o outono.

Enfim, ultrapassando a linha da saúde e descendo em subatividade, encontramos o atrabiliário, esgotado de força e cuja subatividade é estéril. Por ser mais raro, este tipo de atrabiliário não é, entretanto, menos surpreendente.

Esses quatro temperamentos podem, como dissemos, ser comparados às quatro estações; são etapas fixadas de uma revolução que nos é menos precisa que a vida humana ou que as estações do ano, porém, que não existem menos. Aquele que, nesta existência, tem um temperamento bem caracterizado, se não faz longos esforços, é fixado no seu temperamento pela duração da presente existência, e esta determinação vem de numerosos fatores, de sua hereditariedade, de seu atavismo e, sem dúvida, das condições da existência que tem assumido do melhor modo possível para a sua evolução definitiva.

Resumindo, diremos, pois, que o linfático representa a infância, a primavera; que o sangüíneo corresponde à juventude, ao estio; que o biliário tem as características do outono e da idade madura; e que o atrabiliário apresenta os sinais da velhice e do inverno.

As correspondências gerais nos sendo conhecidas, estudemos agora, de maneira mais precisa, cada um destes temperamentos. Comparando a natureza

própria de cada tipo, veremos que a cor-respondência se estabelece, mais e mais nítida, entre estes temperamentos e os períodos do ano e da vida.

*

*

*

O linfático é, no físico, um ser de tez branca e pálida, a carne mole e a pele sem pigmento. Seus cabelos são frágeis e descorados. Seu andar é lento, seus gestos sem energia. Aparece-nos acabrunhado pela preguiça. A sua caligrafia é redonda, pouco firme e nem grande caráter; as letras são geralmente espaçadas no interior das palavras. Psicologicamente, o linfático é o homem descrito pela sua aparência exterior; é lento, tímido diante das pessoas, medroso diante das idéias e falta-lhe a vontade e a decisão. Aborrece todo esforço, tanto o esforço cerebral como o físico e é inteiramente contrário ao realizador. Como todos os tímidos, é influenciável e crédulo; pertence àquele que lhe sugere não importa que idéia, boa ou má, que lhe poupa, assim, o trabalho de escolher uma direção. Em geral, os linfáticos têm convicções religiosas de uma forma sentimental, às quais estão ligados desde a sua infância e que não tratam de mudar, a fim de evitarem o esforço de um exame crítico para o qual não nasceram.

Depois destes ensinamentos, é fácil ver que o linfático é feito à imagem de uma criança da qual tem a fraqueza e a passividade. Como a criança se arrasta fisicamente, a vontade do linfático se arrasta e espera o apoio de todos para se dirigir utilmente. Não tem vontade, porém, como a criança, é capaz de manias e caprichos. Tem uma boa natureza, mas não parece despertado e podemos estar mesmo seguros que, se não fosse a preguiça, não cometeria nenhum mal. Não obstante, se é pouco ativo, tem qualidades e a sua alma é acessível aos

sentimentos e às sensações. É benevolente e devotado, na medida restrita de suas forças.

O sangüíneo é muito diferente. Tem a tez colorida, a carne firme; é musculoso e nervoso; é a imagem da saúde e, como todos aqueles que sentem possuir plenamente uma coisa, é tentado a abusar dela. Por isso, não é econômico de suas forças.

Psicologicamente, é audacioso; vai adiante nas empresas arriscadas. É ativo e acredita possuir bastante força para quebrar todos os obstáculos e remover montanhas.

Não desconfia de coisa alguma. Tem confiança em sua boa estrela e, tanto em negócios como em amor, nunca duvida do sucesso. Se sofre algum obstáculo, tem a certeza de que será passageiro e que chegará ao fim.

É franco, expansivo, confiante nos outros e rápido em prestar serviços a todo mundo. É um criador e um organizador; é também um amoroso, mas no sentido anti-platônico.

Essa tendência orgânica e essa forma de espírito fazem do sangüíneo a correspondência exata do verão de que ele tem todas as ardências e todas as energias.

Nele, a vida transborda como a exuberância quase selvagem do estio. Respira a jovialidade e a alegria; opera de todas as maneiras e acha as jornadas muito curtas. O estio, do mesmo modo, prolonga as horas de atividade; é a época de curtas e claras noites em que a natureza é tão bela e as horas tão deliciosas que se cede ao sono penosamente e com desgosto. O estio regurgita de flamas e de seivas; acontece o mesmo com o sangüíneo que se sente transbordando de saúde

moral e física; que não imagina que esta subida possa ter limites e que a velhice e a noite possam estender sobre ele o seu véu.

É vermelho, luminoso como as flores, como tudo o que é expansão, flama, atividade. A sua alegria se espalha em torno; irradia força; como o sol generoso do estio, desejaria cintilar sobre todos.

*

* *

O bilioso, fisicamente, é magro, seco, muitas vezes de talhe médio. Tem a tez pálida e amarelada, indicando por isso a insuficiência muitas vezes perigosa das funções do fígado. Não tem a alegria que emana do sangüíneo.

No bilioso, a atividade é toda psíquica; parece que a terra vai faltar ao seu esforço e que deve apressar como se escutasse algum apelo misterioso. Essa atividade ultrapassa, muitas vezes, as forças físicas daquele que tenta despendê-la. Então se estabelece o mais prejudicial desequilíbrio. O bilioso é falho de forças físicas; quer fazer além daquilo que pode e essa desproporção entre a sua atividade física e as suas forças materiais o tornam sombrio, pessimista, colérico, levado a ver tudo negro, como se todo o universo conspirasse contra ele. Não tendo uma expansão de força suficiente para impor docemente sua vontade, torna-se frágil e autoritário; é irascível e melancólico. Faz-se amar raramente.

A semelhança se impõe entre o bilioso e o outono.

A cor terrosa da pele é a das folhas sem seiva. As folhas caem molemente das árvores, como as ilusões invadem o espírito do bilioso. As chuvas e os longos gemidos do vento espalham sobre a Natureza uma espécie de consternação que encontramos no bilioso. Então, caminha só, com os olhos fixos na terra e é conduzido ao pessimismo, ao desânimo.

Não tem mais a força de encarar os obstáculos com confiança. Não tem mais o esplendor do estio, o vigor físico do sangüíneo que olha todas as coisas alegremente e do alto. O vento do outono faz estremecer as árvores e semeia a tristeza que vaga no Dia dos Mortos. Tal é o espírito do bilioso. Os obstáculos e as contrariedades tomam para ele proporções desmedidas; as idéias, emoções, tristezas e sensações, tudo o agita e o atormenta. Fica só na sua tristeza e foge a todos os prazeres do mundo. Seu corpo magro e perdido nas vestimentas faz pensar nestas árvores que o vento despojou e que parecem mortas.

*

* *

O atrabiliário é a imagem perfeita do inverno. É o seu espectro vivo. Fisicamente, ele se parece com o bilioso do qual é o exagero. É dele que o Dr. Gastão Durville diz, na sua Cura Naturista (pág. 105): *"É o mais baixo degrau da escada da degenerescência. O atrabiliário tem a tez terrosa e plúmbea. É magro. É reconhecido, diz Stahl, por uma tez escurecida e uma magreza extrema. Sua pele é seca. Seus gestos são estreitos e trêmulos. Todas as suas funções são relaxadas; não gosta do movimento e não pode mesmo fazê-lo; seu apetite é fraco, caprichoso"*.

Vemo-lo, nesta descrição, encarquilhado, ético, tendo o aspecto enrugado dos frutos da estação precedente, conservados em um celeiro. É seco de coração e de espírito, tanto quanto de corpo e seu rosto repele a simpatia.

Psicologicamente, como sob o ponto de vista físico, o atrabiliário é a exageração do bilioso. O bilioso exagera os obstáculos; o atrabiliário não vê senão obstáculos, não vê nos outros senão defeitos e más tendência às quais todo mundo

está sujeito. Não encontra qualidades nem virtudes em ninguém e, nas ações mais espontâneas, procura o traço do cálculo.

Essa forma de pensamento o torna instável ao extremo nas suas tristes amizades e nas suas vãs ambições.

Uma idéia lhe agrada durante rápido momento; encontra nela tantas dificuldades que não sente as vantagens e recua diante da possibilidade do esforço a empregar. Fica isolado, preso aos seus negros humores que se agravam ainda mais nesse isolamento. É egoísta e bizarro porque imagina que todo mundo vive preocupado em lhe causar desgosto. Não é de sua época, nem pode ser; a alegria dos outros o aborrece e lhe parece sempre grosseira; o sol lhe faz medo como às aves noturnas.

Vemos no atrabiliário a correspondência com o inverno. Como a estação fria, é avaro de belos dias e de raios luminosos. Feliz se pode, como o lavrador providente, enriquecer esta estação triste de provisões do ano anterior. Feliz aquele que, triste e frio por compleição, sabe ao menos interessar-se pelos estudos e pelas idéias, aproveitando a sua solicitude para procurar o caminho que conduz à Luz. O inverno, compreendido desta maneira, é a gestação do ano novo; termina em claridade.

O Dr. Gastão Durville diz ainda deste temperamento: *"Um jovem atrabiliário é um velho. Tem dele todos os aspectos e todas as características anatômicas profundas; como o velho, tem os seus órgãos impermeáveis, esclerosos; poder-se-ia dizer, com Bacon, que o seu corpo sofre a incrustação terrosa que o reconduz para a terra. Está sujeito a todas as decrepitudes; é inapto a procriar. A sua vida é lamentável, inútil e curta"*. (Cura Naturista, pág. 105).

*

*

*

Esta situação seria inquietante se não fosse possível reagir contra o nosso temperamento e se devêssemos submetê-lo durante todos os anos que nos é dado viver neste mundo. Felizmente, se devemos considerar cada temperamento como um estado mais ou menos durável de um desequilíbrio, não o devemos ver senão como um fundo hereditário que nos predispõe a tal ou tal categoria de fenômenos, sem nos constranger, todavia, com o rigor de uma lei. O temperamento nos deve aparecer como uma predisposição doentia que corresponde não somente aos nossos próprios desvios de regime e de conduta, porém, mais ainda, às faltas que foram cometidas pelos nossos ascendentes e que nos foram transmitidas com o seu sangue. De erros em erros, o homem está afastado da Natureza; abre a porta a todos os desequilíbrios pela má direção que impôs à sua vida. Primeiramente, no ancestral em quem a saúde começou a enfraquecer, a intoxicação aparece, benigna muitas vezes, a menos que não tenha tomado cuidado; porém a higiene defeituosa não cessou por isso; do contrário, o luxo e o bem-estar cresceram na família, aí criando novas necessidades; o que era intoxicação passageira passou a ser tara transmissível aos descendentes. E esta tara que herdamos que constitui o temperamento e que dá à nossa pessoa e aos nossos pensamentos todas as formas e tendências que descrevemos.

O Dr. Gastão Durville diz, a esse respeito, em sua Cura Naturista, e muito judiciosamente: "*Cada um dos temperamentos me aparece nitidamente como sendo a conseqüência da vida antinatural entre os ascendentes; contém as suas taras sob a forma de predisposições doentias; contém um mundo especial de defesa, um modo de adaptação contra essas taras*".

O temperamento é, pois, posto que inato, uma coisa anormal que deve ser disciplinada e combatida; devemos considerá-lo como uma predisposição doentia e nos esforçamos por diminuir os seus efeitos.

O Dr. Gastão Durville acrescenta na obra já citada:

"O temperamento, pelo fato de ser um modo de resistência à enfermidade e um terreno predisposto a certa variedade de misérias, é por si mesmo, uma verdadeira doença. Porque a doença deve ser considerada como um esforço que tenta a natureza para restabelecer o seu equilíbrio perturbado. O temperamento é o terreno orgânico sobre o qual evoluem todas as nossas moléstias; é dele que depende a nossa resistência para os micróbios, é ele que indica, antecipadamente, quais os órgãos que devem estar doentes antes de outros, é ele que edifica os traços gerais da nossa mentalidade e marca a duração aproximativa da nossa vida".
(Cura Naturista, pág. 95).

É, pois, necessário combater o temperamento e temos possibilidades para isso.

Podemos sempre vir a ser menos nervosos pela cultura da nossa personalidade psíquica.

No que concerne aos quatro temperamentos constituídos sobre base orgânica (linfática, sangüínea, biliosa e atrabiliária) podemos sempre melhorá-los,

curar ao menos parcialmente o que há de defeituoso nas suas tendências, por meio de um regime apropriado. É um fato que não poderia ser posto em dúvida.

Em nosso *Curso de Magnetismo Pessoal* indicamos a linha de conduta que cada um deve seguir, tanto sob o ponto de vista psíquico, como sob o ponto de vista orgânico.

Indicamos essa obra aos nossos leitores que estão desejosos de mais amplos detalhes a respeito.

Na sua *Cura Naturista*, o Dr. Gastão Durville retomou a questão sob outro ponto de vista e chegou aos mesmos resultados; indica cuidados e um regime para combater cada temperamento, reformar as suas predisposições e, por esse meio, chegar ao equilíbrio, sem o qual não há saúde durável.

*

*

*

No que se refere à doença, a medicina psíquica — do mesmo modo que a medicina naturista — não admite senão uma única doença, que é o desequilíbrio das forças.

Para as doenças nervosas, isto toma a evidência de um axioma, porém, veremos que essa concepção se aplica também às moléstias de origem orgânica. Sob o ponto de vista nervoso, podemos encontrar-nos com uma superabundância de forças que conduz à irritabilidade dos nervos, uma instabilidade de caráter que agitam e perturbam as funções e idéias. Essa excitabilidade nervosa é uma perturbação que é possível apaziguar, restabelecendo o equilíbrio. Inversamente, os nervos podem sofrer um desperdício de força; então, o ser é um deprimido, não tem gosto para coisa alguma e se deixa abater ao menor choque que lhe chega. É

neurastênico e se abandona às idéias negras; esgota em sombrias quimeras o pouco vigor que lhe resta e, quando se resolve a tomar uma deliberação, falta-lhe a vontade e a energia, ficando inapto a toda ação seguida. Colocando-nos sob o ponto de vista orgânico, chegamos a um resultado semelhante. Parece que a saúde é devida ao equilíbrio de duas forças adversas, uma ativa, outra passiva; uma ocupação na construção e na fomentação da vida, a outra em sua destruição, ambas baseando-se sobre os nossos fatos e gestos. Após um mau regime, faltas alimentares e outras, provenientes da ignorância das leis naturais e de uma estafa intensa, chegamos a um momento em que os órgãos cansados em excesso se recusam a preencher o seu papel; a nutrição se relaxa, as eliminações são perturbadas, os resíduos ficam nos nossos órgãos e os entorpecem. Sob o ponto de vista do funcionamento de seus órgãos, o ser humano pode ser comparado a uma caldeira. Do mesmo modo que a caldeira, tem necessidade de alimentos que fazem o papel do carvão; tem necessidade de ar para que o combustível queime utilmente e dê o rendimento de calorías que nos são necessárias.

Se o corpo humano, porém, tem necessidade de combustível, é-lhe preciso, como à caldeira, uma quantidade determinada, passada a qual, o excesso é mais nocivo do que útil. É preciso deixar lugar ao ar, por cuja falta a caldeira não puxa mais; é preciso também desembaraçá-la das cinzas e escórias. Do mesmo modo, para "*puxar*" convenientemente, a máquina humana tem necessidade de alimentos judiciosamente escolhidos e de ar puro. A escolha dos alimentos é de grande importância; a sua limitação o é mais ainda. É igualmente necessário que o aparelho humano seja regularmente desembaraçado de resíduos, cuja acumulação prejudicaria o seu rendimento.

Todo excesso na alimentação, todo alimento suscetível de criar uma superexcitação inútil (álcool, açúcar, carne) causa uma estafa, criando a intoxicação. Os resíduos não rejeitados, por outro motivo, intoxicam igualmente; criam no corpo toxinas que conduzem aos perigos mais sérios.

O ser, mal ou muito nutrido, superexcitado e intoxicado, torna-se um campo de experiências, um verdadeiro caldo de cultura onde os micróbios se desenvolvem em breve e à vontade. O intoxicado torna-se presa indicada pelo micróbio de qualquer doença ao primeiro encontro.

Considerada assim, a doença, seja nervosa ou orgânica, aparece-nos como conseqüência de nossas faltas, conduza um outro nome, seja reumatismo, gota, neurastenia ou tenha qualquer outra etiqueta, não é mais do que uma resultante, do que uma forma da única moléstia que existe: desarmonia, falta cometida para com as leis vitais.

É o que o Dr. Carton exprime neste termos:

"Sob o ponto de vista patogênico, isto é, original, a doença é sempre a conclusão de faltas cometidas na circulação das energias vitais através do organismo. Aparece como a sanção das infrações cometidas contra as leis naturais." (Tratado de Medicina Naturista).

E isto é muito justo.

O organismo, porém, não vence sem combater essa decadência; tenta lutar e eliminar a causa desse desequilíbrio que o faz sofrer; procura desembaraçar-se dos produtos tóxicos, capturar e encerrar em um ponto do corpo as colônias

microbianas. Desse combate resulta uma febre, à qual o médico dá um nome especial segundo o órgão em que se manifesta. Além desta luta direta contra os agentes patogênicos, são feitas tentativas de todas as espécies pelo organismo doente para eliminar o que envenena, e daí os suores excessivos, as urinas turvas, as diarréias abundantes.

*

*

*

O que se toma por moléstias não é mais do que o esforço feito pela Natureza para se desembaraçar do mal. A doença é devida ao enfraquecimento de nossos órgãos, ao relaxamento de nossas forças vitais e nas eliminações que ela provoca, na própria dor que atrai a nossa atenção sobre os órgãos ameaçados, a doença é um meio de defesa posto em obra pela Natureza para restaurar o nosso equilíbrio. É um trabalho útil do organismo e, como tal, é, em si mesmo, um sinal feliz, pois tende a reparar as rudes faltas que cometemos por ignorância.

Assim, diz, com muito acerto, o Dr. Carton:

"Sob o ponto de vista clínico, isto é, essencial, a doença não é realmente mais do que a tradução de um trabalho interior de neutralização e de desembaraço de tóxicos, que o organismo efetua, com o fim de conservação e de renovação. Em outros termos, a moléstia é um vencimento de prazo e não um acidente. Demais, ela exprime um esforço de purificação e de preservação e não um trabalho de destruição da saúde."

*

*

*

Estudemos o processo mórbido, a fim de estarmos aptos a segui-lo e de nos desembaraçarmos da doença que exerce devastações no organismo. O organismo tira, das suas próprias forças, maneiras especiais para essa eliminação.

O primeiro modo de eliminação, de defesa, é um modo rápido. As perturbações produzidas no equilíbrio são prontas e violentas. Resulta daí uma doença aguda que causa desordens de gravidade imediatamente aparente e que exigem enérgica intervenção. No primeiro momento, a luta se desenha. Em qualquer ponto do corpo que a moléstia se declare, o combate é logo violento e decisivo. Em consequência disso, manifesta-se uma febre muito forte, além de uma temperatura e delírio nas organizações que a isso estão sujeitas. Seguem-se também ativas eliminações. Se a doença segue um curso normal, em um tempo bastante limitado, o doente está fora de perigo. Depois de uma convalescença, algumas vezes muito longa, adquirirá de novo saúde aparente até que novas faltas desencadeiem no seu organismo uma nova crise. Feliz aquele que, aproveitando a lição, volta a uma linha de conduta que não deveria deixar mais!

O mal, fortemente enraizado, não pode ser vencido; passou ao estado crônico. Por mais atenuado que pareça, não deve preocupar menos. A Natureza o sabe e continua a luta; porém, essa luta difere de aspecto. Não é mais o violento esforço que verificamos na -moléstia aguda, de evolução rápida; aqui, na moléstia crônica, há esforço constante de neutralização. Tal é o caso, por exemplo, do reumatismo que deforma. A moléstia vem de longa data e não apresenta perigo aparente; é entretanto característica da fraqueza dos meios de defesa do organismo,

de insuficiência dos filtros de eliminação em face de uma intoxicação entretida ininterruptamente.

Quer seja uma doença aguda ou crônica, produzem-se, nos dois casos, no processo mórbido, quatro fases de desenvolvimento, quatro tempos que manifestam ainda o ritmo, o ciclo que é a lei do Universo.

*

*

*

Vejamos primeiramente, em detalhe, o ciclo que percorre uma doença aguda. Podemos seguir facilmente a evolução da crise que nos inspirou o esquema da fig. 8, que publicamos mais adiante.

A linha horizontal é a linha da saúde da qual não nos deveríamos afastar. É por nossa própria falta, porém, que deixamos esse agradável caminho e que conduzimos a nossa saúde às mais perigosas aventuras.

Na linha a estudar, vamos reconhecer logo as quatro fases que nos apareceram igualmente na direção e evolução de nossa vida e nas estações do ano.

1.º tempo. — Dia a dia, em consequência das faltas que comete e de seu afastamento costumeiro das leis da Natureza, o ser deixa a senda normal; entrega-se a um esgotamento excessivo, a uma alimentação superabundante e prejudicial; não dispensa ao corpo os cuidados que lhe são necessários para ser o colaborador submisso e harmonioso da vontade. Resultam daí diversas pequenas indisposições que não impressionam aquele que as sofre, principalmente quando está em pleno período de atividade. Segundo o temperamento, sente-se predisposto, pelo fato dessas indisposições despercebidas, às doenças que lhe são próprias; cada dia de má higiene e esgotamento intenso enfraquece o terreno e o predispõe à invasão do inimigo.

Entretanto, não estamos doentes; somos capazes ainda de exercer as nossas ocupações, porém, apesar de termos a aparência exterior de saúde, sentimos já, daqui e dali, certas pequenas perturbações, incômodos, indisposições, fadigas e lentidão.

É a fase preparatória da moléstia. São os pródromos do mal, as primeiras advertências que o organismo nos dá e que não sabemos executar.

2.º tempo. — Um dia, quando o terreno está suficientemente preparado para as lentas e traiçoeiras infiltrações do inimigo, quando se acha, à sua vontade, em um estado de enfraquecimento propício a todos os males, um acontecimento inesperado se produz. É como um aviso mais sério que nos faz o próprio organismo. É obrigado, esse organismo vigilante, a intensificar a luta que ele vem dirigindo até aqui, tão obscuramente. As faltas cometidas sem um momento de tréguas facilitaram ao inimigo, que ganha terreno cada dia. É preciso impedir esse progresso e repelir o assaltante. Dá-se uma primeira escaramuça. Ela nos obriga a ficar de cama alguns dias ou nos dá sob outra forma (hemorragia, diarreia, dores de cabeça intoleráveis, etc. etc.) um aviso tão forte, que somos obrigados a chamar o médico. Bruscamente, de um único salto, encontramos-nos afastados da linha da saúde. Se o médico pergunta o motivo, isto é, qual o excesso cometido para chegar a tal estado, o doente responde com toda a sinceridade que nada fez de extraordinário e que aquilo veio na tranqüila vida corrente. É que a tranqüila vida diária causou a doença pela própria constância no mau caminho. Entretanto, o afastamento da linha de saúde se faz mais pronto e mais violento.

A febre assume, de repente, uma grande violência; a temperatura se eleva de maneira inquietante, acidentes graves se manifestam e tanto mais violentos

e alarmantes, quanto mais fechamos os olhos para não os ver chegar. É o segundo tempo da moléstia, a crise, a febre terrível.

Pouco importa o nome com que o médico a batizará mais tarde. Ela não provém senão de um fato: de faltas que cometemos, as quais, enfraquecendo o nosso terreno orgânico e nossos elementos de defesa, abriram toda a grande porta aos invasores. Então os elementos patogênicos têm belo campo de expansão. Os micróbios encontram um meio propício e vão pulular à vontade.

Linha da saúde

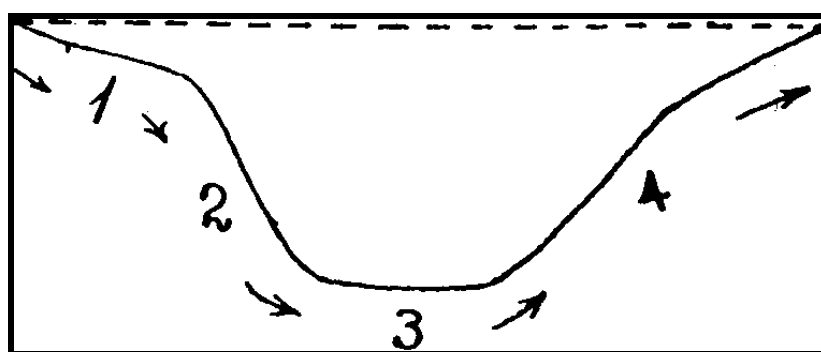


Figura 8: Esquema de uma doença aguda evoluindo para a cura

A evolução de uma doença aguda é feita em 4 períodos: 1) Período de incubação. — 2) Período de invasão. — 3) Período de estado. — 4) Período final. — Em nosso esquema, esse período final conduz o doente à saúde, mas duas outras consequências podem ser verificadas: ou a passagem da doença ao estado crônico, ou a morte do doente.

3.º tempo. — A doença se fixa; o período de febre era também o período de incubação. O mal existia, porém não elegera completamente o domicílio em lugar determinado. Agora, escolheu o seu lugar e a doença passa ao seu período de estado. O médico, mesmo se não a curou, terá o consolo de a poder batizar.

4.º tempo. — Enfim, depois de um tempo variável, o período de estado cessa e a linha do nosso esquema, que fora tão bruscamente afastada da linha da saúde, começa a se aproximar dela. O doente está vitorioso; a febre o deixa; é o

arrefecimento, o restabelecimento que está próximo, a menos que o abaixamento de temperatura não conduza o doente a uma calma maior e definitiva: a morte.

Essa evolução das moléstias infecciosas em quatro etapas não passou despercebida a todos os esculápios modernos. É assim que o Professor G. H. Roger diz, na sua Introdução ao Estudo da Medicina:

"É uso admitir, na evolução das infecções, quatro períodos":

"A incubação, que corresponde ao desenvolvimento do agente patogênico";

"A invasão, que indica o começo da reação do organismo";

"O período de estado, durante o qual a moléstia fica estacionária, não apresentando senão algumas oscilações, mais ou menos notadas, de a gravação ou melhora";

"O período final, caracterizado seja pela agravação e a morte, seja pelo decréscimo e a cura, seja pela passagem ao estado crônico".

*

*

*

Ainda que os períodos sejam menos nitidamente visíveis nas moléstias crônicas do que nas agudas, é, entretanto, possível discerni-los.

O primeiro período é o da preparação. As faltas são, de longa data, cometidas contra a higiene salutar.

A mais pesada falta e que passa despercebida, é talvez a super-alimentação, à qual são devidos em grande parte não somente o reumatismo e a

gota, como também a tuberculose; vem, em seguida, o uso constante dos produtos tóxicos como a carne, o álcool e o açúcar industrial, aos quais o doente deve a ação de se porém em subatividade as suas defesas orgânicas.

É assim que o terreno se prepara e que estamos prestes a sofrer, de um dia para outro, os violentos ataques do mal*.

No segundo período, os impulsos da moléstia são primeiramente leves e largamente espaçados. São as doenças que parecem sem importância; não se lhes presta atenção. A crise não é instantânea. O doente tem recursos em algumas drogas que acalmam o mal. Este mal, porém, não é curado assim. É dissimulado, prestes a reaparecer ao menor descuido. O doente se contenta com essa vitória ilusória que tem por efeito prender o lobo no aprisco; volta aos seus mesmos processos, supondo tê-los abandonado; a sua higiene é sempre pouco racional e sua nutrição não cessa de ser superabundante e excessiva. Prepara-se para novas crises que não se farão esperar.

O remédio que acalmou a dor não faz desaparecer a causa do mal e uma nova investida muito mais aguda e mais prolongada se produzirá de um dia para outro. É o terceiro período na evolução do mal. Então, a própria vida pode ficar em perigo.

Ocupam-se desta vez do estado geral porque a inquietação também é despertada e há preocupação em saber se o doente triunfará da doença que o oprime.

É a fase de paroxismo. A luta suprema se estabelece entre o paciente e os elementos nocivos de que se sente envenenado.

* Desenvolvemos esta tese em nosso *Curso de Magnetismo Pessoal* (5ª edição), que Indicamos ao leitor para estudo mais detalhado.

Há, nessa luta de todos os instantes, angústias que fazem suspeitar uma agonia. Nessa áspera batalha, o doente perde pouco a pouco a confiança, à medida que sente declinar suas forças; chega a pensar que a sua hora derradeira é chegada, Aí começa a quarta fase da moléstia. Quem será vitorioso nesse combate? Se é o organismo, um encadeamento para a cura não tarda a se produzir. Esta cura, penosamente esperada, será da duração que lhe imporá o doente por mudança de regime.

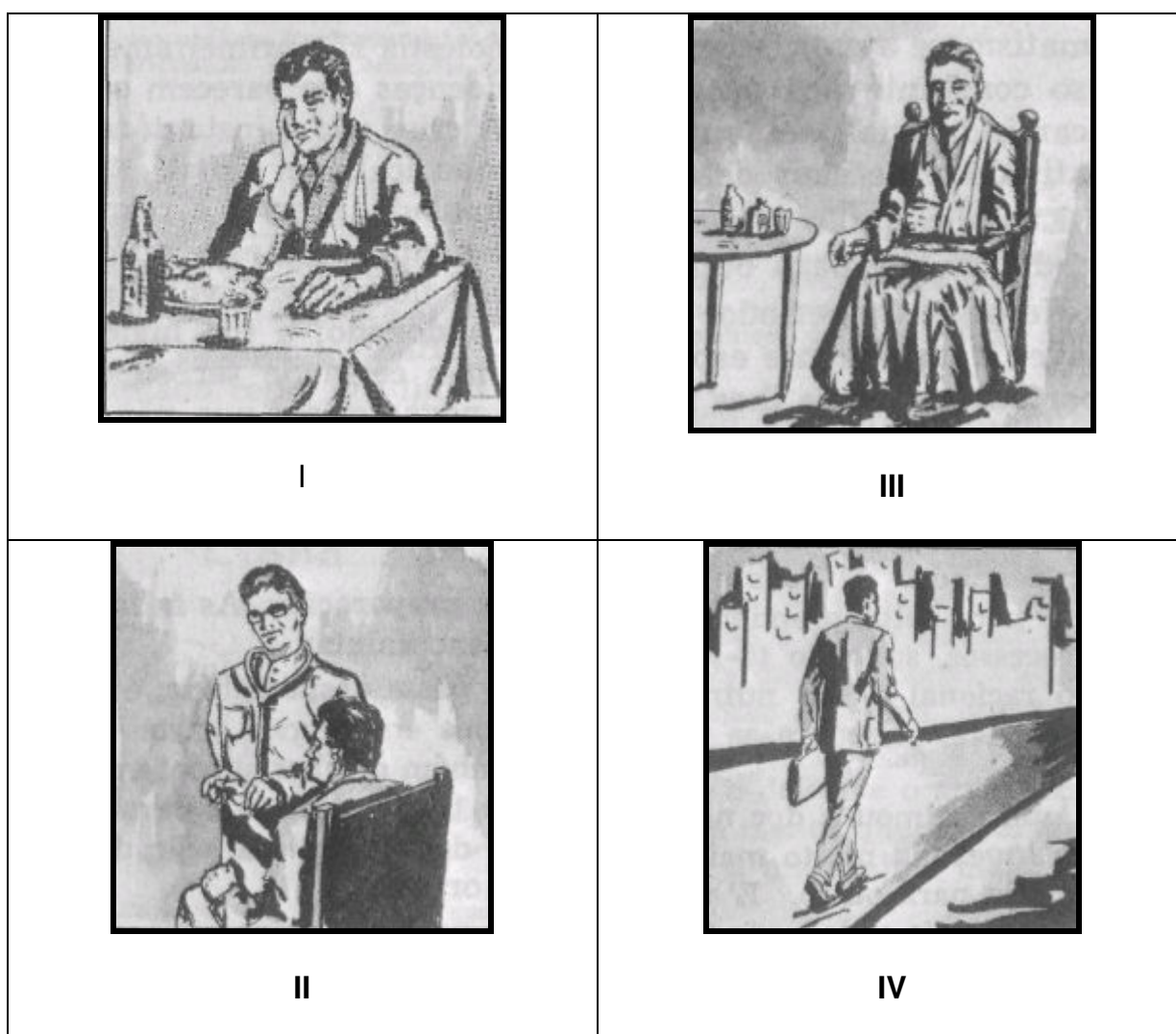


Figura 9: O ciclo de uma doença. I) Período preparatório. — II) A doença se declara. — III) Fase de paroxismo. — IV) Volta à saúde.

Se regressa aos seus antigos erros, não terá feito mais que recuar para saltar melhor. Essa hora em que o doente experimenta ainda a sensação muito próxima da

dor a custo acalmada é aquela que convém para lhe fazer compreender qual é o seu verdadeiro interesse na direção da vida. Se as forças já estão bastante gastas para não apresentarem a resistência necessária, se o homem se encontra mais fraco que o mal para o qual tão cegamente preparou os caminhos de acesso no seu organismo, se o médico vem ainda, sob a forma de medicamentos, dar a esse organismo contaminado tóxicos que não poderá eliminar, é a morte.

*

* *

No curso desse quarto período, o organismo do doente é a sede de uma luta intensa. Nele se dá um assalto das forças conservadoras da vida contra os elementos nefastos e esgotantes.

O organismo, tendo concentrado todas as suas energias, abre a luta, faz um esforço desesperado para eliminar tudo aquilo que o oprime. Dado esse esforço, o organismo toma a atitude necessária para reunir novas forças que lhe servirão para um novo assalto, ao qual sucederá um tempo de parada.

Portanto, encontramos de novo, aqui, nessa luta entre a vida a morte, o ritmo binário. Quer o doente caminhe para a cura ou para a morte, não o faz seguindo uma linha reta. A subida ou a descida verificar-se-á por saltos, por oscilações.

É o que mostram os dois esquemas das figuras 10 e 11. O primeiro é o da moléstia crônica operando para a cura. O segundo é o da moléstia crônica caminhando para a morte. Nos dois casos, a evolução se faz sob uma forma rítmica. A Natureza luta e repousa para refazer um novo esforço.

No primeiro caso, as defesas orgânicas do doente são mais fortes que o mal e, de salto em salto, de crises em crises, o doente regressa lentamente à linha da saúde.



Figura 10: Doença crônica evoluindo para a cura. Cada crise é um esforço que o organismo faz para se desembaraçar do que perturba as suas funções.

No seu esforço de neutralização, o organismo reúne e circunda os produtos tóxicos, criando assim abscessos, flegmões etc., que são os meios de defesa; elimina por todas as vias que se lhe oferecem, dando lugar a diarréias profusas, hemorragias abundantes, suores freqüentes, urinas turvas e fétidas, todos os sinais felizes em si mesmos, pois que são modos de eliminação.

No segundo caso, as energias do doente estão sempre abaixo de sua tarefa. Apesar dos esforços que irão enfraquecendo de saltos em saltos, menores e mais distantes, o doente se encaminha para a morte.

*

*

*

Acontece, muitas vezes, que o médico, ignorante dessas leis do ritmo e não encarando a doença sob o seu verdadeiro aspecto, não procura conhecer o estado profundo do organismo e se contenta em obviar à crise que vai imediatamente sob os seus sentidos. Procura somente acalmar a febre e afastar as

evacuações que lhe parecem muito abundantes. É um erro capital que o médico naturista não se permitiria absolutamente.

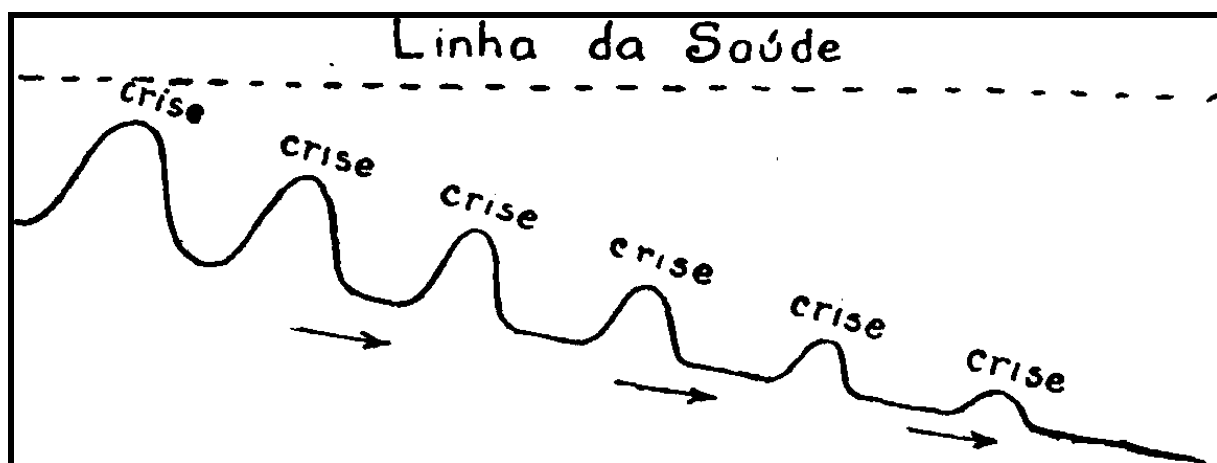


Figura 11: Doença crônica evoluindo para a morte. Apesar dos esforços do organismo, que vão, aliás, se enfraquecendo, de saltos em saltos menores, o doente caminha para a morte.

Depois do primeiro esforço, o organismo alquebrado toma algum repouso e essa depressão é notada pela curva descendente, porém as eliminações que são produzidas em uma natureza ainda resistente causaram melhora sensível.

A curva não desce tão baixo como o ponto de onde partiu. A luta retoma maior intensidade, produzem-se novas eliminações; o doente, cujos órgãos se isentam, se aproxima sempre mais do equilíbrio, fora do qual não existe a saúde. Nova descida, por lassidão consecutiva, ao esforço dado; depois, nova subida.

Mas, de luta em luta, de esforços em esforços, de eliminações em eliminações, o doente vem a ter uma liberdade completa; a saúde é vitoriosa, a calma é restabelecida. O paciente torna a encontrar todas as suas forças, toda a vitalidade de seu corpo; está curado.

Não há dúvida que é porque a medicina ordinária dá medicamentos que apaziguem a dor — que as lutas entre a moléstia e a saúde se tornam menos visíveis.

Administrando um calmante, a moléstia crônica não é repelida por isso, porém dissimulada pelo efeito do remédio; ela continua a sua obra traiçoeira ao abrigo da medicação. O doente, sentindo o seu mal contido, continua os seus erros que deverá pagar mais tarde.

É certo que, limitando-se a acalmar a dor, a medicina ordinária criou para o doente o maior prejuízo.

Esse erro terapêutico não escapa aos médicos naturistas. É assim que o Dr. Gaston Durville diz na sua *Curo Naturista*:

"Por que se ignora esse ensinamento, a meu ver, capital? Porque a medicina ordinária falsifica; ela falsifica, engana desde que o doente sofre, para acalmar a sua dor; ela adultera desde que a temperatura se eleva e, fazendo isto, afasta as reações do organismo; quando um sintoma aparece, ela o combate, sem se perguntar se esse mesmo sintoma não é um esforço que faz a natureza para se desembaraçar da moléstia; firma um eczema, acaba uma diarreia, afasta uma hemorragia uterina ou hemorroidal, sem se inquietar se esse eczema, essas hemorragias eram uma válvula pela qual o organismo eliminava um reservatório transbordante e rejeitava venenos; assim ela agrava o envenenamento do organismo e perturba, sem se aperceber, o ritmo reacional pelo qual o organismo procura defender contra o mal. O doente, satisfeito por ver desaparecer que, para ele, constituía todo o mal, rejubila-se pelo seu desaparecimento, ignorando que corre

para novas desgraças. Porém, felizmente para o ser, a boa Natureza é geralmente mais forte que a arte do médico; o acesso salutar da febre que se acreditava refreada reproduz-se algumas horas depois; a doença da pele ou da mucosa, que se tinha fechado, reabre-se; o organismo, privado de sua válvula hemorroidal pelo bisturi do cirurgião, cria um engorgitamento nasal; a mulher privada do útero que sangrava, vê aparecer, em troca, hemorragias anais "suplementares". Assim, o organismo, não somente tem a lutar contra a doença que o assalta, mas ainda contra a terapêutica moderna que vem perturbar o esforço pelo qual ele pretende defender-se.

"Felizmente, diz o Dr. Encausse, "a moléstia é, de ordinário, mais inteligente que o médico e o doente cura-se do mesmo modo; tão poderosa é a tendência pela qual a força de vida resiste aos agentes de morte!" (Págs. 40-41).

*

* *

Certamente, muitas vezes, o médico toma por uma agravação o que não é senão o resultado da luta do organismo contra os produtos tóxicos. O que é preciso é não obstruir de produtos farmacêuticos um organismo já muito intoxicado; o que é preciso é, ao contrário, auxiliar a Natureza na batalha a que ela se entrega e dar-lhe forças vivas que lhe permitirão alcançar a vitória. É o que fazem o médico, o naturista, o magnetizador, o psiquista.

É certo que, mesmo no apogeu da batalha, é preciso nunca abandonar a partida, é preciso escutar o provérbio comum que diz: "*Enquanto há vida, há esperança*".

Se o magnetizador intervém, mesmo no período de maior depressão, pode, entretanto, dar um impulso poderoso, infundir diretamente no corpo alquebrado novas energias que igualarão as probabilidades da luta.

Muitas vezes, por esse impulso, por uma força natural e viva que emana de sua pessoa, o iniciado chega a curar o doente abandonado pelos médicos que julgam o seu estado inteiramente desesperador. Fizemos alusão a essas curas na nossa obra: *Voici la Lumière*, e no curso do presente trabalho, no capítulo que consagramos à força vital, citaremos, a título de exemplo, dois fatos pessoais.

De toda maneira, o magnetizador pode ser útil ao doente mais enfraquecido, porque lhe é possível prolongar a vida, e, por conseqüência, as probabilidades de cura. Pode acalmar a dor sem a ingestão de remédios muitas vezes piores do que o mal. E, por isso, não é necessário o sono, nem a sugestão. É um ponto de grande importância ao qual voltaremos com mais amplos detalhes.

Os Ciclos nas Coletividades

Do mesmo modo que o organismo humano, as coletividades têm o seu ritmo. — As quatro raças e sua correspondência com as quatro estações, os quatro idades da vida humana, os quatro temperamentos. — A raça negra corresponde à primavera, à infância. — A raça vermelha equivale ao estio, da juventude. — A raça branca, que deu uma soberba floração, aproxima-se do outono, da maturidade. — A raça amarela, da qual a China imemorial é a mais perfeita manifestação, adormecida sob a poeira dos anos, faz-nos pensar no inverno. — Cada raça considerada isoladamente, evoluciona segundo um ritmo preciso. — Exemplo dessa evolução; do homem das cavernas ao homem atual. — Duração do ciclo evolutivo de uma raça. — Lei que agrupa os indivíduos. — Como o indivíduo tomado isoladamente, a coletividade comete faltas contra a lei de evolução. — Essas faltas se pagam. — O que é moléstia para o ser humano, vem a sê-lo para a coletividade: guerras, revoluções, epidemias, perturbações de todo gênero. — Estudo dos diferentes estados que transpõe uma raça. Exemplo típico: o antigo Egito. Seu nascimento, sua juventude, sua expansão, sua morte. Fases de seu desenvolvimento artístico. — Outro exemplo típico: A Grécia antiga. — Evolução da arte grega. — Roma. — Do seu princípio d sua decadência. — Necessidade de educar a alma coletiva de um povo. — As faltas das coletividades. — O orgulho desmesurado da Alemanha desencadeou a guerra, — As qualidades de um povo. — O heróico exemplo da Bélgica. — O rei-cavaleiro e a Rainha, sublime exemplo de graça, de bondade, de pensamento ideal. — As nações, como os indivíduos, não podem passar sem elevados pensamentos, diretrizes de todas as suas ações. — A França, ideal do mundo. — Os seres humanos são dominados

pelas Forças superiores. — A atividade solar e a sua repercussão sobre a nossa raça. — Esta atividade segue um ritmo preciso. — Quadro das flutuações rítmicas da atividade solar de 1890 a 1920. — Nos períodos de recrudescência de atividade solar, temos, na França, guerras e revoluções. — Aos períodos em que a atividade solar é menor, correspondem períodos de paz, de desenvolvimento econômico (exposições universais de Paris, etc. ...) — O ser humano diante do Universo. — Adepto, a Natureza está diante de ti como um Livro misterioso; esforça-te por decifrar-lhe os enigmas.

Do mesmo modo que o organismo humano, as coletividades têm o seu ritmo. Achamos na humanidade, nas nações, em todos os corpos organizados, os mesmos ciclos rítmicos que descobrimos na Natureza e na própria pessoa.

Estudando as leis psicológicas que presidem à evolução dos povos, Gustavo Le Bon se exprime assim:

"Uma raça pode ser comparada ao conjunto das células que constituem um ser vivo. Esses milhares de células têm uma duração muito curta, enquanto a duração do ser formado por sua união é relativamente muito longa. Elas possuem, pois, ao mesmo tempo, uma vida pessoal, a sua, e uma vida coletiva, a do ser de que compõem a substância. Cada indivíduo de uma raça tem, também ele, uma vida individual muito curta e uma vida coletiva muito longa. Essa última é a da raça da qual nasceu, para cuja perpetuação ele contribui, e da qual depende sempre".

Devemos, pois, considerar a raça como um ser permanente, isento do tempo. Esse ser permanente é composto, não somente dos indivíduos vivos que o constituem em um momento dado, mas também da longa série dos mortos que foram seus antepassados.

*

* *

As raças têm, como os indivíduos, o seu temperamento que lhes é próprio e podemos, como temos feito a respeito dos seres humanos, ver a curva da vitalidade das quatro raças atualmente existentes sobre o globo. O que impressiona é justamente essa concordância que podemos constatar comparando entre si os ciclos das quatro estações, das quatro raças. A primavera e a infância correspondem ao temperamento linfático e à raça negra; o estio e a mocidade, ao temperamento sangüíneo e à raça vermelha; o outono e a maturidade ao bilioso e à raça branca; enfim, o inverno e a velhice ao atrabiliário e à raça amarela que não é atualmente senão um pálido reflexo de que ela foi nos tempos de seu imemorável esplendor.

*

* *

A raça negra, entre as estações, corresponde à primavera.

O negro, tal como o conhecemos hoje, é uma grande criança, cuja religião é um fetichismo, muito primitivo, personificado sob um aspecto estranho que não é sem grandeza, o que lhe agrada ou espanta os bons e os maus elementos que podem agir sobre ele. É um ser sensitivo e instintivo que é fácil de enganar e deslumbrar, porque tem a confiança da criança e o seu apego a tudo que brilha. Tem dela a simplicidade, isenta de toda convenção social e os seus amores são em certos povos antes verdadeiros raptos do que casamentos. O pudor, ao menos tal

como o compreendemos, é tão estranho quanto o é ao recém-nascido. A nudez não o envergonha. Um pouco de espírito crítico e, se ele ri das atitudes e dos ridículos do branco, é principalmente de suas taras físicas, como mais fáceis a perceber. Não é preciso dizer que tomamos o negro na sua acepção toda primitiva, tal como se encontra no centro africano, e não as populações do Este africano, como os abissínios ou ainda o negro das Antilhas, que, por mais negros que sejam, estão num ambiente de civilização já adiantada.

*

*

*

A raça vermelha atingiu e conserva um desenvolvimento mais alto. Corresponde, no ciclo das estações, ao estio e, no ciclo humano, à mocidade.

Se bem que ela esteja prestes a se extinguir, salvo nas regiões mal conhecidas da América Central, a raça vermelha se nos mostra nas populações peles-vermelhas dos Estados Unidos.

Restam-nos, de sua antiga civilização, traços quiçá majestosos para demonstrarem qual foi o seu apogeu e os templos do México assim como os do Peru conservam-lhe o esplendor. Mas seu culto, ainda que se mostre superior ao fetichismo, não atingiu à superioridade filosófica que encontramos na Europa e na Ásia.

Os deuses dos Incas eram ferozes e terríveis, exigindo sacrifícios sangrentos e, como *Vitzliputzli*, vítimas humanas. Todavia, os templos conservam os traços de uma arte singular e bárbara que nos impressiona e admira pela amplitude de suas proporções. Mesmo no tempo da conquista espanhola, o pele-vermelha não andava nu e tinha um sentimento preciso da família e dos deveres que ela impõe. Os memorialistas desta época o afirmam.

Nos nossos dias, a raça vermelha é ainda, posto que menos numerosa relativamente à imensidade do continente onde ela se manifesta, bastante importante e vivaz para fazer supor que ela evolucionará em um sentido que lhe será pessoal e que, talvez, não se assemelhará em coisa alguma ao que tenham deixado os seus ancestrais.

*

*

*

A raça branca parece ter dado a sua plena e soberba floração. Não está ainda afastada do ponto culminante, mas parece certo que ultrapassou a época florescente do estio.

Gerações nos precederam que povoaram a Europa de primores de arte e que espalharam no mundo inteiro idéias inteiramente novas de fraternidade e liberdade.

Os pensadores e filósofos, tanto na Índia ariana como na Judéia semítica ou na Pérsia e na Europa — deixaram-nos civilizações e religiões maravilhosas e, mais recentemente, a Grécia antiga deixou a todo o universo o modelo da beleza perfeita, do corpo humano considerado como um ritmo superior, tão puro e tão belo que os próprios deuses não hesitavam em vir animá-lo e consentiam em se mostrar através deles. Depois, quando Roma impôs a sua lei de ferro sobre todos os povos conhecidos, um pensamento novo, uma religião sobre-humana na sua bondade e clemência, aproxima os povos e nos dá a maravilhosa floração do pensamento cristão, latino ou grego, do pensamento criador ao qual devemos tantos palácios e catedrais que formam uma floresta de pedra tão recortada como uma folhagem sob o céu delicadamente colorido dos nossos países do Norte.

Essa raça teve os seus filósofos que se mergulharam nos problemas mais árdus da alma e da vida. São muito numerosos, desde Pitágoras até aqueles com os quais nos acotovelamos em nossos dias, para que os possamos citar.

A raça branca deu também a sua medida no domínio científico e, no nosso tempo ainda, descobertas como as de Branly e Edison atestam que, se ela se aproxima da velhice, ainda está de posse de todos os seus meios, que faz muito mal em gastar nas guerras ímpias.

Certamente, tocamos o outono, mas esse outono está ainda perto do estio; está cheio de frutos e rico de colheitas adquiridas pelo nosso próprio labor. Está em nós o prolongar até os limites do inverno, por um trabalho mais bem executado, mais bem disciplinado e uma cordialidade mais estreita.

*

*

*

O inverno, a velhice, a raça amarela os atingiu.

A China imemorial parece estar adormecida no seu imenso império que faz somente palpar os sobressaltos fictícios da guerra civil. A China, que possuiu uma das mais altas filosofias que conhecemos, deu às artes, sobretudo às artes menores, uma perfeição minuciosa e bizarra que não poderá, talvez, ser ultrapassada; a China nos mostra, atualmente, a decadência da raça amarela. E, nesta raça ainda, vemos que a velhice das raças não poderá, devido à sua persistência, ser perfeitamente comparada à dos indivíduos, porque o Japão se desperta de maneira perturbadora para aqueles que crêem na morte da Ásia.

Começa um novo ciclo? Há alguma aparência disso e singulares luzes nos fazem voltar para o Extremo Oriente com uma atenção cheia de simpatia.

Mas, se a duração das raças não lhes permite se extinguirem inteiramente, ela lhes deixa seguir, todavia, o ritmo que assinalamos entre os homens. Cada raça, cada civilização, cada povo, considerados isoladamente, segue o movimento da Natureza, esse ciclo ascendente e descendente, segue o movimento da Natureza, esse ciclo ascendente e descendente que é, para nós, imagem da incompreensível Eternidade.

Uma raça nasce, forma-se, expande-se e chega ao seu apogeu, do qual não tem mais que descer e sua decrepitude não é mais do que um sono hibernai de que se despertará quando os Destinos o quiserem, segundo leis que não são ainda conhecidas. Essa civilização nova não será certamente calcada sob os moldes da que a precedeu. O mundo progride e a civilização que segue aproveita-se dos progressos realizados pela precedente. Nenhum esforço é perdido.

Tomemos, por exemplo, este ciclo de uma civilização, a história da nossa raça.

Encontramos, no nosso país, traços do homem das cavernas, que vivia nas grutas, apenas vestido de peles de animais, sem artes nem cultura, disputando aos animais a sua pastagem e sua vida.

Em seguida, este ser quase tão animal como os monstros de que estava rodeado, aprende a se servir da pedra polida; descobre o fogo, torna-se senhor dos metais e, desde que possui esse elemento civilizador, adquire a arte, a luz e progride cada dia, descobrindo, no curso de longos séculos, meios de comunicação os mais rudimentares, o vapor, capturando a eletricidade, descobrindo as ondas hertzianas que são uma das nossas mais recentes conquistas e, amanhã, o caminho está aberto a aperfeiçoamentos novos.

O psiquismo, que começa apenas a possuir direito de cidade na coletividade humana, decuplará as forças do indivíduo, permitindo-lhe uma ação cuja extensão não terá mais limites. Este fato parece-nos impossível e quimérico, porém o mesmo se deu para todas as outras invenções. Há 150 anos, o pensamento de se servir do raio para iluminar os aposentos foi considerado como uma loucura absurda; aquele que, então, intentou uma experiência de telegrafia sem fio não escapou de ser queimado como feiticeiro. O domínio psíquico será a conquista de amanhã, conquista benéfica, que pode levar a paz entre os povos, ao mesmo tempo que o desenvolvimento da ciência. Certamente, uma parte da ciência que se apresenta diante de nossos olhos é uma ciência secreta que não será nunca completamente revelada, mas grande parte é acessível àqueles que procuram e, se o desenvolvimento moral se associa ao desenvolvimento industrial, muitas barreiras cairão — julgadas intransponíveis. O *Ciência secreta* defende-se somente dos profanos. Essa perfeição da Ciência vê-se, infelizmente, da maneira mais evidente, na evolução da arte da guerra. No tempo do homem das cavernas, o homem lutava com as armas naturais: seus pinhos, seus dentes ou qualquer pedaço de pau tirado da árvore mais próxima. Depois o ramo curva-se e dá a idéia do arco; o movimento da mão que lança a pedra dá o pensamento de o ampliar pela funda; depois vieram os dardos, as espadas, as lanças e, enfim, as armas de fogo que, agora, pela ciência dos explosivos, lançam a morte a muitos quilômetros e envenenam pelos gases nocivos populações inteiras. Aperfeiçoamento detestável ao qual deveremos, com horror, o esgotamento de nossa raça. Mas trata-se de um futuro felizmente muito afastado.

*

*

*

Efetivamente, a evolução de uma raça e sua morte pedem uma longa série de séculos. Como diz muito bem Gustavo Le Bon:

"Para criar em uma raça tal como a nossa, e isso em um grau ainda muito fraco, essa comunhão de sentimentos e pensamentos que constituem a alma, foram precisos mais de dez séculos."

Gustavo Le Bon vê, falando assim, a nossa raça francesa. Vê por que série de fatos e por que hábil política a nossa nação se formou dos elementos mais disparatados e que começaram por uma luta sem misericórdia. Os Celtas autóctones e os invasores, sejam eles francos como em Lorena, latinos como no Meio-dia, escandinavos como na Normandia, fundiram-se em um todo homogêneo, depois de muitos séculos de guerras e, se cada um ama, com justo título, o que Mistral chama a pequena pátria, não há mais, propriamente falando, nem bretões, nem gascões; não há mais que franceses e, nos momentos de perigo, a nação se levanta de um só lance e com um só coração.

Mas essa fusão de tipos diversos em um espaço tão grande como a França é obra de longo fôlego e difícil de realizar. Séculos de vizinhança não fizeram dos irlandeses, ingleses; polacos, alemães ou russos, e, na Europa Central, vemos, num espaço relativamente restrito, nações balcânicas numa situação complicada, um desequilíbrio doloroso que provém de rivalidades, interesses contraditórios, conflitos, diferenças de ideal e de religião. Como nos mostra Gustavo Le Bon, é preciso, para que uma nação exista, que todos os seus membros tenham em comum sentimentos, interesses e crenças. A estabilidade, que se obtiver assim, é rara e

difícil de adquirir; acredita-se que se possa obviar por tratados e convenções políticas; nada existe de mais fictício e mais frágil. A todo instante surge a guerra e o interesse dos povos se ressentem destes tratados pouco respeitados.

É devagar e, de idade em idade, que se faz a evolução de uma raça, mas, se considerarmos uma data precisa, vemos a lei que agrupa os indivíduos.

Falando da raça branca, diz Gustavo Le Bon:

"Hoje, um povo superior pode, sob o ponto de vista intelectual, ser considerado como uma espécie de pirâmide com degraus cuja parte mais larga é formada pelas massas profundas da população, os degraus superiores pelas camadas inteligentes, a ponta da pirâmide por uma pequena elite de sábios, inventores, artistas, escritores, grupo infinitamente restrito, vis-a-vis da população, porém que, por ele só, dá o nível de um país sobre a escala intelectual da civilização."
(Leis Psicológicas da Evolução dos Povos).

*

*

*

Dissemos que os povos e as raças seguem um ciclo análogo ao ciclo das estações que têm, como o ano solar, uma primavera, um estio, um outono e um inverno, o que equivale, com relação ao ser humano, à infância, à juventude, à maturidade e à velhice, assim como o demonstramos.

Em cada povo e em cada raça, as leis de evolução seguem o mesmo curso que na nossa própria vida e, se os povos fossem todos esses "*povos felizes que não têm história*" as fases de sua evolução seguir-se-iam tão harmoniosamente

como as estações do ano, o nascimento conduzindo o povo a uma civilização sempre cada vez mais adiantada, até a raça perder as suas forças e se gastar como um velho que se sente extinguir pouco a pouco.

Tanto para os seres humanos, porém, como para as raças, esse caminho agradável e essa morte calma são o que há de mais raro. Como o ser individual, a coletividade comete faltas, atravessando seus grandes riscos e perigos.

Para o indivíduo, é a doença a consequência dessas faltas; para a coletividade, são as guerras nacionais ou intestinas, as revoluções, as epidemias, as perturbações de todo gênero.

Mas, quando o ser humano desapareceu, seu espírito sobrevive e sua obra, se tem algum valor, é-nos conservada.

Acontece o mesmo com as raças. Aqueles que desapareceram, deixaram-nos um tesouro de primores de arte acumulados. Ninguém sabe quem erigiu a Esfinge, quem edificou os Templos das Índias; eles existem, entretanto, ainda, e nos maravilham pela sua prodigiosa beleza. O pensamento sobrevive do mesmo modo. Nem uma idéia útil jamais se perdeu. Quer se tenha guardado para com o seu instigador o reconhecimento que lhe é devido, quer se tenha transmitido até os nossos dias sob o véu do anonimato, pouco importa; ela vive e espalha os seus frutos.

O pensamento sobrevive ao povo e outro povo se utiliza dele, ou porque a raça que caía em degenerescência o retomasse para seu uso, ou porque novos povos o encontram e o adaptam às necessidades da sua civilização.

Os exemplos a citar seriam muito numerosos para entrarem em nosso quadro. Contentar-nos-emos em dizer algumas palavras a respeito do Egito e da

Grécia antiga. Veremos rapidamente o seu nascimento, a sua formação, a sua expansão, o seu fim e as relações que unem essas diversas fases de sua vida.

*

* *

É possível circunscrever a evolução do Egito antigo de 5.000 anos, mais ou menos, antes de Jesus Cristo, a 1.100 antes da era cristã. As datas mais características, sem copiar nomes de reis nas listas algo tanto fabulosas de Manethon, nos são dadas pelas dinastias e as cidades em que residiram de preferência. Temos, mais ou menos, 5.000 anos antes de Jesus o período de Mênfis, da 1ª à 10ª dinastias. Depois, dois séculos mais tarde, é o esplendor de Tebas (da XI à XXI dinastias). Enfim, a supremacia de Sais e das cidades do delta se estende até 1.100 antes da era cristã, com as dez últimas dinastias. Esses períodos nos dão o nascimento do Egito, a sua mocidade, o seu período de organização, a sua florescência e o seu declínio, a datar das primeiras invasões sofridas pelo Egito, primeiramente da parte de Cambises e dos Persas, dos Gregos, em seguida, e dos Romanos, que o englobaram no número de suas províncias, até que, despojado de sua antiga força, porém, embelezado ainda pela civilização grega, que criara em Alexandria um foco de pensamento e de cultura cujo brilho não foi esquecido.

G. Maspero, o erudito egíptólogo, fez ressurgir nitidamente a evolução da arte no Egito.

Primeiramente, temos a arte tinita. Encontram-se os princípios deste hieratismo das formas que, em seguida, deram à arte egípcia a sua fisionomia tão particular.

Em seguida, vem a arte menfite, que atinge o seu apogeu da IV à VI dinastias.

É a época das construções formidáveis, aquela em que se ergueram as pirâmides, especialmente as de Ghiseh. É de supor que a grande Esfinge que se ergue sobre o planalto é também da mesma época. Essa arte formidável, testemunha, todavia, conhecimentos muito vastos e de civilização muito avançada; podemos, para o demonstrar, referir-nos àquilo que dissemos precedentemente sobre a orientação das pirâmides, que revela profundos conhecimentos em astronomia e cosmografia.

A arte tebana vem em seguida e se estende da XI à XXI dinastias. É a época dos templos e dos palácios. Aqui, a matéria-prima não se contenta mais com a enormidade harmoniosa de sua massa geométrica e com as ciências secretas que ela deixa suspeitar. As colunas tomam a forma de palmeiras e de flores; todos os muros são pintados e ornados de esculturas que manifestam uma arte delicada e sutil. Os obeliscos que se alçam em colonatas diante dos templos de *Karnák* e de *Lugzor* estão cobertos de hieróglifos cujos todos recortes não sofreram a afronta do tempo.

A arte salta floresceu em seguida, e, ainda que Maspero a considere como o fim da arte egípcia devido às influências que sofreu então o caráter autóctone da inspiração, é ainda capaz de inspirar aos maiores artistas. Todavia, a penetração das idéias estranhas muda completamente a orientação das artes e das idéias; a invasão das formas e das idéias precede a dos soldados vitoriosos. O Egito está virtualmente conquistado.

Podemos mostrar outro exemplo no estudo da Grécia antiga. No seu primeiro período — que podemos comparar à mocidade a arte grega pede

emprestados ao Egito e à Assíria os seus modelos e não os adapta senão ligeiramente às suas necessidades artísticas, porque as suas concepções pessoais são ainda apagadas e grosseiras. São os comerciantes fenícios que lhe conduzem esses objetos de arte e de adorno que lhe indicaram as formas felizes e mais perfeita beleza. Vem, em seguida, a adolescência, em formas bem mais características, porém ainda grosseiras.

Mas a maturidade se revela, enfim, como um brilho ofuscante. A assimilação dos materiais autóctones e importados criou uma arte toda pessoal, cujas maravilhas são e serão ainda a admiração da terra. Seriam precisos longos anos para realizar essa evolução.

Gustavo Le Bon diz muito bem, demonstrando a duração dos estádios percorridos pela arte grega em formação:

"O esforço mais longo para um povo não é mais ultrapassar as etapas superiores da civilização, porém, suas etapas inferiores. Os mais antigos produtos da arte grega, os do Tesouro de Micenas, do século XII antes da nossa era, indicam bárbaros ensaios, cópias informes de objetos orientais".

"Seis séculos mais tarde, a arte fica mais oriental ainda; o Apolo da Tenéia e o Apolo de Orcômeno se assemelham sensivelmente às estátuas egípcias; mas os progressos vão tornar-se muito rápidos e, um século depois somente, chegamos a Fídias e às maravilhosas estátuas do Partenon, isto é, a uma arte desprendida das suas origens

orientais e muito superior aos modelos nos quais era inspirada durante muito tempo”.

"A mesma observação se aplicará à arquitetura, ainda que as tapas da sua evolução sejam fáceis de estabelecer”.

"Ignoramos o que podiam ser os palácios dos heróis homéricos, mais ou menos no século IX antes da nossa era; porém, os muros de bronze, as lumieiras de cores brilhantes, os animais de ouro e prata guardando as portas, de que nos fala o poeta, fazem imediatamente pensar nos palácios assírios, revestidos de placas de bronze e de tijolos esmaltados, guardados por touros esculpidos. Sabemos, em todo caso, que o tipo das mais antigas colunas dóricas-gregas que pareciam remontar ao VII século, se encontra no Egito em Karnak e em Beni-Hassan; que a coluna iônica tem várias partes tiradas da Assíria; mas sabemos também que, desses elementos estranhos, um pouco superpostos primeiramente, depois fundidos e, enfim, transformados, nasceram novas colunas, muito diferentes de seus primitivos modelos." (Leis Psicológicas da Evolução dos Povos).

Quando a Grécia deu essa florescência miraculosa das artes, letras e instituições, da qual todas as nações da Europa tiraram grande parte do que têm tido de melhor, o declínio não podia deixar de vir, e aqui ainda ele se produziu pela intrusão de formas estranhas. Os gregos cessaram de ser artistas para tornarem-se

hábeis, para se entregarem ao "*engana a vista*", às fantasias bizarras, que se ressentiram de falta de grandeza e de caráter. O momento de sua velhice chegou; as guerras civis tinham já morto a Grécia, e Roma não conquistou senão o seu cadáver.

*

* *

A própria Roma pode servir de exemplo para ilustrar essa teoria demonstrada constantemente.

Roma ergue-se por um ato de vontade e, fundada nas condições que nos são conhecidas, podemos seguir a sua completa evolução. Roma, em toda a sua existência, viveu do pensamento orgulhoso de sua própria divindade. Desde os seus primeiros dias, cada qual se dispôs á tudo sacrificar: família, fortuna e vida à cidade soberana e é esse ideal muito forte que lhe infundiu a vitalidade suficiente para resistir a lutas contínuas. Apesar das dificuldades interiores, a Cidade formidável não perde um só instante o desejo e a vontade de submeter o mundo inteiro ao que ela crê a maior perfeição do mundo: Roma.

Pelas armas, pelo comércio, pela difusão de suas idéias, ela se torna a Cidade mais próspera do mundo. Roma é uma espécie de monstro magnífico que domina toda a terra.

Mas os apogeus não são mais do que o meio-dia muito luminoso de um dia que sente vir a tarde.

Roma é muito grande para poder ser guardada; as suas imensas fronteiras deixam filtrar para a Cidade mil influências desastrosas que desvirilizavam a virtude antiga. A alma nacional dissolvia-se no luxo e no deboche. Desde o fim da

República, processos escandalosos, como o de Venes, nos demonstram que a conquista não é mais um apostolado, porém uma pilhagem organizada.

Sob os primeiros imperadores, Roma torna-se já toda oriental, e Juvenal o exprime com uma acrimônia selvagem. Mas, sob os imperadores sírios, nada fica daquilo que constitui a grandeza da cidade; ela deve cair pelo único fato de que tudo aquilo que a sustinha não conserva mais a força primitiva. Vêm os bárbaros. Roma lhes abrirá as suas portas.

Fustel de Coulanges exprimiu perfeitamente o mal sofrido pela dominadora dos impérios:

"O mal de que sofria então a sociedade romana não era mais a corrupção dos costumes; era o amolecimento da vontade e, por assim dizer, o enervamento do caráter."

As causas do declínio de Roma são múltiplas e difíceis de analisar, porém, de maneira geral, elas dependem do caráter da raça. Enquanto um alto ideal agrupou em torno da Cidade homens decididos a viver e a morrer por ela, homens que a consideravam como a sua Divindade suprema, Roma foi e devia ser invencível. Mas, no dia em que vis interesses tomam o lugar das idéias, as nações, como os indivíduos, não têm mais força para viver, tendo apenas a de morrer em beleza. É o destino comum aos indivíduos e às coletividades. O caráter é o elemento primordial de sua vida e de sua duração. Aquele que abaixa o nível de sua vida interior, que coloca a sua reta vontade abaixo de suas sensações, seja ele um ser ou uma coletividade, está prestes a morrer.

*

*

*

Gustavo Le Bon exprime esta verdade procurando estabelecer as leis psicológicas da evolução dos povos:

"O poder de um povo não depende de sua inteligência, mas de seu caráter. A inteligência permite perscrutar os mistérios da natureza e utilizar as suas forças. O caráter aprende a se conduzir e a resistir, vitoriosamente, às sugestões."

Acrescenta algures: *"As qualidades do caráter, cujo conjunto constitui a alma nacional de um povo, são formadas pelas lentas acumulações ancestrais: Elas terminam por constituir um agregado muito estável de sentimento, de tradições e de crenças, codificando, através das idades, as necessidades às quais é submetida a vida de cada nação."*

É em razão da complexidade dessas necessidades que se não pode prever, senão depois de temíveis experiências, que a alma de uma nação é tão lenta e tão difícil de constituir. É também esse lento processo da formação de um pensamento nacional que nos obriga a considerar a educação coletiva de um povo como necessidade de primeira ordem; é o único meio de chegar a criar um caráter nacional, como assim exprime Gustavo Le Bon:

"O problema vital do futuro entre os povos de civilização apurada será superpor à sua cultura intelectual uma

educação rigorosa do caráter e, sobretudo, da vontade, únicas forças capazes de assegurar às nações a sua independência."

*

*

*

São as faltas do indivíduo que o conduzem ao estado funesto de doença; do mesmo modo são as faltas das coletividades que as guiam para a ruína. Podemos encontrar um exemplo no povo alemão que, desde muitos anos, não se deixa guiar senão pelo seu orgulho e está certo de que a sua raça é a encarregada de uma missão divina, como se todas as raças não tivessem, nos desígnios eternos, cada uma a sua missão a cumprir!

Essa idéia falsa, desenvolvida e sustentada pelos filósofos alemães, tornou-se uma preocupação para todos os alemães, desde o imperador até o último operário. Seu orgulho cresceu desmedidamente e proclamaram que a Alemanha está acima de tudo. Quiseram tudo dominar e impor-se pela força bruta às nações que eles deviam, seguindo a sua idéia, conduzir para a evolução. O seu orgulho, porém, ultrapassava toda medida; e eis porque aquele que se acreditava superior aos homens desceu abaixo do animal e esse povo que se dizia intelectual entregou-se à mais inqualificável agressão, penetrando em um país neutro, conduzindo o ferro e o fogo, encarniçando-se contra os fracos: civis, velhos, mulheres e crianças; matando uns, violando outros, não deixando atrás dele senão a carnificina e a desolação. Foram vencidos e, apesar de sua força aparente, o serão ainda em todos os terrenos, se não compreenderem a sua falta, se não renunciarem às suas práticas odiosas.

Uma nação de orgulho e de rapina é sempre rebaixada e despojada, porque a justiça existe, e só as pessoas de vista curta a negam durante os curtos instantes em que se acreditam poupados.

*

* *

Exemplo contrário é-nos fornecido pela Bélgica.

Colocada entre poderosos impérios, submetida a numerosas invasões, humilhada muitas vezes sob o direito do mais forte, a heróica Bélgica tem sabido conquistar e conservar sempre a sua liberdade, porque a sua liberdade está na sua alma ainda mais do que nos escritos diplomáticos.

Ela acalenta, desde tempos longínquos, um ideal de trabalho e de independência que se manifesta da sombria altivez de suas possantes corporações, magnífica encarnação de um país que não quis alevantar a sua glória senão a preço de seu trabalho e que nunca combateu senão contra seus invasores pela integridade de sua terra.

Lutou contra a Inglaterra e a França no tempo do grande Arteveld; afastou sucessivamente de seu território a Espanha e a Áustria, que ali se haviam implantado e agora, depois da guerra, a pequena nação mostrou-se grande entre as maiores, e soube classificar-se entre as potências de primeira ordem pelo seu heroísmo cavalheiresco e sua fidelidade à honra. É preciso proclamar a verdade que a Bélgica teve, nas suas horas trágicas, os chefes que mereceu. Seu rei-cavaleiro conduziu-a e sustentou-a no caminho da vitória como a sustem e conduz para a vitória econômica, enquanto junto dele, toda graça, bondade, toda ideal em pensamento, a rainha se inclina com um sorriso maternal para todas as feridas, para todos os sofrimentos, continuando na paz o que fizera durante a guerra: não

poupando as suas forças e as suas horas quando se trata do bem de seu povo que a tem no coração como um de seus próprios filhos.

*

* *

Esse destino diferente, esse contraste nos chefes, que não atesta senão que cada um dos chefes encarna o ideal do país que ele dirige, mostra-nos que as nações, como os indivíduos, não podem viver sem um alto pensamento dirigente de todas as suas ações. Como os indivíduos, os povos devem ter uma fé, uma crença, uma vida pessoal bastante poderosa, para que possam desejar viver sem causar mal a ninguém. Um povo, justamente altivo, não deve utilizar-se de sua força senão para o seu desenvolvimento e, se se ocupa daqueles que o rodeiam, deve ser para servir em auxílio aos fracos e não para os acabrunhar.

A França foi sempre o ideal das nações generosas e é isto o que fez dela a rainha do mundo.

O tempo dos desenvolvimentos harmoniosos sofre dolorosa crise. É dever dos povos reconduzir a calma ao horizonte perturbado.

Que a paz fraternal seja o nosso ideal comum!

Que reine a paz no coração de cada homem!

Que cada um governe as suas paixões e compreenderá que a sua ambição lhe é funesta e que cada ser tem o direito do seu lugar ao sol.

Que reine a paz em cada lar, e cada um daqueles que aí vivem aceite alegremente a sua parte de deveres e prazeres!

Que reine a paz no mundo, considerando-se cada nação como uma pessoa viva, com seus direitos e suas obrigações! Seria necessário tão pouco de boa vontade para que os povos vivessem em boa inteligência!

A incompreensão de leis tão simples e tão justas conduz ao declínio dos povos. Gustavo Le Bon, na sua obra precedentemente citada, mostra-nos bem o mecanismo desse declínio:

"Para todas as civilizações passadas, o mecanismo da dissolução foi idêntico e idêntico a tal ponto que se poderia perguntar, como o fez um poeta, se a história que tem tantos livros não teria mais que uma página. Chegado a este grau de civilização e de potência em que, julgando-se seguro de não ser mais atacado pelos vizinhos, um povo começa a gozar dos benefícios e do luxo que as riquezas concedem, as virtudes militares se desvanecem, o excesso de civilização cria novas necessidades, o egoísmo se desenvolve. Não tendo outro ideal além da alegria prematura de bens rapidamente adquiridos, os cidadãos abandonam a gestão dos negócios públicos ao Estado e logo perdem todas as qualidades que fizeram a sua grandeza.

"Então, vizinhos bárbaros ou semibárbaros, tendo necessidades mais fracas, porém um ideal mais forte, invadem o povo muito civilizado e depois formam uma nova civilização com os restos daquela que abateu".

*

*

*

Como há doenças individuais, há doenças sociais e todas provêm de nossas faltas, — faltas cujo peso se junta às cometidas pelos nossos ascendentes.

É o que o Dr. Paul Carton assim exprime:

“No que concerne à espécie, as moléstias se declaram de acordo com os vencimentos de prazo e sanções das desobediências coletivas às leis naturais da verdade, bondade, unidade, abnegação, trabalho, sobriedade e disciplina de si mesmo, que são as condições fundamentais do progresso, da saúde e da felicidade das raças humanas”.

“Quando esses princípios fundamentais são violados de longa data, declara-se primeiramente uma doença geral coletiva”.

“É esse estado de degenerescência física e mental que diminui a vitalidade e a moralidade, e que abate as forças de resistência de uma nação. Então, ela se torna apta a contratar moléstias catalogadas sob a denominação de guerras civis ou estrangeiras, revoluções, grandes epidemias, etc. ... Esses flagelos obrigam a suspender os hábitos malsãos, a procurar de novo noções mais justas, a aplicar mais restritamente os deveres essenciais (o espírito de verdade, de unidade, de disciplina, de caridade e de altruísmo).

“Se se trata de uma guerra, os homens valentes dão o bom exemplo de virtudes, de sacrifício e de coragem, defendendo a coletividade, enquanto os tormentos morais e as

privações materiais suportadas fazem declinar e desaparecer os débeis. De toda maneira, quer se trate de epidemias ou de lutas, a obra de limpeza prossegue, a fim de que as condições malsãs da vida social sejam suspensas e que os elementos degenerados desapareçam, sem que as ondas dos vícios mentais e das taras físicas cheguem, com o tempo, a submergir a espécie e neutralizar o impulso vital original.

"Em suma, quanto mais o indivíduo ou seus agrupamentos se afastam da lei natural, na escolha e aperfeiçoamento de suas condições de vida e de evolução, mais as sanções dolorosas e coletivas crescerão, porque o progresso é uma fatalidade e tudo o que não queremos aprender por bem, com boa vontade, é nos imposto à força, pela ordem benéfica das coisas."

"É dizer que os remédios parciais ou teóricos (desarmamento universal, vacinações múltiplas, etc.) não chegarão nunca a conter a onda dos flagelos, porque a repressão do mal, operada sob um aspecto, com o auxílio de meios artificiais, não terminará senão fazendo adiá-los e transformá-los em uma desgraça maior, enquanto não se tiver destruído todos esses flagelos em sua origem."

"A obrigação de descobrir, proclamar e praticar as leis naturais que orientam o regime, a higiene e a conduta intelectual e moral dos homens ficará, pois, sendo o único remédio geral para afastar todas as misérias humanas e, por

consequinte, o único objetivo a se oferecer aos esforços de cada um".

"Em uma palavra, a boa saúde individual e social não se pode adquirir senão pela vontade sempre mais forte de obedecer às leis naturais e divinas, isto é, pensar justamente e bem operar em todas as coisas".

É o fim que prossegue o iniciado.

*

*

*

O iniciado tem primeiramente o dever de se aperfeiçoar, elevar o seu espírito, dominar os seus impulsos, abrir ainda mais o seu coração e o seu pensamento, apelar para as energias superiores, atraí-las por seu ritmo pessoal que tornou harmônico e fixar em si mesmo esses poderes.

Alcançado, porém, esse primeiro ponto, ele desejará de certo espalhar a felicidade em torno, a felicidade que ele possui; quer dar, a cada um, a força, a esperança e a alegria que transbordam em seu coração.

Se tal fosse o ideal de cada um, o bem tomar-se-ia coletivo; cedo resultaria um verdadeiro bem-estar geral. É certo que se alcançássemos todos, ou pelo menos o maior número, essa sabedoria rítmica, evitaríamos os males que afligem a Humanidade, não temeríamos mais revolução alguma, porque a nossa evolução marcharia seguramente no seu caminho de progresso.

Não haveria mais guerras, porque todos os povos se desenvolveriam paralelamente na sua força pessoal e segundo o caráter e as qualidades que lhes

são próprias. Tal é o ideal que deve alimentar o iniciado, cujos pensamentos devem tender para uma humanidade melhor.

Para ser bem-sucedido nessa sublime senda, que é preciso? Nada mais do que a difusão de um ideal elevado que nos dá a força de suportar as experiências necessárias, que nos dá também a sabedoria de não procurar aproveitar de nossa felicidade para nos tornar os agressores daqueles que nos parecem menos felizes e mais fracos.

O que é preciso é sentir plenamente todas as harmonias que nos envolvem e que são a maior riqueza na organização humana.

Aquele que as sente não tem mais que um desejo, o de se pôr em harmonia com essas ondas potentes, com essas energias superiores que dotam o homem de uma força benéfica, embriagam-no de uma alegria irradiante que o iniciado transborda a pleno coração em todos seres.

*

*

*

É impossível negar, crendo, não aquele que crê cegamente não importa em que doutrina, mas aquele que adota depois de um exame o pensamento que julga o melhor, que se eleva até às Potências diretrizes do nosso Universo, esse vibra em uníssono com as forças que encontrou e, nessa comunhão constante com seu ritmo superior, sente-se como que envolvido de asas que o conduzem a planos elevados; as Potências amigas que se puseram à sua procura o assistem em todas as circunstâncias.

É um erro crer que o homem está isolado no Universo e entregue às suas próprias forças. Temos um exemplo na repercussão das energias superiores sobre os acontecimentos humanos, no efeito produzido na terra pelas manchas do sol.

Certamente, o sol age sobre nós pelo seu calor, mas não é apenas esse o seu único meio de ação. Os astrônomos verificaram que, de ano em ano, o sol apresenta uma ação mais ou menos forte, segundo as manchas que apresenta sejam mais ou menos aparentes.

Sabe-se que essas manchas são constituídas por zonas de recrudescência da atividade solar. Essa recrudescência não é somente causa de um exagero da temperatura; ela dá lugar a fenômenos de ordem mais elevada e mais complexa, de borrascas magnéticas, por exemplo, que têm profundas repercussões, sobre o nosso espírito e sobre as ações da coletividade humana.

Há, na aparição dessas manchas, no seu aumento e diminuição, um ciclo muito preciso.

Durante certo número de anos, elas vão aumentando, depois há a diminuição durante vários anos. Há, pois, muito claramente, como nos nossos períodos de vigília e sono, um ritmo de atividade e de repouso, um recomeçar e uma calma.

Como disse o Dr. Paul Carton:

"O número de manchas que aparecem assim, à superfície do sol, nunca é o mesmo de um ano para outro".

"À força de registrar observação a esse respeito, terminou-se por descobrir que a sua produção estava sob a dependência de leis rítmicas".

"Foi Schwabe de Dessau quem primeiramente, em 1825, demonstrou a existência de um ciclo de atividade periódica de 11 anos, em média".

"Fez ver que, durante cinco anos, mais ou menos, o número de manchas e a atividade solar diminuiram, para aumentar em seguida, durante seis anos mais ou menos.

"Em 1872, Bruckner, de Berna descobriu, por sua vez, um ciclo de 3 anos, que corresponde a três ciclos de onze anos. Concorrentemente com Lockyer e Meldrum, estabeleceu que esse grande ritmo solar condicionava sobre a terra períodos de seca, chuva e ciclones regularmente alternantes... Em 1913, estava-se no fim do ciclo de 11 anos e de um grande ciclo de 33, ao mesmo tempo."

*

*

*

Ter-se-á idéias mais exatas desses períodos de atividade solar no período compreendido entre 1890 e 1920.

Vê-se que os períodos máximos: 1893, 1905 e 1917 correspondem inversamente aos períodos mínimos: 1899, 1901 e 1913. A superfície solar manchada foi corrigida pela perspectiva devida à posição das manchas sobre a esfera. Ela é expressa em milionésimos do hemisfério visível, segundo os dados fotográficos dos observatórios do governo britânico de Greenwich, Cap, Kodaikanal e Dehra-Dün (Índias). Para ser mais exato, damos em outro lugar, além desse gráfico, um quadro onde se encontra inscrito, com toda a precisão desejável, a extensão da superfície solar manchada para cada ano compreendido entre 1889 e 1921. Devemos essas indicações à delicadeza do sr. F. Quéniisset, o sábio astrônomo do observatório de Juvisy.

Superfície Solar Manchada

Expressa em milionésimos do hemisfério visível, segundo os dados fotográficos dos observatórios do governo britânico: Greenwich, Cap, Kodaikanal e Dehra-Dün.

1889		78	mínimo
1890		99	
1891		569	
1892		1214	
1893		1464	máximo
1894		1282	
1895		974	
1896		543	
1897		514	
1898		375	
1899		111	
1900		75	
1901		29	mínimo
1902		62	
1903		340	
1904		488	
1905		1191	máximo
1906		778	
1907		1082	
1908		697	
1909		692	
1910		264	
1911		64	
1912		37	
1913		7	mínimo
1914		152	
1915		697	
1916		723	
1917		(1450)	máximo
1918		(1100)	
1919		(900)	
1920		(700)	
1921		(500)	

Para os últimos anos, 1917 a 1921, a redução definitiva das medidas não estava ainda determinada no momento em que a nossa obra foi metida no prelo. Os números entre parêntesis não traduzem mais do que uma nota aproximada.

O próximo mínimo deve ter lugar em 1925.

*

*

*

Esse quadro estabelece de modo indiscutível que a influência solar se exerce sob a forma de um ritmo.

Nos períodos em que cresce o número das manchas, sofremos ciclones, catástrofes cósmicas, fenômenos magnéticos.

No que concerne aos ciclones, o Abade Moreux nota que o Dr. Meldrum estabeleceu "*que o número dos ciclones observados no Oceano Índico estava ligado ao número de manchas do sol, a tal ponto que a estatística de uns permitia determinar a quantidade desses últimos fenômenos.*" (Introdução à Meteorologia do Futuro).

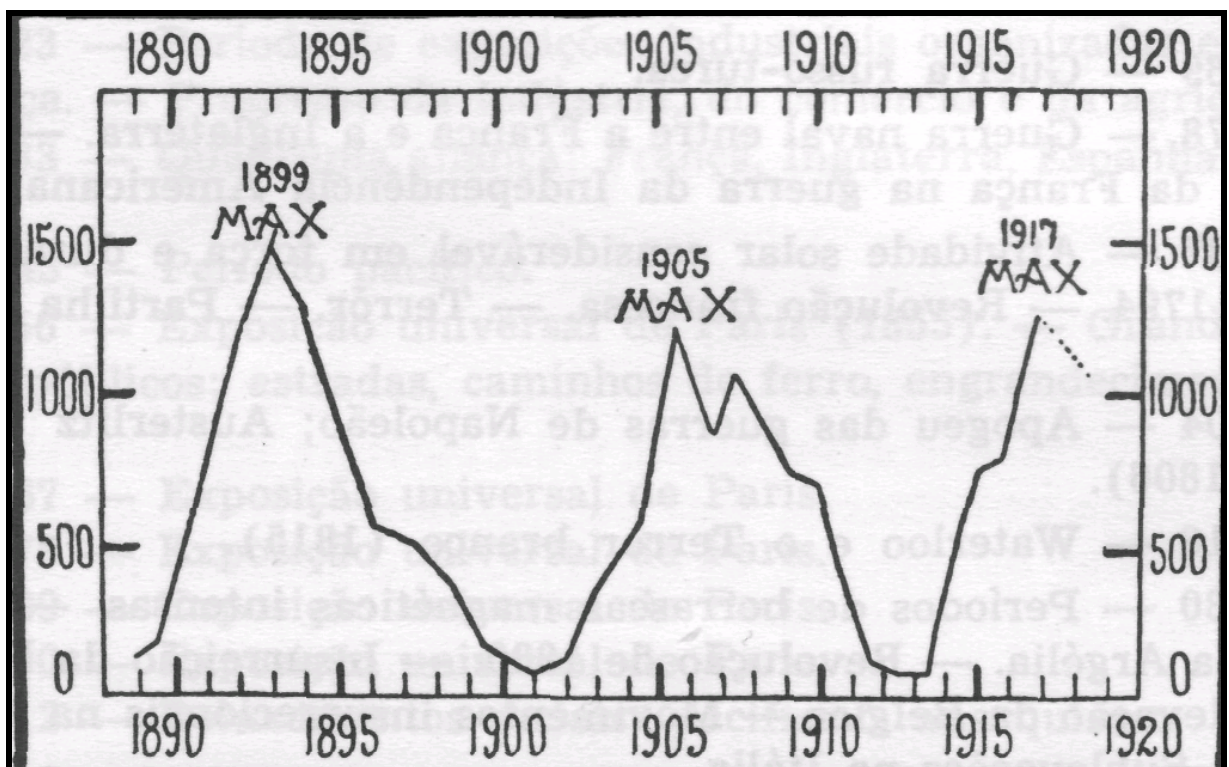


Figura 12: As flutuações rítmicas da atividade solar, segundo Flamarion.

Existe, pois, uma relação muito clara e poderíamos citar provas numerosas da relação que existe entre as manchas do sol e os fenômenos magnéticos.

Mas a ação das manchas solares não se faz somente sentir na natureza; ela se manifesta igualmente sobre o ser humano, quer seja tomado isoladamente ou em uma coletividade. Esta ação é naturalmente mais visível sobre as coletividades, porque os fatos são mais aparentes. Nos períodos em que as manchas solares são mais numerosas constatamos violências e todas as espécies: perturbações sociais, guerras, revoluções.

Nos períodos de luz calma, vemos reflorir os trabalhos de paz, desenvolvimento harmônico das artes, do comércio e da indústria.

Isso não escapou ao Dr. Paul Carton, que traçou um quadro muito detalhado, fazendo ressaltar, da maneira mais edificante, esses períodos de ação e repouso. Esse quadro, que colocamos sob os olhos dos nossos leitores, relaciona-se mais particularmente com a França, nação especialmente nervosa, impressionável, sensível, que experimenta, por consequência, com mais acuidade, as influências ambientes e reage mais fortemente à sua ação.

Eis aí primeiramente os anos em que as manchas solares apareceram em maior abundância, dando assim um período em que as perturbações sociais; guerras e revoluções, atingiram o seu máximo.

Faremos seguir os anos em que essa ação foi mais fraca, sendo as manchas menos numerosas.

Anos de máxima

- 1769 — Guerra russo-turca.
- 1778 — Guerra naval entre a França e a Inglaterra.
— Intervenção da França na guerra da Independência Americana.
- 1787 — Atividade solar considerável em força e duração, de 1787 a 1794.
— Revolução francesa.
— Terror.
— Partilha da Polônia.
- 1804 — Apogeu das guerras de Napoleão; Austerlitz (1805); Iéna (1806).
- 1816 — Waterloo e o Terror branco (1815).
- 1830 — Períodos de borrascas magnéticas intensas.
— Expedição da Argélia.
— Revolução de 1830.
— Insurreição da Polônia.
— Sublevação da Bélgica.
— Movimentos insurrecionais na Alemanha.
— Sublevações na Itália.
- 1837 — Forte atividade solar que se estende até 1840.
— Insurreição Blanqui e Barbés (1839).
— Revolução na Espanha e insurreição no Egito (1840).
- 1848 — Revolução na França e na Itália.
- 1860 — Expedição da Cochinchina.
— Massacres na Síria.
— Expedição da Síria.
— Guerra do México (1861).
- 1870 — Atividade solar intensa; guerra franco-alemã.
— Comuna (1871).
- 1883 — Expedições coloniais: Tunísia, Sudan, Anam, Tonquim
- 1893 — Guerra sino-japonesa.
— Madagascar (1895).
- 1917 — Grande guerra européia.
— Bolchevismo.

*

*

*

Quanto às mínimas de atividade solar, produzem mínimas de perturbações sociais. O Dr. Paul Carton notou, no quadro seguinte, as principais correspondências. São impressionantes no que se relaciona com a França.

Anos de mínima

- 1775 — Prosperidade do comércio, da indústria e da agricultura na França.
- 1784 — Tratado de Versalhes (1783), que pôs fim à guerra da América.
- 1798 — Organização administrativa, financeira, judiciária e religiosa da França sob o consulado (1799).
- 1810 — Declínio de Napoleão I.
- 1823 — Período de exposições industriais organizadas em toda a França.
— Progresso da indústria, do comércio e da agricultura.
- 1833 — Quádrupla aliança: França, Inglaterra, Espanha e Portugal.
- 1843 — Período pacífico.
- 1856 — Exposição universal de Paris (1855).
—Grandes trabalhos públicos: estradas, caminhos de ferro, engrandecimento dos portos.
- 1867 — Exposição universal de Paris.
- 1878 — Exposição universal de Paris.
- 1889 — Exposição universal de Paris.
- 1900 — Exposição universal de Paris.
- 1912 — Relaxamentos sociais: pacifismo, anarquismo.

*

*

*

Que é o homem diante de tais influências?

Pascal o definiu rigorosamente: um caniço, porém um caniço pensante. Está submetido a energias formidáveis que o vulgo não suspeita. Esse conhecimento está reservado para aquele que eleva o seu espírito, abre o seu coração e, longe de absurdas agitações do mundo, isola-se para se entregar à pesquisa da verdade. Essa verdade que lhe é cara, ele a atinge e conduz a um mundo inteiramente novo, onde se banha em força, tão potentes e tão doces como a música das esferas. Essas forças não se recusam a ninguém, mas é preciso adquiri-las por si mesmo e é porque o nosso fim deve ser o de nos aproximarmos cada qual segundo as suas possibilidades. Não há senão um único meio que permite fazê-lo: é renunciar aos fins egoísticos e vulgares, ter um ideal superior, comungar com a Natureza e deixar-nos arrebatados pelos arrebatamentos superiores.

Que a comunhão com a Natureza não seja apenas o prazer físico que experimentamos ao contemplá-la. Ela é muito bela, deusas, mas a sua beleza maior está oculta aos olhos da carne; é dever do Sábio, daquele que encontrou a sua Senda, procurar surpreender-lhe os profundos segredos.

E' um magnífico ideal!

O livro que se abre aos nossos olhos contém todas as belezas e seu único aspecto, na solidão benéfica, encanta e sustem o nosso coração.

Admiremos os esplendores do mundo, porém que essa admiração nos conduza a um estudo mais profundo e nossa admiração crescerá de acordo com a nossa alegria. Considerando a vida nas suas obras e na sua essência, nós a

sentiremos próxima, lançar-lhe-emos o nosso apelo e esse apelo será ouvido. O auxílio das Potências superiores far-se-á logo sentir.

Nas horas de ação, o ser elevado tira, da fonte superior, energias formidáveis que o dotam de poderes desconhecidos; ele não se torna, por isso, um super-homem, no sentido devastador e egoísta que se tem dado a esta palavra, mas torna-se um ser poderoso, capaz das mais altas atividades.

Realiza, então, na plenitude dos meios inatos e adquiridos, aquilo que tinha sido o seu sonho e lhe parecera irrealizável, quando se retorcia penosamente sem fé, sem ideal.

Nas horas de repouso, de expectativa, o iniciado se entrega à doçura da Natureza calma.

Que serenidade experimenta ele, deixando o seu espírito vagar nas longínquas regiões azuis do céu.

A calma da Natureza lhe penetra. A brisa o toca de leve com a sua asa fluídica, porém, mais doces ainda, roçam-lhe as emanações pacíficas das forças do Alto; vêm-lhe apaziguar, a acariciar, reconfortar, dar-lhe o repouso necessário à luta.

*

* *

Novel iniciado, não compreendes já toda a beleza desses mundos que te são abertos? Não gozas com alegria toda a poesia que se oferece à tua alma? O magnífico livro da Natureza volta as suas folhas misteriosas diante de teus olhos.

Não vês primeiramente senão que as imagens são ainda hieróglifos que te são pouco inteligíveis, mas olha mais profundamente, volta as páginas tu mesmo, sem precipitação, e recebe a nova iniciação que te dá a Natureza maternal.

Uma alegria sublime te inunda então, mas não acredites que atingistes ao fim porque apenas tocastes a porta.

Dia a dia, sob o teu olhar tenaz, o véu de Ísis far-se-á mais transparente e deveras a ti mesmo a tua força.

Olha e escuta! A primavera espalha a sua força jovem desde o tenro ninho e a onda murmurante até a mais longínqua estrela.

E tu, coberto pelas asas invisíveis, das quais, porém, sentes a tepidez natural, notas que te penetra a doçura de viver.

Teus olhos se perturbam um pouco diante da imensidade de teu domínio, porém, como aquele que herda uma fortuna inesperada, terás bem depressa o teu poder e desejaras aumentá-lo. Um pensamento mais alto se revela a teu espírito e o guia a presença sentida da alma diretriz dos Universos, o pensamento sublime de Deus!

O AMOR

O estado de alma do iniciado. — A palpação das forças infinitas que te movem em todos os sentidos, da estrela ao átomo. — Complexidade do ser humano. — O homem triplo. — Necessidade de chegar a uma síntese maravilhosa dos três elementos de que se compõe a personalidade humana. — Conhecimentos superiores. — O ser humano é um pequeno mundo movido por energias formidáveis. — As forças do amor. — As energias que delapidam o nosso inconsciente. — O apelo dos sentidos. — A atração sentimental. — A comunhão do pensamento. — As ciladas do amor que é preciso evitar. — Henri Bataille e "Les Flambeaux". — Os domínios dos sentidos, dos sentimentos e das idéias são como três círculos que se superpõem. — Dos sentidos à idéia pura. — Do amor cerebral ao amor físico. — Os Fachos que iluminam a humanidade. — O mistério das atrações sensuais, sentimentais e cerebrais. — As forças da Natureza. — A força ativa do Sol. — A calma penetrante da Lua. — As forças que sobem das profundezas do amor. — A atração universal. — Por toda parte e em todas as coisas, tudo é Amor. — Atração. — O domínio imenso do Iniciado. — O amor físico e como deve ser compreendido. — O perigo do amor físico-místico. — O Iniciado deve conservar-se sempre senhor dos seus desejos, de suas emoções, de seus pensamentos. — Necessidades de nos educarmos. — Os ritmos superiores e como percebê-los. — Senhor de si mesmo, o Iniciado tornar-se-á facilmente senhor dos outros. — A polarização voluntária de nosso magnetismo. — Os altos poderes do Adepto. — O segredo dos Sábios.

O pássaro que acaba de deixar o ninho, sente, de repente, diante de si, a grandeza de seu domínio. Parece-lhe que essa extensão azul, que não tem limites, lhe pertence, e que as forças que ele vai desprender são tão vastas como a imensidade do céu livre. Lança-se nesse azul em um arrebatamento de alegria tumultuosa; sente que as suas asas são fortes, que a resistência do ar é antes um apoio do que uma causa de esforço; sua alegria o transporta; lança ao ar o seu canto embriagado; acompanha-o uma doce melodia na sua ascensão para o sol; todo o universo não é para ele senão luz, música e prazer.

A Natureza maternal prevê todas as suas necessidades; os ramos parecem se fechar para dar asilo ao seu ninho; os grãos que o vento transporta preparam-lhe alimento que o sustenta. Ele se sente feliz; parece-lhe que nenhuma desgraça existiria para si.

Tal é o estado de alma do Iniciado. A incubação de sua alma foi mais longa do que a espera do passarinho sob as asas maternas; mas enfim, dum só salto, transpôs a última etapa; abriram-se-lhe as asas do espírito; largou o seu vôo no Infinito e o domínio que se oferece a seu arrojo é mais vasto ainda que o vasto céu que o pássaro descobre. E todo esse Infinito, como um céu de primavera, é luz, harmonia, alegria. Uma vidente e suave poesia embala-o acima dos cimos. Nada lhe parece impossível. E alguma coisa poderia ser-lhe uma resistência? Pôs-se em comunhão com as harmonias da Natureza superior. Seu canto é o divino entusiasmo que o embriaga e o exalta sem lhe roubar essa calma, essa serenidade que, tão alegremente, se harmonizam com toda a sua pessoa.

Esse entusiasmo, como o canto do pássaro, espalha-se em seu derredor, levando a alegria aos outros. Não sente mais obstáculos e tudo se oferece em torno ao seu justo desejo, porque ele soube mudar de domínio, lançar-se acima das

contingências, deixar a terra, o mundo dos efeitos mutáveis, pelo céu, o universo das causas imortais.

Nasceu pela segunda vez.

Ao seu olhar extasiado se apresentam visões esplêndidas. A vida que o rodeia não é mais como para aquele que não a vê na sua totalidade, um conjunto de cuidados, uma sucessão de asperezas, uma costa árida de que não vê o cimo; para ele, os vastos horizontes derrubam-lhe os declives que o seu vôo ultrapassou. O mundo é para ele como um livro; a sua harmonia, como um canto. E esse livro desenrola, sem cessar, imagens mais magníficas; um sentido novo, a cada instante desvenda-lhe os segredos da vida; esses segredos, ele se dispõe a descobri-los e sabe com certeza que, em breve, os penetrará. E essa música das esferas que fez sonhar os filósofos leva-lhe os dois ecos desse mundo divino que lhe será aberto pela iniciação.

*

*

*

O primeiro objeto que o impressiona na fantasmagoria dos seres e das coisas é a palpitação das forças infinitas, que se movem em todos os sentidos, da estrela ao átomo, do átomo ao ser humano. Antes, parecia-lhe que forças cegas se entrechocavam e pisavam os desgraçados que se achavam no seu ambiente, em mesmo ver o que resultaria. Agora, sabe que nada de imprevisto se produziria em um mundo onde tudo é harmonia. Tudo que vive existe e tudo o que vive é movido pelas forças inteligentes que não fazem senão o que deve ser feito de melhor para a evolução geral.

O iniciado não teme mais as forças que representam para ele a vontade divina; tomou o hábito de estudar o universo e de encontrar na sua pessoa uma imagem exata desse universo, posto que reduzida.

Tomou também o hábito de se analisar para melhor conhecer os outros. Parecera-lhe que todo o mal que existe se achava ao redor dele e que ele era o único a sofrer. Agora, vê que cada um sofre por outrem e, vendo quanto os nossos males vêm da incompreensão em que vivemos, uns em relação aos outros, procura as relações que lhe escaparam outrora para criar uma nova harmonia que evitará os choques em torno de si.

*

*

*

O ser humano que, ao primeiro olhar, nos parece tão simples, é, ao contrário, bastante complexo para o filósofo e o pensador. Ainda o é mais para o iniciado, porém, porque este perscruta a vida nas suas menores pulsações e, quando penetrou os seus segredos, dirige-a, conhece o movimento das forças que põem em jogo o desejo (amor físico), a atração (amor sentimental), a simpatia (amor cerebral). Sabe, em consequência da sua iniciação, que o ser humano pode fazer nascer, em si, faculdades novas; compreende até que ponto elas são múltiplas e como lhe permitem operar sobre os outros para lhes dar, tanto quanto dependa dele, a felicidade ou, a.o menos, o repouso.

No nosso Curso de Magnetismo Pessoal comparamos o ser humano a uma usina que se compõe:

1.º — De um conjunto de rodas e órgãos agrupados em séries, que executam o trabalho material (função digestiva, respiratória, circulatória, nervosa, todas aquelas que não pedem a colaboração de nosso espírito);

2.º — Um diretor que assume a responsabilidade do funcionamento dessa usina: a nossa consciência, diretriz das faculdades superiores (julgamento, memória, discernimento);

3.º — Um subdiretor ou contramestre, encarregado de executar e fazer executar as ordens do diretor, desembaraçando-o das funções automáticas, trabalho considerável que se opera sem nosso conhecimento.

Pensando nessa trindade que se encontra em cada homem, Marco Aurélio se exprime assim, nos seus Pensamentos:

"A tua pessoa se compõe de três substâncias: de um corpo, de uma alma animal e de uma racional. As duas primeiras estão em ti, no sentido em que és obrigado a tomar cuidado; a terceira, porém, é a única que está propriamente em ti". (Livro XII, pensamento 3.º.)

"Tudo o que constitui o meu ser não é senão um pouco de carne com um sopro de vida e uma faculdade de pensamento". (Livro II, pensamento 2.º)

*

*

*

Eis aí quais os elementos que são conhecidos pelo psicólogo. Ele sabe, por outro lado, que a usina tanto melhor funcionará, quanto mais as rodas estiverem em bom estado. É preciso, pois, não somente que o corpo se ache em um estado de saúde perfeita, porém que a consciência tenha sido educada; é preciso que o inconsciente aceite, sem revolta, a direção da consciência e que seja um auxílio para ela, sem usurpar coisa alguma de suas funções de diretor.

Para chegar a essa síntese, que é o equilíbrio necessário, é preciso, pois:

1.º — Que o corpo seja conduzido a esse ponto por uma alimentação sã, escolhida e por uma ginástica médica que lhe dá força e destreza, sem ocasionar fadiga;

2.º — Que o espírito esteja apto a possuir um juízo sã, uma fiel e poderosa memória, uma força de associação de idéias que faça dessa memória um instrumento útil e maleável;

3.º — Que o inconsciente seja inteiramente dominado; que não gaste em impulsividades vãs as forças que lhe são confiadas; é preciso que ele conheça o seu papel, sem procurar ultrapassá-lo.

Não temos aqui lugar para desenvolver .esses pontos que tratamos em nosso Curso de Magnetismo Pessoal, o qual aconselhamos. Tudo isso é a base, a primeira etapa para o ensinamento que damos aqui; devemos, pois, nesta obra, considerá-la como ultrapassada.

*

*

*

Este estudo do magnetismo pessoal, conduzindo à perfeita síntese, não é mais do que o primeiro degrau da imensa escadaria que sobe para o Templo; em seguida, vêm outros conhecimentos e de importância maior.

O mundo que se abre para o Iniciado é de outra grandeza e de outra majestade.

Ele não se contenta mais em explorar a célula humana; é o Universo o seu domínio.

O que, nó presente, interessa ao adepto, é o estudo das forças que o rodeiam e que deve captar. Para chegar a este fim, deve pôr-se em uníssono com

as harmonias superiores e, por isso, deve estender as relações que unem o grande cosmos com essa pequena célula que representa o ser humano.

Mas essa pequena célula deve ser ampliada, deve ser transformada; ela pode adquirir poderes desconhecidos, faculdades novas que ampliam consideravelmente o seu campo de ação.

O adepto entrevê novas possibilidades de percepção que lhe despertam revelações inesperadas; cessa de se julgar o centro do mundo para tornar-se uma força em plena e benéfica atividade. Então, cheio de alegria sublime, sente-se solidário com todas as forças ambientes; percebe em seu coração o frêmito da vida universal.

Para ter uma noção real da personalidade humana, é necessário conhecer-se a si mesmo, como o afirmam os velhos Sábios.

Que é o ser humano para aquele que ignora as suas possibilidades quase infinitas? Um pequeno mundo, movido por energias formidáveis, para as quais não possui um meio de resistência. Sente-se arrastado em um vórtice enorme, um turbilhão incessante que lhe não deixa liberdade alguma. Crê que somos cegamente submetidos a essas forças, que nos agitamos em vão para contrabalançarmos os seus efeitos. Se ouve falar de poderes psíquicos, não vê neles mais do que a utilização interessada; e se não concebe a possibilidade de entrar em harmonia com as energias cósmicas, quer e crê, ao menos na sua esfera imediata, poder dominar, fascinar, impor a todos e a tudo a sua autoridade e o seu amor. Sobre que repousaria essa autoridade, se ela existisse?

A que corresponderia esse amor, se ele pudesse ser despertado? Não se interroga e é ele, pobre insensato, que é atraído e fascinado por todas as potências de que se faz juguete por sua ambição perniciosa.

Não sabe quais são as forças universais que o rodeiam. Um dia ou outro lhes deverá ceder ou se quebrar contra o seu impulso.

Como a vida e os seus efeitos são diferentes para aquele que conhece a ordem e a luz!

Ele se vê no seu verdadeiro lugar. Não espera que a criação se dobre ao seu capricho, porém sabe que, em certa ordem de fatos, pode fazer grandes coisas.

Conhece as forças cósmicas e é capaz de as utilizar na medida em que acredita que a sua ação é boa. Sabe que aquele que está de acordo harmonicamente com as energias universais pode realizar grandes coisas, porém, procura conhecer a sua natureza e não se entrega cegamente a umas e outras. Sabe que há boas e más; discerne-as; evita aquelas que o perderiam.

Aquele que ignora o que o homem pode tornar-se não é mais do que um pobre náufrago à mercê dos turbilhões, mas para o iniciado que penetrou o enigma da esfinge, o jogo das forças naturais é um espetáculo que o enche de admiração.

Enfim, é confundido diante dos contrastes cuja potência se harmoniza; vê, a todo instante, novos prodígios; bendiz Aquele que os criou. Para o iniciado, o fim da vida está no estudo do Universo, porque desde que compreendeu a importância das forças que nos circundam de todos os lados, procura conhecer-lhes as atrações e repulsões; traça-as, desata-as; aprende a moderá-las e a exaltá-las em benefício daqueles que vêm para ele.

*

*

*

De alto a baixo, tudo é afinidade, atração, repulsão nas forças que nos rodeiam.

Vejamos primeiramente aquelas que se exercem no ser humano. A mais baixa, dentre elas, se manifesta sob a forma de apetite sexual. Essa força brutal que usurpa o nome de amor assegura a continuidade das espécies pela armadilha do desejo.

Acima dessas forças grosseiras, outras mais temíveis perturbam o coração. Um ser sente-se atraído por outro pela doçura de se sentir junto, de fundir coração a coração e é o amor sentimental que pode ter horas de êxtases magníficos, porém, muitas vezes, à mercê da impulsividade.

Vêm, acima, forças mais delicadamente coloridas que manifestam o espírito criando o amor cerebral. Essa atração se manifesta sob a forma de interesse que um ser desperta em outro no domínio intelectual, da comunhão de pensamentos, de um impulso espontâneo de simpatias. É uma amizade mais ardente que procura grandes alegrias para aquele que ultrapassou o instinto.

A Natureza, porém, nos pode dar alegrias mais altas e mais puras; aquele que sentiu seu coração se expandir sob os raios do sol, que saboreou como uma confidência os ternos silêncios da lua, aquele que compreendeu que as forças nos banham em seu poderoso influxo, aquele que se sente em comunhão com o Infinito, adivinha as potências que estão em si, em redor de si.

E, contudo, não se afasta do seu êxtase, se é realmente chamado. Outras forças existem, superiores ainda àquela que acabamos de descrever. Sentimo-las sem poder compreendê-las. São as leis eternas graças às quais o Universo é criado.

Em tudo e por tudo, o jogo das Forças se afirma, todo poderoso. São elas que presidem ao amor, ou desencadeando os ardores do amor físico, ou os ternos langores do amor sentimental, ou arrebatando duas almas na torrente das

harmonias espirituais, ou ultrapassando todos os fins humanos, fazendo-os pairar no infinito das forças onde a Vida começa e freme.

Todas essas emoções, todas essas palpitações, todos esses desfalecimentos, todas essas dores, essas alegrias, são manifestações sem cessar renovadas de uma única força! Força toda poderosa, ela é a dominadora dos homens! Existe sob diferentes nomes: atração, amor, magnetismo, vida.

O papel do iniciado é conhecer os seus diferentes aspectos, segui-los nas suas múltiplas manifestações. Para tornar-se senhor dessas forças, deve dominar primeiramente as que estão em si; tem o dever de domá-las e torná-las rítmicas, para se porem em perfeito acordo com as da Natureza, que deve chamar em seu auxílio.

Deve pôr-se em harmonia com as inteligências que esclarecem os homens, porque as forças de baixo são forças grosseiras que nos solicitam a descer.

Mas, à medida que nos elevamos, elas se tornam mais harmoniosas, mas belas; deixam perceber melhor as inteligências que as animam. As potências do alto são, no grande cosmos, estes Fachos, estas Claridades puras que iluminam a fronte do pensador, do filósofo, do inspirado, do iniciado. Essas forças são fomentadoras das alegrias mais puras; são as fontes dessa inspiração divina-que dão ao poeta, ao artista, um tal reflexo do céu que todas as mitologias as representam como puras formas aladas e luminosas, tais como as Musas e os Anjos.

*

* *

Para bem compreender até que ponto somos penetrados pelas potências formidáveis que nos rodeiam e o impulso que elas nos podem comunicar, estudemos mais de perto o problema e tomemos o ser humano por ponto de partida.

Forças existem em nós e não podemos negar a sua existência. Forças nervosas, magnéticas, vitais, pouco importa o nome. Elas estão em nós; temos a noção disso. São a própria essência da nossa vida. Essas forças que movem a máquina humana, podemos aumentá-las ou perdê-las, segundo a higiene física e moral a que nos sujeitemos.

Se temos medo, se nos ressentimos de uma impressão violenta, essas forças nervosas se concentram nos plexos, especialmente na cavidade do estômago (plexo solar); sentimo-lo e dizemos com exatidão que o nosso estômago se aperta. Podemos dizer, se cedemos assim a uma emoção às vezes sem causa, que somos senhores de nós mesmos? Essas forças foram mobilizadas sem a nossa intervenção; elas determinaram no interior do nosso organismo um trabalho muscular intenso; o estômago se aperta e experimentamos um grande mal-estar.

Mas não é somente sob o golpe de um violento choque emocional que experimentamos essa penosa sensação. Também, constantemente, ficamos sob o peso de tristes e maus pensamentos, se nos acostumamos a ficar deprimidos pelo temor, pelo medo, pela timidez, pelas idéias negras, o aperto do estômago não nos deixa mais; perdemos o apetite; enfraquecemo-nos; somos candidatos a todos os males.

O choque emocional não se limita ao nosso estômago, e mostramos, no nosso Curso de Magnetismo Pessoal, que todos os nossos órgãos, que todas as nossas funções podem ser a sede de todas as espécies de incômodos desencadeados sob o efeito do medo, da cólera, da ansiedade, do susto.

O nosso sistema nervoso acusa particularmente os choques emocionais e a ação torna-se claramente visível no domínio do nosso sistema nervoso grande-simpático. Efetivamente, quantas vezes a nossa energia é mobilizada sem a nossa

intervenção para os nervos vasomotores! Sabe-se que é por meio desses nervos que se realiza o trabalho automático da circulação que leva o sangue puro a todos os órgãos e faz voltar ao coração o sangue usado. Mas, se uma súbita emoção se produz, o ritmo circulatório é violentamente modificado. O nosso inconsciente libertou, sem que o soubéssemos, forças que operaram sobre os vasomotores. Essa ação pode ter por efeito contrair ou dilatar os vasos sangüíneos que estão à superfície da pele; no primeiro caso, envia um fluxo de sangue para os vasos profundos, e, em seguida, verificamos uma palidez tanto mais acentuada quanto mais forte foi o refluxo; no caso contrário, os vasos superficiais do corpo se dilatam bruscamente e o sangue afluí à periferia, produzindo uma vermelhidão tanto mais intensa quanto mais vivo foi o choque emocional.

Temos todos mais ou menos sofrido essas espécies de efeitos e a menos que se tenha aprendido o domínio próprio por meio de um treinamento especial, não nos podemos subtrair a esses efeitos. É mesmo um dos exemplos que se pode dar ao presunçoso que se imagina poder dominar, sem longa preparação, as forças mais elevadas e que não são capazes de dominar nem ao menos os seus nervos nas ocasiões mais simples. É, pois, necessário proceder a uma forte educação da vontade, antes de procurar uma iniciação mais alta e eis porque o estudo do magnetismo pessoal nos parece de primeira necessidade, o primeiro degrau que é indispensável vencer antes de querer seguir o caminho iniciático*.

*

*

*

* Recomendamos o nosso *Curso de Magnetismo Pessoal* para este estudo Inicial.

Para aquele que conhece as forças que o homem possui nas suas reservas, o mais das vezes sem o seu conhecimento, é possível, fácil mesmo, tirar grande utilidade por meios ao seu alcance.

Se o terror nos paralisa quando toma posse de nos, inversamente a alegria, o entusiasmo podem decuplicar as nossas forças, dando-lhes um louco impulso de que não nos acreditaríamos capazes, se a experiência não nos viesse demonstrar.

Tomai o soldado fatigado; a música, sobretudo uma música viva e fortemente vibrada, torna-o cheio de energia e coragem necessárias para chegar até a desejada etapa. Nas circunstâncias mais graves, porém, que a guerra nos tem dado muitas ocasiões de observar, a carga que voa e o próprio perigo são excitantes que lançam contra o inimigo, com o furor de uma onda que se quebra, o soldado extenuado, esgotado, desanimado. Tal é, em nós, o jogo das forças que escapam à nossa empresa, mas para quem as sabe compreender e conduzir, tornam-se a fonte de muitas ações que, antes, lhe pareciam sobre-humanas.

Às vezes, é suficiente um nada da palavra precisa que era necessário dizer, para despertar em qualquer pessoa, energias das quais nem sequer suspeitava. Outras vezes, o perigo que corre o ser amado faz do amoroso um ser novo. Tomai a mais tímida das mulheres, a que foge diante de um rato ou uma aranha, e colocai-a diante de um animal feroz que vai devorar seu filho, e ela se lançará diante do perigo, sem mesmo nele pensar, para salvar o filho que lhe é mais caro que a sua própria vida.

Falamos longamente sobre todas essas manifestações no nosso Curso de Magnetismo Pessoal e indicamos nesse mesmo trabalho que a auto-sugestão e algumas outras práticas mais simples, como a educação do olhar, o domínio do

gesto e o hábito da respiração profunda podem permitir-nos exercer um perfeito domínio sobre essas forças, suprimindo os seus efeitos nocivos e aumentando, ao contrário, as suas ações felizes.

Aqui desejaríamos demorar sobre um lado particular da questão: as forças atrativas do amor.

*

* *

Esse amor, que nos aparece como u'a manifestação tão pessoal de nossas forças, é, ao contrário, a impulsão de forças cósmicas formidáveis, das quais aquele que não sabe tornar-se o senhor, tornar-se-á o miserável joguete.

Estamos todos mais ou menos submetidos a essas forças e seus impulsos se transmudam em paixão, desejo, ternura, afeição, simpatia, segundo o estado de nossa evolução e o centro emocional sobre o qual operam mais poderosamente essas forças.

É sempre o amor, porém, expresso diferentemente, segundo aquele que o experimenta, e alguém que não se crê amado, o é profundamente e mais do que merece, porém, de maneira que não lhe é acessível, que não compreende.

Sinteticamente, o ser humano se compõe de três centros:

— Ventre, Peito e Cabeça.

Se o centro inferior predominar e se o ser, mesmo adiantado até certo ponto, se deixa dominar por ele, a atração será puramente sensual; é o apelo da espécie que anima em nós sensações exclusivamente animais.

O centro médio e o peito, contendo o coração, representam a sede dos sentimentos afetuosos. Se o ente, mais emotivo do que sensual ou refletido, sofre exclusivamente as sensações desse coração, é o amor sentimental que o domina,

um amor cheio de ternura e de suavidade na felicidade, submetido, porém, ao ciúme, à paixão e a todas as impulsividades.

Se é o centro superior, a cabeça, que domina, segue-se uma afeição clarividente, mas de aparência fria, que conduz mais à fusão de idéias, ao trabalho comum, do que às expansões sentimentais ou sensuais.

*

* *

Encaremos a impulsão do amor nos três centros.

O homem crê dominar as forças que estão em si, mas, na maioria dos casos, é o joguete dos seus apetites, de suas atrações, de suas afinidades.

Ele acredita possuir-se, e as circunstâncias lhe demonstram que a sua vigilância a este respeito deve ser incessante para não vir a ser a presa das forças que crê dirigir.

Certamente, elas não são sem encanto e aquele que lhes cede, mascara a sua queda com mil engenhosos pretextos; não confessa facilmente que perdeu a direção do seu ser e que se deixou arrastar para onde não desejava ir.

Vamos ver rapidamente os maus efeitos dessas quedas; é inútil nos estendermos muito, porque são conhecidas de todos, porém, é preciso não esquecer-las para as vigiar em nós e sustentar os outros, em caso de necessidade.

Quantos pletóricos, seres exclusivamente submetidos à matéria, quer estejam entorpecidos pela digestão ou trepidamente de super-excitações artificiais, não vêm no amor senão a atração sensual! Imaginam que todo o mundo se lhes assemelha e tratam de loucos e hipócritas aqueles que buscam, na sua escolha, mais alguma coisa além da paixão brutal.

Vão de uma a outra. Um desejo baixo os atrai. Crêem-se amorosos, quando não passam de vítimas dos mais vulgares apetites. Seus olhos estão iluminados de cupidez e seus propósitos se demoram em numerosas lembranças voluptuosas. Não sabem falar senão das coisas mais baixas e seus propósitos são tão triviais como o seu pensamento; se se sentem atraídos por um ser mais elevado do que eles, da mesma forma repugnante e grosseira lhe falam e infundem desgosto no ser delicado que eles desejariam conquistar. Crêem-se muito fortes porque são vivamente agitados! Imaginam-se muito poderosos e são escravos de sua luxúria. Um belo corpo os perturba. Se vêem um pouco de carne descoberta, um seio que se descobre, um contorno que a saia revela, ei-los transtornados.

Certamente, como não podem senão alegrias fáceis e prazeres que se podem encontrar à custa de dinheiro, obtêm o que desejam; mas quanto o seu contentamento é de curta duração! Envelhecidos precocemente, procuram nos afrodisíacos o meio de satisfazer sua paixão que sobreviveu à suas forças; eles se intoxicam e descem toda a escala do aviltamento.

Tornam-se neurastênicos porque sua força nervosa está gasta pelo uso de baixas alegrias. Frequentemente morrem jovens, cansados, mas não saciados, enleados pelas forças inferiores que, mesmo no Além, retardam a sua evolução.

*

*

*

No domínio do coração, há forças análogas, porém de uma essência superior. Também podem ser poderosas, mas o seu jogo é bem diferente daquele que caracteriza o amor carnal. A sua ação é mais traiçoeira e, muitas vezes, ela se oculta sob um aspecto de devotamento ou de amizade.

Quantos se têm deixado comover por um belo olhar que lhe é lançado e ao qual eles emprestaram toda a eloquência de sua alma?

Uma palavra amiga os emociona profundamente. Acreditaram, com razão ou não, na promessa de um coração que se oferece. Os olhares se encontram e uma deliciosa perturbação penetra os dois seres. Os lábios murmuram, com ternura, palavras apaixonadas que lhes parecem irrevogáveis. Muitos empenharam a sua vida nessa sedutora miragem.

Por vezes, a aparência era fundada; um idílio se estabelecia e uma união durável florescia nesses corações abertos exclusivamente um para o outro, em uma adoração sem fim. Mas, muitas vezes, aquele que foi emocionado por um olhar indiferente no fundo e que se velava de languidez, o foi somente sob o prazer de uma música, uma cor, uma palavra acariciadora. Essa emoção furtiva, prontamente dissipada, não deixa mais do que uma desdita amarga, uma espécie de decepção e aquele que se sente enganado fica cheio de rancor.

Outros conheceram ilusões mais longas. Acreditaram no amor do ser que amavam. Ficaram encantados por uma voz doce, pelos olhares acariciadores. Embriagaram-se com um perfume, por vezes, num abraço, porém, depois de minutos de doçura, viram que tinham enfeitado com todos os encantos de seu sonho uma criatura banal que lhes deu algumas alegrias com tanta indiferença como uma árvore daria a sua sombra. Então, um profundo desgosto se estabelece naquele que, contudo, não foi traído senão por si mesmo, pelas armadilhas de sua imaginação. A neurastenia cedo toma a sua presa; o desiludido toma rapidamente desgosto pela vida e, se u'a mão amiga e forte não o assiste para subir o declive, idéias negras surgem; ele pensa no suicídio.

É que o imprudente sentimental jogou com forças que não conhecia. Não acreditava no mal. Deixou-se prender ingenuamente na armadilha do amor insidioso, porque julgou o coração do outro segundo o seu próprio coração, e lhe emprestou sentimentos sinceros.

Quando a desilusão chega, o belo castelo de nuvens se dissipa, deixando um vácuo horrível. Precisar-se-á de tempo e de consolações para chegar a dissipar a decepção que torna todo o ser desordenado.

*

*

*

O amor cerebral tem grandes encantos para os espíritos evolucionados. Sentimo-nos em simpatia de idéias com aqueles que nos agradam; sentimo-nos espontaneamente atraídos; trocam-se altos pensamentos que nos levam a cumprir as ações mais meritórias; imaginamos estar acima de todas as forças, plainar sobre o mal como um pássaro voa acima das forças terrestres. É o que se imagina, e, sinceramente, abandonamo-nos à doçura dessas conversações com uma ternura que parece angélica.

Tem-se, por outrem, um liame e deveres; promete-se ser fiel à honra e à fé jurada; mas como o declive é doce e forte, conduzindo-nos à falta! Não é preciso mais que um momento de vertigem para nos tornarmos indignos de nós mesmos.

Então, para o ser já adiantado que tem o sentimento do dever e que falhou à sua palavra, é o remorso que o arrasta após si, como cadeias.

A inverossímil tendência da natureza humana nos impele, na maioria dos casos, a acusar o outro do mal que fizemos. O ódio sucede depressa ao amor. É que ignoramos que forças são postas em jogo na atração dos corpos e das almas. Brincamos à margem de um abismo com a idéia de que asas nos viriam no

momento em que a terra faltasse sob os nossos passos; a terra faltou; seguiu-se a queda; sentimo-nos envergonhados e miseráveis porque não sabíamos.

*

* *

É preciso conhecer todas estas forças, as que movem corpos, embriagam almas e atormentam os espíritos. Sob cores deliciosas e enervantes, elas têm, cada uma, a sua vertigem. Têm tudo o que é preciso para nos desviar dos nossos deveres, para fazerem perder de vista o único fim para o qual nos devemos encaminhar: para a evolução que nos conduzirá às esferas elevadas prometidas a nossa legítima esperança.

Como são desgraçadas as vítimas das forças que nos rodeiam! Acreditaram-se livres e estão ligadas por laços de carne, de coração e de espírito. Seguem, sem vontade, um caminho no qual não é mais a consciência que os dirige.

Cada uma dessas trilhas tem os seus escolhos e muitos têm sofrido desventuras surgidas nessas perigosas sendas. Acontece-lhes, muitas vezes, depois de uma longa convalescência, tentar uma nova experiência, tentar refazer-se por uma vida sentimental, procurar a felicidade que lhes foge porque não a sabem procurar onde se encontra: no dever e no equilíbrio.

Novo ensaio é tentado, freqüentemente, com a mesma preocupação que o precedente; o sensual fica sensual e o sentimental fica sentimental. Entretanto, certos seres, para combater a sua desilusão, fazem sobre si mesmo um tal assédio que procuram resolutamente em uma nova senda a satisfação desse desejo de felicidade que está no fundo de cada um de nós.

Quem estreou por afeições puramente carnavais, se eleva, gradativamente, do amor sensual ao amor sentimental e depois ao amor cerebral.

Outros que acharam, desde a sua idade mais tenra, as puras alegrias do amor cerebral e que foram enganados, sucumbem, na sua idade madura, no que os sábios chamam "*o demônio do meio-dia*", esse desejo de gozar materialmente, que vem freqüentemente ao homem, no apogeu de sua carreira, quando a saciedade dos deveres e das honras lhe faz pensar, como no Eclesiastes, que tudo é vaidade, salvo comer, beber e divertir-se com a mulher que vos agrada.

É uma tentação poderosa entre os qüinquagenários que tudo sacrificaram na sua mocidade com o fim científico ou social que eles tinham por bem atingir.

*

* *

Henri Bataille escreveu, a esse respeito, um trabalho: *Les Flambeaux*, em que apresenta dois sábios que percorreram essa escala em um sentido inverso e que as circunstâncias da vida se fazem encontrar.

Um, que entrara na vida pelos prazeres sensuais e tornou-se sentimental, depois cerebral. O outro que, desde tenra idade, se encerrara no seu laboratório, que encontrou em sua mulher um perfeito amor cerebral, uma inteira comunhão de idéias, um constante auxílio nas suas pesquisas científicas, termina por sucumbir às atrações diferentes; primeiramente enganou a sua mulher sentimentalmente, depois cedeu à carne. Desceu do amor cerebral à atração sentimental, depois ao desejo sensual e se encontra, então, nessa etapa, enquanto o outro, fatigado pelos prazeres dos sentidos, subiu a mesma encosta e se encontra atingido pelo amor cerebral, depois de ter sofrido, como se sofre sempre, do amor sensual e do amor sentimental. Ambos são movidos por forças que ignoram, forças tão potentes contra aqueles que não penetram previamente o enigma da Esfinge. Ambos são, entretanto, grandes cérebros. Viram melhor certos aspectos da vida que aqueles que

não a conhecem senão por seus lados exteriores; entretanto, obedeceram, todos os dois, por sendas diferentes, ao turbilhão do instinto. Na obra de Henri Bataille, o grande sábio que partiu dos sentidos para entrar no mundo do pensamento, chama-se Hernet. o outro, Bouguet, seguiu o caminho oposto e desceu do pensamento para o mundo sensual.

Hernet renunciou ao prêmio Nobel em favor de Bouguet que nem conhecia, mas cuja obra o apaixonou sob diversos pontos de vista.

*

*

*

Eis o diálogo pelo qual esses dois seres superiores trocam as suas idéias:

"Bouguet. — ... Perguntei a mim mesmo, muitas vezes, porque vós, o autor dramático glorioso, o autor de tão belos poemas, tivestes esse belo gesto de vos retirardes da concorrência em consideração para com um homem tão afastado de vós. Não falta grandeza nessa fraternidade dos espíritos de escol que não se conhecem. Mas, por que mereci a honra que me concedestes?"

"Hernet. — Oh! é uma velha dívida, uma velhíssima dívida, contraída há vários anos. Renunciei ao teatro, vós o sabeis. Desprezo agora a forma poética e plástica. Cheguei a não conceber senão o pensamento abstrato. Esta metamorfose, eu a devo a muitos acontecimentos, a uma evolução natural pode ser; porém é a vós principalmente, e, apagando-me diante de vós, pagava uma dívida de

reconhecimento da qual não podeis adivinhar a pungente história... Todo um drama que ninguém conhece e ninguém conhecerá jamais!"

A essa revelação incompleta, Bouguet sente despertar-se em si uma curiosidade simpática. Adivinha, naquele que lhe fala, tendências comuns, afinidades que fazem dois seres muito próximos, quase fraternais, atrações tão poderosas que a sua intimidade pode queimar etapas que as conveniências costumam impor às pessoas que cedem a considerações vulgares. Vão encontrar-se, por efeito de sua vontade e da consciência que têm de sua semelhança intelectual, de repente, sobre esse plano de confiança e de confidencia que não se atinge nunca com as almas inferiores e que é o que reclama a amizade nascente de Bouguet. Então, Hernet, dominando o pudor com que se preocupava em ocultar a ferida íntima de seu coração, abre-se com ele.

"Bouguet. — ...Nos domínios mais próximos, os da pesquisa e da idéia, já estamos em família."

"Hernet. — Mas, eu sou o neófito. Sou o recém-vindo. Vós tendes sempre vivido no pensamento; eu não. Eu parti dos sentidos. Sim, fui um sensual até aos trinta anos; depois dos sentidos, atravessei o sentimento... Hoje, cheguei ao pensamento e me entreguei a ele completamente... Aqueles que compreendem melhor, imaginam que eu atravessei esses três círculos sucessivos: os sentidos, os sentimentos e as

idéias, por um encadeamento todo natural. Enfim, foi a um grande golpe que eu o devo. Foi simples, foi terrível. Ninguém o sabe. Vós podereis sabê-lo."

E abraçado por Bouguet, Hernet revela a seu amigo o segredo que lhe pesa no coração:

"Hernet. — Há vários anos, ocultava um amor tranqüilo e feliz... um amor sem publicidade que, contudo, alimentou dez anos a minha vida, dez anos!... De repente, um dia, em uma tarde, nas verdes solidões da Normandia onde vivia, deu-se o tremendo choque, a ruptura mais atroz — as imundas revelações, o grito furioso do ódio... A desilusão se voltava para todo o meu passado e essa mulher destruiu, na derrocada, até a lembrança, até as imagens!"

"Uma noite, fui ao jardim, como este, inundado pelo luar. Arrastei-me sob um humilde carvalho — lembro-me bem — para morrer. Apoiei o cano do revólver sobre o lugar escolhido. Estendi-me na posição da morte e, então, nessa posição, meus olhos se fixavam naturalmente no céu... Foi o que me salvou. Não vi Deus, certamente!... Mas nesse encolhimento supremo da vontade, no momento do esforço sobre o trampolim, vi, lá no alto, por uma espécie de síntese conhecida por todos aqueles que têm querido morrer e que

interrogaram ao céu, eu vi as flamas... as idéias que iluminam toda a consciência do mundo que eu ia deixar!... Vi lá no alto, preso, por assim dizer, de estrela em estrela, todo o pensamento humano... como desagregado, porém, não perdido, ele vivia realmente acima dos mortos e formava este grande nimbo universal que nos arrebatava para os fins da claridade ou da serenidade. .. Minha mão demorou-se muito tempo, muito tempo, indefinidamente... Por esse olhar supremo, eu tinha sido arrebatado para o céu do homem, para o céu divino — o outro, não!... Quis atingir ao conhecido antes de partir para o desconhecido! Desde então, eu me encaminhei como vós, como tantos outros, para o infinito... A carne não tomou mais ascendência sobre mim; minha dor se perdia no espírito universal!"

E o diálogo prosseguiu entre esses dois grandes cérebros:

"Bouquet. — Sim, o pensamento é o refúgio das almas que têm vivido. A idéia é tudo. Eis aí. Ah! a certeza benéfica! E como se tem necessidade dela, às vezes!..."

"Hernet. — Não é assim? A idéia está além. Ilumina o mundo inteiro na sua marcha. As flamas precedem-na. Desde que se está inclinado sobre todas as possibilidades imensas do espírito, vê-se que a idéia precede ao ato. Então, que vem a ser o terror, o amor, a dor? Resíduos, despojos da alma em

marcha ou do pensamento universal... Não se sente mais a amputação que nos é feita de uma parte de nós mesmos... Então, com toda a energia, a morte que eu esperava, da qual eu tinha sede, repeli-a como uma fórmula e precipitei-me sobre os livros... Desde esse dia, cheguei a viver e a operar por meio de energias imortais... A fatalidade que desejava destruir a minha vida, não era mais que um ponto de vista bem mesquinho e, acima da fatalidade, há a majestosa liberdade do pensamento... Eu vos devo infinitamente, Bouguet!... como eu devo a minha vida e a minha coragem à pura contemplação do céu da tarde, sob o carvalho da pequena aldeia. A alma suprema consolou minh'alma de homem."

*

*

*

Resulta, pois, da confissão de Hernet que ele atravessou quase simultaneamente os três círculos, as três etapas de sua evolução anímica. Amou primeiro sensualmente e construiu a sua vida sentimental sobre essa atração dos sentidos e da beleza. Sucedeu, porém, o que acontece sempre para aqueles que constroem a casa de sua felicidade sobre uma base tão fraca: um vasto e profundo desmoronamento sucedeu à benéfica miragem de seu castelo de sonhos. Hernet viu a carne tal como ela é, com as suas lassidões, as suas fraquezas, as suas mentiras e se lhe afigurou que era o único a sofrer, enquanto numerosos são aqueles que experimentam o mesmo por terem contrariado a mesma lei. Foi ele para debaixo do carvalho para se matar porque não imaginava nada de verdadeiro fora da realidade

material e, nesse momento em que a sensibilidade se exterioriza, na margem extrema da vida que queria abandonar, em um encolhimento supremo de si mesmo, galgou de um salto toda a perturbação sentimental de que o seu ser era capaz. Não estava emocionado diante do amor, mas ficou diante da Natureza e, de repente, como poderosa diretriz dessa Natureza cujo aspecto é já tão miraculoso, ele sentiu a Idéia, a Idéia pura que governa o mundo.

Desde esse momento compreendeu quão pequenos e mesquinhos são os nossos rancores, os nossos amores, os nossos ódios, e, na verdade, até as nossas alegrias terrestres.

Retomou, então, o seu lugar verdadeiro na harmonia universal e, com todas as suas potências, não teve mais que um desejo: o de se elevar sempre mais alto, até a Idéia pura, de se sentir, sem cessar, em comunhão mais íntima com as forças superiores. A alma suprema, que não resiste a nenhum apelo, consolou a sua alma humana.

*

*

*

Bouguet emocionou-se por essa confissão que lhe mostra, em toda a sua nudez, a alma dolorosa do seu novo amigo, mas a sua emoção é muito profunda e muito pessoal para não ter outra causa.

Ele confia o motivo dessa emoção a Hernet. Também ele, Bouguet, o grande filósofo, sofre no seu coração e na sua carne; também ele fez a mesma viagem; atravessou os três círculos dos sentidos, do sentimento e do espírito, mas fez o caminho em sentido Inverso. Ficou perturbado, desanimado e sua alma forte sente-se desordenada.

"Bouquet. — Por quê?... Porque eu tenho 55 anos, meu amigo... Desde a idade de quinze anos, vivia nesse terceiro ciclo do qual vos falei: o pensamento, a pesquisa... E eis como fiz talvez o caminho inverso do que fizestes!... Sim, parti do pensamento e depois de ter passado pelo sofrimento, chego talvez aos sentidos ... de onde viestes!... Que afrontosa contradição! E que mudança!"

"Hernet. — Será possível?"

"Bouquet. — Enquanto faláveis, eu escutava a vossa história com angústia... Não podeis conceber a minha própria dúvida, neste momento, o meu pasmo... a minha raiva desde alguns dias... a dúvida da minha altivez me invadiu!... Aquele a quem vos confessais com ardor, não é mais, talvez, do que um pobre sábio ingênuo e ridículo que nem ao menos conhece a si mesmo e que, aos 50 anos, se sente de repente tomado por uma força retrógrada... Sim, não procureis compreender... Somos dois viajantes e nos encontramos, ao passarmos, um indo e outro voltando. E nos estendemos a mão, fraternalmente, porém, com uma grande amargura! ..."

*

*

*

Os dois homens, emocionados, abraçam-se. Ambos atravessam uma hora de crise, mas Hernet felizmente já a atravessou. Viveu no mundo físico, foi

muito tempo cativo das suas miragens e, como tinha o animismo possante do artista, dá-lhe a forma do poema .e do drama, espalhando a sua emoção sobre o animismo da multidão. Acreditou na vida material e, enquanto a sua aparente felicidade durou, não desejou outra coisa além de fazer expandir a sua emoção em uma forma soberba, de tal sorte que todos os homens dela pudessem comunicar.

Mas veio a hora cruel. A traição, o desprezo, o ódio, demonstraram-lhe que o mundo material, sob formas por vezes deliciosamente embriagadoras, não pode dar senão sensações e formas materiais. Compreendeu que essa alegria física, a que se havia entregue exclusivamente, era uma taça em cujos bordos passavam mel e cujo fundo estava cheio de amargura e, diante da desordem em que o mergulhava a derrocada de suas concepções, pensou no suicídio; mas, à vista do céu, pressentindo a presença de uma força superior, penetrou no caminho de sua evolução. Foi salvo. Encontrou *Les Flambedux*. Iluminou-se através deles.

Bouquet operou de outro modo. Tinha todas as felicidades que pode ter um homem de pensamento. A mulher que escolhera era a amiga devotada de todos os instantes, a confidente esclarecida de seus pensamentos, a auxiliar assídua de seus trabalhos. Depois, sob uma repentina tentação, conheceu o império dos sentidos. Cedeu à sua miragem. Foi perturbado pelo desejo físico em uma idade em que este desejo tem o poder de um sentimento. Deixou o caminho sereno em que vivera sempre. Traiu a confiança de sua mulher que era a irmã de seu espírito e cujo coração fiel tinha sido sempre o apoio de suas horas de cansaço e de desânimo. Descera até ao fundo do abismo.

*

*

*

Existem, pois, forças em nós; existem em torno de nós. Essas forças, já o vimos, são os elementos das atrações às quais o ser humano está submetido, quer seja atração física, submetida ao império dos sentidos; quer seja sentimental, imposta pelo domínio do coração; quer seja cerebral, feita de um laço de pensamentos, de uma comunhão íntima de preocupações e de pesquisas na ordem mais elevada.

São forças muito poderosas, que estabelecem as correntes entre os seres. Para aqueles que não estudam essas correntes e as suas repercussões, parecem incompreensíveis e as afinidades particulares estabelecidas entre tal pessoa e outra parecem-nos surpreendentes à primeira vista.

Olham-se atentamente os traços de tal mulher que possui uma grande força de sedução e, para bem os detalhar, nenhum desses traços está de acordo com uma beleza especialmente admirável e tocante. Entretanto, ela perturba, atrai; rodeiam-na as homenagens. Uma outra emociona por um quer que seja de revelador — com razão ou não — de um animismo mais sensível, mais compreensível. Esta interessa por um espírito profundo ou brilhante no qual pensamos poder gozar satisfações sempre renovadas. É o mistério das atrações, a incerteza do amor, desse amor com o qual um poeta diz que não se deve brincar. Aqueles que têm querido divertir-se com essa força, não vendo senão um prazer mais ou menos passageiro, foram dominados e triturados; porque as forças com as quais brincamos terminam por nos submeter.

Tal mulher tinha sido faceira, imprudente; não queria acreditar no amor que suscitava; não tinha visto senão um "*flirt*" sem importância; divertiu-se em despertar paixões, por distração, por capricho. A sua hora é chegada; é inevitável. Ama por sua vez; ama a quem não a ama; quem não a crê sincera ou quem se

diverte à sua custa; experimentou, por um justo retorno, o que tem feito sofrer aos outros. Então, são dores, a dilaceração, o desespero. A faceira esquece todos aqueles que choraram diante dela, todos aqueles cuja vida, talvez, ela desolou; não vê mais do que a sua própria dor; enfraquece-se, torna-se sombria, pensa no suicídio. É uma lei inelutável que aquele que semeia vento colhe tempestade. O amor está submetido a essa lei, tanto ou mais que toda outra força, porque é a força mais anímica.

No nosso livro *Voici la Lumière* mostramos em toda a sua extensão, esses retornos da flama e da sombra que são o resgate do amor por toda parte onde exerce o seu poder. Nos três domínios — sensual, sentimental e cerebral — aquele que desencadeia imprudentemente as forças termina sempre por ser a sua presa.

O adepto sabe que se trata de elementos temíveis com os quais não deveria agir senão com muita prudência.

Aquele que não os submete, arrisca-se, um dia ou outro, a ser algemado por eles e o seu cativeiro é mil vezes mais duro do que se poderia imaginar.

A natureza física se serve de todas as formas de atração para chegar ao seu fim, que é a continuidade da espécie, porém, para aquele que ignora as suas tentações e as armadilhas, ele forja um jugo bem pesado!

Atrás da flor enrola-se a serpente, diz o provérbio hindu.

São da mesma forma essas atrações incompreensíveis, às quais não se deve ceder. São as flores dos abismos, as que nos fazem cair para as profundidades fuliginosas do bátrio. O perfume dessas flores do mal disfarça as más emanações que sobem das anfractuosidades profundas; a sua pérfida beleza faz-nos esquecer — momentaneamente e ao preço daqueles duros retornos! — o único fim real da nossa vida, a nossa ascensão para os cimos.

Acima do ser humano existem forças, e essas forças operam sobre nós, porque todas as coisas são solidárias na Natureza. O homem, sendo o microcosmo, o pequeno mundo em que se reflete o macrocosmo, o universo, as forças que operam entre os seres humanos é a representação das forças naturais que agem acima dele, regendo outras leis. Tudo o que vive, desde o átomo até à estrela, está submetido à mesma lei. Todos os corpos, mesmo aqueles que nos parecem os mais inanimados, são atraídos uns para os outros como os astros se afastam e se procuram segundo as leis rítmicas de um turbilhão sem fim.

Tudo na natureza está sob a dependência da lei única do ritmo, sem a qual não há existência possível.

Tudo se move e tudo vive, a relação do homem com as forças naturais é mais estreita do que se imagina. Por isso, depois de algum tempo de estudos, fica-se surpreso e maravilhado pela euritmia de forças similares, produzindo, de uma e outra parte, os mesmos efeitos.

Entre as forças que dominam a pequena célula humana, aquela que é mais conhecida pelos seus efeitos é a do Sol.

É uma força ativa que dá o impulso às seivas; faz circular nas plantas o suco que lhe leva a vida, que faz germinar o grão, crescer a haste, abrir a flor, amadurecer o fruto.

Sob a influência do raio quente, o botão se entreabre em folíolos odorantes, as pétalas despregam os seus tecidos sedosos, cuja cor encanta os olhos, e os perfumes fortes se espalham pelo ar.

O ser humano sofre, da mesma forma, essa força potente. A claridade pura do Sol, a sua irradiação quente fixam-lhe a vitalidade, desenvolvem nele todas as energias, dão plena expansão às suas faculdades. O doente que se expõe à sua

benéfica influência experimenta um reconforto físico que exerce profundos ecos no ser psíquico e sentimental. Aquele que goza saúde acha nos ardentes raios do sol o estímulo para as suas forças. Quando o sol aparece, tudo vive e tudo canta; a Natureza está em festa e espalha os seus perfumes; o pássaro, que tinha fugido para os climas mais doces, regressa aos nossos tetos de ardósia e faz o seu ninho em breve, repleto de passarinhos que voltejam, cantando, ao redor das casas amigas. Tudo canta, o trigo amadurece e prepara a colheita que nutrirá os trabalhadores. É sob esse aspecto de força vivificante que as antigas iniciações consideram o Sol como o rosto de Deus.

*

*

*

À força ativa do Sol se opõe harmoniosamente a força passiva da Lua. Sua luz não lhe pertence propriamente, pois é a luz do Sol ameigada e velada que nos transmite o astro das noites.

Tudo é calma e doçura na sua influência serena. O luar desce sobre o campo com uma ternura e um encanto que dão, ao espírito perturbado, repouso delicioso.

Doce repouso sucede aos trabalhos do dia. Eflúvios misteriosos, uma poesia pungente se espalha com a doce claridade e dá a tudo o descanso e a frescura.

Contudo, esse aparente sono é cheio de forças que, semelhantes aos grandes felinos, ocultam sob a leveza dos músculos apaziguados, um vivo e palpitante ardor.

Mas aquela que todas as iniciações consideraram como a Grande Mãe não anula facilmente as suas cóleras furiosas. Quase sempre, sentimos, em sua

presença, a claridade interior se desenvolver em nós. Sob a influência da lua, o nosso espírito se abandona à meditação; na calma propícia da noite, entrevemos a ligação que nos une às forças superiores.

Que horas deliciosas e mágicas vivemos sob o olhar amigo da lua! Nesse momento, a alma se expande deliciosamente. Todos os desgostos se apaziguam.

Depois do esforço voluntário em que a tormenta se acalma, todo o ser se detém na paz serena da noite.

*

*

*

Além dessas forças que nos são perceptíveis, por toda parte energias fazem pressentir o seu poder.

Ora é o mar que, rugindo, arremete as vagas sobre a rocha; ele se lança e imaginamos que vai arrebentar tudo no seu impulso feroz; porém, uma voz mais forte que a sua delimitou para sempre o seu império e a onda se afasta no momento em que deveria tudo quebrar. Em outras horas, seu fluxo se estende preguiçosamente sobre a rocha como um felino apaziguado.

Então, a poesia selvagem, que nos terrificara, transforma-se em uma doce harmonia, uma terna música que não guarda mais nada dos furores de antes. Deixamo-nos ir nesse encanto supremo. E que somos nós em presença dessa imensidade viva? Um nada que a vaga arrastaria com os seus brinquedos e seus reflexos. A emoção nos invade então. Deixamo-nos deliciosamente emocionar pelo jogo das forças que sobem das profundezas.

*

*

*

Se admiramos os astros que formigam por uma noite límpida, vê-mo-los girar, movidos por essa atração universal cujo poder os nossos próprios sentimentos nos indicam. Encontramos nesse espetáculo um conforto inesperado. Que é a nossa dor que imaginávamos tão profunda, em presença dessa imensidade que desconcerta nossos cálculos?

Que somos nós em relação à natureza, quando não a compreendemos? E, se a compreendemos, não nos ensina ela a necessidade dessa experiência? É por isso que a contemplação dessa bela noite apazigua e sustem a nossa dolorosa lassidão; reduz a intensidade de nossas dores. Nosso egoísmo desaparece diante dessa imensidade onde reinam forças e inteligências, onde passa, invisível e por toda parte presente, o pensamento sublime de Deus.

Logo, por toda parte e em toda coisa, encontramos as energias que o ser superficial ignora. O sábio e o filósofo ficam confusos diante desse espetáculo em que descobrem toda a sabedoria do mundo. O iniciado procura penetrar o segredo das forças ambientes, pôr-se em harmonia com elas, fixá-las em si e fazer harmonizar o seu desejo útil com a sua potência. Por esse meio, pode fixar a essência mesma da vida, fazer milagres, transfundir energias naquele que está privado delas, quebrar as cadeias pesadas daqueles que estão ligados à matéria.

*

* *

Por toda parte e em toda coisa, tudo é amor e atração. Potências formidáveis guiam-nos sem que o saibamos, mas o nosso dever é não ignorá-lo. Atração universal que faz mover os mundos; comunhão dos pensamentos que anima todo agrupamento humano; amor que reúne os seres nas suas afinidades

íntimas, por toda parte são forças análogas e cujas ações se fazem sentir da mesma forma.

Fazem operar os indivíduos, como dão aos astros os impulsos que os fazem viver e, na nossa atmosfera ambiente, fazem sentir a tua ação com um impulso que nem sempre suspeitamos. Outras energias são ainda mais altas, porém, ao desprendermo-nos da matéria, abrindo o nosso coração aos impulsos sublimes, elevando o nosso espírito para esferas mais etéreas que as nossas, atingimos essas forças mais puras, cuja percepção escapa ao vulgo.

Nosso campo é tanto mais vasto quanto trabalhamos com mais vontade, calma e perseverança, quanto mais nos esforçamos para resolver os grandes problemas com mais lucidez, quanto mais sincero é o nosso esforço e o nosso objetivo mais altruísta. É uma lei sem exceção que aquele que dá, mais recebe. E mesmo sem cuidar nesse intercâmbio constante dos benefícios e das forças, é, a alegria do iniciado atingir os altos cimos, as regiões mais purificadas a fim de fazer participar aqueles que sofrem, da alegria dessas forças vivas.

O iniciado recebe diretamente a luz das flamas divinas e a espalha sobre aqueles que ainda estão na sombra; goza uma infinita doçura fazendo-lhes participar de sua felicidade e de seu poder; deseja ser para eles a imagem dessas flamas vivas que brilham, mais alto, no calmo éter.

*

*

*

Essas forças e o vasto campo de ação em que elas operam, tal é o domínio imenso do iniciado.

É um belo panorama em que as grandes correntes se desenrolam como vastos rios.

O adepto pode banhar-se nesses rios, captar-lhes a energia, fixá-la em si mesmo, adaptá-la aos seus próprios desígnios e, principalmente, às necessidades dos outros.

Acima dessas correntes brilham as Flamas que iluminam a marcha da Humanidade, as Idéias-forças que dirigem, do alto, os acontecimentos aos quais crêem presidir os poderosos da terra, incapazes, entretanto, de se governarem a si mesmos. O adepto, porém, guiado pela intuição que soube adquirir, confia nas suas advertências, dirige-se segundo os seus avisos; e se desaltera nas fontes supremas do conhecimento e do poder.

Alguns, mesmo sem prévio preparo, são levados, através de relâmpagos, até esses altos cumes, porém a queda tem sido tão pronta que pensaram ter sonhado.

É que para tirar luzes constantemente da fonte suprema é preciso, como o iniciado, haver dominado as forças que animam a máquina humana, conhecê-las perfeitamente para dirigi-las em si mesmos, apreender os ritmos para segui-los ou conduzi-los nos seus domínios infinitos. Aquele que quer preencher essa missão sublime deve começar por ser senhor das necessidades de seu corpo, dos impulsos de seu coração, das curiosidades de seu espírito e não se deixar arrastar cegamente por eles. Antes de procurar atingir as forças exteriores, deve ter aprendido a governar os seus poderes internos. Não se deve deixar vencer pelo apelo dos sentidos, pela curiosidade sentimental, pela atração de um pensamento que o pode conduzir a uma descida. Deve ter dominado todos os seus impulsos e, uma vez que tenha escolhido a sua trilha, não deve mais permitir-se uma distração que o afaste dela; sabe que não se brinca com as forças.

*

*

*

Dominar, porém, não equivale a suprimir. O defeito de certos métodos é precisamente tenderem a fazer rejeitar totalmente o amor sensual, a desenvolver entre os adeptos um ascetismo que tem por fim suprimir uma função natural sem se preocupar se graves perturbações não surgirão para todo o organismo.

Alguns não suprimiram somente a vida sensual, mas tudo o que é afeição no plano humano lhes pareceu culpável.

Outros, ainda, não querem deixar subsistir nenhum sentimento, procurando suprimir mesmo toda a idéia que nos seja pessoal para chegar mais depressa à iluminação.

Ao nosso ver é cometer graves erros, é contrariar gravemente as leis sãs da Natureza. Resulta daí sempre um desequilíbrio. Quantos dissabores esperam aqueles que escutam esses conselhos!

Certos místicos encaram o problema sob outro prisma e, admitindo o ato do amor carnal como meio de procriação, procuram utilizar a aproximação física no fim da maior comunhão espiritual, porém com a condição de que esse contato não traga nenhuma perda da energia geradora!

Assim, o doutora Alice Stockham nos chega até a dizer do ato carnal entre esposos:

"Vindo o momento, sem fadiga do corpo, sem inquietação do espírito, entregai-vos ao ato carnal, acompanhando o ato de união de expressões de ternura, mas conservando o corpo sempre sob a inteira subordinação do

espírito, da vontade e sem deixar o frêmito da paixão ir além de uma simples sensação de prazer. A menos que não desejeis a procriação, evitai consumir o ato."

"Com um pouco de tempo e de boa vontade de parte a parte, o intercâmbio se fará sem emissão e sem crise. Durante uma hora estareis submetidos a uma tensão física acompanhada de exaltação espiritual; não é raro que, em semelhante caso, tenhamos visões de uma vida transcendente e experimentemos a consciência de uma força nova."

O menos que se pode dizer dessa extravagante higiene é que é extremamente perigosa; há nela uma tendência ao amor físico-místico que não tardará a prejudicar profundamente a personalidade. Todavia, poucas pessoas sensatas são levadas a seguir esses desconcertantes preceitos, e essas elucubrações sobre uma ética especial do casamento arriscam a fazer poucos adeptos. É útil, entretanto, desanimar imediatamente os curiosos que se entregariam a esse treinamento especial, com grande detrimento de sua saúde nervosa.

*

*

*

O que é preciso é ceder à vida sensual quando for conveniente, mas sem se deixar dominar pela impetuosidade do desejo. Aquele que não é senhor de suas reações particulares, faz-se um escravo dos seus sentidos e cria um estado de necessidade assimilável, em menor grau, ao do morfinômano ou do opiômano que não podem passar sem os seus venenos.

É preciso considerar a função geradora como um ato normal cujo fim é perpetuar a espécie, criar um lar, unindo pelo amor, em todos os seus domínios, dois seres que se dão reciprocamente, tanto na boa como na má fortuna. A união desses dois seres não é uma banalidade galante; é um ato sério, no qual devemos ver o meio de regenerar a raça e restabelecer a família. É, pois, um ato grave e que reclama consideração.

É preciso não encará-lo exclusivamente como um prazer, não torná-lo essencialmente sensual, porque isso cria uma espécie de tendência a despertar os vícios que prolongam o desejo e o produzem. Essas curiosidades malsãs não chegam senão a dar ao espírito um impulso mórbido, a inspirar à imaginação pesquisas que esgotam o corpo, levando o sistema nervoso à neurastenia e o espírito às idéias negras e ao desânimo.

É preciso não mais ceder cegamente ao seu coração. Os impulsos sentimentais são, muitas vezes, mais perigosos, porque são violentos e parecem puros aos espíritos que se elevam acima da matéria. O essencial é dominar os impulsos; não ceder senão ao bom senso.

As alegrias que dá o amor cerebral são de ordem mais elevada; porém, que necessidade temos nós do amor para encontrar \no comércio do espírito uma amizade sólida e fiel?

Há aí grandes doçuras que nascem de uma idêntica compreensão dos seres e das coisas e convém ficar sempre senhor de seu pensamento como se deve ficar senhor do corpo e do coração. O bem só está no equilíbrio. É graças a ele que o ser se sente normal e perfeitamente feliz.

*

*

*

O nosso dever é, pois, educarmos a nós mesmos, criando um lar onde reine o amor poderoso e superior, baseado em sentimentos duráveis. Esse lar não pode ter por fim senão o melhoramento da raça, porque o fim do iniciado é o aperfeiçoamento de si mesmo para espalhar o bem em torno dele, criando assim um melhoramento coletivo. Convém, pois, amar unicamente o ser escolhido, abrir-se com ele, viver em inteira comunhão de sentimentos e de pensamentos, evitando os atritos que prejudicariam essa união tão doce. É pelas mútuas concessões que se chega a essa estabilidade, a essa vida de lar que é o maior bem do ser social. É por uma escolha judiciosa, por uma ternura constante que se chega à unificação de dois, a se compreender antes de se ter expressado o pensamento, que se vem a realizar essa união que faz de dois corpos, de dois corações e de dois espíritos, os criadores de uma família.

Experimenta-se, nessa afeição natural, o que se sente diante da Natureza, um porto onde se possa abrigar, nas horas más.

É porque a Natureza nos mostra que doçura pode espalhar tanto nas nossas alegrias como nos pesares, que àqueles que amam verdadeiramente, têm tanto prazer em se perderem juntos sob as verdes ogivas da floresta, a contemplar, mãos e corações unidos, a imensa extensão movimentada do mar.

Ambos admiram a Natureza e sentem, em si mesmos, a vida ardente e doce que faz crescer as plantas e protege os ninhos. Sentem-se penetrados de suas harmonias; vivem em comunhão com o que os rodeia e acaricia.

*

*

*

Esses prazeres superiores não são dados àqueles que não se afastam das forças inferiores. Só os outros podem atingir as altas regiões onde a alma está

serena. Nesse momento, um campo imenso se desenrola diante do pensamento, então, dominador da matéria.

Compreendemos que os ritmos a dirigem e participam desses ritmos que nos enlaçam no seu encanto puro. O coração, percebendo o encantamento da atração universal desse magnetismo superior que opera sobre todas as formas da vida, procura fixá-lo em si mesmo e o consegue. A sua sede infinita é saciada nas fontes sagradas, longe dos desejos impuros e dos pensamentos odiosos. É bebendo nessas fontes ideais que saboreamos as maiores alegrias que ao nosso ser seja dado experimentar.

Mas, essa felicidade não se consegue sem trabalho. Para se desalterar nas fontes que saltam nas alturas; devemos primeiramente ter o trabalho de procurá-las, devemos fazer esforços para atingi-las, tentando-o continuamente. Essas reservas podem parecer bem longínquas, porém quanto o nosso esforço é recompensado por prodigiosos resultados!

*

*

*

O campo de ação do iniciado é ainda maior do que o imaginaiis. Compreende todas as forças que existem. Vai dos impulsos mais baixos da matéria até as quintessências mais maravilhosas do espírito. Todas as forças lhe são amigas, porque sabe dominar as más e se conciliar com as que são boas e harmoniosas.

O astrônomo conhece o movimento dos astros; segue-os no céu e seu pensamento os acompanha na órbita que vão percorrer, porque penetrou as leis que presidem a sua evolução. Essas leis não tendo segredos, para ele, informam-no de sua marcha precisa, de sua influência sobre o mundo.

Do mesmo modo, o iniciado que estudou as forças ambientes conhece, em certa medida, o seu jogo.

Não somente contempla o astro que rola no céu, porém sabe que, em certa medida, pode derivar seu influxo e torná-lo benéfico para aqueles que têm necessidade dele.

O iniciado é senhor das forças que estão nele. Antes de procurar reinar sobre a matéria sutil e as potências que o rodeiam, dominou os seus impulsos e as suas emoções mais involuntárias, fazendo calar os arrebatamentos que lhe impunha o seu longínquo atavismo. Fez obedecer à sua vontade o seu temperamento e o seu corpo. Chegou a esse equilíbrio voluntário, que é, ao mesmo tempo, a estabilidade, o poder. Nele está o pensamento que manda, o elemento superior, uma vontade calma e firme, sem rigor, mas sustentada e perseverante, que não desanima diante de um só obstáculo.

*

* *

Senhor de si mesmo, o adepto facilmente é senhor dos outros. Efetivamente, aquele que sabe refrear o seu próprio magnetismo, dominando os seus impulsos, é capaz também de o polarizar e emitir da maneira que lhe convier melhor.

Só vos colocardes perto de um foco incandescente, experimentais o que irradia de sua chama.

Na esfera de irradiação desse foco, não vos podeis subtrair à ação do calor desprendido. Esse calor se propaga em torno do foco segundo as leis físicas conhecidas, sempre as mesmas. A ação do iniciado é, em certos pontos, comparável à do foco. Irradia normalmente em torno de si e todos, quer queiram ou

não, quando se encontram no seu campo de ação, experimentam os efeitos de seu influxo misterioso.

A comparação do iniciado com o foco incandescente não é, entretanto, rigorosamente exata, porque o foco não pode propagar em torno dele senão uma certa forma de calor, sempre a mesma, apesar das diferenças de intensidade; o iniciado, ao contrário, tem poder de dar, na sua irradiação, pelo magnetismo que emana de toda a sua pessoa, as qualidades particulares que deseja. O iniciado polariza, pois, à sua vontade, sua própria energia, a sua própria vitalidade.

Desprende os seus raios quentes como o foco envia os seus e qualquer que se encontre na sua vizinhança se sente atraído para ele, como os pobres desgraçados que se entorpeceram pela geada correm para a chama alegre que dará novo vigor ao seus membros gelados.

Por outro lado, o iniciado tem a possibilidade de modificar o campo de sua irradiação, concentrar forças para exteriorizá-las em seguida e projetá-las ao longe na direção que se propôs.

Certos seres possuem naturalmente essa espécie de irradiação, porém, não lhe conhecem as leis e os efeitos que dela obtêm, pois são caprichosos e passageiros.

Entretanto, atraem para si tudo quanto constitui o objetivo de seu desejo e de sua ambição. Tudo lhes vem. As amizades preciosas se apresentam naturalmente; as simpatias os rodeiam e, cada qual lhes quer ser útil.

Parece que tudo o que é agradável lhe vem espontaneamente e o amor mesmo se apresenta como uma flor à altura da mão, que lhe é permitido colher à sua vontade.

Por que esses seres tão singularmente dotados possuem esse poder? É um mistério impenetrável para aqueles que não estudaram os problemas psíquicos.

O segredo é bem simples, entretanto. Esses seres são, sem dúvida, os reservatórios de um magnetismo muito sutil que se escapa de sua pessoa e vai impressionar aqueles para quem se dirige o seu sentimento ou o seu desejo. Não há necessidade de palavras; é uma comunicação psíquica prontamente estabelecida, instantânea, por assim dizer, que se funciona de um ao outro, criando entre duas pessoas um equilíbrio e coloca o mais fraco sob o domínio do mais forte.

Esses fatos espontâneos, de que o profano se admira, devem-nos fazer compreender quanto mais forte será o iniciado quando, em lugar de projetar a torto e a direito uma emissão da qual não é senhor, dirige com uma vontade consciente eflúvios que lhe são conhecidos e de que conhece o manejo perfeito.

O iniciado sente em si forças infinitas de que pode fazer uso à sua vontade. Utiliza-as sensatamente, sabendo que pode torná-las maiores e renová-las sem cessar, não se deixando jamais empobrecer.

Não somente o seu poder é muito superior, mas, polarizando as suas emissões fluídicas, pode lhes dar tal qualidade que julgue necessária. Pode aumentar ou tornar delicadas as vibrações de suas forças; pode sustentar ou dominar; despertar ou fazer dormir. É porque os iniciados de todos os tempos conheciam esse segredo da polarização das forças que possuíam tão grandes poderes, que tinham o poder de curar, salvar e pôr ao serviço da dor e segredo das forças ocultas.

*

*

*

Essa polarização das forças é um dos conhecimentos que o iniciado adquire em primeiro lugar.

Está ele em presença de uma pessoa deprimida? Por sua orientação de pensamento, por uma vontade calma, sustentada e perseverante, ele dá ao seu magnetismo e a todas as forças benéficas que sente em si e que pode irradiar para aqueles que lhe fazem apelo, aquilo de que necessitam realmente, a vibração apropriada ao seu estado particular, o que os magnetizadores do último século chamam o "*tom de movimento*".

Resulta daí, para aquele sobre o qual se opera, uma emissão particular, ativa e estimulante que o desperta do seu torpor. O deprimido é tomado por essa "*aura*", por essa atmosfera especial que irradia em torno do magnetizador. E, como nos aquecemos junto ao fogão, do mesmo modo o deprimido experimenta, por essa simples presença, uma energia nova que o reconforta e o sustem. Sente-se logo menos abatido, menos triste e, progressivamente, se revigoriza, retoma a sua força, a sua coragem, a sua alegria.

Essa ação se simboliza na atividade solar. Quando o inverno nos afasta dos raios do sol, tudo parece morto na Natureza; não há folhas nem flores; os próprios animais se ocultam; toda a vida parece abandonar a terra. Mas, desde que a primavera conduz de novo luz, as folhas saltam dos ramos nus; os animais parecem ressuscitar; os pássaros fazem ouvir os seus cantos alegres; a alegria reina sobre a terra. O iniciado é como o sol; desde que aparece, a sua atmosfera quente conduz ao corpo a vitalidade, ao espírito os pensamentos otimistas, ao coração novas alegrias.

Inversamente, se o iniciado se acha diante de um doente que tem necessidade de estar calmo, era presença de um excitado que não conhece mais o

repouso, é a calma de seu pensamento e de seu magnetismo que ele faz irradiar em torno. Um bem-estar inesperado e uma paz deliciosa penetra no sistema nervoso daquele que estava agitado; resultam daí um agradável repouso e um doce sono reconfortante que prometem e freqüentemente reconduzem o equilíbrio à saúde.

Tendes, talvez, sentido já essa calma ao contato de certos seres. Emanava de toda a sua pessoa um magnetismo tão doce como um perfume, que trazia a paz ao vosso coração, mesmo nas horas mais perturbadas. Diante desses seres, vos sentistes confiantes; vós lhes abristes a vossa alma, como a terra gelada se abre aos primeiros raios do sol.

Não somente o iniciado dá ao seu magnetismo qualidades de calma ou de excitação, tornando-o ativo ou passivo, mas ainda pode dar qualidades que julgue necessárias. E' um ponto muito importante, sobre o qual voltaremos a tratar no próximo capítulo, que consagramos à transfusão da força.

Na nossa obra *Voici la Lumière*, demonstramos, por exemplos pessoais, o que se pode fazer com o auxílio dessa irradiação benéfica na cura das doenças físicas, no alívio das mágoas do coração, no apaziguamento das desordens do espírito, porque tudo o que é desequilíbrio — não há outra causa de sofrimento do que a falta de equilíbrio — pode ser aliviado e curado.

Tudo isso faz parte do domínio do sábio, do pesquisador sério que não se preocupa com a vaidade da glória e a cupidez do dinheiro, mas emprega as suas forças para surpreender os segredos da Natureza e as vibrações da vida para a saúde daqueles que o rodeiam. O domínio do iniciado é imenso e o sol que o ilumina é o da eterna verdade.

*

*

*

Esse domínio, compreende-se não estaria sem perigo, aberto a todo o mundo. O poder que se adquire com ele tornar-se-ia perigoso nas mãos do intrigante e do mau. É por isso que é indispensável fechá-lo diante daqueles que não possuem qualidades necessárias de coração e de espírito.

O iniciado possui um poder infinitamente extenso.

Governa a vida. É senhor das sensações e dos sentimentos, de tudo o que emociona, perturba, impressiona. É o dominador de todas as impulsividades, tanto que não se pode iniciar senão aquele que não abusaria do poder que a ciência lhe confere. Essa ciência maravilhosa, a ciência secreta de todos os santuários, não deve ser confiada senão a pessoas experimentadas e é o que justifica a duração e o caráter das experiências com que semeavam outrora o limiar do Templo; uma longa espera e duros trabalhos pareciam indispensáveis para se assegurar o valor do candidato.

Falando assim, tocamos em um dos mais altos arcanos da ciência secreta, arcano interdito aos profanos, porque eles, não veriam aí senão o meio de satisfazer aos seus mais grosseiros apetites. É uma das faces, e talvez a mais temível, do grande problema. Certamente, os mais altos poderes são conferidos ao adepto; ele tem direito sobre as forças poderosas que poderá dirigir a seu gosto, mas a arma que se lhe confia tem dois gumes. Imaginemos por um instante que aquele que recebe a chave do manejo dessas forças as queira usar em um fim de cupidez egoístico. Resultarão, daí, ações da mais baixa e mais odiosa feitiçaria.

O adepto pode operar à distância, mas aquele que se quer tornar culpado pode perpetrar, assim, muitos atentados.

Pode projetar com força a sua vontade nociva; esse fenômeno é muito freqüente nos campos. Pessoas rudes, absolutamente analfabetas, realizam,

segundo os ritos, cujo sentido elas mesmo não penetraram, ações que operam sobre as forças inferiores, causando a moléstia e, por vezes, a ruína.

Triunfo de curta duração porque o feiticeiro nunca termina por u'a morte serena.

A malquerença que lançou volta-se contra ele; termina morrendo do mal que desejou impor. Aquele que não vê no manejo das forças senão um objeto de curiosidade, desejará brincar com as forças "*para ver*"; o sentimental procurará emoções inéditas e fortes; o sensual não terá outro fim além de criar o desejo voluptuoso entre os seres cuja posse cobiça. Todos, de uma ou de outra maneira, desejarão humilhar e dominar. Todos chegarão ao mesmo fim, porque a posse das forças não pode ser empregada para uma obra nefasta. Há perigo para aqueles que rodeiam o feiticeiro; há mais perigo ainda para ele mesmo.

É por isso que o véu não pode ser levantado. É nos permitido pôr sobre o caminho aquele que acreditamos capaz de procurar com o coração puro, mas, cada um deve avançar por seu próprio esforço. O simples curioso não achará o que ele procura porque não possui a fé que atrai as virtudes superiores. O mau poderá achá-lo, porque não lhe falta a constância; acha-o, porém, para a sua desgraça e não convém auxiliá-lo.

A porta do mistério fica rigorosamente fechada para aqueles que não adquiriram os méritos necessários e que não deram provas da sinceridade do seu trabalho. Não há, sobre esse ponto, dissimulação possível; aquele que quer mentir, trai-se sem o perceber.

Cada um se faz a si mesmo.

Não se pode operar senão depois de longos estudos e pesquisas pacientes que parecem intermináveis ao curioso de pouca fé. As forças não se

obtem por uma palavra ou um gesto; é um desenvolvimento lento da percepção, dia a dia mais delicado, que nos revelará a presença das forças e nada poderia suprir a essa revelação.

E que procurará o voluptuoso? O segredo do amor? Das atrações sensuais? Afinidades essenciais?

O esforço do adepto sincero deve tender a descobrir propriamente esse arcano, a fim de quebrar as cadeias daqueles que estão presos.

Não se pode, porém, ser bem sucedido nessa obra senão quando se coloca acima da cadeia que se quer quebrar, acima da sensação, da perturbação passional dos sentidos, da emoção desregrada do coração.

Aquele que quer reger o amor, deve ser o seu senhor e não o seu escravo.

Aquele que quer dominar o amor não deve ter cedido senão a atrações elevadas; deve ter procurado mais alto, belas, sãs e puras harmonias; deve iluminar-se nas grandes flamas que, do alto da abóbada celeste, nos trazem solenes e santas inspirações. Certamente, o iniciado conhece o segredo das atrações, das afinidades e dos amores, mas sabe também que este domínio deve ficar fechado para aquele que não se mostrar digno.

Daí vem a necessidade de lançar um véu sobre esses segredos que se ensinam lentamente, que se descobrem mais lentamente ainda àquele que os tem merecido.

O amor puro se envolve no véu delicado do pudor. O segredo, mais precioso ainda do que a castidade mais estrita, está envolvido em mais véus. Não é aqui o lugar de os levantar.

*

*

*

Novo iniciado, eis-te no limiar dos mistérios. Tu os transpuseste e estás em estado de te dirigires a ti mesmo.

Dá, sem cessar, provas das qualidades que te conduziram a essa altura. Eleva o teu espírito para as altas harmonias onde te será revelado o segredo que desejas; esse segredo não se recusará, se tu o procurares como deves.

Abre o teu coração às palavras que a Natureza te canta, aos silêncios melódiosos que estão cheios de palavras sagradas na noite.

Caminha sobre a senda que está aberta aos teus passos. Agora, que escolheste esta senda, ela te levará aonde deves ir. A medida que avançares, compreenderás e sentirás. Os teus sentidos e o teu espírito far-se-ão mais delicados e mais sensíveis, a fim de que tomes o que está oculto ao sentido do profano.

Mas, cessaste de ser um profano. Sobe ao Templo e a tua essência se tornará, sem cessar, mais nobre e mais pura. Mostra por tuas ações que és digno da direção que te foi concedida. Sobe e serás digno de descobrir, letra por letra, de levantar, véu por véu, o segredo que te foi prometido e que te não será arrebatado.

Sobe e adquirirás o poder sem limites. Reinaras sobre o que pode emocionar o ser em todas as suas partes, mas esse poder, ao mesmo tempo perigoso e magnífico, o ocultarás preciosamente e não o confiarás senão a pessoas seguras.

É o segredo dos Sábios.

A FORÇA VITAL

O jogo das forças naturais. — A força vital e as diferentes modalidades da energia universal. — O ser humano é a sede de forças numerosas que somente agora, de novo, se procura descobrir. — O problema primordial é conhecer a força vital e nos tornarmos senhores dela. — O magnetismo é um agente físico. — A sua ação fisiológica è incontestável: ele se exerce independentemente de toda sugestão ou auto-sugestão. — A ação do magnetismo sobre as plantas e os micróbios. — A ação do magnetismo e a sugestão. — Experiências magnéticas do Dr. Liébeault sobre crianças de tenra idade. — Relação de duas curas obtidas pelo sr. Henri Durville com o emprego do magnetismo.

O estudo que acabamos de fazer mostrou-nos que o homem está submetido a diversas influências. Entretanto, em um exame tão rápido, não podemos entrever senão um lado muito pequeno da questão. O problema está apenas esboçado. E' indispensável elucidar ainda alguns pontos.

Este estudo é da máxima importância. Devemos insistir particularmente sobre certas energias que o adepto deve conhecer e cuja posse e domínio lhe são necessários para chegar ao fim que se propôs.

Essas forças, vê-las-emos primeiramente em nós mesmos onde devemos discerni-las. Depois, esse conhecimento perfeitamente adquirido, o adepto deve aprender a dominá-las e utilizá-las, a fim de levar a todos aqueles que delas necessitam, a luz e a saúde.

Antes de tudo é preciso recordar que o ser humano, sinteticamente, comporta três partes nitidamente distintas: o corpo, o espírito e o coração. Esses

nossos três elementos são regidos por energias particulares; o corpo recebe e irradia força vital; o espírito vive e desenvolve-se graças ao pensamento; o coração tem necessidade de sentimento. Essas diferentes forças sustentam o ser humano e fazem-no viver em contato permanente com o mundo exterior.

A vida é tanto mais harmoniosa e útil aos outros, quanto o adepto sente em seu corpo uma abundância maior de fluido vital, em seu espírito energias mentais renovadas sem cessar e em seu coração uma fortíssima potência emocional.

É quando atingiu esse fim que o homem está em estado de operar sobre si mesmo e sobre aqueles que o rodeiam com todo o conhecimento de causa, regulando voluntariamente os efeitos a produzir. Quando ele possui essas forças completamente, pode, usando cada uma delas, operar nos três domínios orgânico, mental ou sentimental da pessoa pela qual se interessa.

Certamente, essas forças são naturais, porém quanto são misteriosas! Parece, quando se constata os efeitos, que o homem chega a possuir mais poderes do que a sua natureza lhe concedeu. Mas o nosso defeito consiste em ignorarmos a natureza e a medirmos pelo limite da nossa limitada visão. O iniciado vê além do campo habitual; chama para si e ao redor de si, forças que não são conhecidas daquele que limita a sua atividade a fins puramente materiais.

Ele sabe. Detém em grande parte o segredo da vida; pode agir em todos os domínios da natureza humana.

Consagramos o presente capítulo à força vital; consideraremos, nos seguintes, o pensamento e o sentimento.

*

*

*

Primeiramente, que é a força vital?

É a força que anima o corpo, faz mover os nossos membros, regulariza as funções segundo o seu ritmo pessoal. É ela que, sem um só ato voluntário de nossa parte, faz palpitar o nosso coração, dilatar os nossos pulmões, viver, em uma palavra, todas as nossas vísceras.

Quando essa força vital é abundante e bem distribuída em todos os pontos da nossa economia, o equilíbrio é perfeito e estável: é a saúde.

Mas, se essa força é insuficiente ou se ela é excessiva em um ponto para faltar em outro, a harmonia da vida é destruída; é o desequilíbrio das forças, a moléstia.

A força vital é a própria essência de toda a vida orgânica do ser. É nas nossas funções orgânicas o que o pensamento é para o nosso espírito. É uma polarização particular da energia universal. Essa força vital, encontramos-la por toda parte, na natureza. É ela que o nosso corpo toma no ar que respira, nos alimentos que ingere, nas radiações do sol que é o verdadeiro coração do mundo.

Como a matéria é uma sob tantas aparências diversas, essa força é uma nas suas diversas modalidades; somente está, aqui ou ali, sob uma polarização particular, um aspecto diverso.

Mas, no fundo, é sempre a mesma energia, universalmente espalhada, faça ela girar os mundos nas suas órbitas eternas, presida às mares, faça crescer as plantas ou desenvolver os seres animados, seguindo sempre as mesmas leis sob a variedade dos aspectos. Essa força cósmica, essa energia universal, esse

magnetismo misterioso, essa potência sutil, por toda parte ativa e presente, é a base de toda vida humana.

Hipócrates assim a definiu; "*Os corpos dos homens e de todos os animais nutrem-se de três espécies de coisas: de alimentos, de bebidas e de força vital. A força vital se denomina sopro vital nos corpos e fora dos corpos. É a mais poderosa força de coesão e de ação de tudo o que existe. Entretanto, é invisível a olho nu; só o raciocínio pode concebê-la. Não está ausente de coisa alguma; acha-se em tudo. O intervalo imenso que separa a terra do céu é preenchido pela energia vital etérea. É ela que anima e faz mover o sol, a lua e os astros. É ela o alimento do fogo. A água do mar também a contém, porque sem ela os animais aquáticos não poderiam viver. Acrescento que ela dá a vida aos homens e estabelece as defesas naturais nas moléstias.*"

*

*

*

O ser humano é a sede de numerosas forças que se começa apenas a descobrir, porque parece que elas foram bem conhecidas nos santuários iniciáticos mais remotos.

Embora as estudemos com interesse apaixonado, os seus inumeráveis aspectos ainda nos desorientam. Entretanto, a esperança mais legítima, a certeza do sucesso entrevisto nos estão asseguradas.

Todas as iniciações, todas as escolas modernas conhecem a força vital. Ela é o *akasa* dos hindus, o *magnetismo animal* dos antigos magnetizadores, o *agente magnético* de H. Durville, a *eletricidade animal* do Dr. Pététin, o *nervismo* do Dr. Luce, a força *ódica* do Cavaleiro de Reichenbach (com as suas duas

polarizações od e ob); é ainda a *força astral* dos ocultistas, a *força nêurica irradiante* do Dr. Baréty, a *força nervosa* da medicina oficial.

Entre esses múltiplos aspectos, essa força é semelhante à força psíquica de Sir William Crookes e à força mediúnica. Estamos em presença de manifestações diferentes de uma idêntica força? São modalidades, mais próximas do que se pensa, da mesma energia? No estado atual dos nossos conhecimentos é difícil pronunciarmo-nos a respeito.

A medida que avança, o psiquista sente, mais e mais, a imensidade de problemas a resolver.

Um único fato é inegável: essas forças existem; elas se nos apresentam sob aspectos extremamente vários; não se limita à extensão de nosso corpo a ação que lhes é permitida; irradiam de nós, exteriorizam-se em condições particulares; estão estreitamente ligadas às energias ambientes; são submissas, em grande parte, à vontade do homem que desenvolveu metodicamente os seus poderes. É graças às forças que ele tira de si mesmo e da atmosfera que o rodeia, que o magnetizador cura e reconforta os doentes.

Essa força vital encontra-se por toda a natureza; ela nos envolve, nos penetra, sem que o percebamos. Emana do sol que revitaliza, sem cessar, do ar que respiramos e que nos banha de todo lado.

Como diz muito bem o Professor Bouchard: "*O sistema nervoso, pelas suas extremidades periféricas, tira, sem cessar, da irradiação solar, elementos de força, que transmite aos órgãos, segundo as necessidades da metamorfose orgânica.*"

Essa força vital encontramos-la nos alimentos, na planta que absorvemos e que no-la restitui sob uma forma adaptada às necessidades do nosso organismo.

Sem essa força vital, nenhum ser pode viver. Sem ela, os nossos órgãos cessam de funcionar, de se mover e, sob o império dessa inibição, perdemos igualmente a nossa faculdade de pensar, de associar idéias e imagens, de raciocinar.

Os nossos órgãos cessam as suas funções, perdemos também a atividade sensorial que renova os depósitos do mundo exterior ao nosso cérebro. A força vital é, pois, essencial à nossa existência; é a base de toda a nossa atividade orgânica, mental e emocional.

*

*

*

O problema primordial é conhecermos essa força vital e nos tornarmos senhor dela. Ora, este problema ainda não foi encarado sob o seu verdadeiro aspecto. É, nesta hora, quase inteiramente ignorado. Preocupamo-nos com a saúde, mas não procuramos conhecer nem a sua origem, nem as suas causas. O próprio princípio da vida não está em uma pílula, uma cápsula, uma poção. Apesar de todos os sonhos que têm sido verificados a esse respeito, a panacéia, o remédio material para todos os males é uma quimera. Os alquimistas empalideceram sobre os seus formulários durante séculos, sem realizá-la; o elixir de longa vida sempre fugiu diante de seus olhos. É que o remédio, por mais perfeito que seja, não dará mais que um alívio passageiro, uma excitação fugitiva; despertará momentaneamente os centros nervosos, animará certas reações, fornecerá ao doente, ao enfraquecido, ao anêmico forças latentes que dormitavam. Aí, porém, fica o seu poder. O remédio químico: cápsula, poção ou outro, pode exaltar o que existe, mas não pode criar o que não existe.

O bem-estar almejado não é senão um fogo de palha que um médico hábil pode certamente aproveitar para obter u'a melhora, mas o remédio empregado não lhe conduz nenhuma energia vital. E' uma vergastada; dá um sobressalto seguido muitas vezes de imediata depressão.

O problema é infinitamente mais complexo. Só alguns raros iniciados o resolveram. Compreenderam que a vida não está na pílula nem em uma beberagem qualquer, mas por toda parte onde podemos respirar a plenos pulmões, fixando-a em nós em grande abundância. Por um exercício apropriado, cada ser humano pode tirar das forças ambientes o que lhe falta; ou, melhor ainda, pode transfundir o seu próprio vitalismo em um ser em depressão. O adepto são, robusto, bem equilibrado, pode transmitir a uma pessoa enfraquecida, depauperada, a um doente, a energia que lhe falta. Dá-lhe essa força vital por simples irradiação, como o sol, com os seus raios ardentes, vivifica a planta, como a luz emanada de um astro ou de um fogão chega a um recanto sombrio, conduzindo aí a vida e a alegria, como o som vindo do instrumento sonoro e, por ondas sucessivas, chega a ferir o nosso ouvido.

Essas leis são análogas para todos os agentes físicos. Meu pai, Heitor Durville, mostrou que essa força vital, esse magnetismo é refletido por um espelho, refratado por um prisma, conduzido a distância por um fio; é polarizado; age sobre instrumentos de precisão. Em uma palavra, comporta-se como um verdadeiro agente físico. Não precisamos nos estender aqui sobre esse ponto que, entretanto, mereceria longo desenvolvimento. Indicaremos, para todas as minudências, a Física Magnética, de Heitor Durville, e a obra do Dr. Bonnaymé: *A Força Psíquica*, o *Agente Magnético* e os *Instrumentos* que servem para medi-los.

*

*

*

Ainda que seja um agente físico, porém, o magnetismo não deixa de ter uma ação fisiológica incontestável. Essa ação se exerce independentemente de toda sugestão ou auto-sugestão.

Pessoas bem-informadas dir-vos-ão que é necessário crer para que a ação magnética produza o resultado esperado. Não é exato.

Aqueles que falam assim não experimentaram nunca de um modo direto; são observadores superficiais que repetem fórmulas já feitas e que julgam engenhosas. São vítimas de uma idéia preconcebida; guardam-na ciosamente e, muitas vezes, por temor do erro e do ridículo.

É essa concepção falsa que eles defendem com sofreguidão, para continuar a fazer figura de "*espíritos fortes*"!

Entretanto, os fatos falam por si mesmos. O magnetismo humano é um agente cuja existência é fácil demonstrar. É uma ação clara, incontestável, não somente sobre a vitalidade dos seres humanos que podem parecer facilmente sugestionáveis, mas sobre os seres não submetidos à persuasão, como as plantas e os micróbios. No que concerne aos vegetais, o magnetismo ativa o crescimento. No estudo sobre as "*Energias Desconhecidas*", no *Psychic Magazine*, notamos as experiências do magnetizador Lafontaine sobre pêssegos, do Dr. Picard sobre roseiras, de Heitor Durville sobre plantas de saladas, de G. Fabius de Champville e Gravier sobre diferentes grãos, de Emilio Magnin sobre os enxertos, de Favre e do Dr. Gastão Durville sobre o mastruço.

Essas experiências são concludentes e muito fáceis de experimentar. Por simples magnetização, Gravier combateu a clorose das plantas, a sua descoloração. As plantas assim cuidadas retomaram a sua bela cor verde; as roseiras deram flores

mais precoces e mais belas que os arbustos não magnetizados. É difícil admitir que as plantas magnetizadas tenham sido vítimas de sugestão ou auto-sugestão!

Os fatos realizados têm uma exatidão tão perfeita que afastaram toda possibilidade de erro. Os resultados são nítidos e indiscutíveis. Resulta daí que o magnetismo humano possui ação sobre a vida e o crescimento dos vegetais.

A ação do magnetismo humano não é menos precisa sobre os micróbios. Neste mesmo estudo sobre as "*Energias Desconhecidas*", citamos os resultados obtidos por Fabre sobre o bacilo sutil, pelo Dr. Gastão Durville sobre o bacilo de Eberth (febre tifóide). Essas experiências, coroadas de sucesso, realizadas sob o mais minucioso cuidado, tinham sido já assinaladas por G. Fabius de Champville à *Sociedade Magnética da França*, há uns quinze anos.

*

* *

Circunscreve os focos microbianos, cicatriza as lesões, repara as desordens cometidas. Prende-se à vida, melhora rapidamente e, muitas vezes, é curado.

Pessoas mal-informadas confundem o magnetismo e a sugestão. São, contudo, modos de ação tão diferentes que parece impossível confundi-los. Esse erro tem sido espalhado por certos adeptos da Escola sugestiva. Sem razão, eles não quiseram ver nos resultados obtidos pelos magnetizadores mais do que uma ação da idéia. Certamente, em muitos casos, o poder do magnetizador cresceu pela fé, pela confiança que o doente tem no tratamento daquele que o aplica; há uma parte importante de sugestão e auto-sugestão.

Mas, longe de mudar a ação do magnetismo e de se lhe substituir, a sugestão e a auto-sugestão se unem a essa força real para aumentar os seus efeitos.

Na realidade, estamos muitas vezes em presença de dois fatores terapêuticos que se prestam um mútuo auxílio: o magnetismo e a sugestão. É, entretanto, difícil confundi-los e importa, aqui, distingui-los nitidamente. O magnetismo se apresenta, já o dissemos, sob o aspecto de um agente físico do mesmo modo que a luz, o calor ou a eletricidade. Quanto à sugestão, tem ela, também, grande valor terapêutico. Esses dois agentes têm, aliás, um campo de ação que lhes é próprio: o magnetismo tem o império do corpo e seu poder é essencialmente fisiológico; a sugestão se exerce em um vasto campo mental e sua intervenção é toda psicológica.

É preciso reconhecer ainda que um e outro desses dois agentes não estão estritamente limitados no seu domínio; cada um pode agir secundariamente no domínio vizinho e dar lugar a infinitas repercussões.

Trataremos em detalhe sobre a ação do pensamento no nosso capítulo seguinte. Fiquemos aqui sobre a ação fisiológica do magnetismo.

*

* *

Se a confusão do magnetismo e da sugestão provém da maior parte do preconceito de certos sugestionadores, aterrados em atribuir todo o valor terapêutico à idéia, é preciso reconhecer, entretanto, que, entre esses adversários, certos há que, desprendendo-se de toda idéia preconcebida, procuram reforçar a sua opinião sobre experiências muito precisas. Esses verdadeiros e sinceros pesquisadores

examinam imparcialmente a questão e só depois de longas séries de experiências, conduzidas com todo o rigor científico desejável, é que se manifestam.

Reconheceram a importância curativa do magnetismo e, confessando os seus erros passados, tornaram-se, desde esse tempo, partidários entusiastas do "*fluido*".

Desses adversários convertidos, o mais em evidência é, talvez, o fundador da Escola sugestiva. O Dr. Liébeault não acreditava, primeiramente, no poder curativo do magnetismo e não via nos resultados obtidos pelos magnetizadores senão a ação da idéia. Entretanto, como verdadeiro homem de ciência e à instância de um magnetizador, quis observar por si mesmo, aprofundar a questão e ter, a respeito do assunto, uma opinião bem fundada.

Seu intuito era eliminar do tratamento magnético todo fator sugestivo. Pensou, com razão, que entre os adultos ou as crianças de certa idade, a imaginação podia entrar em jogo e criar um fator curativo capaz de falsificar as suas conclusões. Por isso, dirigiu as suas pesquisas sobre crianças de tenra idade.

Assinalamos essas experiências e os resultados obtidos pelo Dr. Liébeault no nosso *Curso de Magnetismo Pessoal*, porém achamos útil dizer aqui algumas palavras, porque só esse estudo demonstra que toda pessoa desembaraçada de preconceitos pode, por experiências pessoais, calcular o valor terapêutico do magnetismo.

*

*

*

A pesquisa do Dr. Liébeault se fez, pois, com 45 crianças: — 32 abaixo de 3 anos: 13 entre 3 a 5 anos.

A sugestão é inadmissível sobre crianças de tenra idade. Entretanto, o Dr. Liébeult, cuidadoso por eliminar todas as possibilidades de erro, aproveitou o momento em que os doentinhos dormiam o seu sono natural para tratá-los magneticamente. O doutor não era homem para negar os fatos. Feitas as suas constatações, publicou o resultado em uma das brochuras mais interessantes. É desse trabalho que extraímos as seguintes linhas:

"Sobre 45 crianças, houve 45 casos de melhora ou de cura, pelo simples toque das mãos e sem estabelecer a mínima pressão. Eis aí um resultado que, ao primeiro exame, parece fabuloso, e, entretanto, esse resultado obtivemo-lo e estamos aptos a mostrar sempre um análogo diante de qualquer contraditor."

Mas, dirão talvez os negadores animados de preconceitos, o calor não pode ser posto como causa para explicar os resultados obtidos? Certamente, não. E o Dr. Liébeault, a quem é feita essa objeção, responde:

"Somos conduzidos a crer que as mudanças orgânicas produzidas não foram devidas senão a uma influência nervosa transmitida de nós a essas crianças; porque para as explicar de outro modo não se pode invocar apenas a influência do calor. Ora, elas todas estavam sob condições de calor, e seria absurdo, por consequência, que o que não tinha causado nenhum bem antes da nossa intervenção, tivesse

causado depois. Ainda menos se podem atribuir os resultados adquiridos sobre esses pequenos seres a uma sugestão qualquer. Se essa influência moral tivesse realmente efeito, teríamos constatado a melhora entre aqueles que, estranhando, choravam quando os tocávamos (ver na citada brochura: 1.a série -crianças abaixo de 3 anos: observações 24, 29, 31; e 2.a série -crianças acima de 3 anos: observação 1), ou que sentiam uma sensação penosa como a do frio de nossas mãos? (ver o mesmo trabalho, 1ª série: observação 29)”

“Ao contrário, nesses casos, devendo sofrer uma sugestão no sentido oposto ao nosso desejo, deveriam ficar piores em vez de melhorar, como aconteceu.”

“Admitamos, mesmo por hipótese, que seja possível haver um efeito sugestivo nas trocas fisiológicas sobrevindas; tínhamos ainda um meio de esclarecer essa dúvida: era agir sobre crianças adormecidas, o que havíamos feito já com notável sucesso e durante o seu sono, sobre uma criança de 4 anos (ver 2.a série: observação 13). Esta experimentação, porém, não sendo bastante comprobatória, em vista da idade avançada dessa criança, procuramos repeti-la sobre uma mais nova. O caso se apresentou.”

“Uma menina, chamada Luisa Meyer, de um ano, foi-me apresentada nas condições que desejávamos. Havia quatro semanas, essa criança chorava dia e noite e, apesar

dos esforçados cuidados de um bom médico, nem u'a melhora apresentava. Pareceu-nos ter eólicas contínuas, devidas a uma pertinaz prisão de ventre. A custo ela dormia, de tempos em tempos, durante cinco ou seis minutos seguidos. Durante um de seus curtos sonos, e, por consequência, sem que ela o soubesse, prolongamos esse estado e tivemos-la vinte minutos sob as nossas mãos, até que fez sinal de despertar. Desde esse momento, como por encanto, não mais chorou, dormiu mesmo grande parte da noite e, no dia seguinte, vimo-la tranqüila, começando a ter os intestinos regularizados. Três experiências feitas nos dias que se seguiram, mas sem que ela estivesse dormindo, acabaram a cura."

E o Dr. Liébeault julgou-se autorizado a concluir:

"Depois dos efeitos curativos que relatamos e depois deste último principalmente, somos conduzidos a admitir uma ação direta da neuricidade transmitida de homem a homem, e a concluir que esta ação tem este caráter essencial, irreduzível e sui generis, o de restabelecer o funcionamento fisiológico dos órgãos."

*

*

*

É a confirmação do que disseram todos os grandes mestres do magnetismo, os Mesmer, os Puységur, os Deleuze, os Lafontaine, os du Potet, os Heitor Durville, os Bué e tantos outros.

É a conclusão com a qual terminam todos aqueles que querem bem estudar a questão. A negação sistemática cede diante dos fatos. O magnetismo é uma realidade, o que não restringe de modo algum as possibilidades da sugestão.

São necessárias ainda novas provas? Talvez, porque há sempre cépticos e incrédulos.

Entregamos à sua meditação duas observações pessoais. Escolhemos essas relações entre muitas outras que poderíamos citar, mas esses dois casos apresentam, ao nosso ver, um particular interesse. Os dois doentes de que tratamos estavam à morte, em um estado julgado desesperador pelos médicos (um deles é Professor da Faculdade de Medicina, membro da Academia de Medicina). Ambos foram rapidamente curados pela magnetização feita sob a forma de transfusão vital. O magnetismo parece bem ser, nos dois casos, o único agente principal de cura.

Escolhemos dois casos em que a infecção microbiana era muito grande. Na primeira observação, tratava-se de um menino atingido por uma broncopneumonia dupla; no segundo, graves perturbações originadas de um parto (febre puerperal, flegmão do ligamento largo).

Se apresentamos aos leitores casos em que a infecção microbiana era particularmente grave, é que se imagina que o domínio do magnetizador é o das moléstias nervosas. Que erro! Tende-se absolutamente a limitar a influência do magnetismo a perturbações nervosas ou morais. Ora, os fatos provam que é principalmente nas doenças orgânicas que o magnetismo obtém o seu máximo de

eficácia. As perturbações da idéia e as doenças nervosas estão, antes, no domínio da sugestão.

Acrescentemos ainda que as duas relações que se vão seguir foram redigidas segundo as constatações que fizemos no curso do tratamento.

Cada dia, notamos escrupulosamente o que ocorrera na marcha da moléstia; melhoras ou recaídas. Contentamo-nos apenas em dar uma forma mais correta a essas notas que seguimos escrupulosamente para redigir as duas análises seguintes.

1ª Observação

Caso do menino Alberto D...-, broncopneumonia aguda.

Em Janeiro de 1922, o menino Alberto D..., de sete anos de idade, estava afetado de broncopneumonia que tomou imediatamente um caráter de extrema gravidade.

Hereditariedade. — O menino Alberto D... foi sempre de uma constituição muito delicada, fraca mesmo. É o terceiro filho de uma família, cujo pai, atualmente com 38 anos, também tem uma natureza muito fraca. A mãe está enfraquecida pelo nascimento de 6 filhos em 11 anos.

Quando nasceu Alberto, a mãe estava particularmente débil. De 6 filhos, 5 estão ainda vivos hoje, tendo respectivamente: 11, 10, 7 e 3 anos, e a última 18 meses. Todas essas crianças são de uma saúde muito delicada e reclamam muitos cuidados. Um morreu, o quarto, com a idade de 2 anos, de uma broncopneumonia sobrevinda logo após a coqueluche.

Doenças anteriores. — Dissemos que o menino Alberto foi sempre de saúde muito delicada. Efetivamente, em sua tenra idade, sofrerá de coqueluche e freqüentes transtornos. Aos 3 anos e meio, sofrerá de uma pleuris e de uma broncopneumonia. Esta afecção, cujo período agudo durou de 6 a 7 semanas, apresentou o caráter de uma gravidade particular. Os prognósticos eram sombrios. O menino foi tratado magneticamente pela senhora Le Bouteiller e foi salvo por ela; entretanto, o peito estava profundamente afetado e a saúde ficou débil.

Recaída da broncopneumonia em 1922. — O menino, restabelecido de sua broncopneumonia, ficou, pois, fraco e sujeito a resfriados. Começou o inverno de 1921-1922 muito bem, embora endefluxado e seus pulmões fossem muito sensíveis. Nada, porém, fazia perceber um sério ataque.

De repente, a 17 de Janeiro de 1922, às 11 horas da noite, o menino recaiu com a broncopneumonia. A afecção estava limitada ao pulmão direito. O doentinho experimenta uma grande angústia respiratória; sua tosse é freqüente e penosa; a temperatura oscila entre 39°,3 e 40°; o pulso acelera-se à medida que a febre sobe. O doente está muito abatido. Aparecem alguns vômitos, mas a angústia respiratória persiste. Durante os primeiros dias, a moléstia fica limitada ao pulmão direito. Durante este período, a senhora Le Bouteiller* cuida da criança pelo magnetismo e chega a reprimir momentaneamente a invasão do mal. Ela acrescenta aos cuidados magnéticos os invólucros frios.

Subitamente, no sexto dia, o segundo pulmão se compromete. Estamos a 23 de Janeiro de 1922. A afecção é, então, de toda a gravidade. Dois médicos velam o menino, a quem vêm duas ou três vezes por dia. O seu prognóstico é muito sombrio.

O rosto da criança estava desfigurado. A cabeça cai com o seu peso sobre o travesseiro, sem que tenha forças de a levantar. Não se pode mover por menor que seja o movimento de qualquer de seus membros. A vista está turva e, se levanta francamente as pálpebras, é para deixá-las cair novamente em breve. Parece reconhecer a custo as pessoas que o rodeiam e não pode falar. Está abatido, em um estado de profunda prostração. Um suor abundante inunda-lhe todo o corpo. A emissão das urinas e o trabalho intestinal estão absolutamente suspensos; nem urinas, nem dejeções durante numerosas horas. As expectorações abundantes dos dias precedentes cessaram igualmente. A dispnéia é grave; a

* A senhora Le Bouteiller é encarregada do curso da Escola Prática de Magnetismo (Física Magnética, Teorias e Processos do Magnetismo, História e Filosofia) e de conferências na Sociedade Magnética de França. Obteve, em 1918, o Prêmio Dr. Durville. De acordo com a vontade testamentária do Dr. Durville, este prêmio é dedicado cada ano ao aluno ou ex-aluno da Escola Prática de Magnetismo que obteve, durante o ano, o maior número de curas pela massagem e o magnetismo, excluindo outro tratamento.

criança sufoca e estertora; a asfixia aumenta rapidamente; o nariz está fortemente afilado; as asas do nariz frementes; a cianose dos lábios se verifica.

A percussão revelou um profundo endurecimento em toda a altura dos dois pulmões, com exagerada sonoridade nos dois ápices. A auscultação: enorme sopro de cada lado sobre a altura da omoplata, nesse nível e ao redor dos focos de hepatização, numerosos estertores subcrepitantes, extremos e meios.

Diagnóstico bacteriológico. — Numerosos glóbulos brancos degenerados, grossa quantidade de pneumococos com associações microbianas (principalmente: tetrágenos, estreptococos, estafilococos e micrococos catarrais).

A temperatura oscila entre 40° e 40°,8.

A morte parece próxima. Os dois médicos, chamados às 8 horas da noite, julgam o estado desesperador e declaram que é preciso esperar que a morte sobrevenha durante a noite.

Ambos, que vieram examinar o doente separadamente, fizeram o mesmo prognóstico desesperador. Ambos declararam não haver probabilidade, de uma sobre dez, para que a criança passe a noite e, mesmo, se passar essa noite, é preciso não esperar que se restabeleça. É preciso chamar telegraficamente a família que está na província e é bem possível que os pobres pais cheguem muito tarde para verem o menino ainda vivo. O primeiro médico não julgou útil formular uma receita: é muito tarde. O segundo aconselha uma injeção de 20 c.c. de sêrum anti-pneumocócico, que é feita imediatamente.

Nesse momento em que a morte é julgada iminente e quase certa é que sou chamado.

O magnetismo poderá dar a esse organismo moribundo elementos de defesa suficientemente poderosos para que ele possa deter-se na queda fatal?

A ação magnética vai necessitar de um grande dispêndio de força. A senhora Le Bouteiller continuará os seus cuidados magnéticos habituais, fazendo, cada dia, muitos passes de uma a duas horas. Eu me ocupo da criança toda a noite e, além disso, durante o dia, se houver necessidade imediata.

A partir do momento em que começo os cuidados magnéticos, o menino não tomará mais alimento algum. Só agirá o magnetismo. Os dois médicos, a nosso pedido, continuarão, entretanto, suas visitas cotidianas, mas somente para seguir o curso da afecção.

Enceto, pois, os cuidados a 23 de Janeiro de 1922, às 9 horas da noite. O caso, extremamente grave, necessita de uma intervenção imediata para salvar o menino; a ação magnética deve ser poderosa. As magnetizações habitualmente empregadas pelos magnetizadores (aplicações, passes etc.) me parecem aqui insuficientes. É preciso uma verdadeira transfusão vital e, por assim dizer, sem uma só parada, enquanto a criança não acuse melhora notável.

Não empreguei mais do que o sopro quente que é para o magnetizador o processo mais exaustivo; porém, para o doente, é o mais ativo.

Permite imediatamente, e em grande abundância, fazer passar a vida de um organismo em boa saúde para um organismo enfraquecido.

Antes de magnetizar o menino doente, magnetizei, pelo mesmo processo do sopro quente, muitas grandes pastas de algodão. Assim magnetizadas, estas pastas rodeiam o peito, o ventre, os membros do moribundo. Terminados esses preparativos dentro de um quarto de hora, comecei a insuflar o sopro quente diretamente sobre o peito.

O emprego desse processo é muito simples. Coloca-se um pano, lenço ou flanela sobre a parte a magnetizar. Em seguida, depois de encher de ar os pulmões

ao máximo, coloca-se a boca bem aberta em circulo sobre a parte que deve ser magnetizada. E esta mesma forma de sopro que, quando temos as mãos frias, nos permite aquecê-las. A boca estando perfeitamente colocada sobre a parte a influenciar, expele-se o ar regularmente com grande energia, como se quiséssemos fazer penetrar o ar muito profundamente nos tecidos do enfermo.

Quando se rejeita todo o ar que os pulmões contêm, afasta-se a cabeça, do doente, e respira-se de novo a plenos pulmões, e a boca sendo novamente pousada, faz-se um segundo sopro quente, e assim sucessivamente.

A ação é exaustiva, mas extremamente eficaz.

Com o sopro quente, quando bem praticado, a força vital do magnetizador passa em abundância; é verdadeiramente uma transfusão de vida que se opera.

Tenho inteira confiança na intervenção magnética; meus resultados anteriores solidificaram a minha certeza de que se pode curar muitas vezes, mesmo quando a morte se aproxima e a medicina oficial se declara impotente. Eu quero que a criança seja salva e o será. Eu o desejo com energia elevada ao máximo, porém o quero calmamente, sem nenhuma impaciência, perturbação ou abalo.

Começo a magnetização direta às 9 ½ horas da noite. A primeira sessão persiste até o dia seguinte, às 9 % horas da manhã.

Durante essas 12 horas, eu só empreguei um único processo: o sopro quente. O meu único objetivo é o peito. É sobre ele, só, que eu dirijo a minha ação. Esta ação deve ser enérgica. É preciso fazer passar a vida para esse corpo que parece viver as suas últimas horas.

Durante 12 horas de cuidado, eu procedi assim: faço 40 a 50 insuflações quentes seguidas, depois um intervalo de 5 minutos. Recomeço uma nova série de

algumas 50 insuflações, depois nova parada de 5 minutos e assim seguidamente durante 12 horas.

No momento da magnetização, descobre-se rapidamente uma parte do peito da criança, sobre a qual se aplica logo uma flanela quente, a fim de evitar todo resfriamento, estando o corpo inundado de suor. Logo que foi aplicada a flanela, pousando a minha boca em cima, como foi dito, fiz a série de insuflações e o menino é de novo coberto.

Sopro com toda a energia de que sou capaz. Nesse momento, no desejo ardente de salvar essa criança que agoniza, no perfeito domínio próprio, sinto forças insuspeitas.

A vontade calma e a fé em um poder, trazem, em si, forças ativas; sentimo-nos potentes, vivificantes. O estertor do doente e a asfixia fazem apressar a ação; põe-se nela toda a energia.

A ação é poderosa, mas nos exaure. É toda a nossa força vital que parece passar no nosso sopro. Quanto é eficaz, porém! É preciso agir, agir sem cessar. O tempo o exige. Nessas horas em que o combate está empenhado entre a vida e a morte, cada minuto é decisivo; inclinamo-nos sobre esse peito de criança com uma energia feroz, porém calma, com uma fisionomia segura, o coração cheio de fé, um espírito lúcido e cheio de coragem.

Durante as seis primeiras horas, não se produziu nenhuma mudança; mas, entre as 2 e 8 horas da manhã, a criança teve alguns períodos de alívio. De hora em hora, cinco a seis minutos de abatimento. São os primeiros sinais de melhora? Ou, ao contrário, é um caminho para a morte?

A asfixia é sempre a mesma; nenhuma tosse; o mesmo estertor traqueal; a mesma cianose dos lábios. O aspecto exterior não variou.

Continuo o sopro quente, procedendo sempre do mesmo modo, ainda que a criança seja aliviada apenas por instantes.

Das 8 às 9 horas da manhã, depois de 11 horas de sopro, salvo os intervalos de 5 minutos de repouso entre duas séries de insuflações, uma notável melhora se operou. O descanso se acusa, muito sensível; a respiração se desprende, a criança que asfixiava desde muitas horas, começa a respirar um pouco livremente; o estertor cessou; o doente começa a mover a cabeça e os braços; fala novamente; abre os olhos e se anima. Reconhece perfeitamente as pessoas que o rodeiam. A cianose dos lábios diminuiu; as narinas não fremem mais. Uma ligeira emissão de urina se produz, assim como uma ligeira dejeção.

Entre as 9 ½ e 10 horas, chegam os dois médicos, extremamente surpresos de constatar essa melhora muito notável. Auscultam os pulmões, tomam a temperatura, o pulso e não podem explicar a profunda mudança registrada. A criança não tomou nenhum medicamento. O magnetismo apenas foi posto em jogo, mas a ação foi poderosa.

Achando-se a criança melhor, aproveitei para repousar um pouco. A senhora Le Bouteiller vigia-a e continua os cuidados. Durante toda a noite forneci grande dispêndio: a série de 50 insuflações exaure. Entre duas séries de insuflações, disse que tinha cinco minutos de repouso. Na verdade, cinco minutos permitem a um experimentado magnetizador retomar a maior parte de energias vitais que acaba de dar, graças aos exercícios de respiração profunda feitos diante da janela inteiramente aberta. É o meio de recuperar, nos celeiros naturais, provisões de novas energias que permitem recommençar logo os cuidados e continuar durante longas horas. Mas, a luta não está terminada e será rude; é preciso repousarmos se quisermos reconquistar todo o poder em algumas horas.

Das 10 horas ao meio-dia, isole-me. Descrevi em minudências essa prática, assim como a respiração profunda, no meu *Curso de Magnetismo Pessoal*, que recomendo, para mais amplos detalhes, a todos aqueles que queiram aprofundar esses dois modos de recuperação de forças que nos são necessárias. Eu me contentarei, pois, em lembrar, de um modo breve, em que consiste o isolamento.

É um estado que, melhor do que o sono, permite retomar à vontade e rapidamente a plenitude de suas faculdades e poderes psíquicos.

Estendido à vontade, todos os músculos relaxados, domina-se completamente a atividade mental e, dando à sua respiração uma calma rítmica e profunda, encontra-se um estado de bem-estar completo. Tem-se, muitas vezes, a consciência do que se passa em torno; algumas vezes se adormece; é um sono calmo e reparador. Quando se está treinado, fica-se nesse estado quando se o deseja; entra-se nele em alguns segundos e sai-se dele também facilmente.

Desde que se abrem os olhos, seja que se tenha cochilado somente ou que se tenha desusado pelo sono, entra-se na posse da completa lucidez. Não fica nenhuma hesitação, nenhuma lassidão de espírito; está-se imediatamente prestes a agir, a pensar, em plena posse de si mesmo, com uma nova abundância de energias.

Estamos a 24 de Janeiro. Comecei o tratamento na véspera, às 9 ½ horas da noite. Depois de 12 horas de insuflações quentes, das 10 ao meio-dia isole-me, depois de ter constatado com os doutores u'a melhora muito sensível. Durante o meu repouso, a senhora Le Bouteiller continuou a magnetizar a criança, sendo que a melhora persistiu.

Depois de uma ligeira refeição, retomei a magnetização. Essa segunda sessão durou de 1 hora até às 8 da noite. Durante essas sete horas, o mesmo tratamento por série de 40 a 50 insuflações sobre o peito, com cinco minutos de intervalo, tempo de que me sirvo para me revivificar pela respiração profunda. O menino conservou a sua melhora. Menos prostrado, pôde ser mudado de posição, para um lado e para o outro, levantando, o que permitiu exercer o sopro quente sobre a totalidade do peito (diante, atrás e dos lados).

Às 8 horas, a criança continua a conservar este estado melhor. Começa a expectorar abundantemente. Fala e está mais animada.

Deixo-a para fazer, na Escola Prática de Magnetismo, a minha lição habitual. Durante a minha ausência, os médicos verificam que a melhora se mantinha.

Voltando às 11 da noite, achei a criança no mesmo estado, ainda que tivesse altas e baixas. A oscilação, em semelhante caso, é de regra constante. Começo logo a minha terceira sessão. Ela será particularmente penosa e, começada às 11 da noite, terminará às 9 horas da manhã.

Durante essas dez horas, eu emprego sempre o sopro quente com uma energia sempre crescente. Primeiramente, a noite se anuncia bem. A melhora persiste. Durante todo o curso do dia, a senhora Le Bouteiller continuou a magnetização pelos processos habituais.

A criança expeliu urinas abundantes e duas dejeções.

Neste ínterim, cai em sonolências que duram de 10 a 15 minutos. E assim permanece até a 1 hora da manhã. Depois, de repente, nessa hora, o menino solta grandes gritos que aumentam sempre cada vez mais. São longas queixas e esses gritos dolorosos duram três horas. O menino não responde mais às nossas

perguntas, continuando a gemer. A palpação não revela nenhum ponto especialmente doloroso; porém, o rosto do doentinho está inteiramente desfigurado; os olhos estão intumescidos porque a criança sufoca e a dispnéia torna-se extrema. Alguns vômitos se produzem; o ventre está proeminente. A temperatura é de 40,8°. O mal nunca atingiu a esse paroxismo. A luz parece torturar o doente que, encolhido, conserva os olhos fechados.

A auscultação mostra que nunca os dois pulmões estiveram tomados a esse ponto. Um suor viscoso, muito abundante, cobre inteiramente o doente.

Um dos médicos, chamado com urgência, fala em meningite ou peritonite aguda possíveis. A infecção pneumocócica se generaliza. Em todo caso, a recaída é muito grave; o menino parece estar ao extremo. O papel do médico se limita a essa triste verificação.

Intervenho, de novo, magneticamente, com toda a energia de que sou capaz.

Magnetizo durante uma hora sobre a garganta e ao alto do peito para lutar contra a asfixia. Sirvo-me sempre do mesmo processo do sopro quente, tendo a boca aplicada sobre uma flanela quente. Opero durante uma hora, sem mesmo perder tempo nos intervalos dos cinco minutos, entre as séries de 50 insuflações.

Apesar do estado desesperado do enfermo, conservo a confiança na possibilidade de salvá-lo.

Há talvez uma possibilidade ainda. É preciso tentar, mas é preciso lançar mão da última energia.

Magnetizo, pois, sem cessar, durante uma hora. É preciso ter feito o sopro quente em tais condições para saber quanto exaure, mas se desejamos triunfar na luta, a vitória é posta a esse preço.

Essa hora de sopro quente sobre a garganta e ao alto do peito não trouxe nenhuma mudança aparente.

Mudo de direção, receando uma peritonite de forma pneumocócica e, durante uma hora ainda, magnetizo o ventre pelo mesmo sopro quente.

Durante essa segunda hora, nenhuma mudança aparente. A mesma sufocação, as mesmas queixas surdas e prolongadas, a mesma cianose dos lábios. Então, deixei o ventre para retomar o peito em toda a sua extensão. Ainda que a criança pareça agonizar, voltamo-la, colocando-a, de quarto em quarto de hora, ora sobre um lado ora sobre o outro, para magnetizar todo o peito. Duas horas se passam assim, durante as quais continuo as minhas séries de 50 insuflações seguidas, intercalando, entre cada série, cinco a dez minutos de repouso, durante os quais eu me "reforço" por meio da respiração profunda. Há quatro horas que magnetizo sempre, sem nenhum resultado aparente. Mas, a partir desse momento, um ligeiro repouso parece que se produz.

Não cesso de prosseguir a magnetização e verifico que, depois de três a cinco séries de insuflações (de 120 a 250), o doente sufoca um pouco menos, mas a angústia respiratória recomeça cinco a dez minutos seguidos. Algumas novas séries de insuflações diminuem de novo a sufocação e, de quarto em quarto de hora, uma ligeira parada se acentua.

Parece, nesse momento, que isto seja u'a melhora. Será necessária, à medida dos cuidados cada vez mais insistentes, a mesma vontade de vencer.

Enfim, depois de três horas de sopro sobre a totalidade do peito — isto é, na quinta hora de ação — a melhora é muito nítida. Por esta vez ainda, a morte não fará a sua obra. O menino está sensivelmente melhor. Abre os olhos, responde por monossílabos ou por ligeiros sinais de cabeça às perguntas que lhe fazemos;

queixa-se, mas não estertora mais; conserva sempre uma grande angústia respiratória. Está abatido, prostrado e acalma de quarto em quarto de hora.

Às 9 horas da manhã — isto é, depois de 10 horas de sopro quente — a melhora é nitidamente sensível. A respiração, ainda muito angustiosa, é sensivelmente melhor. O menino fala um pouco; move a cabeça e também ligeiramente os braços e as pernas. A crise, que parecia fatal, está conjurada.

Estamos a 25 de Janeiro. A senhora Le Bouteiller substitui-me durante o dia à cabeceira do enfermo; e a melhora persiste. Aproveitei o dia para me "*revitalizar*" por três horas de isolamento que terminaram de manhã; em seguida, passei ao ar livre, respirando muito amplamente. Às 5 horas, eu fiz como cada quarta-feira, uma conferência no meu *Centro Iniciático*.

Retomo os cuidados às 8 horas da noite. A melhora obtida de manhã persistiu. Tomo, então, para a noite, novas disposições.

Farei três sessões de três horas: das 8 às 11 horas, de 1 às 4 horas, das 5 às 8 horas e, entre cada sessão, tomarei uma hora de repouso.

Durante os períodos de ação, utilizo-me exclusivamente do sopro quente, por séries de 40 a 50 insuflações seguidas de cinco minutos de parada, durante os quais faço exercícios de respiração profunda. Consagro a hora da parada a me isolar, estendido bem a meu gosto em um quarto vizinho; e, à hora combinada, me despertam.

De manhã, depois de nove horas de cuidados, o menino está sensivelmente melhor. Está alegre; fala e respira livremente. Expectorar abundantemente; a face está animada. Os lábios não estão mais congestionados; o frêmito das narinas desapareceu. Durante a noite, a criança teve suores

abundantes; urinou diversas vezes; quer beber agora, depressa uma tisana; pede para beber de tempos em tempos.

Estamos a 26 de janeiro. A senhora Le Bouteiller substitui-me junto do doente durante todo o dia; aplica-lhe diversas sessões de magnetismo habitual; passes, aplicações e sopro quente, seja diretamente, seja sobre folhas de algodão com que ela rodeia o peito e o ventre. A melhora se acentua.

Eu passo ainda a noite junto do doente e procedo como na noite precedente e, pela manhã, a melhora aumenta.

A respiração, o pulso e a temperatura estão bem melhores.

No dia seguinte 27 de janeiro, a manhã foi boa, a melhora persiste. A senhora Le Bouteiller vigia a criança e magnetiza-a de hora em hora. Subitamente, a 1 hora da tarde, uma agravação se produz: o menino experimenta uma grande dificuldade em respirar; repete-se uma crise de asfixia; os seus olhos se apertam e se fecham; seus lábios se intumescem e azulam; as asas do nariz fremem; o seu rosto torna-se ligeiramente esverdeado.

Voltando às três horas junto do enfermo, não o deixo senão depois de ter obtido uma nova melhora bem nítida. São 5 horas. Duas horas de ação enérgica fizeram voltar a calma.

Não há mais asfixia; porém a respiração torna-se difícil e o prognóstico dos dois médicos é sombrio.

Um dos pulmões que estava livre tinha sido, então, inteiramente retomado. Fiquei ao seu lado para intervir.

A noite chegou; às 8 horas, o menino estava bem. Os olhos estavam vivos, embora abatidos. Magnetizo durante toda a noite. Para armazenar forças, magnetizo por períodos de uma hora seguida e uma hora de repouso. A ação não

varia; sempre o sopro quente por séries de umas 50 insuflações seguidas de cinco minutos de repouso. Durante uma hora inteira de espera, isolamento e respiração profunda diante da janela aberta; o ar fresco da noite é um excelente estimulante.

O menino geme toda a noite; teve varias emissões de urina, duas pequenas dejeções, um suor abundante por todo o corpo. Pela manhã, u'a melhora aparece; o menino move um pouco a cabeça e os membros. A sua respiração é menos ansiosa; pede muitas vezes de beber; dá-se-lhe uma xícara de leite com muita água.

28 de janeiro. — A senhora Le Bouteiller substitui-me junto do doente e continua a magnetizar de tempos em tempos.

As urinas tornam-se cada vez mais abundantes. Entre os períodos de sonolência que se tornam mais longos, o menino não geme e a dificuldade respiratória parece que se dissipa.

Pela tarde, fui pedir notícias e tornei a empregar, durante uma hora e meia, sopros quentes sobre o peito. A noite, encontro o menino em melhor estado do que eu tinha deixado três horas antes. A melhora se acentua claramente.

Retomo, entretanto, o meu posto essa noite junto do doente. Diante dessas oscilações e essas recaídas, haveria talvez perigo em deixá-lo. Organizo, então, as doze horas da noite: 1 hora de sopros quentes, 2 de repouso, 1 de sopro, 2 de repouso etc. Depois que o mal atingiu os dois pulmões, esta noite foi a melhor. O menino dormiu por períodos de meia hora. Escarrou muito; os pulmões se desprenderam; as emissões de urina e as dejeções aumentaram.

29 de janeiro. — Pela manhã, o menino acha-se melhor do que tem estado depois do começo da moléstia. Está muito esperto e fala muito. Embora ainda abatido, consegue, periodicamente, levantar a cabeça do travesseiro,

insensivelmente no começo, mas em dois ou três dias poderá levantá-la inteiramente.

A senhora Le Bouteiller continua os cuidados e eu mesmo, pelo meio do dia, torno a fazer três horas de sopro. A expectoração aumenta sensivelmente da mesma forma que todas as outras eliminações. Nesse momento, a temperatura oscila entre 38°,6 e 38°,7. Daí por diante, o doentinho caminha rapidamente para a cura. A senhora Le Bouteiller e eu prosseguimos ativamente nos cuidados magnéticos.

Durante o dia, venho ver regularmente o menino pelas 8 horas da manhã, volto pelas 2 horas e, durante esses momentos, aplico-lhe uma sessão de sopro de uma hora ou duas. Volto às 9 horas da noite e faço uma sessão de sopro de três horas. Nesse ínterim, a senhora Le Bouteiller continua a ação pelos processos habituais.

Até aqui, o menino foi inteiramente passivo, não se movendo, por assim dizer; por isso, os cuidados foram exclusivamente magnéticos. Mas, desde que a criança retoma consciência de si mesma, desenvolvi nela o desejo de viver:

— Muito breve te levantarás e brincarás...

O menino sentia-se feliz a estas palavras, ainda que não pudesse levantar-se então; a imobilidade lhe pesa; a cura lhe parece próxima; ele a deseja e lhe fazemos percebê-lo para muito breve:

— Sim, levantar-te-ás muito breve. Amanhã, depois de amanhã no máximo, poderás brincar com o teu belo cavalo de que tanto gostas!...

— Oh! sim...

O menino quer viver; faz esforços; inconscientemente, aplica todas as suas energias para a cura anunciada. Dá-se-lhe um brinquedo novo que ele deseja

havia muito tempo. A vida irradia de seus olhos. Não se pode brincar ainda, mas o brinquedo está ali sobre o leito, perto dele; olha-o, está extasiado e é esta alegria que lhe dá novas forças.

— E depois, muito breve, deixarás Paris. Irás para o sul, para um lugar magnífico, onde brincarás ao sol!...

O doentinho está contente; renovam-se sem cessar as sugestões de saúde; cria-se um estado de alma e o menino renasce. A ação é dupla: exterior e interior. O desejo de viver, que se tem estimulado no menino, dota-o de meios de defesa e a magnetização renova sem cessar, conduz forças vivas ao organismo para levá-lo à luta vitoriosa.

Assim, graças a essa dupla ação levada ao máximo de intensidade, dia a dia, o menino renasce e se fortifica. É um milagre que se opera. Agora fala e tem fome; começa docemente a nutrição. Dia a dia, os médicos se admiram dessa profunda transformação. A cura caminha a grandes passos. É preciso que assim seja; o sucesso definitivo, sem medo de derrota, é obtido a esse preço. O ataque de broncopneumonia dupla manifestou-se bruscamente em 23 de janeiro de 1922; o estado da criança era dos mais graves. No dia seguinte, à noite, uma agravação piorava as coisas; o estado do menino era desesperador. Nos quatro dias seguintes, uma sensível melhora se manifesta. A partir do quinto, a cura marcha rapidamente. Cedo a criança pode ficar sentada sobre o leito; as suas forças voltam depressa.

No duodécimo dia, depois do ataque que tomou os dois pulmões, o menino levantou-se, podendo dar alguns passos pelo quarto.

A expectoração continua. Dia a dia, anda e come melhor, entrando logo em convalescença. O restabelecimento da criança caminhava rapidamente. Cesso

as magnetizações; somente a senhora Le Bouteiller fará, durante alguns dias ainda, uma sessão de magnetismo habitual de manhã e de noite.

Depois de ter brincado em seu quarto durante alguns dias, o menino pôde sair, bem agasalhado, uma hora e depois mais.

Enfim, a 1^o de março, partiu para "*Cote d'Azur*" e, desde a sua chegada, começou a cura solar. A 5 de março, o menino está já tão bem que pode fazer uma longa excursão a pé, a uma certa altitude; esse resultado é tanto mais interessante a notar quanto essa excursão exige esforços físicos que parecem penosos a pessoas saudáveis.

Depois de três meses de estadia no sul, o menino voltou a Paris. Nunca tivera tão boa saúde; estava alegre, vivo, muito desenvolvido. Os pulmões, examinados de novo, não guardavam vestígios da moléstia.

Conclusão. — Notemos brevemente os fatos que expomos em detalhe. O menino era predisposto pelos seus precedentes hereditários e suas moléstias anteriores às afecções do peito. Herdou uma constituição delicada. Depois de diferentes afecções da primeira idade, teve, três anos e meio antes da moléstia atual, um primeiro ataque de pleuris e de broncopneumonia, particularmente grave, da qual dificilmente escapou. Conservou uma fraqueza geral e, em particular, uma fraqueza nos pulmões.

Um de seus irmãos morreu, aos dois anos de idade, em consequência de uma broncopneumonia.

O segundo ataque de broncopneumonia foi grave; parece bem ter posto a vida do doente em perigo.

Na paroxismo do mal, o médico encara a possibilidade de uma peritonite. Netter considerava a peritonite como uma rara manifestação da infecção

pneumocócica (o pneumococo é o principal agente patogênico da broncopneumonia). Mas, depois de Netter, alguns autores, notadamente E. Aviragnet, crêem esta complicação mais freqüente. O prognóstico é sempre muito sombrio. A morte em breve prazo quase sempre é a regra geral.

O médico encarou igualmente a meningite, outra forma possível da septicemia pneumocócica. Essa complicação é freqüente, diz E. Dupré. Ela é conhecida graças aos trabalhos de Netter. Na imensa maioria dos casos, a meningite aguda termina pela morte. Há cura possível pelos meios médicos? E. Dupré diz:

"É a propósito da meningite pneumocócica que, nestes últimos anos, certos autores, e particularmente Netter, quiseram levar qualquer atenuação à fatalidade prognostica das meningites. Citaram-se casos de cura; mas esses casos são de tal modo raros, deixam tanta dúvida no espírito sobre a natureza realmente inflamatória das lesões nos doentes restabelecidos... que é preferível, sob o ponto de vista prático, não beneficiar o prognóstico geral das meningites com a feliz terminação dos casos excepcionais."

Pode-se objetar que não é absolutamente certo que o menino tivesse, como complicação de sua broncopneumonia dupla, uma peritonite ou meningite de forma pneumocócica. Certamente. Não se poderá nunca, porque seria desumano, deixar o mal se desenvolver, para se dar a satisfação de verificar os seus

diagnósticos. Entretanto, essas complicações eram de temer, pois o primeiro médico pensou nisso e o segundo, no dia seguinte, confirmou esse temor.

Mesmo reduzindo a moléstia a uma broncopneumonia dupla com pneumococos e numerosos agentes de infecção secundária (tetrágenos, estreptococos, estafilococos e micrococos catarrais), sabemos que, para o médico, o prognóstico é sempre sombrio. Entre as crianças acima de três anos, a mortalidade na broncopneumonia seria um total de $\frac{3}{4}$, segundo Roger. Esse prognóstico varia segundo os antecedentes hereditários ou adquiridos. Ora, no caso em que nos ocupamos, esses antecedentes são os piores.

Em todo caso, encontramos-nos incontestavelmente em presença de um caso muito grave. Como tratamento médico, não foi feita senão uma única injeção de 20 c.c. de sêrum anti-pneumocócico, no dia 23 de janeiro. Essa injeção não impediu a invasão microbiana, pois que o mal atingia ao seu paroxismo na tarde do dia seguinte. Como nenhuma outra ação médica, senão esta injeção de 23 de janeiro, foi praticada e como o doente foi curado apesar do prognóstico sombrio, como a sua cura se deu rápida e completamente, estamos certos de que o magnetismo foi o principal — senão o único — agente dessa cura.

2ª Observação

Caso da senhora Henri Durville: septicemia puerperal.

Nesta segunda observação, trata-se de minha mulher que, após um parto infeliz, apresentava perturbações septicêmicas de completa gravidade. A morte inevitável parecia ser o único epílogo possível. Apesar deste prognóstico muito sombrio, a transfusão vital pôde conter a invasão microbiana. A cura efetuou-se em tais condições que o cirurgião que seguiu, dia a dia, os efeitos do tratamento magnético, declarou que se tratava de um verdadeiro "*milagre*".

Um tal julgamento apresentava valor inestimável, quando se sabe que foi formulado por uma das maiores glórias francesas da obstétrica.

Antes de relatar detalhadamente as circunstâncias que conduziram a doente ao extremo, permitam-me dizer algumas palavras como introdução.

Não foi senão depois de madura reflexão que eu me decidi a publicar esta cura. À sua leitura, compreender-se-ão as razões. Parece-me excessivo citar ainda um sucesso pessoal; é-me penoso relatar lembranças íntimas e dolorosas.

Somente alguns médicos amigos tinham até então recebido tal confidencia. Adeptos de nossas idéias acharam, porém, que o caso apresentava um interesse particular e me aconselharam que o publicasse. Meses decorreram... A sua insistência amigável e a força dos seus argumentos tiveram razão e, pouco a pouco, venceram a minha oposição. Eis porque eu me decido, enfim, a repisar tristes lembranças, esperando que elas servissem para a difusão de idéias que constituem o objetivo de minha vida.

Gravidez. — Com grande alegria nossa, minha mulher, desde o começo do nosso casamento, teve uma gravidez magnífica que se passou sem um só incidente, salvo alguns vômitos como sempre acontece com as mulheres em tal situação.

No princípio do quarto mês, dirigi-me a um especialista em evidência, que velou regularmente o trabalho uterino. Em vista de seu título de professor da Faculdade de Medicina, acreditei poder depositar nesse prático toda a minha confiança.

Minha mulher, bem-conformada, estava de excelente saúde. O ventre não tendo sido comprimido no colete, mas somente sustentado durante as últimas semanas por uma cinta leve, a criança havia tomado um grande desenvolvimento. O parto se anunciava normal. Nenhum incidente sério a temer.

Entretanto, dois dias antes do parto, minha mulher, tendo perdido águas, entrou logo para a casa de saúde do doutor e ficou de cama. No terceiro dia, depois de um minucioso exame, o prático anunciou que as pequenas dores começariam na mesma tarde pelas 5 horas e que o parto se produziria à meia-noite.

— Sofrereis um pouco — disse ele para minha mulher — mas sede corajosa; tereis uma bela criança.

Parto. — As primeiras dores apareceram, efetivamente, à hora indicada. O parto realizou-se. A apresentação foi excelente (vértice). Entretanto, a criança, não estando encaixada na pequena bacia, em breve fizeram sentir-se as primeiras dificuldades.

Pelas 10 horas da noite, começam as primeiras grandes dores. Elas eram muito vivas e, para permitir à parturiente suportá-las, fez-lhe respirar algumas gotas de clorofórmio no começo de cada contração.

Uma ou duas horas passam assim. Depois, progressivamente, as dores, que eram mais fortes e aproximadas, se espaçam e enfraquecem para cessar completamente. A dilatação que não se fizera senão muito dificilmente e imperfeita, não se verifica mais. O colo se apertara. A parteira tenta combater a inércia uterina:

fricções sobre o ventre, exercícios de cócoras, etc. — não dão resultado. Pensa-se nos ferros.

Intervenção do "forceps". — A parteira inquieta-se pelo médico. Havia-se combinado que, em caso de dificuldades, o mestre em questão devia intervir ele mesmo; ora, ficamos surpreendidos ao ver chegar em seu lugar um de seus assistentes. O mestre, chamado com urgência em uma cidade do sul para um parto mais remunerador, não hesitou e partiu sem nos prevenir.

Forçoso nos foi aceitar o médico que se apresentou. Eu dei o clorofórmio.

O médico estava em presença de sérias dificuldades. Não somente o parto se devia fazer a seco, mas a cabeça da criança, não estando encravada na pequena bacia, precisaria fazer uma tomada de "*forceps*" no estreito superior. O doutor tenta sucessivamente quatro tomadas, mas, a cada tração, o "*forceps*" escorrega sobre a apresentação e escapa. Na quinta intervenção e em seguida a uma tração muito forte, o "*forceps*", tendo afrouxado, investe bruscamente e fez saltar uma golfada de sangue que veio inundar o leito. O traumatismo operatório produziu uma dilaceração contínua e profunda que interessava toda a extensão do períneo e se prolongava pela vagina.

Diante dessas complicações, o médico perdeu o sangue-frio e, tomando-me de parte, falou deste modo:

— Não posso terminar. Procurai um mestre para me auxiliar.

Não se podia confessar mais claramente todo o perigo da situação.

A parteira fez um tampão para conter a onda hemorrágica e, tendo o médico renunciado definitivamente a intervir, parti às pressas à procura de outro cirurgião. Durante a minha ausência, minha mulher foi mantida sob ligeira anestesia.

Nesse momento, Paris era visitada freqüentemente, à noite, por aviões alemães. E precisamente nessas horas dolorosas, voavam eles sobre a capital.

Estávamos alerta. A cidade luz, engolfada nas trevas, despertava ao ruído dos canhões. Nenhum veículo e poucos médicos não mobilizados, o que não simplificava a nossa tarefa.

Fui ver o professor Ribemont Dessaigne. O mestre, retido no leito, não pôde vir e me aconselhou a chamar um de seus colegas. Foi o que fiz. É inútil relatar aqui todas as dificuldades que tive de vencer para achar o cirurgião salvador. Regressei depois de duas horas de corrida louca, mas tinha a consolação de trazer um dos nossos especialistas em obstetrícia dos mais reputados. Professor da Faculdade de Medicina e membro da Academia de Medicina, às suas qualidades de homem de ciência acrescentava a habilidade de cirurgião e o devotamento incansável de homem de coração. Devia, pela sua intervenção feliz, terminar o primeiro ato da tragédia que se desenrolava. Não me foi permitido publicar o seu nome. Que ele receba, entretanto, aqui, a expressão de toda a minha gratidão.

Intervenção cirúrgica. — O menino tendo morrido, sem duvida, no decurso das diferentes aplicações de "fórceps", o Professor X (é assim que o designaremos no curso desta narrativa), fez logo uma basiotripsia. A operação consiste, como é sabido, em se utilizar de um aparelho especial (o basiotribe) para triturar a base do crânio do feto, de maneira a reduzir completamente o volume da cabeça. De outro lado, para facilitar a passagem do corpo, é preciso ainda desconjuntar um ombro.

Achamo-nos em presença de uma criança soberbamente desenvolvida, pesando 10 libras e meia.

Com mão segura, o Professor X não tinha tomado mais que dez minutos para efetuar a embriotomia cefálica e a deliverance. Entretanto, a operação tinha

largamente reaberto o canal vagino-peritoneal e o sangue tinha corrido em jorros durante todo o tempo da intervenção cirúrgica.

O útero estava deslocado. Mas, depois de mais de duas horas e meia de clorofórmio, minha mulher saía de seu sono extremamente extenuada. A situação era particularmente crítica. As hemorragias sucessivas tinham transformado em cadáver um corpo que, algumas horas antes, apresentava os sinais de uma saúde florescente. O olhar estava extinto, os traços decompostos; a fisionomia e as mucosas descoloridas. Notava-se um enfraquecimento extremo nas pulsações do coração e dos movimentos respiratórios. O pulso não era mais perceptível. Era impossível perceber a menor pulsação, tanto na radial como na carótida. A doente tinha perdido a consciência. A asfixia aumentava. A morte parecia que se apresentaria rapidamente.

Este desenlace fatal pareceu ao cirurgião o único resultado possível. Deixou-nos, com efeito, não sem ter dito à minha sogra que assistira à operação:

— Tenho um outro parto a ajudar e devo deixar-vos. Penso estar de volta dentro de três horas. Infelizmente, vossa filha está neste instante em extremo. Começai a preparar o seu marido. Ela estará morta à minha volta.

Este julgamento não fazia mais do que justificar os seus temores.

Começamos imediatamente os cuidados. Era preciso agir sem demora. Em tal circunstância, todo minuto perdido seria um passo mais para a morte. A descida é rápida.

Aliás o estado da doente nos apressa. Os movimentos do coração são imperceptíveis. A asfixia aumenta rapidamente. As asas do nariz fremem violentamente. Os lábios estão cianosados. A boca se abre como para facilitar a

entrada do ar nos pulmões. Uma angústia profunda se acusa sobre o rosto da moribunda. O prognóstico parecia tornar-se mais sombrio de minuto a minuto.

Conformamo-nos com as indicações do Professor X: — inalações de oxigênio; faremos sem cessar durante algumas horas. Depois, para tornar a dar a pressão sangüínea, uma primeira injeção de sêrum artificial. Um certo número de injeções intramusculares (óleo canforado, cafeína, esparteína...) À exceção de algumas ampolas de electrargol e de 3 ampolas de sêrum artificial de 250 c. c. que serão dadas à doente nos dias seguintes (duas no próximo dia e uma no outro dia), não serão mais feitas outras injeções. Oponho-me a todo tratamento puramente médico. Os meios psíquicos serão, desde esse momento, os únicos empregados. As injeções intra-uterinas de água quente adicionada ao licor de Labarraque vieram logo, de manhã e à noite, secundar o tratamento magnético.

Começo do tratamento magnético. — Este tratamento é instituído logo depois da delivrance, ao mesmo tempo que as primeiras inalações de oxigênio.

É preciso dizer que tínhamos recusado ver o primeiro cirurgião depois do seu regresso. Posto que em sua casa de saúde, recusamos a sua presença no quarto. Minha mulher estando intransportável, tomamos, no próprio lugar, todas as nossas disposições para os cuidados assépticos e magnéticos.

O Professor X continua a velar pela doente até a sua cura completa: de manhã e à noite, durante o período extremamente crítico, uma vez por dia.

A meu pedido, quis limitar o seu papel ao do clínico que segue com a vista muito atenta a evolução do mal. A sua ciência esclarecida, a sua grande consciência profissional, o seu devotamento incansável foram para nós um valiosíssimo concurso. Os cuidados assépticos foram confiados pelo Professor a uma parteira, chefe do serviço de desinfecção de u'a maternidade parisiense. Dia e

noite, de tempos em tempos, minha cunhada, senhora Mesny, envolve a doente de cuidados intensos e esclarecidos, com um devotamento incansável.

A tarefa que nos competia, sob o ponto de vista magnético, parecia acima das forças humanas.

Sem dúvida alguma possível, a doente estava muito próxima da morte. Para aumentar as possibilidades do sucesso, eu me devia fazer secundar na minha ação magnética.

Fiz um apelo a meu irmão, o Dr. Gastão Durville, que mobilizado em Orleans, pôde vir por intermitências. Meu pai Heitor Durville, vem juntar os seus esforços aos nossos. Enfim, o auxílio de minha sogra, senhora Le Bouteiller, devia ser particularmente precioso. Ambos, devíamos empregar um grande esforço, revezando-nos dia e noite, sem descuido, durante as três semanas em que persistiu a invasão microbiana.

Como procedíamos nós dois para os cuidados magnéticos? No caso de tal gravidade, é preciso fazer uma verdadeira transfusão vital. Não se pode operar senão pelo sopro quente. Na observação precedente, mostrei como proceder e o direi sem detalhe aqui. Basta dizer que concentramos o nosso esforço sobre o coração e os pulmões.

Para dar um novo impulso vital ao coração e combater a asfixia, o sopro quente faz maravilhas se for aplicado com férrea vontade. Certamente, o processo é penoso e é preciso empregá-lo sem desfalecimentos.

Quantas lutas são necessárias para renovar no organismo exausto uma centelha de vida!

Porém, que esforços não faríamos em uma hora tão trágica? A salvação, aliás, é posta a esse preço.

O espectro da morte, que imaginamos rodeando a doente, fez-nos apressar.

Em tal circunstância, a vontade de arrancar da tumba um ser querido ou, mesmo que se tratasse de um estranho, o sentimento de um dever a cumprir, faz nascer em nós forças vivas. Sentimo-nos animados de potências desconhecidas.

Longe de nos espantarmos com o perigo, julgamos claramente toda a sua importância; armamo-nos melhor para a luta.

É preciso, principalmente, ter a mais intensa fé em seu poder. Não duvidar de si mesmo. É nesse estado de espírito que nos colocamos em socorro da moribunda.

Durante todo o período extremamente crítico, a senhora Le Bouteiller e eu magnetizamos alternadamente a doente com toda a energia de que dispomos, sucedendo-nos dia e noite.

Cada um intervém durante um período de seis horas, mais ou menos. Enquanto um age, o outro recupera novas energias.

Nesse momento, todo o nosso esforço está concentrado sobre o coração e os pulmões. O tratamento é simples em si mesmo. Aplicando a nossa boca sobre a região precordial, sopramos através de um pano (lenço, flanela) colocado sobre a caixa torácica; sopramos com vontade, ao máximo, despertando o órgão desfalecido. Insuflamos o ar de nossos pulmões com uma vontade calma, disciplinada, sempre igual. Nenhuma impaciência. Logo que o sopro esteja terminado, fazemos uma respiração profunda e retomamos a ação. Assim, durante seis horas consecutivas.

No fim das três primeiras horas que sucederam à intervenção cirúrgica, a ação magnética, secundada pelas injeções e inalações de oxigênio, nos permitiram

conter a vida da doente. A morte não fez a sua obra. Ao contrário, notamos uma ligeira melhora: a asfixia diminuiu, o coração manifesta, por fraquíssimas pulsações, uma possibilidade de viver; as asas do nariz não fremem mais; a cianose dos lábios tende a desaparecer.

O Professor X, voltando neste momento, manifesta uma viva admiração por tornar a ver a doente viva. Encara ainda a eventualidade de fazer uma restauração perineal no dia seguinte. Mas deveria renunciar em razão da febre puerperal que ia aparecer, pois a infecção não permitiria, efetivamente, a sutura dos tecidos.

Septicemia puerperal. — Essa ligeira melhora não devia durar e novas perturbações não tardaram a aparecer. Com efeito, desde o segundo dia, notamos uma febre intensa. A temperatura oscila entre 39° e 41°.

O estado geral se agrava ainda. A respiração é consideravelmente incômoda. As emissões de urina estão suspensas. Nenhuma dor de barriga. Alguns estremecimentos. Vômitos aparecem e tornam-se mais freqüentes. O estado da doente piora visivelmente. A febre puerperal se declara. Estremecimentos e suores profundos se multiplicam. Os vômitos redobram. As feições da doente se alteram cada vez mais; os olhos estão cavados. O prognóstico é grave.

Por todo tratamento médico, dá-se, duas vezes por dia, uma injeção intra-uterina de dois litros de água fervida com licor de Labarraque.

Continuamos sem enfraquecer, a senhora Le Bouteiller e eu, nossas insuflações sobre o coração e toda a extensão do peito. Redobramos de ardor. Resistimos assim durante muitos dias.

Eu disse que, logo em seguida às hemorragias abundantes, o pulso não era perceptível. Porém, nesse momento, à parte ligeiro afrouxamento geral, o caso

apresentava sempre o mesmo perigo: os mesmos saltos de temperatura de 39° a 41°, os mesmos vômitos.

Passam-se alguns dias. A moléstia estacionou. Notam-se algumas ligeiras oscilações: pequenas melhoras, seguidas imediatamente de recaídas, porém, nada de decisivo. A infecção segue o seu curso. Minha mulher está em estado de extrema fraqueza; o prognóstico é sempre muito grave.

Concebe-se facilmente como é penosa, para o magnetizador, uma luta que se prolonga.

Nossas forças vitais se esgotam rapidamente se não pensamos em recuperá-las. Essa recuperação não apresenta absolutamente dificuldades ao magnetizador experimentado, conhecedor da sua arte. Deve ser feita, entretanto, à medida ou à proporção das perdas

Assim, como já disse na precedente observação, essa nova carregação de nossos plexos nervosos se opera principalmente pela respiração profunda.

Basta respirar com calma, procurando dar aos pulmões a maior amplitude possível. Imediatamente terminada a aspiração, deixar cair a caixa torácica por si mesma, sem forçar, somente para o repouso dos músculos inspiradores.

Renovar o ato respiratório em um ritmo muito regular durante alguns minutos.

Ajudados pela auto-sugestão, parece que tiramos, do ambiente, energias poderosas.

Sentimo-nos imediatamente dispostos a renovar o esforço. Nos momentos de extrema fadiga, a frescura da noite dá-nos o seu estímulo benéfico: nas primeiras horas do dia, quando tudo está silencioso, dez a quinze minutos de

respiração diante da janela inteiramente aberta, revivifica poderosamente o organismo mais deprimido.

Acrescentamos às práticas respiratórias o isolamento.

Depois do choque operatório, minha mulher teve alguns períodos de modorra, porém, não pôde mais dormir. O menor ruído, por mais fraco que fosse, arrancava-a bruscamente de sua sonolência. Esforcei-me por acalmar a sua insônia.

Não desejando utilizar nenhum medicamento em razão de convicções pessoais, empregava meios psíquicos. Apesar dos meus conselhos, minha mulher reclama um calmante; o doente que sofre de insônias deseja dormir, custe o que custar. Prometi o medicamento desejado e, à tarde, levei um belo frasco azul cuidadosamente etiquetado, não sem lhe haver recomendado que fizesse uso dele com a maior prudência, pois o soporífico era particularmente ativo, não devendo ser utilizado senão em caso de extrema necessidade.

Como bem se pode avaliar, a doente não pôde resistir à tentação, tomando uma colherinha da poção, ciosamente medida e dormiu logo.

O frasco não continha, entretanto, mais do que água pura adicionada com algumas gotas de água de flor-de-laranjeiras. O espírito da doente teve a satisfação, e a virtude soporífica toda imaginária concedida à água pura fora suficiente para determinar um sono de algumas horas. O mesmo processo pode ser empregado com igual sucesso para a maioria dos doentes em estado de completo depauperamento.

Mas, por útil que seja esse subterfúgio, não é mais do que um processo acessório.

Eu tinha a possibilidade de adormecer magneticamente minha mulher. Toda pessoa, pelo simples fato de seu estado doentio e sem que tenha verdadeiramente predisposição especial, é tanto mais sensível ao magnetismo quanto mais enfraquecida. A menos que ela não seja paciente magnético no estado normal, o que é excepcional, essa sensibilidade para o magnetismo se atenua à medida que se restabelece.

Apesar de não ter apresentado, antes de sua doença, nenhum característico de paciente magnético, eu teria certamente podido mergulhar minha mulher em hipnose e transformar esse sono provocado em sono natural, mas absteve-me, preferindo guardar todas as minhas forças para opô-las diretamente à própria moléstia.

Tive de recorrer a outro processo. Sem o auxílio de nenhum medicamento, é possível determinar o sono natural na maioria dos doentes: agitados, intoxicados, enfraquecidos, neurastênicos, grandes operados, convalescentes de todas as espécies. Utilizo-me, para esse efeito, de uma forma particular de sugestão.

Antes de toda ação, procuro diminuir a atenção do doente. Peço-lhe, em um tom muito carinhoso, acalmar toda agitação muscular, repousar, não pensar em nada. Desde que esse resultado é obtido em parte, não lhe dirijo mais uma palavra. Estendo-me sobre uma "chaise-longue" próximo de seu leito e simulo dormir. Depois de alguns instantes — e isso o mais naturalmente possível — eu ronco. A tentativa dessa sugestão é poderosa.

Descrevi em detalhe, no meu Curso de Magnetismo Pessoal (5.a ed., p. 789), esse processo de sugestão auditiva e me abstenho de citá-lo aqui. Basta-me notar que, depois de algum tempo de roncar, procuro pôr o meu próprio ritmo

respiratório em uníssono com o do doente. Aspiro e rejeito o ar ao mesmo tempo que ele. Desde que os movimentos são sincrônicos, exagero progressivamente os ruídos de meus roncos.

Aplico esse processo à minha mulher. Arrastada pelo meu roncar, em breve cai em sonolência. Depois, os períodos de sono, breves ao começo, se prolongam.

Em dois ou três dias, a doente dorme regularmente por períodos de quatro a cinco horas, um sono calmo, profundo, reparador.

Encontra de novo, nos dias subseqüentes, a sua aptidão para o sono.

A situação é ainda muito grave. Temos todos as mesmas apreensões. A asfixia desapareceu totalmente. Os movimentos do coração são mais ativos e o pulso é nitidamente perceptível.

Nenhuma angústia sobre o rosto. A febre, entretanto, oscila sempre na vizinhança de 40°.

A infecção segue o seu curso. De vez em quando, ainda há vômitos.

Prosseguimos sem desfalecimentos, a senhora Le Bouteiller e eu, os nossos cuidados magnéticos. Posto que o funcionamento do coração e dos pulmões seja melhor, continuamos sobre esses órgãos as nossas insuflações quentes. São feitas nas mesmas condições, quase sem repouso. Revezamo-nos. Quando a doente dorme, aproveitamos para repousar, porém retomamos a ação desde que ela entreabre os olhos.

Fazemos cessar os vômitos utilizando o mesmo processo do sopro quente sobre o estômago. Durante os primeiros dias que se sucederam ao choque operatório, a doente está em tal estado de esgotamento que não lhe posso estimular o desejo de viver. Evitamos falar-lhe para poupar todo dispêndio de forças, por

menor que seja. Às nossas raras perguntas, ela não pode responder senão por monossílabos, com uma voz muito fraca.

Fica, então, inteiramente passiva sob a nossa ação magnética.

Entretanto, desde que uma ligeira melhora se manifesta, procuro imediatamente estimular-lhe o desejo de viver. No seu estado de prostração, minha mulher não percebeu a gravidade da situação.

— Tu queres viver — disse-lhe eu. — Em breve estarás curada. Deixaremos Paris...

Dei-lhe tal sugestão o mais docemente possível.

Essa sugestão fez o seu curso. Apegou-se ao espírito da doente. Eu a renovo freqüentemente, manifestando a maior confiança. Clarões de esperança brilham nos olhos de minha mulher. Ela quer viver. Tem fé no sucesso.

— Sim, sim, tenha confiança!

A sugestão muito afetuosa desperta o desejo de viver. A doente nos auxilia. Luta contra a morte.

Condensso imediatamente a minha ação sugestiva em uma só palavra: Viver! Fiz dela uma alavanca psíquica. Essas poucas letras fomentarão poderosas energias.

Constituirão o motivo de nossa fé. Servir-nos-ão para canalizar todas as nossas forças, harmonizar as nossas vontades, manter também vivaz a nossa certeza de arrancar a doente da morte.

Viver! Esta palavra, pronunciá-la-emos freqüentemente. Possui uma virtude mágica. Parece-nos escrita com letras de ouro no destino de minha mulher.

Viver! Reanima, conforta, galvaniza. Envolvê-la-emos em um olhar radiante de alegria. Acompanhá-la-emos com um gesto medido da mão, com um

ligeiro movimento da cabeça e um sorriso confiante que traduzirão a nossa fé inquebrantável. Sairá de nossos lábios imantada por todos os nossos afetuosos pensamentos.

Apresso-me em fazer a doente reagir. Tenho necessidade do seu concurso. Por mais fraco que seja, ser-nos-á muito útil.

E' que a febre apresenta sempre a mesma gravidade. O mal envolveu. Alguns estremecimentos aparecem. A doente acusa, no baixo ventre, ao menor movimento, uma dor que tende a se generalizar. Assaz viva, aumenta à pressão. Alguns vômitos. A doente fica imóvel sobre o dorso, as pernas ligeiramente flexionadas para diminuir a tensão abdominal.

O professor X dá o diagnóstico da peritonite puerperal e aconselha a colocar, permanentemente, gelo sobre o ventre. Foi feito isto. Continuamos sempre as nossas magnetizações. Alguns dias passam assim. Posto que o mal esteja em um ponto muito crítico, o Professor X me autoriza a reconduzir minha mulher para o nosso apartamento. Uma ambulância veio tomá-la algumas horas depois. Deixamos, sem pesar, a casa de saúde. O moral da doente se ressentiu logo. Reviu com alegria o seu quarto, os seus objetos familiares; sentiu-se em um ambiente amigo. A seus olhos era excelente augúrio.

Flegmão do ligamento largo. — Estamos no 15° dia depois do parto. O mal atinge ao seu paroxismo. Dores se precisam no baixo ventre. A localização se faz à direita. O Professor X constata logo um flegmão do ligamento largo. Em alguns dias, ele atingiu o tamanho de uma laranja pequena. A febre oscila entre 39° e 41°.

A parteira encarrega-se dos cuidados higiênicos aconselhados: de manhã e à noite, injeção intra-uterina, sob fraca pressão, de 30 a 40 litros de água fervida quente, à qual se adiciona o licor de Labarraque (duas colheres por litro).

Durante esse tempo, o gelo permanece sobre o ventre. O professor X toma parte nos meus temores; não vê a saúde senão em uma intervenção cirúrgica imediata. Entretanto, o flegmão se abre espontaneamente e se esvazia, duas vezes, a algumas horas de distância, por via vaginal.

Desde esse momento, minha mulher vai recuperar as forças rapidamente. Combatemos sempre magneticamente, com o mesmo ardor. Os dias se passam e as dificuldades às quais devíamos fazer face, dia e noite, não entorpeceram a nossa vontade de vencer.

Substituímos o gelo sobre o ventre por uma larga faixa de flanela dobrada em dois que magnetizamos com o auxílio do sopro quente. Mudamo-la de quarto em quarto de hora. A mesma transfusão vital sobre o coração e os pulmões. O mesmo desejo de viver que insuflamos à doente.

O período crítico passou. Minha mulher renasce visivelmente. Seu rosto se anima. A febre diminuiu. Intensificamos ao extremo a sua fé na cura; mostramo-la muito próxima. A doente se regozija de deixar Paris.

Cada dia que passa, marca uma notável melhora.

Precisamos o nosso projeto de partida. Minha mulher, posto que muito fraca ainda, pode sentar-se no leito. Ela se interessa de novo com as mil minudências da casa; fala a uns e outros. Começamos a alimentá-la muito ligeiramente.

Estamos no 21º dia. A luta contra o mal exigiu uma considerável extensão de forças, mas triunfamos. E cada qual mais se regozija! O Professor X, que tomou vivo interesse pelo tratamento, fez-nos conhecer o seu sentimento: — "*É um milagre!*", disse ele.

Cedo cessamos com as injeções intra-uterinas e as magnetizações. A doente ergueu-se rapidamente.

Ciática infecciosa aguda. — Uma nova complicação originada pela infecção puerperal devia retardar a nossa partida. Desde alguns dias, a doente se queixava de câimbras, picadas e dores na perna direita. Essas perturbações aumentam de intensidade. Estávamos diante de uma ciática aguda. Ao menor movimento, minha mulher experimentava vivas dores em toda a extensão do membro atingido. A perna se dobra e toda tentativa de esticamento é vã; a menor tração conduz a dor ao seu paroxismo e arranca um grito à doente. Picadas dolorosas percorrem toda a extensão do membro. Notamos logo uma diminuição ou encurta-mento de mais de 20 centímetros.

Faço massagens enérgicas, fumigações locais e a reeducação motora. O mal é tenaz

Entretanto, o estado geral se levanta com uma rapidez admirável. Minha mulher se interessa cada vez mais por tudo que a rodeia. Anima-se. Vem-lhe uma nova vida. Se não fosse a dor ciática que lhe impede de ficar em pé, teríamos já deixado Paris. O menor esforço da perna, porém, desperta vivas dores. Forçoso é ficar de cama. Esses dias de imobilidade forçada lhe pesam.

Uma ou duas semanas se passam. Minha mulher pode dar os seus primeiros passos no quarto; o andar é penoso; depois de alguns ensaios, a doente pára, vencida pela dor; devemos sustê-la no seu andar; a perna está sempre fortemente curvada.

Enfim, uma séria melhora sobrevém. Marcamos a data da nossa partida. Na véspera, fiz com que minha mulher desse um passeio de uma hora e meia em Paris, em carruagem descoberta, por entre as ruas cheias de sol. Eis-nos logo

caminhando para Saint Brieuc, onde ganhamos uma pequena praia perdida na solidão bretã.

Deixamos Paris seis semanas, exatamente, depois da operação.

Minha mulher não sofre mais do que a dor ciática que bem depressa será combatida pelas enérgicas massagens e a reeducação motora. Ainda muito emagrecida ao partir, repara em algumas semanas o seu esgotamento muscular.

A laceração foi reparada por si mesma, sem sutura.

A volta dos partos deu-se dois anos depois.

Conclusão. — Recapitulemos brevemente os fatos.

A ruptura da camada de águas sobrevém dois dias antes do parto. A apresentação é boa. Entretanto, há um retardamento no trabalho uterino: a cabeça da criança não está encravada na pequena bacia.

"Entre as primíparas, a descida da cabeça se efetua, habitualmente, dois meses antes do termo da gravidez."

(Dubrisay et Jeannin: Tratado de Partos, 1903, p. 94).

A criança é muito grande: 10 libras e meia.

O primeiro parteiro não pode fazer a tomada no estreito superior e, no curso de sua quinta intervenção, em seguida a uma tração mais violenta, o "*fórceps*" escapa e provoca uma rasgadura que interessa a totalidade do períneo e se prolonga pelo interior da vagina. O médico perde o seu sangue-frio e, diante da dificuldade, pede que procure um mestre para que se responsabilize. O momento é muito grave. Duas horas depois, o Professor X faz uma basiotripsia. No curso de duas intervenções, minha mulher perdeu sangue em abundância, achando-se num estado de extremo esgotamento.

Os movimentos do coração são imperceptíveis. A síncope toma um caráter de extrema gravidade; sabe-se que, sobrevivendo nessas condições, é quase sempre fatal.

A asfixia se manifesta em seguida ao esgotamento do líquido sangüíneo. A morte parece certa em breve tempo. É, para o Professor X, a única solução possível.

A laceração profunda da vagina e do períneo abriu, de par em par, a porta à infecção. A septicemia puerperal não tarda a se declarar. Conhecemos-lhe toda a gravidade. Sobrevindo em tais condições, depois das hemorragias abundantes que esgotaram toda a vitalidade da parturiente, deixa pouca esperança.

Por outro lado, sabe-se que a infecção é tanto mais grave quando sobrevém prontamente; ora, desde o segundo dia notamos uma febre intensa.

Imediatamente depois do choque operatório, damos inalações de oxigênio, certo número de injeções (de óleo canforado, cafeína e esparteína), depois 4 ampolas de 250 c. c. de serum artificial para reanimar a pressão sangüínea, e, nos dias seguintes, 2 ou 3 ampolas de electrargol. Foi este todo o tratamento puramente médico. Como desinfetante: injeções intra-uterinas de água quente adicionada do licor de Labarraque. No momento mais crítico, gelo sobre o ventre.

O verdadeiro tratamento é psíquico. Consiste em uma transfusão vital operada diretamente sobre os órgãos doentes (coração e pulmões, principalmente) pelo sopro quente. É efetuado pela senhora Le Bouteiller e por mim mesmo, sem descanso. Reveza-mo-nos dia e noite. Uma tal ação é extremamente poderosa. Dá ao organismo desfalecido uma abundante provisão de forças vivas que lhe permitem lutar contra os elementos invasores e vencê-los. A luta se intensifica. O organismo utiliza os seus elementos de defesa e, feliz sinal, começa a circunscrever o mal.

Aparecem dores no baixo ventre, A luta interna é tão violenta que faz temer uma peritonite septicêmica. Prosseguimos, sem cessar, a nossa transfusão vital. O organismo, secundado pelo nosso concurso entretido continuamente, intensifica a luta ao máximo.

Localizo o mal sob a forma de um flegmão do ligamento largo que se abre, em breve, espontaneamente.

Desde esse dia, a doente recupera as forças com rapidez. Em três semanas, a invasão microbiana foi debelada. O Professor X traduziu a sua impressão por estas simples palavras: É um milagre.

O Poder Magnético

O magnetismo é um agente curativo de primeira ordem. — É inerente d pessoa humana. — Quem vos revelará o segredo da máquina humana? — O sistema nervoso, grande regulador fisiológico dos órgãos vivos. — A medicina do futuro. — As qualidades do magnetizador. — A fé é o anjo da guarda de nossa vida.

Estas duas observações, assim esperamos, mostrarão ao leitor que o magnetismo é um agente curativo de primeira ordem. Essa ação nos parece incontestável.

Contrariamente ao que se poderia pensar, os dois casos que relatamos não são excepcionais. Poderíamos citar muitos outros. E isto, aos nossos olhos, nada de extraordinário apresenta. Cada magnetizador possui, desses casos, um grande número em seu ativo. Basta conhecer a sua arte^{*}, estar em perfeita saúde física e moral, tendo no coração sentimentos altruístas para reconfortar e curar os outros.

*

*

*

Esse magnetismo é inerente à pessoa humana. É a própria essência da nossa vida. Estamos inteiramente mergulhados nele. Emana de nós, sem que o saibamos. Os nossos plexos nervosos estão cheios dele. É um mistério que nos escapa.

^{*} Formamos todos os anos, na *Escola Prático de Magnetismo*, certo número de excelentes magnetizadores. A escola, que é um estabelecimento da Sociedade Magnética de França, está inscrita na Universidade (Academia de Paris) entre os estabelecimentos de ensino superior livre.

Este magnetismo nos anima desde o nosso nascimento. É ele que entretém no fundo de nós mesmos a flama da vida. Quando este magnetismo nos falta, a morte sobrevém.

Pensamos em desenvolver a força muscular do ser raquítico, porém, que fazemos nós pela sua própria vitalidade? Nada. É um problema que não nos preocupa.

Contudo, o poder magnético se desenvolve. Se há exercícios suscetíveis de fazer crescer a nossa força muscular, há outros também simples que dotam o ser humano de mais vitalidade, desse magnetismo que todo o mundo suspeita, porém que poucos conhecem.

Cada um possui em si um misterioso poder. Mas, quem pensa nisso? Falta de observação e de análise. Todos o temos em estado latente. Basta-nos querer intensificá-lo, submetendo-nos a uma vida sã, disciplinando o nosso espírito, tornando-nos senhores de nossos impulsos para nos tornarmos, por esse fato, radiante de saúde, de alegria, de magnetismo.

Esse poder estranho se exterioriza sem cessar de nós na nossa alegria que explode, na mão que estendemos afetuosamente ao desgraçado, no nosso olhar que contempla os infortúnios. Segundo o nosso estado de alma, esse dinamismo apazigua ou estimula. Imanta-se ao contato da nossa vontade. Torna-se, para quem sabe, o veículo dos seus mais secretos desejos.

Essa força vital está por toda parte na natureza. Graças a ela, estamos em contato permanente com tudo o que nos rodeia.

"Os diferentes meios terrestres e os seres que os povoam estão impregnados de força vital. Ela está espalhada

principalmente no ar, cujas propriedades vivificantes não são uma palavra vã. É a própria essência dos raios solares que conduzem a vida à natureza inteira. Transborda nos eflúvios magnéticos do solo. É absorvida pela água. É acumulada e hierarquizada nos tecidos dos vegetais e dos animais. O homem, que não pode viver sem absorver forças vitais de função, ao mesmo tempo que energias químicas de nutrição, acha, nessas diferentes fontes, com que satisfazer as suas necessidades essenciais. E esses meios de vida constituem, igualmente para ele, poderosos agentes de cura, quando a sua saúde se encontra comprometida."

Assim fala o Dr. Paul Carton estudando as leis da vida sã.

*

*

*

Quem nos revelará o segredo da máquina humana?

Como funcionam as suas engrenagens? Se o magnetismo é a própria essência da vida humana, por qual mecanismo a força vital que transfundimos pode vir em auxílio de um organismo depauperado? Com o simples sopro pode ele reconfortar, reparar, cicatrizar, circunscrever, curar? São problemas complexos, que exigiriam, para serem apresentados como convém, longos desenvolvimentos. Não podemos dizer aqui mais do que algumas palavras a respeito.

A máquina humana é feita para produzir certo trabalho, em condições regulares, nitidamente determinado. A sua produção não deve ser nem deficiente nem excessiva. Ela não deve utilizar senão materiais previstos. Por outro lado,

para não entorpecer-se ou engordurar-se, deve eliminar regularmente os seus resíduos.

Todo afastamento de linha normal traduz-se por uma desordem mais ou menos aparente que, renovada, constituirá o prazo mais ou menos longo de vencimento, a moléstia.

O primeiro efeito desse trabalho manifesta-se nas nossas forças vitais, cujo funcionamento é logo perturbado. As nossas resistências se enfraquecem. Os nossos elementos naturais de defesa contra os micróbios (leucócitos) acham-se diminuídos.

Se voltamos a uma vida normal, encontramos progressivamente a saúde. A harmonia se estabeleceu onde estava perturbada.

*

* *

Mas, essa força vital que nos permite dirigir o combate, de onde vem ela? Do exterior.

Como diz muito bem o Professor C. H. Roger, em sua Introdução à Medicina (5ª ed., 1913, p. 234): "*Todos os atos vitais não são mais do que reações provocadas por agentes externos.*"

Essas reações se operam graças ao nosso sistema nervoso. Como pensava Claude Bernard, esse sistema nervoso é bem o grande regulador fisiológico dos organismos vivos. É pela sua rede que o nosso magnetismo se introduz na economia do doente e aí faz a sua obra.

É certo que o sistema nervoso é o distribuidor de todas as energias que recebemos do exterior. É ele que se apodera do magnetismo que retiramos, a cada instante, do ambiente; é ele que armazena preciosamente a vitalidade que o

magnetizador transfunde para o seu doente, que distribui essa energia a qualquer local do organismo onde ele falta; é ainda quem regulariza e equilibra.

O magnetismo não possui, em si mesmo, nenhuma virtude específica. Ainda que pareça provado que retarda o desenvolvimento das culturas microbianas, não tem a propriedade de combater tal ou tal afecção e pôr-se vitoriosamente a tal micróbio em vez de outro.

O magnetismo é uma projeção de vida. Sob a influência de nossa vontade deixa os nossos plexos nervosos e, irradiando-se atinge os centros nervosos do doente. Estes, estimulados pela excitação, retomam a luta com novo impulso. As eliminações tornam-se mais ativas. As lutas internas redobram de ardor. Os leucócitos — essa polícia do organismo — estimulados, retomam a luta contra os elementos microbianos invasores e triunfam. Triunfam ainda melhor se estão galvanizados mais poderosamente pelo sopro de vida do magnetizador.

Bem depressa se verifica o enfraquecimento da crise e a volta ao equilíbrio, à saúde.

*

*

*

A medicina do futuro não é aquela que procura acalmar a dor sem se preocupar com a verdadeira causa do mal.

Não é aquela que aplica drogas.

A medicina do futuro é aquela que se ocupa do terreno, que procura, por meios naturais, reforçar os nossos elementos de defesa; é aquela que tenta surpreender o mistério da vida, o jogo de todas as forças que estão em nós e em torno de nós.

Claude Bernard não suspeitava da existência do magnetismo quando escreveu nas suas Lições sobre o Calor Animal (pág.447): *"A ação terapêutica mais racional, a única fisiologicamente indicada, seria evidentemente aquela que se dirigisse diretamente ao sistema nervoso; mas, no estado atual dos nossos conhecimentos, esta ação nos é impossível!"*

O magnetismo é precisamente este agente de cura. Ele se dirige diretamente ao sistema nervoso. Cria, por simples irradiação, poderosas reações das quais o organismo doente tem necessidade para a sua cura.

"Esta ação terapêutica que acreditais impossível, conhecemo-la! — disse A. Blué. — Temo-la em nossas mãos e nos servimos dela. Por um trabalho perseverante e tenaz, estudamos o seu funcionamento, constatamos a sua eficácia e admiramos o seu poder!"

"Este maravilhoso agente, do qual não conhecestes nem pressentistes a existência, é tão velho quanto o mundo! É uma destas forças admiráveis da natureza, posta à disposição de todos, desde o mais ignorante até o mais sábio, do mais humilde ao mais poderoso. É o agente terapêutico universal que nos chega das profundezas do infinito e que emerge das mesmas fontes de vida, como o calor, a eletricidade e a luz.

"É o magnetismo!"

*

*

*

Todos são aptos para magnetizar. Não existe, entre nós, senão diferenças de intensidade e de qualidades de "*fluido*", que é fácil, aliás, modificar.

Nenhuma consideração de sexo, idade ou temperamento. Para exercer em torno de si mesmo uma ação benéfica, basta estar, em si mesmo, em perfeito equilíbrio físico e moral.

Certamente, algumas noções são indispensáveis. Encontram-se essas noções detalhadamente expostas nas *Teorias e Processos de Magnetismo* e na *Física Magnética*, de meu pai, assim como no meu *Curso de Magnetismo Pessoal*.

Não podemos descrever aqui todos os processos (passes, aplicações, imposições etc.) que, além do sopro, estão à disposição de cada um de nós. Esses conhecimentos, uma vez adquiridos, não podemos pensar em influenciar em torno de nós senão quando estamos em perfeita saúde. É preciso sentir no organismo uma abundante provisão de vitalidade.

Senão, que é que irradiaremos?

São precisas também qualidades morais, uma vontade calma e perseverante, um perfeito domínio de seus impulsos.

"O melhor magnetizador — diz Deleuze — é aquele que tem um bom temperamento, um caráter ao mesmo tempo firme e tranqüilo, o germe das paixões vivas sem ser subjugado por elas, uma vontade firme sem entusiasmo, atividade reunida à paciência, a faculdade de concentrar a sua atenção sem esforços, e que, magnetizando, se ocupe unicamente do que faz".

E, acima de tudo, o magnetizador deve ter uma fé poderosa.

"Creio na existência de um poder em mim — escreve o marquês de Puységur. — Desta crença, deriva a minha vontade de exercer. E o ato de minha vontade determina todos os efeitos que me vistes produzir e que não podeis pôr em dúvida."

— Que! Não é senão isso? — observam todos os alunos, com admiração.

E o marquês de Puységur acrescentou:

"Não sei nada de mais... Toda a doutrina do magnetismo animal está encerrada em duas palavras: crer e querer. Creio que tenho o poder de acionar o princípio vital de meus semelhantes; quero fazer uso desse poder; eis aí toda a minha ciência e os meus meios. Crede e desejai intensamente, senhores, e fareis tanto quanto eu."(Do Magnetismo Animal, 1807, p. 148).

A fé!

A fé, dizem, levanta montanhas. Transmite, de nossos plexos, a totalidade de nossas energias, no momento preciso, para onde desejamos. É ela que nos coloca em íntimo contato com todas as potencialidades exteriores. Só ela nos permite transfundir a nossa própria vida com tal energia que, mesmo nas

proximidades da morte, ainda que toda a esperança pareça perdida, a centelha de vida que se manifesta ainda reacende e inflama.

A fé é o anjo da guarda de nossa vida.

Este livro é distribuído GRATUITAMENTE pela equipe DIGITAL SOURCE e VICIADOS EM LIVROS com a intenção de facilitar o acesso ao conhecimento a quem não pode pagar e também proporcionar aos Deficientes Visuais a oportunidade de apreciar mais uma manifestação do pensamento humano.

Se você tirar algum proveito desta obra, considere seriamente a possibilidade de adquirir o original.

Incentive o autor e a publicação de novas obras!

Se quiser outros títulos nos procure.

Será um prazer recebê-lo em nosso grupo.

http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros

<http://groups.google.com/group/digitalsource>

